CARLOS WALLENSTEIN

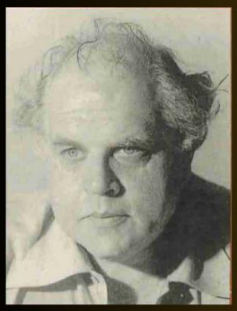
obras completas

2
Contos e Crónicas

Ed.
Centenário
1926-2026

ACTOR DE TEATRO CINEMA E TELEVISÃO. ENCENADOR DE PEÇAS TEATRAIS E DE ÓPERAS. INTÉRPRETE DE TEATRO RADIOFÓNICO. DIRECTOR DE COMPANHIAS. RESPONSÁVEL PELO SECTOR DE TEATRO DA FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN. LIGADO AINDA À MÚSICA E AO BAILADO.
MENOS CONHECIDA É A ACTIVIDADE LITERÁRIA DE C. WALLENSTEIN. A VERDADE É QUE TODA
A VIDA ESCREVEU POESIA, CONTOS E CRÓNICAS E MUITOS TEXTOS PARA TEATRO (ORIGINAIS, VERSÕES E TRADUÇÕES). PUBLICOU LIVROS, COLABOROU EM REVISTAS, FIGUROU EM ANTOLOGIAS, MAS DEIXOU INÉDITA A MAIOR PARTE DOS SEUS ESCRITOS.

COM ESTE 2º VOLUME DAS "OBRAS COMPLETA"' DE CARLOS WALLENSTEIN COMO PROSADOR E FICCIONISTA, REVELAMOS OUTRA FACETA DA SUA PERSONALIDADE LITERÁRIA, SEMPRE ORIGINAL E CATIVANTE.
SEGUIR-SE-ÃO OS VOLUMES 3 E 4, DE TEATRO.



CARLOS WALLENSTEIN
(Ponta Delgada.4.11.1926 - Lisboa.6.11.1990)

Wallenstein associa [...] o que é de uso associar-se nos sonhos: o fluxo das imagens icoerentes.[...]E é quando no seu processo intervém a lente deformadora, provocando uma espécie de elefantíase dos elementos da realidade, que as suas histórias adquirem aquela dimensão mágica que se adivinha propósito sistemático do autor. [...] É de crer que Carlos Wallenstein tenha lido Franz Kafka. Pelo menos, é ele dos primeiros escritores que tentam, na nossa literatura, o caminho desse génio da alucinação.

João Gaspar Simões
D. Notícias, 08.07.1953
Recensão a "Cinco Histórias Sem Classificação Especial".

Carlos Wallenstein

OBRAS COMPLETAS
2 — CONTOS E CRÓNICAS

Organização de
Maria do Bom Sucesso Medeiros Franco

Introdução de
Fátima Freitas Morna

DO AUTOR:

Publicados:

CINCO HISTÓRIAS SEM CLASSIFICAÇÃO ESPECIAL, ed. Contraponto, 1953, contos
TEORIA DA TRIBUTAÇÃO, ed. Sociedade de Expansão Cultural, 1966, poesia
A CELESTINA, ed. Let, 1972, teatro
A MANTILHA DE BEATRIZ, ed. Prelo / Sociedade Portuguesa de Autores, 1973, teatro
TRÉMULOS PERANTE O SENHOR, ed. Moraes, 1982, teatro
CORPO CONFLITO, ed. Moraes, 1983, colec. Círculo de Poesia
O AMOR DAS TRÊS LARANJAS, ed. Plátano, 1984, teatro
OBRAS COMPLETAS -1. POESIA, ed. Salamandra, 1998
OBRAS COMPLETAS - 2. CONTOS E CRÓNICAS, ed. Salamandra, 1999
OBRAS COMPLETAS - 3. TEATRO RADIOFÓNICO, ed. Salamandra, 2000
OBRAS COMPLETAS - 4. TEATRO, ed. Salamandra, 2000

Textos incluídos em:

Doze Jovens Poetas Portugueses, Antologia organizada por Alfredo Margarido e Carlos Eurico da Costa, Os Cadernos de Cultura, Min. Educação e Saúde - Serviço de Documentação, Rio de Janeiro, 1953
Antologia de Contes Portugueses - vol. II. Manuel de Seabra - Félix Cucurull, Alberti Editor - Barcelona, 1959
Antologia do Conto Fantástico Português, org. E. Melo e Castro, Ed. Afrodite, Lisboa, 1967; 2.a ed. 1974
Antologia da Poesia Açoriana do Séc. XVIII a 1975, Selecção, prefácio e notas de Pedro da Silveira, colecção Vozes do Mundo - Sá da Costa Ed., Lisboa, 1977
Antologia Panorâmica do Conto Açoriano, Séculos XIX e XX, org. João de Melo, Vega, Lisboa, 1978
Antologia Poética dos Açores - II Vol. Prefácio, selecção e notas de Ruy Galvão de Carvalho, Colecção Gaivota - Secret. Regional da Educação e Cultura, 1984
Antologia de Contos Açorianos - Selecção, prefácio e notas de Pedro da Silveira [projecto nunca publicado, devido ao falecimento do organizador, Pedro da Silveira, em 2003]

Das *histórias* de Carlos Wallenstein

O nome de Carlos Wallenstein (1926-1990) ocorrerá, decerto, a quem se mova no espaço da cultura portuguesa da segunda metade do século XX, ligado sobretudo à actividade teatral ou, genericamente, às chamadas artes de palco, que desenvolveu das mais variadas formas, quer como actor e encenador, quer como dramaturgo. A publicação, em 1998, do primeiro volume das Obras Completas do autor veio, no entanto, recordar que Wallenstein é, igualmente, o poeta, não apenas aquele que as duas colectâneas editadas em vida revelaram — Teoria da Tributação (1966) e Corpo Conflito (1983) — mas também o perfil que os numerosos inéditos e dispersos, então coligidos, permitem reconstituir como o de uma testemunha atenta do seu tempo que sobre ele se interroga: "Qual foi o tempo meu de estar comigo?"[1]

Chegou agora a vez de juntar a essa imagem do poeta uma outra vertente que é, por curiosidade, aquela que constituiu a sua estreia literária, pelo menos no que toca a livro impresso, no início da década de 50, graças à qual, por exemplo, Vitorino Nemésio

[1] Carlos Wallenstein, "Inquérito" in Obras Completas. I. Poesia, Lisboa, Salamandra, 1998, p. 311.

destaca o seu nome entre os "ficcionistas" açorianos das então "gerações mais recentes".[2]

Dois núcleos distintos constituem este segundo volume das Obras Completas de Carlos Wallenstein, no qual se reúne aquela zona da sua produção que uma designação como ficção narrativa parece, ainda que imperfeitamente, recobrir. O primeiro núcleo corresponde ao único livro de natureza claramente narrativa publicado em vida pelo autor e de que se faz, agora, a segunda edição (Cinco Histórias sem Classificação Especial, Lisboa, Contraponto, 1953). O outro núcleo abrange um conjunto de inéditos e dispersos, localizados e reunidos pela viúva do escritor, Maria do Bom Sucesso Medeiros Franco, e por ela organizados em três secções:

"Outras histórias", "Apesar de tudo, viva a mulher!" e "Tempo Anterior". Esses subtítulos têm origens diferentes (como diferente é a natureza dos textos sob eles agrupados), sendo o primeiro da responsabilidade da organizadora e os outros dois atribuíveis ao autor, embora com incidência distinta: o último corresponde a um separador manuscrito do punho de Wallenstein aposto a alguns originais inéditos e o penúltimo ao título da coluna que manteve, regularmente, durante um ano, num periódico portuense (Jornal Feminino), entre 15 de Abril de 1958 e 15 de Abril de 1959.

A aludida classificação de ficcionista atribuída por Nemésio a Wallenstein, ou melhor, a designação de ficção narrativa dela decorrente usada para caracterizar a sua obra em prosa aqui reunida, se não levanta, de facto, quaisquer problemas ao ser

---

2 Vitorino Nemésio, "Açores" in Dicionário de Literatura, I, dir. J. Prado Coelho, Porto, Figueirinhas, 3.ª ed., 1966, p. 22.

aplicada aos textos incluídos no primeiro núcleo (único que Nemésio, por óbvias questões cronológicas, tinha em mente), já no que se refere ao conjunto dos dispersos e inéditos se pode revelar problemática. Seria, sem dúvida, possível, e até mesmo prudente, recorrer ao título da colectânea de 1953 e invocar aqui a autoridade de quem recusou, nesse título, qualquer classificação especial para o seu trabalho, embora o termo histórias, ao apontar um horizonte narrativo para os cinco textos então reunidos, pareça, simultaneamente, desmentir tal posição.

O mesmo se poderia dizer, em rigor, da pertinente solução encontrada pela organizadora do volume ao chamar "Outras histórias" a uma parte do segundo núcleo, já que a reiteração do termo histórias permite expandir a todo esse conjunto a mesma ausência de classificação especial, e nem o facto de uma delas ("A prima Clara") ter sido, pela primeira vez, impressa sob a designação "um conto" (dada, provavelmente, pelo periódico que a acolheu) interfere de forma decisiva neste aspecto.

É no caso dos restantes dois núcleos que a questão se pode complicar. No que respeita à colaboração regular no Jornal Feminino, no entanto, não haverá dúvida em recorrer ao termo "crónica", que surge logo no primeiro desses textos (inicialmente sem título, e tendo agora recebido, da organizadora, parte do título da coluna: "Viva a mulher!"), explicitando-lhes a classificação: "O autor destas crónicas, que serão incisivas, regulares e um pouco desconcertantes."[34] Mas, ainda neste caso, a natureza narrativa

---

3 No Jornal Feminino, n.º 4, 15 de Janeiro de 1958, p. 16. Agradeço esta, bem como todas as outras indicações acerca da proveniência dos textos, à organizadora desta colectânea. A localização das primeiras impressões dos dispersos é por ela indicada, neste volume, no final do texto respectivo.

4 De igual modo procedeu a organizadora noutros dois casos de textos não intitulados: "Sejamos sinceros" e "A mulher das ilhas".

aparece, quanto mais não seja, acenada na descrição programática nele esboçada para os textos seguintes:

Estas crónicas contarão singelamente ou com o condimento de comentários apropriados, histórias de mulheres e de homens separados ou unidos, algumas verdadeiras e conhecidas de experiência própria ou alheia, outras inventadas como deviam ser todas as histórias que vale a pena contar.

Quanto ao conjunto aqui intitulado "Tempo Anterior", sobressai nele a nítida interferência de outros registos discursivos não puramente narrativos, que o tornam particularmente híbrido. Assim, o testemunho pessoal, que se impõe tanto no "diário", datado de 17 de Março a 18 de Junho de 1973, como no fragmento memorialístico intitulado "Almadada", ou o registo epistolar nas suas várias modalidades, desde a carta ao telegrama, que convive com a alocução marcadamente dramática (à qual nem faltam sequer as didascálias) de "O condecorado" no interior de "Adeus, até ao meu regresso (10 motetes do regresso)", partilham um mesmo espaço com outros textos aos quais conviria a designação de "conto", sob a qual, aliás, foi publicado o último, "O sangue e o golpe" (que terá sido, precisamente, o único desta secção impresso em vida do autor).[5]

Voltamos, deste modo, à questão inicial: híbridas como são, as peças que constituem este volume têm, todavia, em comum o facto de realizarem um peculiar exercício sobre a possibilidade narrativa em si mesma, tanto mais interessante quanto esse exercício se desenvolve num âmbito especialmente caro à família estética que é, sem dúvida, a de Carlos Wallenstein, aquela que, para lá de todas as eventuais divergências, afinidades e rupturas

5 Na revista Colóquio/Letras, n.º 35, Janeiro de 1977, pp. 47-57.

entre os seus membros, reúne no tronco comum da sensibilidade surrealista alguns dos autores mais representativos da segunda metade do nosso século na literatura portuguesa. Respeitando embora a ausência de classificação especial preconizada no título de 1953, não parecerá abusivo remeter a tonalidade dominante neste volume para o âmbito das short stories e, em especial, da prática surrealista dessa modalidade, tal como a configuram, por exemplo, as duas colectâneas (Contos do Gin Tonic e Novos Contos do Gin), publicadas na década de 70 por Mário Henrique Leiria, cujo nome, recorde-se, surge como título ou destinatário de um dos poemas de Corpo Conflito.[6]

O mesmo acontece, de resto, com o nome de António Pedro,[7] autor daquela que é, em geral, considerada a amostra mais significativa da ficção surrealista em Portugal, Apenas uma Narrativa (1942) — título que, por si só, revela uma hesitação afim da que notamos no caso da colectânea de Wallenstein quanto à sua própria classificação.

O facto de encontrarmos uma das "Outras histórias" ("Polícia e talvez ladrões") dedicada a Mário Cesariny de Vasconcelos "e ao seu Discurso sobre a Reabilitação do Real Quotidiano" (o que permite situar este texto, embora não datado, no início da década de 50, tendo a obra de Cesariny sido publicada em 1952 — isto é, um ano antes das Cinco Histórias de Wallenstein — e pela mesma editora, a Contraponto, de Luís Pacheco, cuja ligação ao movimento surrealista é incontornável) pode ser apenas um detalhe. Mas esse e tantos outros detalhes apontam, sem dúvida, a familiaridade existente entre Wallenstein e o universo surrealista,

6 "Mário Henrique Leiria" in Obras Completas I, pp. 112-114.
7 "António Pedro", ibidem, pp. 110-111.

da qual resulta um certo posicionamento do autor perante a necessidade de contar histórias.

Um exemplo claro da reflexão acerca desse posicionamento (porque também ela está presente nestes textos) é o que encontramos na alínea e) do quarto "capítulo", chamemos-lhe assim, do "diário" de 1973. Sendo que a indagação acerca da própria natureza e utilidade da escrita diarística (e de outras formas de escrita) constitui, precisamente, o cerne destes fragmentos, parte essa alínea da interrogação básica que percorre toda a narrativa ocidental desde que, na segunda metade do século passado, a revisão da noção de mimese arrastou consigo as profundas e sucessivas alterações da posição do escritor perante a representação do mundo: "Quem sou eu, o que sou eu, para me pretender com acesso à objectividade?" A esta pergunta sucede, sintomaticamente, o recurso a um exemplo de autoridade, Shakespeare, para que dele resulte a resposta:

Segundo Shakespeare, Hamlet, Príncipe da Dinamarca, aconselhou os Áulicos da Corte a bem receberem os cómicos e a respeitá-los, com fundamento em que eles são a "crónica" do seu tempo.

Ora, mais do que a natural interferência, na selecção do exemplo, do cidadão do universo teatral que foi Wallenstein, interessa notar uma certa afinidade de referências, visto que também aqui ressoa o título inglês de um dos poemas de Cesariny, oriundo de Pena Capital (Lisboa, Contraponto, 1957), que, por sua vez, recupera a saudação que Shakespeare põe na boca do príncipe dinamarquês (Hamlet, II, 2) à chegada dos actores ao castelo: "You Are Welcome to Elsinore". O último verso desse poema ("e

entre nós e as palavras, o nosso dever falar")[8] poderia sintetizar a atitude que enforma tanto este "diário" como muitas outras páginas do presente livro, tal como a resposta encontrada por Wallenstein para a pergunta inicial indicia:

Não parece que um Príncipe [...] ousasse tal conselho se, para ele, "crónica" fosse a anotação objectiva de factos e circunstâncias, se os cómicos se mostrassem aptos somente a reproduzir os factos tal como se deram.

E, embora distanciando-se da maquiavélica concepção da "verdade útil" que atribui a Hamlet (que levaria a personagem a prezar nos actores a "capacidade que lhes reconhecia de deturpar os factos, de acordo com as conveniências da Monarquia"), logo o autor do "diário" inscreve nele os seus propósitos de "objectividade possível", limitada à partida, algo pirandellianamente, pela insustentável noção de uma verdade própria e absoluta ("Será oponível à — ou confrontável com — a verdade de alguns outros?").

Estes parâmetros não parecem cingir-se ao carácter testemunhal do texto em causa ("Que preço, a que me não posso negar, exige de mim a minha indignação!"), antes insinuam uma atitude que une estas histórias de natureza diversa: elas são, de certo modo, a "crónica" de um tempo em que a "realidade do real"[9] (para usar uma expressão de Eduardo Lourenço, destinatário de uma das Cinco Histórias de Wallenstein, "Os pêssegos da vida") perdeu há muito consistência e se desdobrou no leque inquietante das muitas verdades de cada um dos que a vivem.

---

[8] Mário Cesariny, Pena Capital, Lisboa, Assírio e Alvim, 1982, p. 37.

[9] Resposta ao inquérito "O significado histórico de Orpheu 1915/1975", Colóquio/Letras, 26, Julho de 1975, p. 9.

Nesse sentido, não haverá, para o autor, necessidade de classificação especial para o seu trabalho, podendo ele, de certo modo, afirmar qualquer coisa de muito parecido com as palavras de António Pedro: "O que vai ler-se é apenas uma narrativa daquilo que não aconteceu, como deve ser em todos os romances."[10] A ambos, no fundo, seria comum aquilo que mais importa a uma certa representação do mundo através da palavra escrita, que associamos à experiência surrealista e que o mesmo Pedro assim resume:

A história que vai ler-se é simples [...] Não tem intenção de provar coisa nenhuma mas, se a tivesse, seria a de que há uma lógica do absurdo tão verdadeira, pelo menos, como a lógica racional, embora muito mais espontaneamente aceitável do que ela.[11]

Multiplicando o singular da história de António Pedro no plural das histórias de Wallenstein, do mesmo modo que alargando aquilo que não aconteceu aos limites, não menos absurdos, do que pode muito bem ter acontecido, teremos esboçadas as coordenadas que orientam o traçado de um território. Nesse território, mais, de facto, do que em qualquer classificação pré-estabelecida, se inscreve o trabalho em prosa de Carlos Wallenstein.

F. Freitas Morna

[10] "Prefácio" in Apenas uma Narrativa, 1.ª ed., Lisboa, Estampa, 1978, p. 16.

[11] Ibidem, p. 17.

CINCO HISTÓRIAS
SEM CLASSIFICAÇÃO ESPECIAL

A Maravilhosa História do Internamento

Antes de ir fazer os diversos telefonemas que a vida me solicita, cumpre-me contar uma história. Desejo tomar a peito esta obrigação e florear-me de modo adequado para me sair disto rápida e eficientemente. Porém, como dos meus telefonemas depende a vida de vários operários, que não seja estranhada a circunstância de não chegar ao fim, se assim houver de acontecer.

Permitam-me que me apresente: Benjamim Elefante. Nome falso, por sinal, mas nome bem semelhante ao meu nome verdadeiro: este também é formado por um nome bíblico e pelo nome de um quadrúpede; o facto de o quadrúpede do meu verdadeiro nome ser um roedor é ainda a sua mais grave diferença com este pseudónimo. Mas sinto-me no dever de o usar, para não levar o descrédito à minha reputação de industrial honesto.

Compreensão é que é preciso.

Ora vamos ao caso. *Ab Jove principium.* Pois:

Eram oito horas e chovia. Oito horas! Oh a hora dos acontecimentos definitivos!

Uma rapariga apareceu à porta da fábrica e disse:

— Chamo-me Marta e trabalho em centrifugadoras.

— Que tenho eu com isso, cavalheira?

— Talvez precise de mim...

— Não preciso.

— É pena.

A sua voz era meiga e aquela pena foi dita num tom especialmente profundo e coleante. Ninguém calcula como fiquei comovido. Sei que há por aí comunistas que dizem que os industriais são insensíveis às mágoas do proletariado, mas se me vissem naquele momento (sendo homens de boa fé) sentiriam a derrocada das suas opiniões. Sem ter tomado ainda, por falta de coragem, a resolução de a mandar embora ou admiti-la, virei-me para ela. Olhava para mim com grandes olhos azuis e com a cara calma das pessoas que não se importam que o tempo passe. Percebi que, contra tudo o que está estabelecido, há pessoas que não têm idade e esta revolucionária descoberta importunou-me. Olhei melhor para ela. Não é meu costume olhar para as operárias porque os seus corpos são sempre mal exuberantes e raramente me deleitam. Mas no presente caso sentia-me atraído e olhava. Aquela mulher — sentia-o perfeitamente — colocava-me no limiar dos acontecimentos mais extraordinários. Era alta e loira. E aquele casaco! Aquilo era pêlo de vison ou o diabo por ele! Se fosse o meu sócio (o que tem nome inglês e outro de vegetal e por idênticas razões passo a chamar John Cenoura), se fosse ele, ter-lhe-ia feito perguntas sobre a origem do casaco. Mas eu não. Sustento a teoria de que os operários são meros objectos de produção que, por o serem, devem apenas estar limpos e areados como as máquinas. Por isso é que, apesar do espanto de toda a gente, há na minha fábrica pessoal encarregado da lavagem e pulimento dos operários. Quando, por coerência, criei esta instituição, os outros sócios (somos três: àquele que ainda não mencionei chamarei, com toda a lógica, Hamlet Bacalhau), os outros sócios chamaram-me louco. Eu insisti e eles aceitaram; mas exigiram que números pares lavassem números pares e que números ímpares lavassem números ímpares. Se esta exigência,

aliás útil, não era muito coerente com o meu pensamento, de facto não negava a minha coerência: por isso acedi.

Por estas razões é que não fiz perguntas a Marta sobre o casaco de vison (que era, não resisti à fúria de apalpá-lo).

— E que deseja a senhora?

— Trabalhar.

O desejo era talvez honesto mas olhei com espanto para o casaco. Ela compreendeu que estava surpreso e, se fosse outra, tinha contado ali a história toda, com uns filhinhos lá em casa a morrer de fome e aquele casaco foi prenda de casamento e era muito séria. Contaria qualquer semelhante lamúria — que uma longa experiência me permite afirmar que o sofrimento de quem não é rico é terrivelmente insípido e maçador. Não: coisa espantosa, nem solicitou a minha piedade! Pedirem-me piedade dá-me um prazer que indiscutivelmente pertence, como lenitivo, ao exercício da minha profissão. Devemos desconfiar dos industriais incapazes de piedade. Marta disse apenas:

— Mas o senhor disse que não precisa...

Era uma comunista ou uma ingénua? Fiquei um momento nesta perplexidade. Confesso que a hipótese de ingenuidade me surpreenderia mais do que a outra. Acrescentou:

— Se precisasse de uma operária para centrifugar, teria dito, não é verdade?

— Sim, com certeza.

— Não tenho nenhuma carta de recomendação. São contra a moral. Além disso, sei que com o senhor Elefante não dão resultado.

Seria aquilo um elogio à minha honestidade? Matreirice de fêmea? Manobra do partido? Fiquei de pé atrás e disse-lhe:

— Realmente não costumo...

Ela acudiu:

— De resto, nem eu podia ter pedido uma carta na fábrica donde saí. Pratiquei um roubo.

— Um roubo?

— Um roubo — repetiu ela. Mas sou muito rápida de mãos e faço as máquinas produzirem mais.

Eu estava gago de espanto, olhando-lhe as mãos suavíssimas.

— Mas... que roubou a senhora?

— O senhor Elefante acha que isso tem muito interesse saber?

— Um pouco, sim... a senhora está a propor-se... além disso, sou um homem honrado e depois da sua confissão tenho o dever de entregá-la à polícia.

— Supus que se contentasse com a espontaneidade da minha declaração, senhor Benjamim Elefante!

— Contento-me, pois, mas...

O tom em que disse aquilo era de uma altivez perfeitamente inédita nos anais da nossa firma. Inédita por dentro e por fora: nunca a praticáramos e nunca a consentíramos.

Porém, senti-me a precisar de uma justificação. Acudiu-me esta:

— Mas há um pormenor que me confunde. Se a senhora trabalhava nas centrifugadoras, que poderia ter roubado? Alguma peça da máquina?... De que lhe serviria? Uns quilos de matéria prima?... Para quê?...

— Senhor Elefante — disse ela — a sua dúvida prova que o senhor é uma pessoa metodicamente inteligente.

Sorri, apesar daquelas palavras me irritarem. Mas reparei que a objecção era efectivamente inteligente e sorri ainda mais.

— O gerente da fábrica donde venho — explicou — chamava-me miudamente ao seu escritório e dava-me beliscões nas pernas. O senhor conhece-o, não é verdade?

— Conheci-o em tempos. É um depravado.

— A quem o senhor Elefante o diz... Ora, nada neste mundo me irrita mais do que darem-me beliscões nas pernas. Não é a dor, não. É que quando isto acontece sinto na raiz dos cabelos e por todo o corpo um arrepio infinito que me contorna a nuca, me desce pelo pescoço e me vai levantar os pêlos por todo o corpo. Fico com a impressão de que toda sou careca, o que me é extremamente doloroso. A expectativa desta violenta sensação, porém — devo confessá-lo — cria-me uma rara volúpia. Por isso quando estava ao pé da centrifugadora e me vinham dizer "O senhor Moscovo chama-a ao escritório", eu não podia deixar de comparecer porque isso era naquele momento o meu desejo. Repetiu-se este facto muitas vezes e o senhor Moscovo agiu sempre do mesmo modo. A certa altura comecei a criar pelo senhor Moscovo um grande ódio. Odiava-o! Odiava-o!

Ficou excitada. Não pude deixar de dizer azedamente:

— Ele merece. É um patife.

(Interrompo para esclarecer que o Moscovo, meu concorrente, não se chama assim mas uso esta denominação por idênticas razões, por apetecimento e por dever de deontologia profissional: ele chama-se realmente pelo nome de uma cidade. Esqueci-me também de informar que na minha fábrica, por causa dos gregos, se atribuem aos homens números pares e às mulheres números ímpares).

Marta continuou:

— Odiava-o por tudo, por tudo! Os olhos esbugalhados que tinha enquanto me beliscava, a prostração a seguir e o olhar de

nojo para me dizer que me retirasse. Tudo isto requeria vingança, senhor Elefante!

Pedia aprovação com o olhar. Dei-lha de bom grado, como se dá a justiça:

— Claro, claro...

— Aí aquele bigode! O modo subreptício com que o esfregava!... Mas que lhe podia fazer?

— Sei lá que podia a senhora...

— Bem... que faria o senhor Elefante no meu lugar?

— Eu?! Mas a senhora atreve-se a pôr uma hipótese dessas? Havia de ser bonito, o senhor Moscovo a dar-me beliscões nas pernas! Salafrário!

— Ora... também eu não sabia que fazer... Que pode uma operária fazer a um industrial? Bater-lhe... Ele nem sente. Insultá-lo... Também não sente. Matá-lo... Morria no seu posto. A única coisa que o prejudica é roubá-lo.

— Claro — concordei.

— Mas roubar-lhe o quê, senhor Elefante?

— Dinheiro, que é o mais fácil.

— Isso também eu queria. Mas eu nunca vi dinheiro.

— Nunca? Então sempre é o que eu desconfiava: ele está completamente arruinado...

Ri e senti prazer dizendo isto. Marta continuou:

— Um dia estava eu encostada à secretária e o senhor Moscovo a beliscar-me as pernas quando vi sobre a pasta um papelinho com ar de coisa importante. “Bem, é mesmo aquilo que vou roubar” — pensei eu. E zaz! Meti o papelinho aqui, entre os seios. Estava bem guardado porque o senhor Moscovo apenas me dava beliscões nas pernas e não ascensionava. Saí e fui mostrar aquilo a um rapaz muito respeitador que era meu amigo. Eu não

tinha percebido do que tratava o papelinho porque infelizmente sou muito pouco instruída. Disse-me ele: “Sabes quem é que vai gostar muito disso? É o senhor John Cenoura.” Então procurei o senhor John Cenoura e mostrei-lhe. “Quanto queres por essa porcaria?” — perguntou ele. E eu disse: “Não quero nada.” Ele, muito depressa, arrumou o papelinho na carteira e disse: “É preciso que ninguém saiba.” Nisto levou-me a um armazém e mandou-me escolher o que quisesse para mim. Escolhi este vestido e este casaco. Quando saímos, o senhor Cenoura disse: “E não te descosas.” E eu disse: “Ora essa! Sei estimar a minha roupa!” Mas ele explicou: “Não, é preciso que ninguém saiba.” Queria dar-me dinheiro mas eu não quis, eu só tinha roubado para me vingar.

Quando ouvi estas palavras que Marta proferia com grande calma, senti tonturas, como se uma nuvem de gafanhotos estivesse a desabar. Depois fiquei furioso ao compreender que eu, Benjamim Elefante, fora torpemente ludibriado por um energúmeno vegetal. Gritei:

— Continua, rapariga, continua que vai acontecer qualquer coisa de extraordinário à face da terra.

Ela não se impressionou com as palavras nem com a excitação e prosseguiu:

— O tal rapaz...

— Qual?

— O rapaz muito respeitador... Morreu quando houve a greve. Mas na agonia pediu que dissessem ao senhor Moscovo a seguinte frase: “Quem te arruinou não fui só eu, foi também o meu ódio de classe.” E tendo dito esta coisa comovente, expirou. Mais tarde dispensaram os meus serviços.

Marta soluçava, álgida como sempre, o que ainda tornava mais impressionantes os soluços.

Eu só podia pensar no vegetal que me lograra.

— Tu contaste esta história a mais alguém, pequena?

— A ninguém, senhor Elefante. Sou séria. Conto-a a si mas é para me empregar.

— Estás empregada.

Ela não agradeceu e ficou na minha frente. Reparei outra vez no casaco que era comprido e lhe encobria demasiadamente as pernas.

— Sabes que esse casaco vale muito dinheiro?

— Não faz mal. Não o quero vender.

Ia afastar-me. Ela chamou-me.

— Vou para as centrifugadoras?

— Vais para o meu escritório.

— Para quê?

— Ora essa! — indignei-me.

— Vai beliscar-me as pernas?

Ela tinha os olhos esbugalhados. Não sei se aquilo fora dito para ofender o homem normal que sou, mas, dadas as circunstâncias, o mais prudente foi fingir não ter ouvido.

— Vai lá.

Ela caminhou muito rápida no corredor enorme. Fiquei a vê-la. Tinha uma figura alta, fina, deliciosa porcelana animada. Surpreendi-me no involuntário delito de a admirar. Precisava de coordenar ideias. Mas naquele momento, se me era presente a minha situação dentro da firma e o inaudito descaramento com que fui enganado, a verdade é que também Marta, a sua voz estranha, a sua naturalidade ao proferir uma sentença de morte, a sua ingenuidade de quem tem a fortuna entre os dedos e a deita fora

como um fósforo inútil, a sua passividade ao ser beliscada pela besta do Moscovo, aquele andar bamboleante de deusa perversa — tudo me confundia e me impedia de tomar uma decisão.

Passo a explicar o motivo da minha justa raiva:

O John Cenoura, o Hamlet Bacalhau e eu (esta boa educação obriga-me a mencionar-me em último lugar, porque qualquer espírito justo me daria sem dúvida o primeiro) resolvemos fundar a fábrica. Fundámos. A princípio o negócio prosperou. Mas o Moscovo já levava a melhor. Quando estávamos quase arruinados, apareceu o John Cenoura a dizer que inventara uma nova fórmula de fabrico, infalível. Fizeram-se experiências. Era maravilhoso e não atacava aciduladamente as unhas às operárias: ideal para um industrial convicto. Mas o Cenoura foi renitente e propôs as seguintes condições que refiro textualmente:

"A invenção é minha, deu-me tanto trabalho que fiquei vesgo. Exijo pela invenção o seguinte: eu ocupo três quartos do capital total da firma e vocês ficam os dois com o quarto desocupado."

Era desleal. Ele ameaçou-nos de fundar outra fábrica e ir para a desbragada concorrência. Perante isto, aceitámos. Estamos riquíssimos. Ele seis vezes mais que nós. Canalha!

Não compreendo, porém, como consegue fingir tão perfeitamente de vesgo. É claro que a fórmula lhe custou um casaco de peles e não um novo sentido nos olhos.

Mas olhei para o fundo do corredor imediatamente (porque estes pensamentos duraram o tempo de um relâmpago). Marta perdia-se na esquina. Tinha acabado de dobrar a esquina a salvação da minha honra agravada.

Neste momento tocaram-me nas costas, o que provocou em mim como que um sonido e um receio mitológico de ser o

Cenoura, de ter chegado a hora do assassínio. Mas era Hamlet Bacalhau:

— Oh amigo Elefante!

— Oh Hamlet!

E contei-lhe.

— É preciso espancar o malandro — murmurou.

Mas eu julgava que espancar era pouco.

— Assassinar é demais — sentenciou, sempre hesitante.

Hamlet pensou profundamente e disse enfim:

— Que podemos fazer?

— Sei lá!

— É preciso pensar — afirmou Hamlet.

— Denunciar o patife — propus napoleónicamente.

— Denunciar? — exclamou. Isso seria morrer... Dormir... mais nada...

Foi coerente. Tinha razão. A denúncia virava-se contra nós e o caso era de vida ou de morte. Prosseguiu o curso das suas demoradas hesitações que me irritavam:

— Sou incapaz de uma decisão, incapaz...

Então não pude mais. Tudo o que estava à minha volta se perdeu dentro de um nevoeiro.

— Olha o fantasma! — gritei.

Fiquei absorto na audição de sons metálicos de bigorna ou de cota de malha e vi Hamlet lento, de revólver na mão, subindo o portaló de um barco em direcção ao fantasma. E a terrível visão de um cartaz, um cartaz enorme, ficou suspensa sobre mim de uma mão descomunal que o segurava entre os dedos. Era um cartaz cheio de inscrições essencialmente morais, onde Marta estava pintada. Outra mão igual apareceu e as duas mãos, num seguro movimento de forças combinadas, viraram o cartaz e então as saias

de Marta caíram como para deixar ver as lindas pernas, cheias de círculos como dentadas. Todo um cortejo caminhava numa escadaria interminável por onde eu subia acotovelando vagas de comunistas assassinados que me davam empurrões e entre eles, suspensa numa brancura indescritível, a Vénus de Milo, atarrachando serenamente ao coto antiquíssimo o resto de braço cuja falta nos acostumámos a venerar. E sobre tudo isto, lá no alto, o Moscovo, erecto como um cipreste, expelia da boca nuvens de objectos disformes e contra mim vieram pernas ortopédicas cravadas de beliscões. E aranhas e moscas e coisas monstruosas se evacuaram daquela boca, como duma cloaca fecundada por toda a abjecção. As aranhas devoravam-se mutuamente, uma vez conquistado o espaço. E as moscas, que a princípio temeram ser devoradas pelas aranhas, riam em gargalhadas altissonantes como perante um filme cómico. Depois veio o fogo e a camuflagem. Filas inteiras de operários do partido levavam nas mãos fachos completamente vermelhos como sangue e todo o reconhecimento do ambiente passou a ser autêntica miragem, porque pintores de brocha e balde passaram a pintar cenários por extenso nas paredes do corredor. Era épico. Eu, por fim, já ria, produzia gargalhadas medonhas que me abafavam em baba e em tosse e, quando comecei a cambalear, o Hamlet, com mão violenta, segurou-me pelas costas. Então compreendi que nada havia a fazer. Nada de rectilíneo, de circunstanciado. Livrei-me do Hamlet com toda a força e gritei:

— Nada a fazer! Só beliscar-lhe as pernas!

Tomei a iniciativa de correr em direcção ao escritório. Fui homérico. Mas percebi que o Hamlet me perseguia. Será possível que também ele quisesse beliscar-lhe as pernas? Ou ter-me-ia tomado pelo fantasma?

Entrámos. Oh visão macabra! Sobre uma chaise-longue Marta jazia completamente assassinada, os olhos vidrados. Qualquer coisa como muito sangue vermelho lhe escorria sobre o belo casaco de vison, exactamente o mesmo com que o Cenoura lhe comprou o silêncio e entre o qual lhe foi dada a absoluta morte.

Caí desmaiado e desmaiei. Ou caí desanimado e desmaiei.

O meu relógio de oiro marca oito horas (não sei se da manhã se da noite). O electro-choque é às oito e meia ou daqui a doze horas e meia. Tanto me faz.

É preciso agora, com a coragem dos grandes momentos, encarar a pior das hipóteses: a de só ter meia hora durante a qual terão de se efectuar os telefonemas. É preciso começar. Estou calmo porque ignoro se cheguei ao fim da história. Embora talvez falte qualquer coisa que não sei mencionar, prevejo que não interessaria. O que é preciso é que me tragam os telefones.

— Tragam os telefones! Pronto, o grito está lançado!

Se os homens desta desagradável casa que me explora mos negarem ou mos demorarem, será o desespero, porque nunca compreenderão que com esses telefonemas eu posso salvar a vida a diversos operários.

Decepação e Sono

O Paxá fez o gesto de ter fome.

— Que desejais, senhor? — perguntou a serva.

O Paxá parou nela muitos olhos que lhe entraram na carne e disse:

— Decepa os teus seios, corta-os às rodelas, frita-os com batatas, enfeita-os com flores vermelhas e serve-mos num prato, um prato da China e uma ânfora de néctar.

A serva fez tudo o que lhe foi ordenado.

O Paxá comeu e adormeceu num sono de criança.

Os Pêssegos da Vida

Entre eles a harmonia era completa, não tinha lacunas. Todas as lutas do princípio, forças antigas que se debatiam e a que outros homens chamam posse, instinto, domínio, se foram a pouco e pouco anulando e chegaram a uma postura de verme e concha ou talvez de matéria permanentemente interpenetrada. Não sabiam o que é a alegria, porque a alegria era eles e é impossível chegar-se ao próprio conhecimento. O processo deste estado é indescritível. Seria necessário entrar em todos os momentos do corpo e do pensamento. Nenhum facto teve força por si. Os automóveis em que se amavam caminhavam cegos e sobretudo uma forte ideia de destruição passou a presidir à sua vida. Destruíam-se dois corpos e duas vontades. Ou talvez tenha havido uma troca.

Um dia desapareceu o desejo e a alegria cresceu. Passou a haver a grande beleza das coisas gratuitas. Tiveram que abandonar os empregos. Juntaram numa mesma carteira as notas que ainda restavam e num secreto prazer telefonaram a todas as tias a proclamar o acontecimento e a dizer que dali por diante iriam lá a casa jantar. E foram. Comiam pouco (e a verificação deste facto trouxe a todos um grande sossego). Eram tratados com sorrisos, com amabilidades; mas, logo que saíam, os que ficavam queriam saber o porquê daquelas coisas. A pergunta era desesperada,

ninguém compreendia. Chamavam-lhes abusadores, chamavam-lhes doidos. Sim, as suas mãos tinham estado sempre unidas; seria lógico que dentro em pouco atingissem a petrificação real. Que mudança súbita, com todos os diabos! Psiquiatria! Manicómio! A substância das explosões violentas começou a crescer e iria rebentar.

Sobretudo o tio Januário. O tio Januário andava excitadíssimo e aproveitou a oportunidade para tirar as conclusões de natureza moral com que gostava de encher os silêncios do jantar. Os jantares do tio Januário primavam pela circunspecção. Sentava-se ele, patriarcalmente, à cabeceira. Em frente, como num choco, a gorda tia Clementa. Ao lado direito dele, por consideração, sua mana, D. Florença. À direita desta, seu marido, o Dr. Theóphilo, o das barbas por onde a sopa escorria. À esquerda do tio Januário e, é claro, à direita da tia Clementa, os dois filhos do casal: Aninhas, dezoito formosos anos e milhões de cabelos doirados, a qual, a conselho da mãe, só aceitou o casamento que lhe propôs um aviador atlético depois de este lhe jurar que faria um enorme seguro de vida a favor dela; e o Pom-Pom, mimosa alcunha de um indivíduo muito feio do sexo masculino e três anos de idade, uma espécie de ave de arribação extemporânea, denúncia de pouco juízo por parte do solene casal.

As refeições decorriam no mais correcto ambiente. O tio Januário professava a teoria de que todas as pessoas de menos de vinte e um anos — maioridade legal — não devem falar à mesa. Portanto, para as possíveis conversas ficam naturalmente postos de lado o Pom-Pom e a Aninhas. (Pom-Pom, aliás, não possuía ainda o vocabulário indispensável.) A Tia Clementa já desistira de falar diante do marido porque este proclamava de idiota cada

palavra que proferisse. (Em compensação, a tia Clementa tocava muitas vezes a campainha.)

O casal D. Florença — Dr. Theóphilo tinha grandes discussões privadas por causa do testamento, com o que se agastava e além disso D. Florença ficara muda depois da sua queda para trás, quando ia subir um carro eléctrico. O Dr. Theóphilo, por seu lado, foi muitos anos advogado e afastara-se da teia. Tendo falado, por dever de ofício, tudo quanto um homem tem o direito de falar, calou-se. Já tinha dito tudo e estava rico. Mas se nunca havia conversa, àquela mesa nem sempre havia silêncio: às vezes havia monólogo. Fazia-o o tio Januário sobre temas morais, seus preferidos. Ouvira grandes oradores do Parlamento e da Igreja e sem dúvida os temas morais são os que mais se prestam. O desvairamento sexual (por causa dos filhos ele dizia apenas desvairamento e completava a expressão com um gesto), a constituição precária da família moderna e sobretudo a falta de disciplina que vai pelo mundo, "contrária aos sublimes desígnios de Deus e às escrituras".

Mas em sua casa e com a sua gente tudo se passava a gosto: depois de ter acabado as sete horas de trabalho honrado no Departamento de Identificação, chegava a casa pontualmente às sete, envergava uma espécie de roupão e às oito horas sentava-se à mesa de jantar onde toda a família já o aguardava de pé. Comia pouco; o vinho estava proibido de entrar lá em casa; carne duas vezes por semana; fruta todos os dias e muita; nenhum café por causa dos nervos; depois da refeição um copo de leite. (Os filhos estavam efectivamente fortes mas ninguém tinha talento. O Dr. Theóphilo, mesmo, perdeu aquele que possuía). Às onze horas, todos para a cama. Às onze e meia ele ia, como bom chefe de família, em pantufas, dar uma volta ao comutador geral. Às sete

horas da manhã, hora de despertar, ele caminhava lentamente pelo corredor, em pantufas, tocando um badalo. Às sete e um quarto já o tio Januário tinha acabado a sua toilette; seguiam-se os outros por sua ordem e cada pessoa tinha um quarto de hora para o fazer.

Todos se haviam mecanizado neste rigor.

O tio Januário marcara o dia para os sobrinhos irem jantar a sua casa: quartas-feiras. Isto não os impedia de irem noutros dias. Chegavam, cumprimentavam, abancavam. Gozavam a perturbação que caía nos ânimos. A tia Clementa então, suspirando, esticava a mesa e punha mais uma tábua. E os dois falavam muito, riam, e — o que é espantoso — não perturbavam o silêncio: ninguém os entendia. O tio Januário poderia, se quisesse, fazer para a família os seus habituais monólogos. As pessoas da casa é que se sentiam na obrigação de lhes dirigir perguntas e frases muito corteses. Às vezes respondiam. Outras vezes tinham muito mais em que pensar e fingiam não ter ouvido.

Naquela "manhã" (como eles diziam) os dois levantaram-se da cama às cinco horas da tarde. Não era quarta-feira mas iam a casa do tio Januário. Dias antes tinham conseguido o frasco de veneno (porque o amor chegara a tal ponto que só lhes apetecia o suicídio) e ficaram esperando com toda a serenidade que chegasse o justo momento. Viram a carteira: uma pequena nota, apenas. Saíram: uma cama, mesmo para eles, precisa do seu contrário, a rua, a gente. Caminharam pelas ruas atulhadas de uma humanidade esperta que saía dos empregos. Não trocavam palavra mas os pensamentos transmitiam-se através do contacto das mãos apertadas e houve uma ironia: também eles tinham tido empregos e foram assim espertos. Mas, a meio da caminhada, a uma esquina, num grande cesto e banhados pelo claro sol do fim da tarde, um colorido monte de pêssegos. Pararam sorrindo a vê-los. Eram

belos e fecundos. Por uma tácita combinação compraram os pêssegos e, ao contrário da intenção, refizeram o caminho para casa. À esquina da rua havia uma farmácia. Gastaram as últimas moedas a comprar uma seringa de injecções. E rindo, rindo muito, passaram um tempo rápido e divertido sobre a cama a injectar o veneno dentro dos pêssegos, com um tal cuidado cheio de euforia, para que a penugem ocultasse bem os furos da agulha. E acondicionaram-nos carinhosamente dentro dum cabaz.

Em casa do tio Januário os pêssegos fizeram um sucesso. O respeitável chefe de família gabou, em grande estilo, a virtude alimentar das frutas em geral e a excelência daqueles "magníficos exemplares". Sentenciou que "certamente provieram da Califórnia". As outras pessoas, à falta de poderem falar, sorriram e abriram muito os olhos. E quando chegou o momento de comer a fruta, todos avidamente se precipitaram para os pêssegos. Couberam dois pêssegos a cada um. Comeram-nos regaladamente.

O veneno era fulminante e todos, sem excepção, morreram ao mesmo tempo e caíram para debaixo da mesa.

Romance

Ricardo era um rapaz com imaginação.

Com o dinheiro que o pai lhe deu, em vez de ir ao cinema, comprou uma cautela de lotaria.

Premiada!

Entrou numa sociedade por quotas para a exploração de um bordel.

Comprou automóvel e meteu mulher, uma viúva deliciosa, surpreendida em flagrante.

Foi-lhe trespassada uma casa de penhores (por tuta e meia visto que o ex-proprietário tinha bom coração e ia dando com o negócio em pantanas).

Pôde em breve ser director dum banco.

Arrematou um barco, dado que os armadores abriram falência.

O barco teve filhos e ele passou a ser avô de uma prole flutuante.

Um domingo em que não tinha mais que fazer, foi ao Brasil e comprou uma roça, com coronel e tudo.

Quando voltou despediu a viúva deliciosa que entretanto o atraiçoara.

Uma tarde comprou a estátua em frente à sua casa e destruiu-a porque era nua e a imoralidade incomodava-o.

Vendeu o bordel (valorizadíssimo por causa dos melhoramentos) e a casa de penhores que lhe davam muito trabalho e comprou uma mina.

Os netos transportavam o carvão e o carvão enchia os netos. Comprou quatro pistolas e dois homens para guarda-costas.

Quando comprou os homens e as pistolas lembrou-se de que podia ter uma fábrica de armamento e teve.

Uma manhã levantou-se com ideias de fazer qualquer coisa de histórico, talvez comprar o Canal de Suez ou mesmo toda a Ásia Menor.

Mas, como já se previa, perdeu a imaginação.

Foi então que lhe ergueram a estátua vestida em frente da sua casa, onde estava a outra, nua.

O Senhor Venâncio Não Quer Táxi

Caiu verticalmente. O ataque aconteceu ao meio dia, na sombra. Assim se frustraram as hipóteses de insolação. O mal vinha certamente de dentro, de um fundo desconhecido. As casas andaram à roda; as aves, estrelas, automóveis antigos se precipitaram na queda e as mãos do Conselheiro, negras como luvas, e os óculos de oiro finíssimo, entraram-lhe na confusão pelas pálpebras entreabertas.

Agradecendo a todos, muito delicado, confuso ("não se incomodem", "não sei como agradecer-lhes", "já estou bem, muito obrigado, vou sozinho, não se incomodem"; — Ora essa — respondiam — tinha mais que ver!) foi arrastado pelos colegas e pelo Conselheiro para um táxi. Queriam levá-lo a casa. Mas Venâncio, pouco lúcido ainda, afirmou que seria preferível convocar um polícia e pedir-lhe que o acompanhasse. Insistiu: era melhor, essa é uma das funções dos polícias. Não se admiraram. Venâncio tinha sempre mantido uma espécie de misterioso incógnito quanto à sua vida particular, muito delicado sempre, procedendo como se a ideia de incomodar alguém por actos e por preocupações lhe fosse extremamente odiosa; e tudo isto foi causa suficiente para o Conselheiro se especar no passeio, solene, pôr-se

no bico dos pés e chamar o polícia com o gesto lento. O polícia acorreu. Entrou no táxi.

— Não deixe de chamar o médico, senhor Venâncio.

— Sim, hei-de chamar. Muito agradecido, não sei como poderei...

O táxi arrancou. Tinha, mesmo naquele momento, a sua tímida delicadeza e exprimia com a voz a mágoa de ter de chamar o médico apenas para o tratar.

Assim fora sempre. Parecia cultivar esse isolamento ou seriam as suas naturais maneiras que a ele conduziam. Não tinha amigos. O isolamento, porém, trazia-lhe desgosto e sobretudo mágoa de não saber como evitá-lo. Depois, quando aconteceram as insónias e o súbito falecimento de um vizinho em pleno vigor e fortuna crescente, diversas questões sobre a morte advieram-lhe às preocupações, rígidas, fatais, como se apenas para a morte tendesse o mais simples movimento de um dedo. Eram cogitações sem escape, ruminadas dentro da cabeça e do peito. Tomou-se do medo dos fantasmas (comprou uma pilha de algibeira para subir a escada) adveio-lhe o terror da música, para ele manifestação de uma vida extra-terrena (usava nas orelhas tampões de algodão); e aumentou a palidez da sua face, já suficientemente pálida; quase ficou translúcido. Os fatos claros gastaram-se; pôs de uso um antigo fato azul-escuro feito expressamente para as solenidades. Tendo medo de espectros, tinha aspecto de aspirante a espectro. Daqui a seu terror aos espelhos. Barbeava-se por tacto, como se os dedos completamente lhe descrevessem aos olhos a face. E um velho espelho que tinha no quarto ofereceu-o à filha da porteira que bem se agradou dele. Evitava as superfícies polidas, as montras, os tanques, os automóveis estacionados, os rios, a luz.

Por todas estas razões e ainda por muitas outras, Venâncio dos braços do polícia escorregou para o leito e ali permaneceu por muito tempo.

O médico ficou atónito. Venâncio a certa altura pagou a conta, como se lhe dispensasse os serviços. Pagou o quarto por todo o mês. De tudo lhe sobraram apenas umas parcas moedas.

Decidiu esperar.

A mulher bateu à porta. Três pancadas lentas, secas e cuidadosas, que reboaram no quarto como reboam os sons nos quartos dos moribundos, como num descampado se chocam dois pedaços de granito.

Venâncio não respondeu. Talvez não tivesse ouvido. Enfraquecera muito, consumido pelo fastio daquela misteriosa enfermidade. Mas a mulher bateu de novo. Entrou.

— Dá-me licença, senhor Venâncio?

— Entre, D. Branca, entre...

A velha trazia na mão um candeeiro de petróleo a iluminar fracamente, como se iluminasse um salão.

— Ah... o candeeiro... — murmurou Venâncio. Estou sempre a incomodá-la... Desculpe...

— Em breve há-de estar melhorzinho.

A velha olhava-o piedosamente.

— Espero que sim. Não posso morrer desta vez...

— Quem fala aqui em morrer? — disse D. Branca a repreendê-lo.

Os olhos passaram pelas paredes do quarto, como assustados com a imensidão de um céu e poisaram ansiosos nos olhos dela.

— Quanto custa um enterro, D. Branca? — perguntou em segredo.

— Não sei, mas não se fala mais nisso.

— Nunca me decidi a falar desse assunto... não posso morrer ainda...

E num esforço:

— Tinham de fazer-me o enterro... Não pode ser... Não tenho o direito...

D. Branca cortou a conversa:

— Vai um chazinho?

— Não, muito obrigado.

— Faz-lhe bem, vou arranjar.

Venâncio, talvez por falta de forças, não se esquivou de aceitar. D. Branca retirou-se. Seguiu-a com os olhos. Mas ou fosse ilusão da sua vista ou o que quer que fosse pareceu-lhe que ela ficava no mesmo lugar, de pé, junto da cama. Contudo, tinha-a visto sair e a porta fechar-se tocando levemente nos batentes. Ficou a olhar naquela direcção, os olhos fixos na madeira castanha da porta, sem coragem para fixar a outra figura cuja imagem lhe chegava pelos cantos dos olhos, apenas numa suspeição. Conseguiu enfim. E era de facto a mesma mulher, a dona da casa, a Senhora Branca. Somente o corpo parecia mais leve e correcto (corpo nunca atingido pelos anos e pelas cinco gestações de que D. Branca tanto falava com orgulho e com drama); dir-se-ia que de dentro de D. Branca daquele momento tinha saído uma menina Branca prematuramente envelhecida. E as roupas não eram o saio grosseiro e desbotado, mas uma espécie de malha negra que lhe cingia o corpo e terminava abaixo do joelho, num compromisso admirável entre calças e saias. Sobre a mão esquerda espalmada trazia uma xícara muito alva. Sentou-se na beira da cama e pousou-lhe sobre a testa a mão aveludada. Venâncio sentiu que este contacto lhe faltara toda a vida e sorriu. Ouviu então uma voz metálica, dura, invencível:

— Tome isto. Vai dar-lhe forças.

Gemeu num grande esforço para se sentar. A mulher ajudou-o, rodeando-lhe o corpo num abraço extremamente quente que lhe comandava os movimentos. Venâncio, arfando, pousou o cotovelo sobre o travesseiro e bebeu a poção em goles lentos. Depois faltaram-lhe as forças e o corpo semi-erguido tombou pesadamente.

Ela ficou a olhá-lo e assim permaneceu.

Devagar, como se alastra a poeira, a cor foi voltando à pele de Venâncio. A mulher tomou-lhe as mãos, afagou-as, talvez por aquecimento, talvez por desejo. Decorreu assim um tempo. Então Venâncio abriu os olhos. Ela estava a sorrir e ele sorriu também.

— Sentes-te feliz — começou numa voz aveludada e quente como as mãos.

— Foi bom, sim. Que foi?

— Parece-te que não tens peso...

— Estou leve...

— Apetece-te sorrir...

— Apetece-me sorrir, sim...

— É tudo muito simples, Venâncio.

— É tudo muito simples e leve... Tem graça... Não tenho dificuldade de falar... Mas tu quem és?

— Não importa — respondeu.

Ele meditou um pouco.

— Realmente não importa. Vou-me levantar daqui.

— Isso não — disse abruptamente. De resto, não podes.

Ele experimentou. Sentia-se de facto agarrado àquele lugar, como se as forças só lhe tivessem sido dadas para valerem dentro de um exíguo e determinado espaço, sem ligação com o espaço seguinte.

— Deixa-me ir, deixa...

— Para quê? — perguntou ela.

— É que agora já sei como é. Basta ser natural e achar graça. Não pensar no respeito. Gostar das coisas bonitas e depois tudo acontece. Afinal é simples. Assim faziam os outros, era assim...

Ela ria.

— E porque não fizeste assim, Venâncio?

— Não sei. Não sabia. Tinha qualquer coisa que me impedia, medo talvez...

— Ficaste só, eis o que conseguiste, mesmo doente, mesmo moribundo. Foste uma vítima tua... da tua sensibilidade, da fraqueza da tua voz. A bondade nada é sem a simpatia, sabes? Eras considerado, eras respeitado, cumpriste deveres mas nunca foste simpático. Fizeste de ti um ouriço amargo... É um sacrilégio passar pelo amor sem o tocar. E para quê? Mesmo quando dizias "não quero incomodar ninguém", isso era por egoísmo.

— Não...

— Confessa.

— Não era por egoísmo, não. Não gosto de incomodar ninguém.

— Estou junto de ti, podes ser sincero. Quando me for embora, voltarás se quiseres ao teu embiocamento e continuarás pensando que cada existência não pode perturbar a dos outros. Mas isso fica para depois. Agora reconhece, Venâncio, que a existência é de si mesma uma perturbação...

— Sim... é bom olhar os olhos... é bom rir com os amigos... é bom... até o diabo é bom...

— E os poetas...

— Os poetas não!

— Os poetas perturbavam-te e por isso os não querias. Mas os poetas são o governo da beleza e...

— O governo da beleza... talvez... mas a beleza sempre me pareceu um acaso...

— A isso chama-se natureza, Venâncio. Não tem interesse.

— Não tem interesse?! Mas que fazes tu aqui?

— Sou a primeira mulher a quem tratas por tu...

— É verdade... Mas que fazes aqui, que fazes?

Ele olhava-a num começo de ânsia e ela não respondia.

— Vens... vens torturar-me ainda mais do que tenho sido nestes dias? Ainda mais?

— Apenas conversar contigo.

— Conversar... mas porquê? Para quê?

— Nem sempre se conversa por uma razão, Venâncio.

— Mas tu vens para que eu tenha pensamentos como nunca tive toda a vida... para que eu descubra novas coisas que não sei se posso realizar...

Depois, o olhar vivo, a ânsia crescente, como se o destino de tudo dependesse daquela resposta:

— Estou ou não estou... moribundo?

— Não sei.

— Sabes. Tu sabes tudo.

Venâncio fechou os olhos para encontrar dentro de si uma certeza sobre o que se estava a passar. Mas apenas uma dúvida medonha lhe surgiu, um estranho clarão que tudo embaciava. Perguntou tímido, contraindo as pálpebras fechadas, como se nunca as pudesse abrir:

— Quem és tu? Diz!

Trémulo de medo, esperou. O tempo cresceu, avolumou-se, tornou-se interminável e a resposta não veio.

A mulher ergueu-se, atravessou o quarto, apoiou o ombro à parede em frente da cama. Venâncio viu-lhe o perfil traçado na cal branca e a curva dos olhos grandes e negros. Ela tirou um cigarro, riscou um fósforo, atirou o fumo azul para o espaço e este movimento magnânimo lembrou a Venâncio as grandes movimentações das massas migratórias, o despedir de barcos nos cais longos, o trabalho dos ferreiros de lima em punho, o estranho grunhir dos metropolitanos. Estava estupefacto, suspenso do desenho e da mancha. A mulher ficou subitamente longínqua e o perfil duro como rocha erguia entre Venâncio e ela uma barreira sem remissão. Então ela disse:

— Os pássaros hão-de cantar-te por toda a noite... No parlamento houve interpelações sobre a amarga questão da ruína petrolífera... O presidente do tribunal portou-se miseravelmente... Os eclipses são devidos a distracções dos planetas e ao facto de Deus não ter aprendido matemática...

As frases tombavam arrastadas, ditas entre longas pausas.

— Voemos pelo espaço... O túnel foi submerso pelo teu amor...

"Seriam inscrições retiradas dum jornal?" — perguntou-se Venâncio.

Ela continuou:

— Cinquenta peixes mergulharam no espaço aéreo e assim morreram... Édipo, disse Jocasta, se nos é impossível conhecer os desígnios dos deuses, façamos o que nos apetece...

"As bruxas talvez falem assim" — pensou Venâncio.

— As bruxas não falam — continuou a mulher — as bruxas não amam, as bruxas não amam...

"Ela adivinha o que se pensa" — continuou pensando Venâncio.

— O mar não é azul, azul é os teus olhos... A distância é o medo e a sombra...

E calou-se. Fácil lhe seria certamente continuar. Todas as frases não estavam evidentemente decoradas e surgiam como se fossem sendo uma a uma subtraídas de um poço onde jazessem em descanso. Depois, num elegante movimento de corpo, voltou-se para Venâncio, sorrindo, e sentou-se outra vez na beira da cama.

— Incomoda-te o fumo?

— Não. Que estiveste dizendo?

— Coisas sem sentido. Falar por falar...

— Não, pelo contrário... O que dizias tinha muito sentido e estava certo.

— Porquê?

— Não sei explicar porquê mas estava certo. As tuas razões vinham de outro sítio, mas eram razões...

— Achas então que eram razões...

— Sim, eram razões...

A mulher calou-se. Afundou a mão na algibeira e retirou um cartão e uma caneta.

— Vais-te embora? — perguntou Venâncio.

— Vou.

— Diz-me antes quem és tu! — gritou.

Ela não respondeu e ficou muito serena, mais distante do que nunca.

— Temo-te. Tenho uma suspeita horrível... Mas se és realmente quem penso, diz! Oh! Não me deixes nesta horrorosa situação de não ter a certeza... Tu és... tu és...

A mulher levantou-se. Venâncio ficou novamente sem apoio, abandonado sobre o travesseiro e a mesma palidez lhe voltou ao corpo.

A porta abriu-se e D. Branca entrou, com a saia desbotada.

Acercou-se da cama e batendo-lhe no ombro:

— Senhor Venâncio...

Ele acordou sobressaltado.

— Quem está aí? — disse de olhos fechados ainda.

— Sou eu...

Abriu os olhos depois de ter reconhecido a voz de D. Branca e murmurou:

— Desculpe... passou-se qualquer coisa que... Tive medo de si... que fosse... desculpe... desculpe...

— Senhor Venâncio... tome o chazinho, vamos.

— Está sempre a incomodar-se por minha causa...

E suspendeu o trémulo movimento de levar a mão à xícara. Todo se reanimou com uma esperança, a esperança de se repetir ali a deliciosa poção da outra vez. Teve um impulso para a xícara na mão esquerda da D. Branca. Bebeu a goles lentos. Caiu pesadamente sobre o travesseiro e alegrou-se num canto obscuro do corpo onde a alegria ainda era possível; alegrou-se porque tudo acontecia semelhantemente. Adormeceu.

D. Branca foi fechar as portadas das janelas e ficou depois a olhá-lo. Bem gostava ela de Venâncio, hóspede durante cinco anos, absolutamente certo no pagamento da mensalidade, a criatura mais delicada que conhecera em toda a vida. Ele próprio fazia a cama todas as manhãs desde que lá se hospedara; para lhe evitar o trabalho de carregar com os pratos, comia na mesa da cozinha; e muitas vezes se queria levantar da mesa para ir ao fogão buscar o que precisava. Isto, porém, D. Branca nunca consentira porque lhe proibia a mais elementar moral de hospedeira: temia incorrer na situação de se sentir ela hóspede e não Venâncio. E revia a sua figura simples, reservada, o movimento com que tirava

o chapéu à porteira ao entrar no saguão, o cuidado com que metia a chave à fechadura para não fazer barulho. Mas apesar de lhe deixar bons sentimentos (realmente mais piedade que afecto) não lhe podia fazer o enterro, não tinha dinheiro. D. Branca entendera-se com as autoridades competentes, telefonara para a Câmara Municipal e para a polícia, e, depois de diligências particulares, obteve a promessa de que quando "a coisa" estivesse para chegar, bastaria que ela por lá passasse. D. Branca não ignorava que se seguiria a extrema humilhação do lençol, do esquife, da vala comum, sem um pranto, sem uma flor, sem um olhar de amigo a cair para a cova juntamente com a terra. Tinha pena, mas que podia fazer? Quis avisar alguém. Mas quem? Não sabia onde trabalhava Venâncio, nem que pessoas conhecia. E "a coisa" devia estar para breve. Questão de horas talvez. As últimas frases de Venâncio e o súbito adormecimento eram com certeza o delírio e o sequente cansaço. Tomou-lhe o pulso. Batia regularmente mas muito fraco.

Apagou o candeeiro e saiu do quarto. Tinha a certeza de que Venâncio havia de morrer delicadamente, como vivera.

A janela do quarto de Venâncio deitava para as traseiras da casa e as frinchas mal ajustadas das portadas interiores sempre deixavam penetrar uma réstia de luz desde que nascia a madrugada. Quando acordou, Venâncio não sentiu luz alguma sobre os olhos. Devia portanto ser noite. Imerso nos profundos labirintos, aprendeu que se ouve o silêncio; depois foi escutando sucessivamente, dando-lhe a medida do avançar da noite, o canto dos galos, o ruído dos automóveis, o sussurro penetrante de água a cair de uma torneira de momento aberta. Depois veio o zumbir dos carros eléctricos que passavam primeiro espaçadamente, depois quase sem interrupção. Toda a lógica mandava que já fosse dia, que já pelas frinchas das janelas penetrasse a luz coada. Ele,

porém, não sentia isso acontecer. Certamente poderia verificar descerrando as pálpebras. Mas seria capaz desse acto? Por muito estranho que lhe parecesse, os sons que lhe chegavam aos ouvidos não lhe entravam no campo da consciência: eram alheios, tinha a impressão que as coisas exteriores apenas o poderiam roçagar. E era-lhe impossível abandonar este estado, até porque não desejava pôr-se à prova. Suspeitava de que, se conseguisse abrir os olhos, as coisas que o rodeavam estariam diferentes, talvez nem existissem.

Aquela mulher não podia visitar alguém impunemente.

Sentia-se liberto de certas possibilidades sensoriais, talvez de tacto, talvez do conhecimento da distinção da sua pessoa e das coisas, e se ouvia, desconfiava de que para isso não se servia dos seus ouvidos.

Tinha certeza de que pensava. Mas pensava com uma liberdade inédita, como se a plataforma onde assentam os pensamentos se tivesse transformado. Pensar deste modo — imerso no pensamento, virgem de experiência das coisas e do mundo, nunca lhe tinha acontecido. Mas este modo de pensar imediatamente lhe trouxe um desconforto: os homens precisam de verificar e até os místicos erguem as suas filosofias sobre as coisas reais ou acabam nelas a curva das suas especulações. Venâncio sentia presente esta necessidade de apoio. Ou talvez não fosse de facto essa necessidade, mas a saudade dela. Faltava-lhe uma garantia, uma organização devidamente sancionada a dar-lhe razão ou a negar-lha.

Era preciso experimentar. Talvez mexer um braço para sentir a resistência dos lençóis (calculava estar ainda deitado na cama), talvez abrir os olhos. E lembrou-se de que os homens possuem uma faculdade chamada coragem. Não a coragem dos actos

heróicos, mas a coragem dos pequenos movimentos, a coragem empírica dos reconhecimentos elementares. Essa coragem faltava-lhe.

Experimentar é realmente óptimo e é necessário; no entanto, bem vistas as coisas, talvez fosse melhor permanecer assim, era feliz. Mas ocorreu-lhe que o estado em que jazia talvez tivesse um nome, um nome bem conhecido, um nome que o atormentara durante longo tempo; e faltava-lhe coragem para esse nome, para proferi-lo somente que fosse com o pensamento. Parecia-lhe que isso seria descer, vulgarizar, classificar indevidamente aquele acontecimento. E fora ela, a mulher admirável, a inesperada visitante que a tudo conduzira, suavemente como ela própria. Estava-lhe grato.

"Obrigado, mulher sublime" — proferiu apenas com o pensamento. "Obrigado, mulher bela, emoldurada de cabelos brancos!"

A porta abriu-se; sentiu nitidamente que a porta do quarto se abrira. Começou o medo tremendo de ser realidade a porta que se abrira, de isso acontecer naquele momento. Depois percebeu que uma cara se debruçava sobre a dele. O tempo que aquela cara assim permaneceu pareceu-lhe não ter fim e teve a certeza de que não poderia ser a cara de D. Branca. (Se fosse a cara da outra tudo estaria salvo.) Ninguém — isto é, nenhum ser humano — pode manter-se todo aquele tempo debruçado sobre uma cama baixa como a sua; D. Branca sempre queixosa do reumatismo e achaques renais, muito menos. Era necessário ver. Quis fazer um esforço para abrir as pálpebras, mas não pôde. Tinha talvez os olhos definitivamente fechados. Porém, imediatamente o assaltou uma ideia terrível: a morte aparente, um estado em que a vida existe sem funções motoras. Estaria ele apenas morto assim? Foi um

terrível momento. Sentiu grilhões no pensamento, um susto não virado para os olhos, mas para dentro, para o mais íntimo, escondido e ignoto da existência, uma coisa capaz de abalar mundos. Era necessário invocar alguém, alguma coisa, uma Força. Lutou homericamente consigo mesmo. E conseguiu. Conseguiu qualquer movimento impreciso, localizado num dos olhos (não abriu as pálpebras porque não teve a sensação de lhe chegar a luz), e viu de relance a cabeça de D. Branca que se afastava. Viu apenas isso. Preferiu que não fosse D. Branca. Podia muito bem ser a outra.

E os seus pensamentos, crescentes de ritmo, passaram a ser positivos, sistemáticos, quase utilitários:

"Talvez não fosse D. Branca. Talvez fosse a cabeça da *outra*: elas têm cabeças iguais".

"Era com certeza D. Branca porque a *outra* ter-se-ia manifestado activamente. Bastava a simples presença dela para ele se sentir com apoio."

"Mas não era D. Branca porque ninguém pode estar debruçado para uma cama por todo aquele tempo."

"Mas o tempo que supunha aquilo ter durado era um tempo do seu pensamento, um tempo subjectivo, de dimensão diferente. Portanto, podia ser D. Branca."

"Mas não podia ser D. Branca porque, se fosse, a sentiria fechar outra vez a porta."

"Mas podia ser D. Branca porque..." "Mas não podia ser D. Branca porque..." "Mas podia ser D. Branca porque..."

Venâncio viu o seu próprio corpo distintamente em relevo, só, no meio de um descampado enorme, e ouviu a sua voz mais aflita, gritar, afrontando os ecos:

— É preciso decidir isto! É preciso decidir isto! É preciso decidir isto! Força! Coragem! Coragem!

Depois, uma frente infindável de batalha, era comandante de tropas e gritava marcialmente:

— Coragem, rapazes! Coragem! Coragem!

A luz inundou-lhe os olhos. Abriu-os de repente, antes de pensar.

D. Branca estava descerrando as portadas das janelas e a claridade fértil da manhã espalhou-se no quarto estreito. D. Branca voltou-se. Ele viu-lhe bem a saia desbotada.

Murmurava, a voz muito fraca:

— Coragem...

D. Branca acercou-se.

"Era esta, afinal..." — pensou Venâncio.

Debruçou-se outra vez para ele. Tirou um lenço debaixo do travesseiro e disse:

— Está coberto de suor, senhor Venâncio. Deixe limpar, deixe:

— Não se incomode, D. Branca... Isto vai bem... estou melhorzinho...

E lentamente tirou a mão magríssima de sob as roupas, tomou o lenço e passou-o molemente pela fronte.

Nada tivera interesse, afinal. Sonho, sonho apenas, inquietação humana, delírio, febre, incomodidade das vísceras, desadaptação da carne, espírito transtornado, pensamento debilitado, mórbidas respostas aos estímulos, tudo deformado, aumentado, como se entre ele e as coisas se interpusesse uma lente grande e misteriosa como o mar. Mais nada!

Venâncio precisava de uma exclamação, mas uma exclamação totalmente obscena, porca, capaz de abarcar toda a raiva que o consumia e o mundo inteiro.

D. Branca prestou-se a ir fazer torradas, zumbindo qualquer coisa sobre a fome dele.

— Mas eu não tenho fome, D. Branca. Eu estou bem... não se incomode...

— E há-de beber chá com leite, sim senhor.

— Então só chá, D. Branca. Só... mais nada...

— Não senhor, há-de comer! Se já se viu uma coisa assim...

— Obrigado, mas...

D. Branca saíu e ainda continuava a necessidade da exclamação. Os colegas de Venâncio tinham-nas boas, daquelas que enchem a boca e descarregam a alma. Mas Venâncio, por desinteresse, (sem nunca supor a falta que lhe viria a fazer) não tinha nenhuma. Felizes aqueles colegas, felizes como nem imaginavam. Uma picadela de alfinete, uma conta errada, um golpe de ar ameaçando constipação — e a exclamação surgia imediatamente resolvendo tudo, descarregando a alma, curando a ferida, acertando o erro, evitando a constipação, a pneumonia, a morte... Venâncio não possuía a necessária exclamação e recordava o ar ausente que involuntariamente assumia ao ouvir proferir aqueles sons. E como os achava ordinários, aqueles rapazes, como lamentava a sua má educação! E agora... O mundo dá tantas voltas! Não tinha exclamação... Com um esforço de memória talvez conseguisse a palavra. Mas uma exclamação necessita de uma disposição de alma adequada que lhe dê validade. E isso não se engendra de momento.

Exclamação para aplicar a tudo aquilo! Ei-lo novamente moribundo, indubitavelmente ali na cama, o pensamento outra vez preso à realidade, o nariz sentindo o fedor da urina.

Mas... e ela, a *outra*? Seria possível que também não tivesse sido verdade? Que fosse um mito, um fantasma, uma sombra de mosca pousada no candeeiro que a sua imaginação arrebatasse e envolvesse para lhe trazer alegria, falsa alegria que fosse? Não, Venâncio não se sentia capaz de tanto. Essa, a outra, trouxera-lhe alguma coisa. O chá? Sim, o chá. Mas o chá não tinha importância, chá também lhe trazia D. Branca.

A outra trouxera-lhe a sensação de leveza, a alegria daquele curto tempo, um estranho vigor, delicioso. E trouxera-lhe sobretudo uma solução, uma vida: uma filosofia e uma técnica. Venâncio agora sabia tudo. Ia portanto levantar-se daquela cama e, chegando-se aos colegas, acompanhá-los ao café, rir com eles, ouvir as histórias de mulheres, ter graças picantes, beber vinho tocando o copo nos copos deles; os pingos de vinho sujar-lhe-iam as abas do casaco; e vendo-se assim sujo, berraria uma exclamação admirável! Conhecendo que a tal ponto se transformara, os colegas estranhariam muito, ficariam atónitos, incapazes de compreender o mundo. E todos em coro se ririam com ele do seu ser passado. Venâncio divertir-se-ia com isto, rir-se-ia deles também e assim por diante, conforme as coisas fossem acontecendo. Viriam os apetites, deixaria crescer um bigode que lhe iria bem à moldura da face e, quando entrasse a porta da rua, deitaria um olhar para o cubículo da porteira a ver se lá dentro descortinava a filha, a pequena de lindos seios a quem oferecera o espelho e que daí para adiante passou a olhá-lo encantada, com uns olhos levados do diabo. Havia de convidá-la a ir a um baile e

para tanto precisava imensamente do corpo. Sim, precisava imensamente do corpo. Gritou:

— D. Branca!

Mas a sua voz era fraquíssima. D. Branca não respondeu. Contudo precisava dela e imediatamente. Mas como chamá-la? Olhou em roda. Sobre a mesa de cabeceira e bem à beirinha estava uma xícara. Concebeu o plano de atirar a xícara ao chão para que D. Branca acorresse ao barulho.

Assim fez e D. Branca veio, aflita:

— Senhor Venâncio...

— Traga-me um espelho — disse decididamente.

— Mas o que aconteceu, senhor Venâncio?

— Deixe-se de lamúrias e traga-me um espelho!

D. Branca estava atónita, estranhando-lhe o tom. Venâncio recorrera de facto às mais ocultas e inexpugnadas das suas forças para dizer aquela frase energicamente, como compete a quem descobriu a solução para a existência. E tendo-o conseguido, ficou satisfeito consigo. Logo voltou ela com o espelho e em silêncio, olhos muitos abertos, entregou-lho.

A custo Venâncio levou-o ao alcance da face. E voltou-lhe o antigo medo dos fantasmas. Era um rosto pequeno cor de ossos amarelecidos, a barba crescida, mal semeada, uns raros pêlos nojentos espetados ao acaso e olhos encovados e negros como o túmulo. Deixou cair o espelho sobre o peito.

Arfava, estava exausto. Disse, a voz muito sumida:

— Desculpe, D. Branca... eu...

Alongava as palavras. D. Branca tomou o espelho, assombrada.

— Eu... não a devia ter chamado assim... Desculpe... Foi...

— Não faz mal... não faz mal... Já lhe trago as torradinhas.

— Não é preciso... não se incomode...

Caíu numa grande prostração, como adormecido.

D. Branca saíu, deixando a porta entreaberta, à cautela. A "coisa" não podia demorar.

Os icebergs tresmalhados afundam transatlânticos; os peixinhos cor-de-coral são devorados pelas baleias; um simples dedo assassina sem remorsos muitas formigas; a cólera dos deuses pode destruir o universo; a palma da mão e os astros são livros abertos e temerosos sobre o destino dos homens e das nações. Nunca Venâncio compreendera estas desconfianças milenárias nem acreditara em factos cruelmente cósmicos; mas naquele momento entendeu tudo rapidamente: destino, astros, mãos, icebergs, existiam, estavam ali junto dele — e era o espelho e era ela, a tal mulher, a outra.

Mulher? Não, não seria mulher. A semelhança dela com a boa D. Branca fora apenas um subterfúgio, uma forma enganadora, uma daquelas grandes artimanhas que os deuses costumam tramar para emaranhar os homens. O demónio...

Ela enformou-se naquele modo acessível aos seus pobres olhos para nele despertar coisas impossíveis. Trouxera-lhe a solução definitiva. Mas quando? Quando o corpo se negava, quando só restava um farrapo, quando um simples espelho podia tornar-se numa revelação hedionda. Pode por acaso ter havido coisa que a luz ou a noite já tivessem presenciado mais cruel que aquela? Certamente não. Suprema ironia, maldade cósmica, humilhação dos deuses, prova da miséria deste vil barro humano...

Mas fora agradável. Venâncio, assim acusando (por mais impessoal que se apresentasse a acusação), temia estar a ser injusto. Aquele tempo tinha sido o mais feliz da sua vida e não sentiu limitações.

Precisou de rever tudo, para julgar. A sensação deliciosa da poção que lhe ministrara; o sorriso dela e o inevitável sorriso semelhante que sentiu aflorar à cara, inundando-lhe a pele de uma sensação de juventude e de amor, que nem a própria juventude real lhe trouxera. "É preciso achar graça." Isto dissera ele, mas por influência e por inspiração dela, da outra. E era bom. A natureza diabólica do facto residia apenas na escolha do momento. Só isto afinal era doloroso e terrível. "Quem és tu?" E ela não respondia. "Não podes sair daí." Talvez as bruxas falem assim — pensou. E ela logo: "As bruxas não falam." A mulher respondia aos pensamentos, não podia ter uma vulgar natureza humana onde não cabem mistérios de tal monta. E agora, como então, apenas o dominava a pergunta terrível: "Quem és tu?"; a mesma questão que o assombrara, posta nos cruciantes termos da vida ou da morte.

Porém imediatamente, a queda na realidade: talvez a *outra* nem sequer existisse. Venâncio afligia-se com um acontecimento de que não tinha a certeza, possivelmente uma alucinação, um sonho. Mas ela afagara-o, na verdade, movera-se, abraçara-o, falara com uma voz primeiro dura, depois quente e macia, até fumara.

Sentira-a com a precisão com que se sentem as realidades materiais e recordava o seu contacto perfeitamente físico. Sim, físico, tão material como a aspereza daquele cobertor que estava a apalpar.

Como saber?

Talvez D. Branca os tivesse ouvido conversar. Chamou:

— D. Branca!

D. Branca acorreu.

— Ouviu uma voz de mulher aqui no quarto?

— Não... não ouvi...

— Ontem, ontem... antes de trazer o chá...

— Não.

— Não ouviu... Obrigado... não ouviu... Desculpe, D. Branca...

Mais um momento de assombro e D. Branca saíu.

D. Branca não tinha ouvido. Mas isso não queria necessariamente dizer que a *outra* lá não tivesse estado. Venâncio precisava de uma prova, uma prova palpável, humana, sem especulações, fora de toda a escamoteação, uma prova irrefutável. Procurando, reviu tudo com a sua mais pressurosa imaginação e não encontrava. Repetiu ainda uma vez os movimentos dela, a mensagem, o cigarro, a sua elegância a sentar-se. E de repente, nas névoas do sono que senão o acometera e que agora revia, pela primeira vez tomou conhecimento de que ela tirou do bolso um cartão e escreveu-o. O cartão... Talvez o tivesse deixado... Era preciso encontrá-lo.

Ergueu-se sobre o cotovelo num esforço colossal. Não precisou procurar muito. O cartão estava sobre a mesa de cabeceira cuidadosamente ao alcance dos seus olhos e dizia apenas:

Sexta-feira às quinze horas.

Aquilo tinha a dignidade e a importância de um destino.

Venâncio nada mais podia esperar. Era preciso outra espécie de coragem para aceitar este facto novo.

A mulher, *a outra,* era efectivamente quem ele supusera. Tinha a certeza, uma certeza inadiável que o tomou de uma angústia gigantesca, arrancada às entranhas de todos os homens e aos pios de todas as aves, angústia exclusiva dele e dos heróis das tragédias.

Não resistiu a tanto. De novo tombou sem forças sobre o travesseiro.

O mais sagrado dos direitos individuais — infelizmente ainda não consignado nas Constituições — é o direito ao sono. Ao sono absoluto, calmo, sem pesadelos nem estremeções, em silêncio e fruindo do respeito das pessoas acordadas. Quando D. Branca acordou Venâncio, ele sentiu que exercera esse extraordinário direito durante um tempo bastante longo. Teve mesmo o receio de que o sono fora longo demais e de ter ultrapassado um prazo. Por isso, num relance, decidiu a vida, assentou na solução. Tudo dependia de uma pergunta.

— Que dia é hoje, D. Branca?

— Sexta-feira.

— E que horas são, se faz favor?...

— Uma hora. Vamos a tomar o chazinho e as torradas...

Sentou-se na cama, mais aliviado que das outras vezes.

O cansaço que lhe importavam os movimentos era agora mais humano e Venâncio parecia ter-se libertado de uma âncora que o tivesse prendido aos colchões.

Não foi preciso D. Branca insistir. Venâncio trincou as torradas devagar, amolecendo-as na boca com pequenos goles do chá com leite. Tudo isto em silêncio, a atenção muito longe, o pensamento ponderando todas as coisas, numa atitude de quem está só.

— Quanto petróleo lhe devo, D. Branca?

— Não deve nenhum.

— Devo sim senhora. Dois ou três litros...

— Não, um litro, um litro só...

— Sim, um litro, é isso...

Imediatamente a grande dificuldade de executar o que concebera: a presença dela. Ela tentaria impedir, escutaria os ruídos, por mais para o fundo da casa que estivesse. Era preciso resolver a dificuldade sem demora, encontrar uma solução antes de acabar de comer as torradas. Lembrou-se de mentir, pedir-lhe que fosse a uma rua distante chamar alguém, um parente suposto. Mas isso repugnava-lhe. Uma mentira quando ia morrer? Incomodar D. Branca, fazendo-a sair à procura dessa morada inventada? Não podia ser.

Venâncio sentia-se pela primeira vez na vida um homem superior: enquanto todos os homens vivem ao mesmo tempo na tragédia de terem a certeza da morte como acontecimento fatal e na incerteza quanto ao momento em que a morte executa o fim da sua ronda, Venâncio sabia que ia morrer e possuía um documento que lhe dizia a ocasião precisa. A isto devia certamente a presente serenidade.

Escolhido para essa situação admirável, cumpria-lhe portar-se como quem era. Lembrou-se dos revolucionários que executam os reis, dos reis que não perdem a dignidade, que acenam ao povo e dizem graças aos carrascos quando já rangem os ferros da guilhotina. Assim lhe competia ser. Acreditando como os reis em que ninguém pode evitar que tudo concorra para a dignidade da sua excepcional pessoa, decidiu que a solução para a dificuldade viria por si, como melhor conviesse. E veio de facto. D. Branca disse:

— Tenho de sair, senhor Venâncio.

— A que horas?

— Daqui a bocadinho. É só vestir-me. Aproveito para passar pela igreja. E mandaram-me um cartão a avisar que estivesse às três horas na Câmara Municipal. Se precisar de alguma coisa...

— Não, não preciso de nada, muito obrigado. Vá, D. Branca, tem sido muito boa para mim como eu nem mereço... Coitada, sempre a incomodar-se...

Tinha acabado de beber o chá com leite e de comer as torradas.

Era o único alimento sólido que ingeria desde há semanas e fez-lhe bem, deu-lhe forças. Venâncio sabia que os moribundos, antes da morte, têm um tempo de lucidez, de vigor e de serenidade que é como um arrumar de contas entre o espírito e a matéria. Isto lhe estava a acontecer e era preciso aproveitar e começar já. Para não gastar energias inutilmente, reconstituíu com o pensamento os movimentos necessários para se vestir e calçar, precisou os lugares: o fato azul além, os sapatos ali, a camisa acolá e assim todos os pormenores.

D. Branca bateu à porta e entrou. Vinha vestida de preto, sapatos em vez das chinelas de sempre, o chapéu com uma pena e um casaco com golas de veludo verde.

— Demoro-me só um instantinho.

— Esteja à sua vontade e não se preocupe comigo, D. Branca.

— E o senhor veja se dorme para descansar.

— Hei-de dormir... muito... Fico-lhe muito grato pela sua... pela sua piedade...

Venâncio tomou a mão de D. Branca. Beijou-lha e D. Branca sentiu lágrimas frias abrasando-lhe a pele. Ele chorava envergonhado, escondendo a cara no lençol. D. Branca saíu do quarto lentamente e passados momentos Venâncio ouviu a porta da escada fechar-se. Estava só, podia começar.

Levantou-se. Tinha perdido o sentido do equilíbrio, de tanto estar preso à cama. Venâncio sentia-se socorrido por uma estranha

força interior e pela possante alegria de cumprir um último dever, de consumar a coerência da sua vida.

Agarrando-se aos móveis, trouxe para cima da cama tudo o que precisava. O quarto andava à roda e nada conseguia fixar precisamente, nada tinha contornos exactos. Sentado sobre a beira da cama, esfregando as articulações, respirando a haustos fundíssimos, vestiu-se lentamente. Que estranho mundo aquele em que estava vivendo! Descobriu que a posição das coisas é relativa às outras coisas e que há tanta verdade em dizer-se que a luz do sol vem de cima para baixo como de baixo para cima. Pôs a gravata preta. Vestiu o casaco. Tomou a bengala do avô. Deixou sobre a mesa de cabeceira todas as moedas que possuía, num gesto largo, instituindo D. Branca sua herdeira universal.

De pé, encostado à ombreira da porta, sentiu apego às coisas com que vivera. Olhou em redor a sua cama, a sua janela e chorou as segundas lágrimas da agonia.

Tomado de uma súbita resolução, saíu. Fechou a porta da escada e começou a descer. O importante agora era que a porteira o não visse.

A distância não era grande mas era íngreme. Isto trouxe-lhe preocupações sobre se teria tempo, pois previa a dificuldade da caminhada em que cada passo seria uma vitória. Conhecia bem o lugar, seu habitual passeio de outros tempos. Lá no alto uma avenida de sicómoros e depois o resto, e depois uma paisagem de ervas tenras com um rio azul serpeando desde o horizonte.

Aí era a meta. A seguir, percorridos uns carreiros, escolhida uma árvore, tudo seria fácil para ele e para os outros.

Se não se agarrasse às paredes, caminharia aos tombos; mas o seu maior sofrimento era a necessidade de não se denunciar. Uma das instituições socialmente assentes — e Venâncio sabia-o — é a

prática de um sentimento de dois gumes chamado caridade, óptimo e péssimo ao mesmo tempo para quem o pratica, óptimo e péssimo ao mesmo tempo para quem o recebe. A caridade não convinha a Venâncio. Há pessoas que, por deformação, por necessidade ou por vantagens sociais, andam pelas ruas e fazem telefonemas à procura de um lugar onde exercer a caridade. Um pobre homem sem forças, arrastando-se por uma calçada íngreme, era uma oportunidade excelente. Venâncio talvez lhes escapasse — pelos menos sentia-se merecedor dessa sorte. O caso da porteira (que constituíra um grave perigo antes de sair a porta da rua) resolveu-se satisfatoriamente, pois nem ela nem a filha estavam no cubículo. Havia também o perigo das pessoas conhecidas e dos polícias. Venâncio puxou o chapéu para os olhos de modo a ocultar o mais possível o rosto. E caminhando sempre, sentindo que as forças lhe começavam a faltar, sofrendo mais pelo receio de não chegar que pela angústia do esforço que realizava, aproximou-se da praça de táxis. Os táxis escuros estavam alinhados junto do passeio e os chauffeurs aos magotes riam com vozes violentas, tossiam e namoravam os transeuntes.

Venâncio parou para olhar o fim da subida. Uma claridade brutal inundou-lhe os olhos. Tudo andou à roda e Venâncio caíu pela primeira vez. Sentiu-se rodeado. Quando acordou, os chauffeurs dos táxis tinham-no levantado.

— Muito obrigado... — murmurou — não sei que foi isto... Já estou melhor... Não se incomode...

— O senhor não quer um táxi?

— Não obrigado...

— O senhor não pode andar... Apanhe um táxi.

Aquela voz não o aconselhava, dava-lhe uma ordem.

— Muito obrigado... Não tenho dinheiro...

Arrependeu-se imediatamente de ter feito esta declaração que o colocava no perigo de ver despertada a piedade deles e que era também uma traição a si próprio. A razão principal que levava Venâncio a não querer táxi era o aspecto de dever que tinha para ele aquela caminhada; a sua afirmação continha implícita a ideia de que só não apanhava táxi por não ter dinheiro. Mas felizmente não houve razão para preocupações. Os homens largaram-no e prosseguiu.

De roda, os movimentos normais duma rua. Venâncio não os via mas a sua memória reconstituía-os e levava-os nitidamente aos olhos. Mulheres de cesta na mão, homens sobraçando pastas de cabedal, mulheres elegantes, homens de bigode deixando nelas olhares lascivos. Ao longe, o ruído dos eléctricos, as buzinas dos automóveis. Há uma grande harmonia no movimento de uma cidade — pensava Venâncio. Ouviu as badaladas de um relógio de torre que as repetiu passados momentos, um som de sino repercutido nas fachadas das casas.

E logo de seguida, por um portal onde se encostara, veio o som vibrante de uma sineta. Era a escola. Uma grande algazarra, rapazes que saíam a correr e que levaram Venâncio no turbilhão. Venâncio caíu pela segunda vez. Esfolou um joelho. Ficou estatelado no chão sem chapéu, a camisa fora das calças, a bengala do avô espalhada nas lajes.

— Olha o bêbedo! — gritou um dos rapazes. — Olha o bêbedo!

— Olha o bêbedo! — gritaram os outros em coro.

Escarneciam-no. Venâncio permaneceu encolhido, sem os poder fitar, sem raiva, sem um movimento, enquanto o grupo excitado com outro sucesso se afastou. Uma mulher acercou-se dele:

— Magoou-se?

— Não, não foi nada.

Ajudou-o a levantar-se.

— Não se incomode, minha senhora. Obrigado.

A mulher explicou:

— Sou a professora. Selvagens! Amanhã vão-me ouvir.

Baixou-se para lhe apanhar a bengala e o chapéu.

— Oh minha senhora, por amor de Deus...

Tentou curvar-se sem conseguir.

— Muito obrigado... e... não lhes diga nada, são crianças.

Muito obrigado, minha senhora, eu vou só.

Bem apoiado à bengala procurou de novo a parede e prosseguiu. O sofrimento já não era trágico, Venâncio sentia-se habituado a ele. Suava em todo o corpo. E começou a sentir uma sede enorme, superável apenas por um oceano. O suor não lhe trazia apenas sobre a pele aquela desagradável sensação de cócega; consumia-lhe as carnes, secava-lhe as veias, já não tinha língua na boca mas um pedaço de sola. No meio deste sofrimento, o que mais lhe importava era ainda o receio de não chegar. Era preciso água. Venâncio levou a mão à testa para a exarcar de suor e bebê-lo. Mas foi pior ainda. Era preciso água. Pensou pedi-la a alguém mas seria chamar a atenção e Venâncio não o desejava. Lembrou-se de que mais adiante estava um prédio em construção onde havia torneiras (ou pelo menos um balde) e Venâncio pôs aí todas as esperanças. Reuniu as forças de que ainda era capaz para caminhar mais rápido, com a coragem de quem cumpre um desígnio fatal. Alcançou as pernas do andaime e divisou um bidão onde um homem metia um balde. Água, enfim! Esperou que o homem se afastasse e, as mãos em concha, bebeu sofregamente. A água era amarga como fel e era verde. Era água suja de tinta.

Novamente fez concha e novamente bebeu aquele fel cada vez mais amargo, sustendo os vómitos com uma vontade colossal.

— Assim é preciso — murmurou.

Continuou. A água recompô-lo um pouco e teve a sensação agradável do estômago cheio. Estava quase a chegar. Um pouco de esforço mais na rua íngreme e atingiria a sombra dos sicómoros, o gradeamento, a porta ogival, a sineta de bronze. Um pouco mais de sofrimento e chegava.

Sentia-se, por um mistério inexplicável, andar com mais rapidez. Esta impressão durou pouco tempo e Venâncio entrou nos momentos mais trágicos da sua existência. A rua tornava-se-lhe de repente muito mais íngreme. O sol abrasava-o. A certeza de que as coisas existem em equilíbrio desapareceu. Levantar um pé era como mexer um planeta. Caminhava arrastando os pés, esfolava os dedos no esforço de se apoiar à parede, parecia-lhe que partia o braço com a força que fazia na bengala. Deu assim algumas dezenas de passos que lhe pareceram milhares de quilómetros. Estava inundado de suores frios e quentes ao mesmo tempo. Chegou ao gradeamento. Uns passos mais e alcançaria a porta.

Parou a descansar, olhou através do gradeamento os mausoléus, as roseiras, as ruas alinhadas, longas e solenes, bem assentes na terra; o rio azul corria ao longe; os ciprestes apontavam o espaço. Tacteando as grades caminhou até à porta e entrou.

Passou a mão pela testa e a mão veio vermelha. Venâncio suara sangue.

Caíu pela terceira vez. Desmaiara. A mulher estava inclinada para ele.

— Porque não disseste logo quem és? — perguntou.

— Tu adivinhaste.

Deu-lhe o braço. Venâncio caminhou com a leveza que tinha junto dela, como se nada houvera acontecido.

— Custa muito morrer — disse ele. — Dá trabalho. O mundo marca os homens, cria-lhes apego às coisas e à vida...

— E viver é bom — disse ela.

— Quando há esperança...

— Mesmo que não haja esperança, vale a pena... O que é preciso é saber.

— E eu não soube.

Calaram-se. O cemitério estava deserto. Caía um sol ardente.

— Ainda bem que cheguei — disse Venâncio. — Tu é que o permitiste?

— Sim, fui eu. Desculpa, aumentei-te o sofrimento.

— Obrigado, muito obrigado. A minha morte não podia ser uma preocupação para ninguém...

— Há beleza nisso, Venâncio. Os homens devem morrer como viveram.

Chegaram a um extremo do cemitério onde já não havia mausoléus. Ela apontou um coval aberto. Venâncio olhou-a, sorriram. Ele encaminhou-se para a direcção que apontava o braço dela. Sentou-se na beira da cova, com os pés pendentes para dentro. Acenou um adeus, sempre sorrindo e desapareceu na terra.

No relógio da torre soaram as três badaladas das quinze horas.

OUTRAS HISTÓRIAS

Diabo em Terra de Gente

Um dia, o Diabo amassou na mão um pedaço de terra e atirou-o ao ar; o pedaço de terra caiu sobre umas montanhas. E no lugar onde caiu cravou um buraco a que os homens chamam vale.

Deus sobre aquele chão do Diabo quis plantar lindas flores e árvores enormes e luxúria para oferecer ao homem um espectáculo do seu poder: Deus é magnânimo em seus benefícios. E pôs a correr por cascatas e por veredas muitas águas férteis rumorejantes. Mas a terra é do Diabo e irromperam também fumos sinistros, vulcões e águas quentes, tudo a arrancar ruídos colossais e a dar aos homens a convicção da sua pequenez irremediável.

Sobre os montes que contornam os vales abriram-se grutas imensas que servem de escoadouro e uma ribeira, serpenteando entre penedos e apertados campos de ervas eriçadas, corre num sussurro ameno ou então, em Invernos onde é o Diabo quem impera, destrói montes e arrasa moinhos e habitações. Mas tudo está bem. Há os jardins naturalmente alinhados, árvores apontando o céu e há casas que os homens construíram. E para regalo de todos e conveniência das vacas e das lavadeiras, formou-se numa pequena cova do vale uma lagoa verde. O equilíbrio das coisas, sabiamente moldado na palma de uma mão infernal, infundiu uma grande noção de beleza. Mas um dia — a terra é do Diabo — o

fundo da lagoa levantou-se e as águas escaparam-se para outro lugar mais largo onde havia uma igreja, uma fonte de roda da qual as moçoilas dançavam em dia de orago, entre amendoins apregoados e estalar de foguetes. E ainda hoje, em certas noites, as moçoilas dançam sob a água e foi o Diabo quem as encantou. Depois, veio a sombra gótica de uma ermida, num extremo da margem, construída para túmulo de um marquês, dar às tardes um bucolismo sinistro, uma estragada intenção medieval.

Quando o Diabo quer, a terra deita fogo. Pelo menos assim conta uma velha muito velha. Tia Róia se chama e tem mais idade do que se pensa. Vive debaixo de um penedo na margem da ribeira e para ali foi morar quando em sua casa, debaixo da cama, o Diabo mandou rebentar fumos de enxofre e a água fervente de uma caldeira.

A terra continua a ser do Diabo. Mas os homens, a pouco e pouco, com matreirice e singular engenho, se foram apoderando do usufruto. Com a segurança de que a eternidade é qualquer coisa de antes do conhecimento para até depois que se deixe de conhecer (efectivamente depois da morte de toda a gente o mundo continuará sendo objecto de litígio entre o Céu e o Inferno), os homens construíram para seu uso hotéis, lindas estradas onde as árvores, ainda jovens, já formam túnel. E construíram sobretudo banheiras para tomarem banho. Há, dirigidas para essas banheiras e surpreendidas em buracos feitos no chão por qualquer simples dedo, águas azuis, águas transparentes como todas as águas, águas anacaradas que curam todos os males, limpam a pele de rebentações porcas e, segundo afirmações de um alemão de barba ruiva, soldam perfeitamente os rins a quem os tenha partido. E um dia, um advogado que quando chegava o calor ficava com a cara em carne viva e ganhava uma crosta que lhe diminuía o tamanho

do nariz, viu junto a uma fonte um burro a lavar a chaga que tinha numa das suas quatro pernas. E com a mesma água logrou remédio para as suas feias maleitas. As pessoas, sequiosas de virtude, se não a encontram nos homens encontram-nas nas águas. E por isso se dirigem para as banheiras, de manhã, com uma toalha debaixo do braço, enquanto em frente das banheiras as crianças brincam com arcos de vime branco, vigiadas por criadas de avental.

De resto, o beber muitas daquelas águas cria diarreias terríveis e hidrópsis (talvez isto não seja exacto, como muitas destas coisas, mas tem a sua beleza).

Aparecem às vezes artistas de teatro e cantores para divertir as pessoas ao serão. Um dia, um homem gordo foi dizer versos para todos gostarem muito e o Charlot em pessoa tocou a serenata de Schubert num violino feito duma lata de petróleo.

Há um padre, como em toda a parte — mas este padre tem um modo especial de tratar as coisas, um modo íntimo, que desperta nas coisas um sorriso. Usa uma veste entre sotaina e sobrecasaca e uns óculos de lentes muito grossas que o obrigam a andar apoiado às paredes. Os rapazes guiam-no quando quer atravessar a rua. Beijam-lhe a mão. A boa lógica mandaria que aquele padre tivesse a mão gasta de beijos como o pé do Senhor dos Passos, mas, por mais mentira que pareça, é com essa mão que atira rebuçados às crianças. Senta-se nos muros baixos e há uma compenetração na sua maneira de ouvir o gemer dos moinhos de água — que gemem de um modo especial para ele. Recorda-se muito do passado e viu romper estradas e rebentar caldeiras. Conhece a história das pedras e o drama das árvores — história aprendida com os olhos e com a imaginação e melhor que toda a cruel história do mundo — e escreveu tudo em sonetos bem medidos, com muita importância, como se escrevesse as

Termópilas. Pensa que Deus se exprime naturalmente em soneto e tem das coisas de Deus e do Diabo um conceito concordante com as escrituras e com os decretos de Roma, sim, mas a verdade é que escrituras e decretos só se conhecem pela retina e ficaram-lhe no coração fundidos com a massa que faz girar o sangue. Trazia as almas manuseadas e conhecidas como as contas do seu rosário.

Raras vezes saiu do vale porque o quis santificar: mas o vale santificou-o a ele. Ali aprendeu aquela linguagem deslumbrada de quem vê em tudo homem, Deus e Diabo a um tempo, identificados nos objectos e nas criações belas ou monstruosas da Natureza, tudo manifestação de uma inteligência sem desânimo nem exibicionismo, grande pelo seu valor misterioso, arquétipo de toda a beleza, de toda a inteligência e de todo o amor. Dir-se-ia um panteísmo sem complicações sistemáticas nem metafísicas enrodilhadas. Deviam recortar aquele padre da sua realidade, antes da morte e guardá-lo assim, místico e simples, para continuar anunciando aos homens aquele Céu de verduras, musgos e fontes cantantes como anjos e um Inferno com unhas de Diabo e labaredas, como as que descreve a tia Róia. Venha o que vier, a humanidade ficaria com um documento vivo do seu passado cosmogónico. “Tudo é simples”, exclama. “O que é preciso é ser bom e ir à missa”.

Desde sempre, até a vista consentir, caminhou até ao outro extremo do vale para beber certa água. Uma velha esperava-o enrolada no seu xaile para lhe emprestar um copo e, mal o padre acabava de beber, beijava-lhe a mão e retirava-se em silêncio. Neste momento a tarde já sabia que era chegado o fim e a noite começava a cair. Passeava depois por entre os vapores das caldeiras, debruçava-se para aqueles antros onde rugem pedras arrancadas ao mundo, águas ferventes e fumos de enxofre, tudo a

demonstrar a pequenez dos homens — e assim meditava e dava graças a Deus. Atravessava as ruas e recolhia a casa, ao seu sono.

Mas um dia, bem como a Europa e o mundo se assustam perante os comunistas e a Rússia, o padre teve um grande sobressalto. Iam construir um casino, e portanto ao seio das almas que pertenciam ao seu fervor vinham descer prostitutas, bailes, vinho, jogo, coisas do mundo de lá de fora, não manifestações da inteligência de Deus, mas criações do espírito humano, tocado do demónio, do desvairamento do sexo e de ambições torpes.

Sim, a terra é do Diabo — e sobre a terra cresceu o edifício. Foi então que soube da existência da indignação.

Os frequentadores dos casinos vão à missa aos Domingos. Mas indo à missa daquele padre escutavam essa coisa rara que é a verdade: que as senhoras não deviam pintar os beiços, nem as unhas, nem a cara, que a Natureza possui mais lindas cores que as perfumarias (e as senhoras limpavam-se a lenços e calçavam luvas); que os maridos deviam ter mão nas mulheres (e os maridos fingiam que tinham); que aquele templo só devia ser frequentado por pessoas decentes (e toda a gente se dizia decente); que quem não quisesse ficasse lá fora (mas toda a gente queria); que o Céu é para os bons e o Inferno para os maus (e toda a gente preferia o Céu). E quando ele já acreditava no seu apostolado, verificou que afinal tudo ficara na mesma. A indignação cresceu. A sua imaginação cheia de seiva daquelas árvores, minguou-se paralelamente ao desenvolver-se da sua dor. Ficou triste como por uma derrocada de toda a vida e deixou as ervas ruins arrancarem-lhe os pessegueiros da quinta. Depois, como se todas as ervas acompanhassem a devastação das suas almas, como se deixasse de haver ervas ou as ervas se negassem a seus olhos, cegou. Cegou

completamente. Foi um protesto brutal de quem prefere a escuridão às garridas formas de quadros monstruosos.

E vai morrer não tardará muito, descerá ao conforto leal do seu húmido saibro. Mas aparecerá, feito fantasma; aparecerá na frouxa substância das consciências. E, sentado junto à fonte, continuará anunciando que o reinado da tarde chegou ao fim.

Mar e Terra
Nos
Mesmos Olhos

Sentíamos a estranha solidão daquela ilha e tínhamos chegado havia um momento ao pé do homem de camisola cinzenta. Mais concretamente: estávamos sobre uma colina, entre uma paisagem próxima de montes e mar. O homem apontou os montes, lentamente, com um dedo estendido, e relatou firmemente, como no tribunal se relata o facto:

"Os senhores estão a ver aquele caminho? Era quase escuro da noite. Eu descia por ali, vinha sozinho do trabalho, com a enxada ao ombro e todo o dia tinha estado a pensar que o diabo não existe. Então comecei a sentir que a enxada pesava cada vez mais, como se o cão a puxasse. Deu-me trabalho deixá-la cair e antes de a ouvir bater na terra senti-me leve e comecei a voar, cheio de medo de abrir os olhos. Os senhores vêem ali aquele sítio onde o céu bate no mar? Bem, foi para ali que ele me levou. Foi para ali, eu vi: havia um risco, como o dum chão com uma parede. Abriu-me os olhos e disse: 'Estás a ver a terra?' Eu respondi: 'Estou.' Mas o medo aumentou porque a minha voz parecia-me a duma criança. 'Sabes onde estás?' Eu nem olhei em roda, respondi

logo: ‘Estou onde o mar bate no céu.’ Ele sacudiu-me e disse: ‘Então vai-te embora e não penses em tolices.’ E empurrou-me. Os olhos fecharam-se, julguei que os tinha colados. No tempo de rezar um Padre-Nosso, senti o chão bater-me nos pés. E logo a seguir um solavanco no ombro: era a enxada que voltava, levezinha como dantes. Então comecei a descer o caminho para casa, com muito medo de apressar o passo.”

A Invenção do Folclore

Era uma vez uma criança desautorizada pelo pai. Ou talvez melhor dizendo: era uma vez um pai desautorizado pela criança.

Logo ao dealbar dos sete anos, essa criança mimosa entrou numa escola em que o pai carinhosamente a matriculara. Porém, as ruas são um labirinto e a criança entrou pela porta de outra escola (que não era aquela em que o pai a matriculara). Aí ninguém a estranhou. Além do mais, a criança recebia gratuitamente um lanche diário e o ensinamento das primeiras letras.

As notícias e as provas que dava das actividades eram lindas. Passados meses, já escrevia com tinta e soletrava doutoralmente os títulos do hebdomadário local.

Um inimigo da casa, o dono do talho, que por motivos comerciais considerava a família daquele merceeiro ultrajante de imbecilidade, ficou muito contrariado com os progressos da criança. E visto que o merceeiro era um chapadíssimo cretino e a mulher um horror, o magarefe decidiu que por uma lua cheia que muito tinha que contar se falasse, a mulher engendrara a criança recebendo-a ilegitimamente de qualquer homem com dois dedos de testa. E proclamou esta verdade evidente e límpida. O pai da

criança soube do enxovalho e, homem de honra, não gostou. Decidiu então desagravar-se, segundo o costume da terra.

Aqui cabe e recomenda-se uma leve consideração sobre essa estranha coisa que é o folclore, de resto muito respeitável, pois tem facilitado a vida dos escritores sem imaginação. A característica mais engraçada é que ele persiste como folclore apesar de tudo. As invenções, a inteligência fortificada, a evolução natural das coisas, esbarram nessa curiosa muralha e as vestes esquisitas mantêm-se, como se mantêm certas práticas. Por mais pasmosa que a confusão geral se apresente nos próximos tempos, o folclore ficará.

Um pedaço de corda, um balde cheio de areia, dois velhos a tocar ocarina e uma mulher com um alguidar cheio de sangue de porco, eis os instrumentos que o folclore aconselhava ao pai da criança para desagravar a sua honra. Assim, seguiu em cortejo na direcção da loja do inimigo e assomaram às portas e às janelas as mulheres e os velhinhos; o povo capaz juntava-se à retaguarda e não houve comerciante que não fechasse a loja para ir ver; até o sr. Silveira, o respeitável, o capitalista, o conselheiro dos aflitos, se pôs a caminho e como vinha atrás, tolhido de reumático, mandava recados pelos que passavam à frente para que não começassem sem ele chegar. O merceeiro estava impaciente; mas impunha-se cortesia e aguardou a chegada do sr. Silveira. Logo que o viu furar pela multidão em semicírculo, bradou:

— Toque vossemecê essa gaita, ó sr. Trombudo.

Trombudo, um dos velhos, soprou a ocarina e libertou um som estranho, um soluço mal sentido. Com um toque de ocarina mandava o folclore começar o acto de desagravo.

O sr. Silveira, justamente considerado o mais competente e o mais prático dos desagravadores, sentiu arrepios desagradáveis

que o obrigaram a torcer-se quanto o reumatismo lho permitia e protestou contra a insuficiência do toque:

— Toca outra vez, Trombudo.

— Não é preciso — disse o merceeiro.

— Quem sabe aqui o que é preciso ou o que não é preciso, sou eu, vossemecê ouviu?

— Ouvi, sim senhor. Por quem me toma vossemecê? Isto era só para não demorar o acto.

— As coisas querem-se bem feitas — sentenciou o sr. Silveira.

— O desagravo assim não é desagravo, é uma trampa! Trombudo, toca outra vez! Mostra que és da antiga escola. Força!

Trombudo tomou tanto ar que parecia sugar a atmosfera; fez-se vermelho e um silvo colossal surpreendeu toda a gente.

— Aí, rapaz! Aí! Um toque destes consola o coração dum enforcado. Dêem palmas, caramba!

O sr. Silveira abraçou Trombudo, e quando diminuiu o ruído das palmas, o merceeiro rompeu em gritaria. Chamou ao magarefe nomes que num país de boa moral podem ser proferidos, mas não devem ser escritos, nomes que começavam por magarefe, ladrão, assassino da própria sogra que depois foi vendida em chouriços num arraial em que se abancou a mercadoria, sugador de muito sangue, perseguidor, assassino e carniceiro de cães e de gatos inocentes; acusava-o ainda de ter nascido de mãe pouco séria, de ter uma mulher que desrespeitava a fidelidade conjugal consolando todo um vizinho regimento de sapadores, e o espanto foi geral quando o merceeiro acusou o magarefe de dar ao próprio corpo determinados usos que a Natureza não previu exactamente. O magarefe, detrás do balcão, continuava impávido.

O sr. Silveira indignou-se:

— O que é que esse gajo espera para vir fazer o gesto? Caminhou em direcção à porta da loja, lentamente, por imposição do reumático, mas todos compreenderam que, se não fosse a doença, ele teria entrado como um cometa, rápido e luminoso. Altercou muito e dali a um momento voltou a aparecer congestionado de indignação. Parou no alto dos degraus e gritou:

— Meus senhores! E minhas senhoras também!

— Deixe seguir o acto, sr. Silveira! — implorou o merceeiro. — Deixe seguir o acto...

— Já dizia o meu avô: "Quando um burro fala o outro abaixa as orelhas". Agora é a minha vez de falar e é a vez de vossemecê abaixar as orelhas. Pois bem...

Uma grande gargalhada da assistência aumentou a indignação do sr. Silveira.

— Quem foi o grandessíssimo malandro descabelado que se começou a rir? Pois homem! Acham que isto é o momento de fazer graça? Acham que eu quis fazer de engraçado? Pois bem: fiquem sabendo que o magarefe endoideceu. Vossemecês sabem o que ele me disse? Disse-me assim: "Toda a gente sabe o que eu disse do merceeiro; toda a gente sabe o que o merceeiro disse de mim. Só há uma coisa a fazer: eu ponho-lhe um processo de difamação, ai ponho, juro que ponho, que até já mandei arrear o cavalo para ir ao advogado. O que o merceeiro tem a fazer é pôr-me também a mim um processo de difamação." Minhas senhoras e meus senhores — gritou mais forte o sr. Silveira. — Pela minha honra foram estas as palavras do magarefe, disse-me ele nesta cara respeitável. Então vossemecês não pasmam? Então onde é que vamos parar? Então isto é terra de gente séria, ou quê? Recorrer aos tribunais! Quando é que já se viu uma coisa dessas? Não! Os antigos ensinaram-nos que quem faz justiça somos nós próprios,

não são uns sujeitos que saberão muito de latim, mas que das nossas vidas não pescam patavina. Alto aí! Tribunal... Qual tribunal? Eh lá! Então o cortejo de desagravo não é mais completo? Então cospe-se assim nos cortejos de desagravo? Esbofeteia-se deste modo os desagravadores? Entrega-se a estranhos a Justiça? E os nossos pais que nos legaram este costume, coitadinhos, que estarão eles na cova a dizer de nós, que esquecemos o passado? Eu choro, senhores, eu choro de vergonha...

— Isso é que é falar — disse Trombudo. — Viva o sr. Silveira!

— Vivaaaaa!

— Assim é que é. Venha depressa a areia — ordenou o merceeiro.

— A areia já vai — acudiu o sr. Silveira. — Mas antes quero pedir que não deixem o magarefe sair para o advogado. Quem o vir em direcção ao advogado, a pé ou montado, tem sobre ele direito de morte.

— A areia — clamou o merceeiro.

— Primeiro é o toque — corrigiu o sr. Silveira. — Tocam os dois.

Trombudo acotovelou o outro velho e as duas ocarinas atroaram.

— Este som faz cócegas na espinha — murmurou, deliciado, o sr. Silveira. — Areia prá'qui.

Dois homens avançaram com a areia. Entraram na loja. Entrou também o merceeiro e logo o sr. Silveira. Através da montra as pessoas que se aproximaram viram-nos esfregando areia por toda a parte, no chão do estabelecimento, nos quartos ensanguentados dos bois que pendiam do tecto, nos diferentes ossos e carne devidamente classificados, dentro das latas de banha,

nos chouriços, nos alguidares de dobrada e de tripas. O magarefe assomou à porta:

— O da guarda! Isto não é de desagravar, meu Deus! Isto é estragar a mercadoria.

O sr. Silveira precipitou-se:

— O que é que disse este porcalhão?

— Disse que aquilo não era desagravar, era estragar a mercadoria — esclareceu um popular.

— Ah, certamente! Vossemecê devia ter vindo à porta fazer o gesto quando o desagravante acabasse de proferir as palavras. Vossemecê não veio. Logo, areia para cima das coisas de vossemecê.

— O sr. Silveira trata-me por vossemecê?

— Linguagem de cortejo de desagravo. Não há outra.

Dentro da loja, os homens tinham acabado a sua função e vieram.

— Pronto — disse o merceeiro.

Todos caíram em silêncio e olhavam o magarefe, à espera do que ele iria fazer. Até o sr. Silveira desceu os degraus para o ver com melhor perspectiva. O magarefe, atrapalhado mais pela força dos olhos que nele pousavam que por outro motivo, retirou-se sem palavra.

— Isto é que é cobarde — rugiu o sr. Silveira. — Três vezes cobarde! Nem agora fez o gesto...

— É ir buscá-lo — disse o merceeiro.

Tomou o pedaço de corda e foi buscá-lo, preso pelo pescoço. O magarefe, aflito de falta de ar, bradava como podia que a Justiça de El-Rei lhe valeria. E falava em voz desafinada de processos de calúnia e de ofensas corporais. Ameaçava-os a todos com a prisão e com a forca.

— Pespega-lhe com o sangue — aconselhou o sr. Silveira. — Ocarinas!

Foi um brado de ocarinas que se misturou a um ulular terrível dos presentes. As bocas estavam arreganhadas e cavavam anos de ódio não se sabe a quê, mas ódio, muito ódio. Estes gritos vinham dentro das palavras; contudo, as palavras não interessavam: interessavam os rostos e as vozes. Deitaram o magarefe por terra.

— O desagravo pede sangue! — gritou o merceeiro.

— Sangue! Sangue! Sangue! — gritaram todos e repetiam muitas vezes esta voz enquanto as duas ocarinas penetravam os urros.

A mulher que trouxera o alguidar de sangue, uma velha esquelética de feições marcadas e cabelo grisalho, levantou ao ar os braços nervosos e disse:

— Que o sangue desagrave o mortal. Mas se o desagravo não for por dentro e por fora, que a alma desse cão — e apontou o magarefe — vagueie sem parar da Judeia até à China.

Levantou o alguidar ao alto e lentamente foi correndo sobre o corpo do magarefe um fio pastoso de sangue de porco. Os homens esfregaram furiosamente o corpo do magarefe. Foram-no abandonando, mas ele não se levantou, talvez desmaiado, talvez moído dos golpes disfarçados que recebeu.

O sr. Silveira acercou-se do merceeiro e abraçou-o:

— Parabéns! Vossemecê foi desagravado e bem desagravado. Era assim no meu tempo.

E afastou-se, escondendo no lenço uma lágrima de saudade. Ia tão emocionado que o coração não resistiu. Quando voltava a esquina mais próxima, morreu de colapso cardíaco. Descanse em paz a sua alma, que o corpo morreu como devia, de pé e cheio de prazer.

— Não senhor! De mercearias perceberá o senhor. De História da Civilização percebo eu.

O professor sentou-se e traçou a perna.

— Um espectáculo medieval, como no tempo de D. Pedro, o Cru, ou de Ricardo Coração de Leão.

— São costumes...

— Costumes lindos, não haja dúvida. Mas o senhor nem teve razão. Ora diga lá: qual foi a causa do cortejo de desagravo?

— Toda a gente sabe: o que o carniceiro dizia de mim.

— Mas porque dizia essas coisas de si o carniceiro?

— Por causa da esperteza da criança.

— Esperteza da criança... onde?

— Na escola.

— Ora pois aí é que está. O seu filho não frequenta a escola.

— O sr. professor está a mangar... O pequeno escreve como um padre que até dá gosto ver e não anda na escola?

— O seu filho não pôs uma única vez os pés na escola.

— 'Tá a mangar. Então eu não tenho pago ao senhor?

— Tem pago, está tudo em dia... Prestações de matrícula, não prestações de frequência.

— Então ele não tem ido?

— Nem uma única vez, já lhe disse.

— Ah, mas eu estoiro o estupor, eu estoiro o ladrão! Onde é que já se viu uma coisa dessas?

Foi até à porta e chamou:

— Eh, rapaz! Vem aqui! O sr. professor desculpe, mas isto comigo é assim: arrebento-o!

— Calma, vamos com calma. Também não é caso para arrebentas, visto que a criança já escreve com tinta e lê os títulos no hebdomadário local.

— Quero lá saber... E onde é que ele vai aprender essas coisas? Talvez com o diabo... um filho meu a aprender coisas com o diabo! Não, sr. professor, não!

A criança entrou, muito sumida. O professor levantou-se e foi até à janela para não ver e assim demonstrou que nem todos os mestres se deliciam com o sofrimento de quem aprende.

Quando o merceeiro viu a criança, perguntou:

— Sabes quem é que está ali? É o sr. professor.

E deu-lhe uma bofetada. Depois bradou:

— Vou pôr-te na cama a panos de vinagre. Os pais têm ou não têm autoridade?!...

Foi-lhe batendo e foi-lhe falando, o ritmo das frases igual ao das pancadas.

— Então que pepineira vem a ser esta? Grandessíssima besta! Roubar o pai, desperdiçar o dinheiro, faltar à escola? Ó monstro! Então por tua causa eu fui fazer ao magarefe o que fiz e não tinha razão? Eu encho-te de nódoas negras! E agora o que é de mim? Com que cara posso eu aparecer ao magarefe ou a outra qualquer pessoa? Então tu obrigas-me a ir amanhã à porta do talho pedir de joelhos ao magarefe que me faça a mim um cortejo de desagravo e depois nem tenho o direito de fazer o gesto? Tu obrigas-me a isso? Ah, cão! Grandessíssimo cão!

— Chega e sobra — disse o professor.

A criança estava caída no chão e disse:

— Vou morrer. Só levo o desgosto de não ter feito exame. O meu professor não é este, é o outro porque no primeiro dia enganei-me nas escolas. Quando o meu pai se engana nas contas, diz: “É ómano”. Eu enganei-me nas escolas: “É ómano”.

E morreu.

— Está morto — disse o professor debruçado sobre o cadáver.

— Morto pela brutalidade de um pai indignado, como se estivéssemos no tempo de D. Pedro, o Cru ou de Ricardo Coração de Leão.

— Nunca na vida ninguém me desautorizou tanto como esta criança — bradou o merceeiro.

— Nunca nenhuma criança foi tão desautorizada pelo pai como esta — bradou o professor.

E saiu.

***

No dia seguinte foi o enterro. O professor da criança, o verdadeiro, fez uma alocução simpática informando que uma criança tão inteligente estava guardada para grandes desígnios, para Presidente da República ou — quem sabe? — para rei. Mas Deus não quis e Deus é um pai justo que sabe o que faz. Talvez até a criança já fosse príncipe noutra glória. E assim tanto fazia que ele estivesse morto ou que estivesse vivo: em qualquer das hipóteses era uma glória para a terra onde nascera.

O corpo desceu à cova. E durante anos a velha que lançara o sangue sobre o corpo do magarefe cultivou lírios brancos sobre a cova da criança.

Louros Cabelos em Sangue

A ilha ficou tinta de sangue. Dizia-se que as feiticeiras e o Diabo, quando dançavam nas áleas do cemitério, tinham uns passos que agora produziam na terra um som caviloso repercutindo logo nas pedras da rocha. De noite, andando pelos caminhos, os homens retardados nas suas lides do campo ouviam aqueles sons e tremiam; e houve quem jurasse que um fantasma de menina (a menina era loura e rosada neste mundo, mas era branco o fantasma) desfolhava as flores de um altar que o povo ergueu numa encruzilhada, dedicado especialmente à ocorrência. O padre, a propósito, fez preces pela remissão dos pecados humanos. E toda a gente viu que o lesto rodopio das aves agoirentas bailando entre as montanhas e as fragas do mar se mudara agora para um mistério imperscrutável que homens néscios queriam descobrir. “Outras desgraças virão”, diziam os velhos. “Só desgraças pode trazer a vida, só desgraças provêm do amor!” E o caso era de amor. E quem não ama não vive.

Um cego cantou uma toada alusiva de cima da sua carroça, puxada por um burro anão:

Desgraça nos trouxe o vento
Numa tarde enevoada.
Desgraça de amor, ciúme.
Rosa no peito esfolhada.
Choremos, irmãos, choremos
Pelo fio da navalha.

A trova era agreste. O povo vinha de manso rodear a carroça do cego. Em se aproximando o fim da trova, o cego tirava a mão da viola e punha-a sobre a cabeça de uma rapariguinha que o acompanhava na sua senda. Então já não era música o que lhe saía da boca mas um sentido ciciar, coisa mais triste que nenhuma:

O sangue rubro escorria
Pela cabeça dourada.
Pecado negro dos homens
No mundo não tem aguada.
Choremos, irmãos, choremos
Pelo fio da navalha.

Longa a canção, tremenda na toada de ladainha. Dizia pouco. Mas, pela toada, expressava o muito que o povo sentia; com os versos revelava o pouco que o povo pensava. Daqui o seu êxito. A rapariguinha, uma vez acabadas as coplas, afastava-se. O velho ficava com a mão no ar como se por debaixo ainda estivesse a cabeça dela, enquanto no meio do maior silêncio a pequena estendia o chapéu do cego à caridade do povo. Viam-se homens com os olhos rasos de lágrimas, como crianças. A colheita era grande. A carroça afastava-se processionalmente, a rapariga com o burro pela arreata. Então os assistentes se dispersavam, temendo o céu, o inferno e, sobretudo, os mistérios da noite.

E temiam as feiticeiras, que decerto se haviam metido no caso, após o qual a maldição que caiu sobre o mar — nunca mais se pescou um peixe por aquele Verão — castigo que não podia simplesmente originar-se nos factos humanos.

Pescadores na maioria, os habitantes daquele lugar. Manuel, pescador, filho e neto de pescadores, quando nasceu já sabia muito da ciência de filar o peixe e da habilidade de compor a rede. As garotadas, sobre as pedras do porto, as longas pescarias de caniço, ainda criança, empoleirado nos penedos da beira de água, a isca procurada entre as pedras da maré vazante, deram-lhe aquele contacto da pele com o sol e com os halos que enegrece o corpo, enrijece os músculos e faz pensar nesta coisa que é o mar, com atmosfera onde respiram peixes e no peixe ganha-pão e mata-fome. Para o pescador é necessária uma séria compenetração do ofício, o conhecimento, com a cabeça e com todo o corpo, dos hábitos dos peixes e dos cardumes, do nascimento à morte, do sono ao movimento. E os ventos, as nuvens, os nomes dos mares onde abundam as espécies, as marcas da navegação. Quanto ao mais, é preciso conseguir-se o tratamento de tio, prova cabal de promoção. Contribuem para isto os temporais e a coragem neles demonstrada. Então, sendo tio, a vida está garantida. Mas ai de quem tremer, porque toda a fama se vai no turbilhão de material narrativo que a realidade fornece e a imaginação compõe.

Já em criança, Manuel era preferido para serviços condignos com o tamanho: a baldeação, o dar à bomba a bordo das lanchas. Quando uns senhores vieram montar a fábrica, ficou ao serviço. Era azougado, e se o mar se negava a dar peixe, ia para a fábrica, fazia recados aos empregados do escritório e — sua maior atracção — divertia-se olhando as operárias e sabia os sítios onde elas, por necessidade do serviço, se agachavam de modo a verem-se-lhe as pernas até acima. Como pescador nunca teve os grandes atrevimentos que fazem os génios do ofício. Era um profissional que fazia respeitar o seu trabalho e nada mais.

Um dia, porém, vendo que a pesca ia mal parada, que as fábricas faliam e o povo não tinha dinheiro para consumir peixe, logo que pôde arranjou papéis e emigrou para a América. Deixava na ilha uma Ermelinda de olhos garotos a quem se habituara a apertar as maminhas, à noite, debruçado na cancela. Ermelinda, quando se despedia, chorou muito. Jurou-lhe que era por pouco tempo, mas quantas mais esperanças lhe dava, mais Ermelinda chorava. As mulheres são assim, funcionam às avessas. Na América, Manuel fez por esquecê-la. Mal arranjou dinheiro para a passagem de regresso, nem sequer pensou se seria coisa de pouco siso, veio abraçar-se à Ermelinda chorosa e beijou-lhe muito aqueles cabelos e aquele pescoço. Uma noite correram os dois por um beco que ia dar à praia e ali sobre uma rede fizeram um menino.

Casaram. A guerra rebentara, as fábricas recomeçaram a laborar e Manuel ganhava bem. Ermelinda era um louvar a Deus. Sempre grávida! Dera-lhe gémeos, as ancas enrijaram numa colossal curva onde se estampava a fecundidade daquele corpo. As costas arredondaram-se-lhe numa giba enorme, que Manuel às vezes ficava contemplando, inchado de vaidade. Ela já lhe dera dez filhos, todos machos. Esses filhos, no entanto, nem sempre resistiram. Por isso, diziam que seis deles estão no céu. A morte de tantos filhos não lhes deu grande desgosto. A curva nas ancas de Ermelinda continuava e continuaria. Ermelinda, embevecida, recordava os músculos de Manuel e a sua violência.

Mas um dia aquela barriga, sempre pronta, parecia emperrada. Nada no corpo de Ermelinda se modificara, a não ser que há seis meses que não emprenhava. Manuel, a princípio, sempre desconfiado quanto a coisas de mulheres (elas são uma espécie de buraco na escuridão onde nada se vê e donde tudo pode vir),

consolou-se e pensou que seria mania de fêmea — manientas são elas, até nas coisas que não dependem da vontade. Mas as noites e os meses iam passando sem gravidez, espinho terrível que lhe picava a alma. Andava de má catadura. E numa manhã uma grande dúvida o assaltou: tinha havido avaria, como nos motores das lanchas. E aquele motor era só de duas peças e essas peças chamavam-se Manuel e Ermelinda. Em qual delas a avaria? Em qual delas? Desvairava à procura. De repente, mirava o próprio corpo. O mais fácil, concluiu, é experimentar. Mas em quem? Em mulher solteira não, dava trapalhada. Rondou os olhos pelas mulheres do lugar. E viu que tinha razões para escolher. Teresa, que, quando o via passar à porta, metia com ele conversas matreiras. Era casada há cinco anos com um companheiro de lancha, um certo Ambrósio, um bom homem, e nunca tinha tido filhos. Uma noite, Teresa apareceu na praia sorrateiramente e deitou-se sobre a rede no mesmo sítio em que estivera Ermelinda, numa semelhante noite de lua minguante e de estrelas. E três meses depois tinha a prenhez à vista, já a barriga estava eminente, radiante. Ia vê-la e ficava a mirar-lhe o corpo. Falava também com Ambrósio, que andava feliz. Chegou o dia de Teresa parir. Manuel foi visitá-la, olhou para o berço: um corpo vermelhusco de menina. Sentiu o mesmo asco que sentia pelos filhos de Ermelinda. Depois, sem palavra, voltou as costas e foi embebedar-se.

Sentia-se novamente dono do seu valor.

***

Dois anos se passaram. Manuel nunca mais viu Teresa, fugia-lhe, evitava passar-lhe à porta e tinha um grande medo de ver a

filha. Quando encontrava na rua um magote de crianças, passava sem as olhar. Mas um dia, quando saltou da lancha, deparou com Teresa, mesmo ao pé dele. Trazia a filha pela mão. E ficou tonto porque naquela menina, olhos, nariz, cara, queixo, tudo parecia a cabeça de Manuel, em ponto pequeno. Ficou como se tivesse levado uma pancada na cabeça. Ambrósio neste momento chegou, levantou a criança e beijando-a disse para Manuel:

— Recebi uma herança da América. Vou dar-lhe estudos.

E seguiu ao lado de Teresa, com a menina ao colo.

Manuel ficou a pensar e a sentir dentro do peito uma moinha que lhe estragava a paz. Nenhum dos filhos de Ermelinda se parecia tanto com o pai. Experimentou uma sensação nova, como se a vida não parasse.

A menina cresceu e as semelhanças aumentaram, tão flagrantes que primeiramente as más-línguas e depois as boas se pronunciavam acerca daquela paternidade. Comentários de toda a banda, por palavras, gestos, olhares. Manuel andava aflito, sem ter coragem de enfrentar Ambrósio. E intimamente começou a criar-lhe ódio, o ódio que tem o proprietário ao ladrão. Passou a evitá-lo. Um dia disse-lhe:

— Não quero mais conversas contigo.

E não falaram mais. Mas uma tarde — as aves piavam e uma neblina de Verão cobria a paisagem e o céu — Manuel estava sentado no cais, fumando um cigarro. Ambrósio aproximou-se e disse muito delicado:

— Preciso falar-te.

Manuel olhou-o com raiva. A tarde estava no fim e tinha soado a hora da desgraça.

— Diz.

Começou a ver estrelinhas amarelas. Ambrósio falava, mas Manuel mal o ouvia; falava do que se contava e queria saber se era verdade. Manuel olhou para ele muito tempo. O queixo tremia-lhe e não via perfeitamente a cara de Ambrósio, mas uma mancha enevoada que lhe dissipava as feições.

— É — disse.

Ambrósio deitou-lhe as mãos ao pescoço.

— Ah, cão!

— Filho da puta!

Lutaram, dois touros em duelo e qualquer deles se podia medir de força com o outro. O rapazio aproximou-se.

— Corno! — rugia Manuel. — Grandessíssimo corno!

A luta prosseguiu em movimento rápido. Manuel viu-lhe esguichar o sangue pela boca e recebeu na cara os dentes de Ambrósio fortemente cuspidos. Ambrósio tombou de costas no chão, a cabeça sujeita entre as garras de Manuel.

Havia ali uma pedra que servia para prender as amarras das lanchas. Ambrósio já não fazia força. Então Manuel parou, esteve para o deixar assim vencido, mas satisfez um desejo enorme que lhe passou pela cabeça. E com uma voz abafada, um rugido por entre os dentes cerrados disse, ao mesmo tempo que para ritmar as palavras bateu com a cabeça de Ambrósio sobre a pedra em pancadas secas:

— Já eras corno quando nasceste! A criança tinha a minha cara e nunca viste! Corno!

E assim lhe contou tudo: como tinha sido com Teresa sobre a rede, e tudo o que ela lhe disse e que andava desejosa de macho.

Deixou Ambrósio sem forças, deitado no chão. De roda tinha-se juntado muito povo e Manuel estranhou que ninguém tivesse intervindo. Mas, limpando à manga do casaco a cara suja de

sangue e saliva, rompeu o cordão de pessoas, caminhou sobre as rochas em direcção à praia e deitou-se à sombra de um barco.

Ambrósio estava coberto de sangue, dentes partidos. Os homens puseram-no de pé, deram-lhe água a beber e depois deixaram-no só com os seus pensamentos, sentado numa pedra. Só via na sua frente Manuel, o seu modo ligeiro de caminhar sobre as pedras da rocha, como se não tivesse nada na consciência. Apetecia-lhe chegar à praia e com um pau, já que o não conseguira com armas naturais, zurzi-lo, cavar ali o seu ciúme. Misturavam-se-lhe no cérebro as imagens de Manuel, de Teresa e da filha. Da filha? Já não tinha filha! Era ela o objecto da sua vergonha, a causa palpável do seu ciúme, os seus cornos. Porém, mais nítida, desenhada como um monstro, apareceu-lhe Teresa, cloaca de mentiras e de fingimentos. E como um louco, sem obedecer a qualquer impulso de vontade, caminhava rapidamente no caminho de casa.

Todo o corpo lhe doía. Um joelho quase se negava a caminhar e talvez tivesse partido algum osso, porque uma dor partindo dali picava-lhe o coração. A sua raiva era mais forte, contudo, e caminhou em passadas cuja velocidade foi a pouco e pouco aumentando, até que as mulheres, as que ainda de nada sabiam, ficaram admiradas e a rir daquela correria. Chegou à porta de casa e entrou bruscamente. Parou no limiar porque não sabia ao certo o que ia fazer. Chamou Teresa com um grito aterrador. Ninguém respondeu. Avançou até à cozinha. A menina, sobre o capacho, brincava com uma boneca de trapos. Então, Ambrósio pegou nela ao colo e, dum modo violento que pôs a criança a chorar, beijou-a, beijou-a muito, beijou-lhe os cabelos, a cara, abraçou-a de tal modo que a pôs aflita, sem poder respirar. Os olhos de Ambrósio estavam cheios de sangue. Começou a ver as feições de Manuel

emolduradas por aqueles cabelos louros. Deitou-a sobre a mesa. E vendo ali ao pé a faca grande da cozinha, tomou-a na mão. Tudo era vermelho à sua volta.

Teresa correu aos gritos da filha. A criança estava ensopada em sangue, degolava sangue nos cabelos louros, sangue nas roupas de Ambrósio debruçado sobre ela, os olhos em chama na cara da menina, as veias do pescoço inchadas pelo esforço dum joelho sobre o peito para o sangue esguichar mais rápido das carótidas abertas.

Teresa correu à rua, gritando, e com palavras de pavor contou o que se passava. O povo acorreu armado de paus e de ferros, entrou de roldão para liquidar o assassino. Mas este esgueirara-se pelo muro do quintal e fugira. Andaram pelas ruas da aldeia, pelas rochas e pelos campos, à procura. Não o encontraram. Toda a gente pensou que nenhum homem poderia desaparecer assim. O diabo o tomara com sua força e o escondera.

À noite, homens mais afoitos continuaram a busca. Nem rasto! Mulheres que passaram pelo cemitério juraram que o viram sair de uma campa. Então o povo deu o caso por arrumado: Ambrósio fundira-se em negócios de diabos e de bruxas que, usando indecifráveis canais, no cemitério desembocam e por ali desaparecem.

Teresa ficou como doida. Manuel caiu de cama com uma febre. O mar negou-se a dar peixe. “Ano de desgraça” — diziam os pescadores. Olhavam o mar, apontavam os longes com gestos lentos. “Nem com a barca de S. Pedro” — diziam. Meneavam a cabeça e voltavam as costas às vagas.

O caso foi contado em todas as povoações da ilha e a criança chorada. E foi então que o cego apareceu na sua carroça puxada por um burro anão a cantar:

No peito nascem leões.
Rosa no peito esfolhada.
Choremos, irmãos, choremos.
Pelo fio da navalha.

Anos volvidos, sofreu fatalmente a crença de que as feiticeiras e o Diabo tinham assimilado Ambrósio. A polícia encontrou o assassino numa aldeia distante. Estava velho, coxo, sem dentes, deixara crescer uma barba branca e vivia do ofício de fornecer lenha para o forno que ia cortar por bardos e por matas. Ambrósio foi preso e julgado. O tribunal condenou-o a muitos anos de prisão, certamente até à morte.

Ficou encarcerado no calabouço da vila, uma cela baixa cujas grades rasavam a altura da rua. Durante um tempo, o povo ia gritar-lhe impropérios, apedrejavam-no através das grades e as mães proibiam os filhos de se aproximarem. Ambrósio chorava a sua sorte. E para atrair as crianças que amava do fundo da alma — porque amava a recordação da filha que tivera e que morrera assassinada por um homem vil — construía brinquedos, carrinhos de bois muito bem feitos, pintados de lindas cores, que ele oferecia aos garotos através das grades. Depois aprendeu a fazer matracas, arcos de vime, fisgas e outras coisas engraçadas. Teve muito sucesso quando inventou um macaco que mexia com o rabo e deitava a língua de fora. Divertia tanto as crianças que recebeu encomendas de toda a ilha. Era a sua nova profissão. Pelo Natal as mães iam comprar brinquedos para prendas. Ambrósio contava-lhes as suas mágoas. Elas compadeciam-se e rezavam por ele.

— Não sei que transtornos me levaram àquilo — exclamava, soluçando.

Recebia a visita de Teresa, sempre que esta podia ir à vila. Então Ambrósio dava-lhe todo o dinheiro que tinha ganho e ela levava-lhe as roupas para compor. Ambrósio perguntava pelos companheiros. E revia as pessoas, as coisas, os lugares, recordações antigas, longínquas, esmaltadas. Às vezes chorava as dores do seu negro remorso.

Teresa contava ao povo a transformação que se passara em Ambrósio.

— Tem poços de água naqueles olhos!...

As mulheres escutavam, incrédulas.

O cego vinha às vezes, na carroça puxada por um burro anão, repetir a sua trova:

No peito nascem leões.
Ciúme de alma pisada.
Choremos, irmãos, choremos.
Pelo fio da navalha.

Artur e Florbela

Artur e Florbela encontravam-se às escondidas dos pais no escuro das esquinas ou sob as árvores dos parques. Quando à noite aparecia algum automóvel, escondiam-se num portal, não fosse o pai de Florbela que já ia para casa.

— Vamos estar juntos? — dizia um deles para o outro.

Estar juntos significava apenas estarem os dois de mão dada, olhando o céu deitados sobre um maciço de relva.

Um dia foram estar juntos. As copas das árvores agitavam-se como numa tontura e sobre os ramos, saltitando, cantavam os pássaros verdes. Mas num momento as cabeças viraram-se. Os olhos fitaram-se. As mãos fizeram força e puxaram os corpos um para o outro. Beijaram-se. Uma ave passou entre os ramos num vagueante vasto vôo e caiu morta junto deles. Florbela estremeceu assustada e saíram.

Quando Florbela chegou a casa, era tarde. A *fraulein* veio com uma cara muito má e fechou-a no quarto escuro.

Conheceram-se na escola. Desde então nunca mais deixaram de andar juntos. Era filho de um jardineiro. O pai dizia todos os dias que era homem de muito brio. Andava de má catadura, e a não ser no dia de anos de Artur, que lhe levava sempre umas botas de couro amarelo e uma camisola para o Inverno e lhe dava um

beijo, um abraço e conselhos. Mas quando o via ao espelho a endireitar aquela madeixa teimosa, o pai dava-lhe um berro comparando-o com uma mulher.

Os pais entraram nas suas casas e disseram:

— Não pode ser! Não são da mesma classe. A filha do director de um banco não pode casar com o filho de um jardineiro.

Andavam vigiados. A mestre de Francês disse que a menina andava "esquisita". Artur nunca mais foi à escola. O professor declarou que não ia a exame. Madraço! Os outros foram avisá-lo. Mas quando o viram de saco às costas, arrastando as botas amarelas, muito magro, o cabelo grande e despenteado, os olhos que nem se sabia onde pousavam, não tiveram coragem. Saudaram-no apenas. Artur não disse uma palavra. Nasceu-lhe na cara um grande sorriso para os colegas que acabou logo. Artur seguiu. Viram-no dobrar uma curva do caminho, como um vagabundo.

Ia para os jardins. Olhava as pessoas. Olhava-as muito porque uma funda saudade o atirava para isso. Ficava depois olhando a relva pisada. As crianças corriam pelos jardins e nos jardins todas as pessoas tinham caras alegres. Às vezes, parava à porta do banco com esperança de ver Florbela; saíam homens de caras carrancudas e de rugas muito fundas, mas Florbela nunca. Há que tempos a não via! Certamente a tinham fechado num quarto escuro. As palavras dos pais vinham-lhe à cabeça, cada vez mais incompreensíveis: "A filha do director de um banco não pode casar com a filha de um jardineiro".

A praia era longe. Mas o sussurro do mar apetecia-lhe porque o envolvia tudo como o esquecimento. E a praia era boa, apesar do frio daquele Inverno, porque não havia ninguém. Um dia foi para a praia. No caminho encontrou um gancho de cabelo.

Dobrou-o em anzol, procurou vermes entre as pedras e foi pescar. Artur ficava um momento olhando o peixe que apanhara e atirava-o outra vez para a água. Continuava. A tarde vinha caindo e com a tarde o nevoeiro. Artur sentiu frio. Então a imagem de Florbela desenhou-se na superfície da água, com as suas cores rosadas. Artur sentiu um ímpeto de olhar para trás, não fosse a própria Florbela que ali estivesse, mas não pôde, teve medo de perder a imagem sobre as águas. Assim esteve um tempo. Com um esforço conseguiu voltar-se. Não viu ninguém. E quando tornou, numa ânsia, a olhar as águas, já perdera a imagem. Caminhou pesadamente na areia. Sentiu as pernas molhadas da humidade e do suor e saiu da praia.

Havia muita gente nas ruas que o levavam direito a casa. Preferiu afastar-se do caminho. Era uma volta muito grande, mas tinha a vantagem dos caminhos solitários e além disto passava diante de um portão de quinta, com uma trepadeira branca, onde costumava encontrar-se com Florbela. Sentou-se numa pedra. E os seus olhos ficaram parados no portão, naquele momento iluminado por uma lâmpada lá no alto. Ficou assim, os olhos absortos, habituados ao verde escuro do portão e às flores brancas da trepadeira. Então uma imagem apareceu. Era a imagem de Florbela. Encostou-se ao muro e ficou, quase transparente, sem peso para pisar o chão. Vinha com um vestido branco que Artur nunca lhe vira, os cabelos caídos, muito louros, e a luz da lâmpada salientava-lhe os contornos. As suas mãos pequenas tactearam o muro onde costumavam encostar-se. Era a primeira vez que a olhava, naquele modo de ignorar todo o resto. Sentiu desgosto de não ter feito outra coisa, nos bons tempos em que olhá-la lhe era possível. Era linda. A boca serena e vermelha como as mãos, os cabelos de ondas louras, a delicada cintura que tanto gostava de

apertar e lhe cabia toda entre os dedos. Mas agora estava muito magra, ainda mais distante, os vivos olhos azuis amorteceram e enchiam-se de uma água que os toldava. Ficou assim, sem ser capaz de um gesto, mas os lábios moveram-se sem ele querer:

— És linda, Florbela...

Florbela virou-se assustada, num movimento igual ao de quando morreu a ave. Artur pensou: "Ah! Se pudesse apertá-la, como dantes..."

Caminhou de encontro ao muro onde a imagem permanecia, um braço estendido, certo de que iria tactear as pedras onde se encostavam para sorrir, mas os dedos encontraram o flexível corpo de Florbela. Sentiu-o quente, encostado ao dele; a boca fresca beijou-o na face.

— Não tínhamos combinado... — ouviu ele.

— Não, Florbela, não. Tenho-te encontrado assim por toda a parte.

Continuaram a andar abraçados.

— A mestre de Francês diz que passa com o tempo.

Riram os dois. As ruas eram longas e escuras, com calçadas íngremes de pedras pequenas e escorregadias. Sem qualquer vontade que os guiasse, foram descendo até à beira-mar. Estavam numa avenida que marginava a encosta e se perdia longe, depois de um morro. Por aí caminharam.

— Florbela, teu pai pode mandar-nos prender?

— Pode até mandar-nos matar...

Uniram-se mais, braço com braço. As luzes da cidade ficavam para trás, iluminando as encostas numa subida tonta. A pouco e pouco deixaram de se ouvir os apitos dos automóveis e o burburinho que sobe das cidades. Os candeeiros que marginavam a estrada foram enfraquecendo, e só se ouvia o bater do mar contra

os penedos. Na baía havia barcos fundeados. Barcos de pesca, iates ingleses, e, do outro lado, na muralha do porto, um navio de passageiros donde vinha um sussurro de guindastes. O próprio barulho dos passos embalava aquela caminhada. Não houve palavras. O caminho começou a parecer-lhes desconhecido, pisavam-no pela primeira vez. Ou talvez fosse do nevoeiro que tinham ido a penetrar docemente, até só nevoeiro se ver em redor. Dir-se-ia um mundo de sons, um mundo de sons apenas, como se fossem cegos. Cada passo lhes era uma surpresa. Talvez nem pensassem, sequer. A caminhada demorou. Ouvia-se, longe, um piar de aves negras fingindo uma grande aflição e os ecos surdos por aquelas escarpas.

— Apetece-me sair daqui — murmurou Florbela.

— Mais um bocadinho, Florbela. Lá em cima estamos melhor.

Apontou para diante. O caminho começava a subir e de cima vinha um estranho revérbero. A Florbela, exausta, foi doloroso. Mas depois dos passos mais dolorosos que lembravam de ter dado, chegaram e debruçaram-se numa varanda donde se via, por sobre o nevoeiro e as nuvens, numa perspectiva inédita, as águas, o movimento do porto, as luzes da cidade e um arco de árvores seculares, tudo esmaltado e fixo como numa fotografia sem cor. Tudo estava dentro de uma neblina de que a luz conquistava devagar o espaço, mas sem conseguir realçar volumes.

— Estás magra, Florbela...

Ela sorriu. Caía sobre os dois a claridade lívida de uma casa construída ali, com um telhado que parecia nascer das rochas. Era uma construção estranha, as fachadas feitas com toros justapostos e em letras luminosas um nome: “CAFÉ FIM DO MUNDO”.

Quando leram estas palavras, Artur e Florbela fitaram-se, sorriram de um modo estranho e maquinalmente voltaram os olhos

sobre o mar. A água era pastosa, adormecida e nada poderia ser tão calmo como o fundo do mar, eternamente calmo como a circunstância daquela superfície, nada mais calmo que aquele lugar ali, trepado sobre rochas, em frente daquela estranha mansão chamada "CAFÉ FIM DO MUNDO".

— Tenho dinheiro — disse Florbela.

E depois de muito tempo.

— Vamos tomar uma laranjada?

Entraram. Deram uns passos no interior daquela gruta e fitaram-se. A luz dava-lhes uma cor de papel branco, sem sombras. Por detrás do balcão apareceu um homem de preto, sem sobrancelhas, com um pouco de cabelo branco a emoldurar-lhe a fronte e a calva, uns grandes olhos negros e um descamado sorriso de dentes escuros. O sorriso ficava-lhe fixo uma vez que nascia. Olharam em roda. Não havia ninguém. O tecto era muito alto, talvez da altura da escuridão, porque não havia propriamente tecto. Umas grossas amarras de barco sustentavam-se por si no ar a descrever ogivas em grandes desenhos calmos e deixavam abandonadamente cair as pontas sobre o chão. O chão não era de vidro. Era de água, se a água fosse dura, e rompia-se numa espécie de transparência que dava para uma miríade de pedras luzentes, de peixes fosforescentes que pareciam setas e de algas, tudo muito ordenado e profundo. As paredes dos lados eram formas estranhas, estalactites irregularmente verdes como limos a que se enroscavam coisas desconhecidas, parecidas com grandes serpentes mortas. O fundo era de rochas pontiagudas. A água corria em fios que luziam como papel de chocolate e contornava pedras vermelhas e fetos. A certa altura desse fundo surgia um carreiro de conchas e de búzios cujo vértice apontava uma luz, vinda do chão, iluminando um fumo que avançava às volutas e que

acabava no seu lugar de acabar sem que fumo algum dali se transviasse e ficasse suspenso no espaço: dir-se-ia que aquela luz roxa devorava aquele fumo.

Artur e Florbela gostaram de se ver assim espectrais como distantes estátuas de gesso. Gostavam de ser assim.

No ar havia uma temperatura firme que certamente coisa alguma poderia modificar. Sentaram-se lá ao fundo num canto que lhes deu uma impressão de coisa solitária e esperaram. Por detrás deles havia a junção das pedras vermelhas com as estalactites limosas por onde corria todo um fio de água como escamas cor de nácar. O estranho homem sem sobrancelhas avançou com um copo de laranjada. Caminhava em direcção a eles e movia-se como sobre rodas, sem um movimento do próprio corpo. Viram então que trajava uma farda esverdeada com desenhos de plantas submarinas e flores brancas, justa ao corpo como uma malha e sobre isto uma capa negra por fora e branca por dentro que o cobria até aos pés. Uma das mãos, a que caía ao longo do corpo, parecia um remo; ou talvez fosse uma mão a sustentar um remo que se escondesse sob a capa. De qualquer maneira havia ali uma indecifrável confusão de remo, de mão, de capa, de branco e de preto. O homem pousou o copo sobre a mesa. Nem Artur nem Florbela puderam desviar o olhar dos olhos dele porque se sentiam aliciados para aquela visão. Mas a mão lívida do homem foi pousar na mão de Artur, convidando-o a levar o copo aos lábios. Artur tinha a mão trémula. Bebeu. Então a palidez aumentou e nasceu, vinda de dentro, uma cor quase azulada que lhe tomou toda a pele. Pousou o copo e o braço estendeu-se sobre a mesa. Florbela, sem hesitação, pôs-lhe docemente a mão sobre a testa. Estava gelada. O homem teve um sorriso profundo mas calmo.

— Morreu — disse.

Florbela sorriu para o homem e muito meigamente para Artur. Então a fronte gelou-se-lhe; os olhos fitaram o imenso tecto-escuridão da gruta: os finos cabelos louros derramaram-se sobre o azul da camisola de Artur.

O homem envolveu-os na capa e assim ficaram emoldurados, como numa gravura. Uma corda saiu da sua ogiva e abraçou-os.

A Prima Clara

A minha prima Clara é condessa e vive actualmente em Hamburgo num palacete mandado construir por seu sogro em 1880. A edificação é rodeada dum jardim capitoso e o conjunto das casas com as árvores dá-nos uma impressão errónea, porque Clara, logo que casou com o actual marido alemão de nascimento, e foi habitar o palacete, provocou uma revolução no interior. Presentemente é bem arejado, de cores vivas; afeiçoada ao clima ameno de Portugal, Clara, que detesta Hamburgo, a sua falta de Primavera e os tons pardacentos, proclamou dentro de casa o clima que lhe convém. Além da temperatura controlada, tem uma série de aparelhos de produzir raios disto e daquilo que, mesmo em Hamburgo, lhe mantém na pele a cor tisnada da praia; as luzes da casa podem imitar o luar, o amanhecer, o sol-a-pino, o crepúsculo. Admirável ter-se liberdade bastante para fabricar um clima especial e conveniente! Não julguemos, porém, que Clara prescinde do exterior: sai todas as manhãs, visita à tarde o que lhe apetece e gosta de parties e de teatros. Faz questão de frequentar os mais duvidosos dancings das docas. No Inverno, patina no gelo do Alster.

É linda. Se Clara tivesse idade, eu diria que anda pelos cinquenta anos; mas com a pele maravilhosa e o ar magnífico de

quem nunca conheceu coisas torpes. E em todo o caso, antes de ser condessa, sofreu muito. Dois maridos, o primeiro dos quais, Frederico, a maltratava e lhe gastou até ao último centavo uma herança que recebera dos pais, após o que desapareceu para morrer na Argentina numa prisão; o segundo marido, comerciante na Rua do Ouro, alegando adultério de Clara — injustamente, afirma ela —, pôs-lhe uma acção de divórcio que ganhou levando-lhe o único filho, uma radiosa criança de três anos. Clara tudo suportou. Tendo descido à mais atroz situação, recusou, apesar disso, o auxílio que o segundo marido lhe oferecia, dado que não gostava de ver a "mãe do seu filho" suportar calamidades. Conheceu então o actual marido, conde de Fieldenstraff, resto, suponho, da aristocracia criada à pressa, por Guilherme II; conheceu-o por acaso, num encontro que não fora ela a combinar numa casa onde senhoras aflitas se encontram com cavalheiros que as usam, elegantemente fingindo que as não consideram prostitutas. Um ano depois, casou com o conde.

Apesar disto, Clara não ficou espezinhada por estas misérias. Suponho que delas conseguiu desviar-se através do seu sonho, um mundo admirável que possui, onde as coisas acontecem como ela quer e não como acontecem. Não um mundo cristão de compreensão mútua, nem de bondade santa, nem de qualquer moral destinada a interpretar a realidade das acções humanas; mas um mundo simplesmente construído pelo instinto, pelas paixões, pelos desejos, pelos apetites de Clara.

Para melhor elucidação contarei que, num Domingo, Clara estava em Lisboa, telefonou-me a perguntar se não me importava de dar com ela um passeio de automóvel. Caminhámos até à hora do almoço. Parou o carro em frente dum pequeno restaurante, ou

melhor, uma taberna melhorada que se mantinha sobretudo de servir os automobilistas durante a noite.

— Há anos — disse — comi aqui com Frederico um bacalhau delicioso.

— Queremos bacalhau — pedi eu à criada.

— Não temos. Só bifes e pescada cozida.

Olhei para Clara.

— Pescada cozida — disse ela.

A criada afastou-se.

— Para que hei-de negar? Tenho saudades do Frederico. Tenho sobretudo saudades de só conhecer um homem. Podíamos ter sido tão felizes! Casámos e fomos sempre tão francos, tão bons, tão compreensivos. Depois da morte de meu pai entreguei nas suas mãos a administração da minha pequena herança e nunca lhe pedi contas. Quando soube que já nada restava, foi uma surpresa. Mas isso não tinha importância. Julgas que é agradável ver uma pessoa que amámos destruir-se a pouco e pouco? Frederico acabou numa prisão, coitado! Mas porquê? Quem me dera saber porquê. Isto tem-me preocupado porque ele era bom, nunca encontrei melhor alma do que a sua. Quando aqui estivemos, Frederico, sentado nesta mesa, tão engraçado, tão simples... cheirando sobre a travessa o bacalhau que fumegava, olhou para mim com os seus olhos lindos, ao mesmo tempo cheios de gula e de sorrisos e exclamou: "Bacalhau é a coisa melhor do mundo!" Frederico dissera um disparate, um disparate ainda por cima de mau gosto, mas riu-se tanto por o ter dito que eu me ri também. E absolvi-o quando, sem a menor delicadeza comigo, rindo sempre, despejou para o seu prato, empurrando com o garfo, uma grande posta de bacalhau e uma montanha de grão e de cebola. Depois estendeu-

me a travessa. Isto que em qualquer mesa seria grosseiro, aqui, junto dele e do prazer que exibia, era delicado e divertido.

Clara dissera enlevada estas coisas, mas acusando ao mesmo tempo a mágoa de não serem exactamente como descrevia. Recordo que Frederico continuava a comportar-se à mesa como diante duma manjedoura; tenho a certeza de que a cena a que Clara aludia nada teve de romântica nem de sublime; Frederico procedeu certamente como um javali faminto.

— Não importa o que ficas a pensar de mim. Achas que é indecente uma mulher ter saudades do primeiro homem com quem foi casada? Oh, teria dado tudo para que o nosso casamento não tivesse acabado. Preferia todos os sacrifícios a esta mudança constante. Ah, se tudo se tivesse passado como eu sonhei...

A criada serviu a pescada, um peixe enorme, bem cozinhado, ainda com cheiro a maresia. O sabor era magnífico. Clara partiu e mastigou um pedaço.

— Não está bom, minha senhora? — perguntou a criada.

— Sabe a bacalhau — disse Clara, sorrindo.

— Oh, desculpe, minha senhora, eu levo e trago outra posta.

Clara quase se zangou.

— De maneira nenhuma! Eu gosto de bacalhau.

A pescada era pescada autêntica.

Eu adorava Clara e gostava de ficar conversando com ela horas esquecidas. Não admira que se me tornasse aliciante, a mim, que tenho feito da realidade quotidiana não só uma base de vida mas uma profissão de fé. Penso que a realidade é a mais fecunda fonte de conhecimento e de beleza, mas penso também que a realidade é mais extensa do que a querem fazer os papas duma estética actualmente *à la page*. Se aceitamos as responsabilidades

duma definição de realidade, não suspeitamos de que seja sintética. A realidade, porque o é, é analítica. A síntese que possa haver na maneira como se capta e se expõe deve atribuir-se, nunca a característica própria da realidade, que a não pode ter, mas a virtudes teoréticas, sistemáticas ou estéticas — legítima disciplina da criação e da crítica. Quem se alcança da realidade para fins de criação necessita de ser servido por um estilo. Quer esse estilo se baseie numa ideologia preconcebida, quer em cânones simplesmente formais, quer num mero desejo arbitrário, sem ele a realidade seria uma sucessão de coisas e materiais impossíveis de expor, sem forma compreensível e sem sentido. Felizmente para estes efeitos, Clara vem em auxílio. A crítica à realidade, Clara exerce-a do ponto de vista do seu sonho, como um católico a faria do ponto de vista da sua moral.

Não estou na hora de graves confissões, mas vem a propósito afirmar que a realidade me tem surpreendido imenso. Se a realidade existe, é um escândalo. Não quero a isto acrescentar muito; convoco para me fazer entender aquela espécie de aforismo que se ouve todos os dias e todos os dias se aceita (porque é evidente) como segura norma de bem viver: “Nem todas as verdades se dizem”. Este aforismo vem a ser afinal uma crítica semelhante à que Clara faz da realidade: simplesmente, enquanto que para Clara a crítica é feita do ponto de vista do seu sonho, a do aforismo é feita do ponto de vista da própria realidade; dá-nos, portanto, uma imagem retorcida, semelhante à duma vaca a mamar nas suas próprias tetas, ao contrário da imagem que nos sugere Clara com os olhos rasos de lágrimas, a viver nos astros que não possui. O funcionamento do tal real é a prova de que devo continuar considerando a realidade um escândalo.

Às vezes conto a Clara as histórias que penso escrever — e que acabo por não escrever (por falta de tempo, digamos assim).

Clara acusa-me então da minha "lente negra de aumentar". Ouve muito atenta as verdades pungentes que todos os dias vou descobrindo; mas quando lhe contei a história duns pais que para protestarem contra a fome todos os dias assassinavam um filho, Clara riu-se imenso. Disse-me:

— Acho isso bonito. Mas tu és um monstro. Não vês que é impossível descrever o que sentem pais que resolvem assassinar metodicamente um filho por dia?

— Clara, isto passou-se!

— Onde?

— No Japão.

— Ainda por cima no Japão... Calcula, não querias senão compreender o que sente um japonês!...

Expliquei-lhe que aqui ou além — não importa — a fome levou uns pais a matar os filhos. O que eles sentiam para além da fome não interessa comparado com a brutalidade do facto.

— Enganas-te — disse Clara. — Tenho a certeza de que esses pais amavam os filhos e preferiram privar-se deles a verem-nos maltratados pelo destino. Aparte isto, eram japoneses...

Invencível! Insinuava até que aliás valera a pena passar fome para que neste mundo fosse praticado mais um acto sublime! E ria-se.

— Pais assassinam um filho por dia! Ah! Ah! Ah!

— Porque te ris, Clara? É uma tragédia horrível?

— Não. É uma coisa divertida. A tragédia está em existirem pais, o que pelos vistos é exactamente o que não te interessa. Esse facto, como o contas, dá vontade de rir!

De outra vez contei-lhe que ia escrever uma história pungente e muito séria passada já não sei em que parte do país. A Câmara Municipal da cidade confiscara uns prédios antigos de propósito para certos capitalistas ali construírem prédios novos, ganhando com a transacção rios de dinheiro. Em consequência disto, os moradores dos prédios antigos ficavam desalojados e passava-se então uma série de dramas, desde o octogenário que se suicida por ver desaparecer a casa onde nasceu, até à pobre mulher que viveu toda a vida de alugar os quartos da sua casa que mantinha a renda antiga e que, dum momento para o outro, deixa de ter meios de subsistência.

— Isso também é verdade, claro... — perguntou Clara.

— Sim, é verdade. Palavra de honra.

— Quer dizer, essa gente chegou a velha sem nunca lhe ter passado pela cabeça que um dia lhe pregariam uma partida dessas. Com franqueza, é gente estúpida! Qualquer pessoa esperta deve compreender aos vinte anos que existe uma multidão de outras pessoas interessadas em fazer dela uma vítima. E a verdade é que a Câmara Municipal tem o direito de confiscar; os construtores são construtores para construir; os capitalistas são capitalistas para ganhar dinheiro. Tudo isto está mais certo do que a situação duma velha preguiçosa que se aproveita da desvalorização da moeda para subsistir.

— Clara, já não és capaz de te indignar?

— Não. Não temos direito à indignação. Nascemos para viver neste mundo e nada existe que não seja necessário. Nem a injustiça. Mas isto não é razão para desfalecimentos.

— E se fosses o octogenário ou a mulher que ficou sem meios de subsistência?

— A hipótese não me assusta. Já vivi na miséria e a miséria não é tão insuportável como a fazem os literatos e os políticos. Se isso me acontecesse... Bem, eu já dormi em bancos de jardim... Se isso me acontecesse, continuaria a pensar que a vida vale a pena ser vivida.

Era demais. Resolvi ser desleal. Tivemos esta conversa em sua casa, em Hamburgo. Lá fora, os flocos de neve caíam suavemente, sem uma ligeira brisa a agitá-los. O Alster gelara. Na sala em que estávamos caía uma temperatura de estio e uma luz rósea de crepúsculo mediterrâneo. Eu pedira licença para despir o casaco; Clara, estendida numa chaise-longue, descobria as excelências do colo entre tufos de seda cor de romã.

— Clara, se te confiscassem esta casa e tivesses de ir pedir esmola para a rua?

— É possível que venha a acontecer. Hei-de mendigar pelas ruas de Hamburgo até ter dinheiro para chegar a Lisboa, onde o clima é decente e se suportam melhor os reveses do destino. Não te preocupes comigo.

Assim me despojava das grandes ideias que lhe fora levar.

Deixou-me de mãos vazias.

Julgo que para Clara a beleza é feita de coisas tão pequenas ou tão grandes que escapam às dimensões de qualquer craveira humana.

— Não escrevas — disse —, não vale a pena. A realidade tem mais força que o que dela possas dizer; a fantasia é tão extraordinária que falar a seu respeito é limitá-la. Oh! A literatura foi inventada por pessoas que não tinham ocupação certa e precisavam de ganhar dinheiro.

Embora ao dizer isto Clara falasse do ponto de vista do seu sonho, mentia. Hei-de tirar dela uma vingança qualquer. O que ela

deseja é ter o exclusivo de sonhar o que lhe apetece e não tolera que esse reino seja dirigido ou usado por pessoas alheias. Ela quer entender a realidade como lhe convém e incomoda-a que outrem tenha uma maneira própria de a entender. Imperatriz das Nuvens! Hei-de um dia chamá-la assim.

Tenho pensado em Clara mais do que na morte. E nunca me esquecerei de que a vi rir à gargalhada quando lhe contei a história terrível dos pais que, em sinal de protesto contra a fome, resolveram assassinar um filho em cada dia.

Jornal Feminino, n.º 4, 15.01.1958

Viagem Sem Regresso

Inútil descrever as dificuldades que tive de vencer para conseguir passaporte. Um amigo com bons cargos hesitou a princípio, mas depois concordou em ajudar-me, apesar das circunstâncias.

O comboio partia de manhã. Na gare havia um pouco de todo o mundo e uma azáfama excitante, uma confusão de vontades e de olhares. Caminhei com a mala ao longo da plataforma e cresceu ainda mais um receio que já me assaltara. Uma pequena má-vontade, um acaso, bastava para que me pudesse considerar irremediavelmente perdido. Os olhos de toda a gente me pareciam suspeitos. Sabia que ali estavam a actuar polícias e sobretudo ganhou em mim um excessivo volume a circunstância de se terem reunido em Lisboa (e naquele momento a retirar) altas individualidades da política internacional. Quando acontece qualquer coisa como isto, suponho eu, as esquinas povoam-se de espiões, as potências mais antagónicas lançam as redes de investigação e surgem os traidores e as denúncias. Isto, pelo menos, foi o que persistiu na onda dos meus receios. Sobretudo a contra-espionagem. Um país bem organizado tem a sua polícia para actuar em casos destes. Naquele mesmo comboio — eu sabia-o — seguiam jornalistas, técnicos, todo o pessoal dos grandes

acometimentos históricos e a gare devia estar povoada de pessoas que colidiam excepcionalmente com a minha situação, que quereriam rever com cuidado o meu passaporte. Gostaria de ter adiado a partida, mas era arriscar ainda mais. Entrei no comboio e atirei-me para o fundo de um compartimento. Ali aguardei uns momentos. Não sei, nem é preciso, descrever o que sentia. Apenas direi que, quando o comboio partiu, sem que ninguém me abordasse, sem mesmo que alguém entrasse no compartimento, senti um alívio completo, qualquer coisa como a libertação ou a morte.

Já íamos longe e uma mulher entrou. Era loura, excepcionalmente bela, e a pele, inefável de cor e de substância, impressionou-me até à irritação. Trazia uma pequena mala que tentou colocar na rede, sobre os bancos. Contudo, os seus braços não lograram erguer o peso. Senti que me devia ter levantado logo no momento em que ela manifestara aquele desejo. Mas não conseguia executar qualquer movimento e mesmo quando a minha inacção deixava de ser talvez um descuido para se afirmar indiscutivelmente uma falta, eu continuava ali sentado, com a consciência da minha situação. Ela deixou cair a mala e sorriu. Pude então erguer-me. Fi-lo de um salto, agindo como por reflexo e balbuciei perdões. Sentámo-nos frente a frente. Olhei-a muito. Ela revelou em ser admirada um prazer que disfarçava em talvez fingida perturbação. Estava corada e inquieta. Olhou para mim, olhou os ângulos do tecto, olhou a paisagem, mas os olhos furtivos pousavam às vezes nos meus olhos ou no meu peito. Fiquei mudo, contemplando-a. Dela me chegava um aroma discreto simultaneamente de flores e de carne, denúncia de extraordinários requintes que desde há muito não pudera experimentar. Como aquilo era diferente de se andar a monte por campos e vilas! Como

ela era diferente das camponesas! Enfim, vencida a admiração, caí num rubor de adolescente diante da primeira mulher. Ela perguntou:

— Excusez-moi, monsieur... Parlez-vous français?

— Oui.

Sim, eu falava francês e ela sabia-o. Mas porquê, meu Deus? Porque falaria eu francês? Porque seria aquela mulher uma francesa e não uma russa, uma japonesa? Não me apetecia conversar. Sobretudo tive a impressão de que falar com ela me era perigoso. Mas perigoso porquê? Esta pergunta martelou-me insistentemente os ouvidos, muito dolorosa no pequeno tempo que durou. Levantou-se. Eu estava sentado junto da janela no sentido do andamento e a paisagem desenrolava-se num panorama de ervas verdes e passava veloz. Ela titubeou não sei quê e disse que a paisagem passando ao contrário a entontecia. Desviei-me delicadamente, levantei-me e esperei que ocupasse o lugar que me pedia. Fiquei a seu lado, temendo que ela falasse.

— Chamo-me Hélène.

Antes de dizer o meu nome um pensamento me percorreu. Um instinto fez-me dar-lhe um nome falso.

— Jorge.

Ela riu, riu muito. Mas porque ria ela? Uma manada de touros pastava nas campinas e um bezerro retouçava.

— É tão estranha, esta cena... — sorriu. — Vivo sempre na cidade... É português?

— Sim...

De que modo me fizera aquela pergunta! Rapidamente, fitando-me com uns olhos que me queriam obrigar a responder sem demora. Fora certamente uma curiosidade inútil, porque tive a percepção de que aquela mulher sabia a meu respeito tanto como

eu próprio. Senti por um lado o desejo de não lhe dizer mais palavra, mas, por outro lado, chegava-me dela uma extraordinária atracção. Tinha-me convencido de que era francesa, mas a pronúncia pareceu-me estranha.

— E a senhora?

— Sou...

Hesitou um momento, mas logo, com decisão:

— Sou belga.

Uma longa consideração de assuntos políticos veio-me imediatamente à ideia e pus-me a integrar a Bélgica na comunidade das nações. Entretanto, fixei nela o olhar e continuei uma incómoda e inevitável ponderação sobre as relações entre os povos. E aquela mulher ali à minha frente possuía uns olhos extraordinários. Murmurou:

— Gostava de saber se o seu francês é puro. Os portugueses falam tão correctamente as outras línguas...

Realmente, até àquele momento eu quase só tinha pronunciado monossílabos e reconheci então que o à-vontade de convivência que encanta as mulheres vem duma longa prática de hábitos sociais, que eu perdera. Por mais contraditório que o facto seja com os meus princípios, há-de reconhecer-se que uma mulher bem vestida, de cabeleira bem tratada, bem perfumada, desfruta de uma superioridade notável nas relações sociais. Esta constatação perturbou-me. Mas consolei-me notando que a sua testa denotava uma inteligência superior.

— Para que quer saber?

— Simpatizo consigo. Vamos ter tanto que dizer um ao outro... Terrível para mim.

— Perdão — murmurei. — Não suponho que... as nossas relações sejam diferentes das... de qualquer cavalheiro... num comboio... à frente de uma senhora estrangeira e... e...

Procurei ansiosamente a palavra. Ela esperou sorrindo.

Concluí involuntariamente:

— ... e loira.

Ela riu, eu também, por contágio, e este riso deixou-me aliviado. Oh! Como é agradável estar-se à vontade diante de uma mulher!

— Mais c'est admirable, votre français...

Explicou-me então e pediu-me desculpa: o tanto que tínhamos que dizer um ao outro fora apenas uma frase excitante para que eu falasse, perdesse aquela timidez. Seria lamentável que numa viagem tão longa perdêssemos horas de camaradagem, nos deixássemos atulhar num tédio, porque precisamente o homem, a quem incumbia ser afoito, não se sentia à vontade. E falou, falou muito. Falou com malícia (supus que com intenção) dos meus olhos desconfiados que fitavam tão amiudadamente a porta e a paisagem, o leve tremor da mão com que entreguei o bilhete ao revisor. E comparou-me com outras pessoas:

— Não há indivíduos... Os tipos temperamentais são um facto, perante circunstâncias reveladoras.

E continuou a falar. Eu admirava-lhe a voz bem timbrada, o modo correcto e sem precipitação com que proferia as palavras.

Tinha-me virado para ela, sentara-me apenas na borda do banco e encostara a cabeça à mão, o cotovelo à almofada e assim lhe bebia as palavras. A sua altiva eloquência dominava-me.

— Você gostaria de ter a certeza: essa ambição é o seu mal. Se aceitasse...

E falou ainda mais. Mesmo as ocupações seguras, o funcionário público, o banqueiro, todos devem ter a honestidade de reconhecer que nada sabem do dia seguinte.

— Não assistiu ao que foi a Europa durante a guerra. Directores de bancos, industriais, aristocratas, teriam mandado prender quem lhes dissesse que passados dois anos eles teriam que transpor centenas de quilómetros a pé, debaixo de neve, com os filhos nos braços, as balas a rondarem-lhes o pescoço...

Tinha um sorriso na boca, mas nos olhos passavam-lhe como num filme silencioso todas estas terríveis coisas. Concluiu:

— Depois desta guerra há coisas em que não é justo acreditar-se.

Mirou-me longamente.

— Quem é o senhor?

Eu não respondi logo. Ela tinha a princípio despertado em mim desconfianças. Nenhuma das suas primeiras palavras me agradara e sobre todas elas deixei cair grandes dúvidas, mas agora infundia-me uma confiança involuntária. Pelo menos assim me pareceu. Revelara a sua inteligência, o seu *charme*, tudo isto de um modo amplo, sem recusas. Nada poderia ser do que eu pensara. Mas subitamente assaltou-me a suspeita de que uma profunda fascinação me dominava. Era perigoso. Ela notou o meu silêncio. Tocou de leve com a sua mão na minha e disse:

— Desculpe... fui indiscreta...

— Não.

— É turista?

— Vou fixar-me no estrangeiro.

— Drama? — perguntou dum modo pitoresco.

— Não. Tragédia. Sufocação.

Ela pareceu entender tudo.

— Se o senhor encarasse sinceramente a vida como uma aventura, estava sereno. Nada a mim me pode tirar a serenidade... nem a vida nem a morte. Não há procura nesta minha alegria. É natural.

— Tem família? — perguntei a medo.

— Tive — e sorriu como para uma coisa longínqua.

— Morreram?

— Sim. A casa foi destruída num bombardeamento. Eu tinha ido ao cinema depois de uma zanga com meu pai que era antiquado e me considerava excêntrica.

Disse isto com muita simplicidade, com um dramatismo natural, mesmo um sorriso, como se os homens não tivessem o direito de recriminar ou lamentar o que acontece.

— Êtes-vous toute une révolution, madame?

— Mademoiselle — corrigiu e teve um indecifrável menear de cabeça. Senti imediatamente que a pergunta fora de provinciano. Havia nela uma austeridade tremenda porque vinha de um tom peculiar, como se fosse natural estarem de braços encostados, num compartimento de comboio, dois mundos diferentes sorrindo um para o outro. Havia naquela mulher uma clara beleza no seu corpo, beleza nas suas palavras. Eu afirmei:

— Os portugueses são muito sentimentais.

— Porquê? — perguntou.

Não lhe respondi.

— O sentimento incomoda — e fez uma agradável careta.

— Nunca amou ninguém?

— Amei. Gostava de meus pais... Quando tinha vinte anos gostei muito de um homem.

— E agora?

— Adormeci.

— O quê?! Já não se sente capaz?

— Mais do que nunca. Mas não tem acontecido. Mera questão de facto.

Houve no modo como disse estas coisas uma grande amargura, qualquer coisa que se ligava a um íntimo sentido. Ou talvez me estivesse a mentir... olhei-a com embaraço. Ela mirava a paisagem. Atravessávamos um rio com um castelo na margem arborizada.

— Lindo! — exclamou. — E muito antigo?

— Século doze. Dos tempos da Reconquista.

Apetecia-lhe parar e descansar, subir às ameias, contemplar dali a paisagem, a história. Afinal, a pressa dos comboios, apesar da comodidade, trouxe também uma subserviência. Eu não liguei importância a essas palavras e não foi como resposta que murmurei:

— Temos muito que falar... parece-me.

Ela olhou para mim e fixou-se numa atitude.

— Falemos.

Ficou à espera de uma palavra minha. Mas eu não tinha palavra. Olhou abandonadamente a paisagem. Se pudesse pôr a mão sobre a mão dela, tudo estaria resolvido.

— Só poderia amar... — disse muito lentamente. E parou.

— Continue.

— Tenho a sensação de que sou sempre a culpada... E casado?

— Divorciei-me.

— E agora... Saudades?

Quando disse esta palavra em português, com acento estrangeiro, teve um olhar que ironizava todo um país, um povo completo, um sentimento nacional.

— A gente habitua-se. É difícil, mas por fim...

— Incompatibilidade de génios... crueldade mental... adultério?

— Um pouco de tudo.

Sorrimos.

— Vive só? — perguntei.

— Há perto de nove anos.

— Difícil?

— Conforme os pontos de vista. Tenho ganho dinheiro apenas com a inteligência.

Pus sobre a dela a minha mão e acariciei-a para dizer:

— Desculpe. Foi um mau pensamento o meu.

Murmurou muito doce, muito simples:

— É natural. E daí... talvez haja coisas piores...

Calámo-nos. Estávamos solidários com o contacto das nossas mãos.

— Vai para... Paris, é claro...

— Sim — respondi apenas porque tinha outro pensamento.

— Tem amigos.

— Conhecidos apenas. Hei-de recorrer a eles a princípio. Levo algum dinheiro...

— Conheço lá muita gente. Se quiser...

— Gosto de si — disse-lhe.

— Percebi que o deslumbrei. Não tem importância, já estou habituada.

Mas não tirou a mão da minha apesar da dureza com que disse estas palavras. Eu retirei a mão ostensivamente.

— Porque faz isso?

— É lógico.

— Porquê?

— Não gosto que me tolerem.

— Dava-lhe prazer.

— Talvez.

— Não minta, Jorge.

— Não me chamo Jorge.

Ela riu.

— Ah! Mas é um grande mentiroso.

— Tive medo que você fosse...

Não completei a frase porque ela riu ainda mais. Levantei-me e rápido, quase malcriado, dirigi-me para a porta.

— Jorge! — gritou. — Não se chama Jorge, mas... venha aqui.

Sentei-me em frente dela.

— Porque se ia embora?

— Na verdade chamo-me Eduardo.

Um momento depois, continuei.

— Você é daquelas que quando vê um tabuleiro de xadrez e dois jogadores felizes, embebidos na partida, chega-se ao pé deles. Eles põem-se a olhar para si, deslumbrados, sem poderem desviar de si os olhos. Entretanto, mistura lentamente as pedras e volta-lhes as costas...

— Você é mau, Eduardo.

— Não.

— Está convencido de que sabe tudo?

— Tenho experiência.

— Não acredita em surpresas.

— São tão pouco prováveis...

Recostou-se mais no banco e com um modo brutal:

— Há pouco ia sair. Eu pedi-lhe que voltasse. Peço-lhe agora que siga...

— Hélène, você é uma pessoa difícil.

— Não sou. Vai, saia, tome um café que lhe faz bem. Depois volte.

Durante aquela conversa tinham-me abandonado os receios provenientes da minha situação irregular. Porém, sair do compartimento, seria de algum modo alterar o estado de coisas que me acalmava e esta perspectiva perturbou-me novamente. Ela com certeza o notou porque se levantou para me acompanhar. Seguimos pelas coxias até ao vagão-restaurante. Sentámo-nos e pedimos café. Ofereci-lhe o maço de cigarros.

— Nunca fumo.

Fumei sozinho e não trocámos ali outras palavras. Voltámos. Os corredores estavam desertos mas numa plataforma, um polícia, de pé, fumava. Fiquei com um medo súbito, inevitável e insensivelmente, num gesto por que depois me condenei, escondi-me à passagem por detrás da minha companheira. O polícia olhou muito e entrei à frente de Hélène no compartimento, esgueirando-me. Estava aterrado e murmurei:

— O polícia ficou a olhar para nós...

— Ficou — respondeu. — Nem os polícias são insensíveis às minhas pernas.

Depois tomou-me o pulso como um médico.

— Que lhe aconteceu?

— Nada. Desculpe.

— Conhece o *Crime e Castigo*? — perguntou. Nunca lera o romance, mas vira no teatro.

— A expiação... Mas você é infantil, Eduardo.

— Cobarde, não é verdade?

— Apenas infantil. Os receios são sempre inúteis. Desculpe a pergunta: houve... crime?

— Creio que não. Questão de ponto de vista.

E sentámo-nos. Eu estava à sua frente. A paisagem agora corria por montanhas próximas, num vale verdejante.

— Nunca neva aqui?

— Não sei — respondi.

Eu precisava dela. Não havia dúvida de que a segurança que me infundia me era necessária. Ela sorria para mim. Depois, como se estivesse a desabafar, como se fossem palavras inevitáveis, proferiu:

— Gosto... de me interessar por si.

— Porquê?

— Apesar de todas as coisas há em si uma certa...

Buscou a palavra.

— ... uma certa virgindade.

Eu talvez devesse dizer-lhe qualquer coisa, mas um pressentimento obrigou-me a calar-me.

— Gosto de si — disse ela passado uns instantes.

Senti-me noivo. Era um noivado vago, que eu aceitei prontamente. Aceitei-o com uma alegria que me era completamente nova, de olhos fechados. Disse com consciência de que me saíssem palavras pela boca:

— Só nos falta o beijo.

— Devagar. Ainda há tempo para tudo.

Continuava a fitar-me. Havia muita calma e julgo poder afirmar que tudo levou um grande tempo, tudo me parecia lento. Senti perfeitamente que a paisagem passava lá fora muito mais veloz do que o normal e aqueles momentos foram sabiamente ritmados pelos solavancos do comboio, pelo monótono bater dos êmbolos e até pelo zunir dos rodízios sobre os carris.

— Não quer sentar-se a meu lado?

Era precisamente o que me apetecia, sem que sozinho pudesse precisar tal apetecimento. Ficámos de mão dada.

— As coisas aconteceram depressa demais. Tenho medo.

— Não tenhas medo, Hélène.

— Julgo que devo ter medo. Descansa, não é de ti.

Chegámo-nos mais um para o outro, àquela súbita intimidade do tu e assim ficámos em silêncio, sentindo o inédito calor dos nossos corpos que imediatamente identifiquei com uma sensação antiga como o existir. Não nos olhávamos. Eu, pelo menos, revia coisas que pertenciam a outro mundo, porque tive a sensação de que a vida se me dividira em duas partes, precisamente antes e depois daquele compartimento. Já me habituara ao seu estranho perfume. Nem a sua beleza me impressionava já. Fiquei com a certeza de que mesmo que aquela mulher fosse feia, mesmo monstruosa, estaria igualmente ligado a ela. E alterou-se inteiramente a noção de tempo. Tudo tinha acontecido em três horas, três horas cheias de mundos, como nem anos de vida. Porém — ou talvez por isso mesmo —, a situação definiu-se-me com uma delonga de anos, com uma intensidade que me perturbava. E já lhe era íntimo.

Ela pensou e depois falava do seu medo dos acontecimentos.

— Há anos que não me interesso por nenhum homem.

Eu olhei-a com desconfiança. Ela recebeu lealmente este olhar.

— Porque mentes, Hélène? Se me dissesses que... ainda esta noite tiveste uma linda aventura... não gostaria menos de ti.

— Juro.

Depois continuou a falar. Quando os homens vêem uma mulher assim "fatal" atribuem-lhe grandes mistérios de amor. Em geral essas mulheres são mais cândidas que as burguesas. A sua

experiência é relativa a outras coisas e a pureza aparece sempre no momento próprio.

— Tu olhas para mim e imediatamente me atribuis a obrigação de dormir todos os dias com um homem diferente.

Fiquei sem resposta e apertei-a mais nos braços. Pouco mais quisemos conversar. Olhávamo-nos e beijámo-nos. Matei saudades de um corpo flexível. Dormimos ali mesmo, não quisemos utilizar o *wagon-lit*. Na fronteira não foi posta objecção alguma ao meu passaporte. Continuámos a viagem cobertos de amor. Eu fiquei estupefacto, embebido, incapaz de uma ideia e os meus receios de ser apanhado desvaneceram-se completamente por causa dela, senti-o bem. Ela falava mais do que eu e fazia projectos. Viveríamos em Paris, saberia mover o mundo dos seus conhecimentos para me arranjar uma situação. Seríamos felizes.

O comboio rodava por monótonas paisagens. Continuámos no compartimento agora ocupado também por outras pessoas, espanhóis tagarelas e um senhor muito magro, vestido de preto, com uns grandes olhos papudos que rolavam à flor da face. Aquele homem enojava-a e tive a impressão que me olhava insistentemente. Saíamos amiúde do compartimento, encostávamo-nos nas vidraças do corredor e falávamos muito. Ela referiu-se a alguns seus amigos. Falou sobretudo dos que me seriam mais úteis. O primeiro seria o gerente de uma livraria.

— Vamos fazer uma lista — sugeriu.

Eu procurei um papel. Não o encontrei e escrevi no maço de cigarros o nome do amigo, a direcção, a livraria.

Depois, a rectificar o tom em que dissera estas palavras:

— Para teu bem, é claro.

Depois de um silêncio ela apertou-me o braço e murmurou, fitando-me:

— Gostas de mim?

— Porque perguntas?

Ela disse esta coisa intraduzível:

— Oui, c'est une drôle de chose...

Mas era bom de ouvir. Não aumentava qualquer certeza nem diminuía qualquer receio. Mas, enfim... era bom. Qualquer coisa como a música. Para ela a música não tinha um porquê. Mas possuía uma discoteca bem fornecida na sua casa em Paris.

— Vamos viver os dois... Preciso tanto de um pouco de felicidade... Querido...

Encostou-se a mim, de um modo discreto, extremamente sensual.

— É tão fácil prometer, Hélène...

Censurou-me:

— Essas palavras são para os desesperados. E sabes a impressão que tenho? Que as coisas ganham outras cores, desde que nos conhecemos. É tudo tão diferente... A vida não é tanto uma aventura inconsequente, como eu pensava...

Fiquei a pensar naquelas palavras e afirmei:

— Afinal, o único fim somos nós mesmos... parece-me...

Assim ficámos. Depois, com os olhos abertos cheios de água:

— Nunca quiseste saber nada de mim...

— Não é preciso, amor. É melhor assim, uma confiança cega.

— E tu, que sabes tu de mim?

— Que te amo. E chega.

Sorriu. Ficámos calados. Não provocávamos estes silêncios, mas eram cheios de um sabor agradável.

— Nunca tinha pensado nos portugueses. Agora junto de ti, vêm-me à ideia maresias... aventuras... religiões...

Fez uma pausa.

— ... madeiros sobre as águas... naufrágios...

Calou-se de novo. Fitou-me com uma expressão extrema mente dolorida, como eu nunca a supusera capaz.

— Que foi? — perguntei.

— Nada... Para um náufrago, uma tábua nem sempre é a salvação. Às vezes é um conforto e nem por isso é menos desejada.

E concluiu lentamente:

— Saberei o que é a saudade... Os homens adoram o prazer de se iludirem...

— Que estranhas coisas neste momento, Hélène.

— Tudo existe — murmurou.

Entrámos no compartimento. A fronteira estava próxima. Ela procurou na carteira o passaporte e eu passei os olhos pelo meu. O comboio parou. Tínhamos de levar as malas à estação. Descemos.

Seria natural que me assaltassem novamente os mesmos receios, mas tal não acontecia, certamente devido à presença dela. Tudo o que se passava entre nós acalmava-me extraordinariamente. Se não estivesse a seu lado, certamente que o medo me impossibilitaria qualquer acção. Passei a considerá-la secretamente a minha segurança. E já via os empregados da alfândega sorrindo para a sua beleza, admirando-me por estar a seu lado, por lhe levar a mala.

A porta de entrada da alfândega era muito ampla e abria para uma sala de largura razoável, mas de um comprimento imenso, excessivo. As paredes eram caiadas de branco e iluminadas por luzes fortes de tons amarelados. Longe, do lado oposto à porta por onde entrámos, havia uma escada muito alta que dava para uma porta, sobre a qual li em caracteres negros a palavra escritório, em francês e espanhol. Em todo o comprimento da sala, à nossa esquerda, corria um grande balcão, protegido de varões de aço

atrás do qual se azafamavam funcionários fardados. Amontoava-se ou movia-se uma enorme multidão açodada e os altifalantes colocados no tecto a berrar ordens em diversas línguas, o alarido de todas as vozes, reboando no tecto imenso, espalhavam uma grande confusão, dir-se-ia que cada pessoa aborrecia a presença das outras.

Aproximámo-nos do balcão para vistoria das malas e ocupámos o primeiro espaço vago que encontrámos, talvez a meio da sala. Aguardámos alguns minutos. Hélène não me falava, parecia muda, as feições fixas como um mármore, como se eu lhe fosse inteiramente desconhecido. Eu contemplava-a, sem me atrever a dirigir-lhe palavra. Mas enervava-me a longa duração daquele silêncio. Então dos lados da porta por onde entrámos vieram uns gritos, cresceram nitidamente umas vozes violentas. E uns passos ritmados de patrulha que avançava reboaram no enorme vazio da sala, como uma tempestade por cima das nossas cabeças. Hélène devia ter sido a única pessoa que não se moveu. Era uma patrulha de polícia que avançava devagar, abrindo caminho entre a multidão e vinha dirigida pelo estranho homem vestido de preto que se instalara no nosso compartimento. Caminhava nitidamente em nossa direcção. Senti-me empalidecer. E sem saber bem o que fazia, afastei-me e tomou-me a sensação terrível de ter um excesso de sangue dentro do crânio. Sabia que estava a aparentar a maior calma, sem perceber de que forças me socorrera para isso. Compreendi que a minha prisão era inevitável. O lado da sala para onde fugira — exactamente oposto àquela por onde a patrulha entrara — não tinha nenhuma porta e a escada que conduzia ao escritório era a única saída. Compreendi a inutilidade de subir a escada. Mas qualquer coisa, talvez um instinto, me impeliu. E surpreendi-me no alto dos degraus, depois de os ter

subido dois a dois, com a certeza de que todas as pessoas que ali se encontravam apinhadas olhavam para mim naquele momento, levantavam para mim os dedos estendidos e ouvia nitidamente o violento ruído dos passos soando e cada vez mais próximo e mais forte, reboando cada vez mais. Tive de conseguir um esforço especial para me voltar para todo aquele mundo que me acusava. Olhei e verifiquei que pairava um silêncio medonho naquela sala enorme, onde julgava ainda ouvir um grande alarido e estalar de passos. Pelo contrário, tudo estava realmente silencioso. A patrulha parada, em sentido, no lugar do balcão onde eu estivera. Um oficial tomava das mãos de Hélène o passaporte. Folheou-o. Depois deu uma ordem. Dois polícias agarraram-na pelos braços com gestos brutais. Ela disse qualquer coisa, certamente um protesto. Os homens largaram-na. E seguiu lenta, digna, serena, caminhando como uma deusa, superior a insultos entre os oito polícias de espingarda ao ombro que batiam fortemente com os pés.

A azáfama prosseguiu, igual, como se nada de especial tivesse acontecido. Eu fiquei um momento, atónito. Depois desci os degraus temendo que fosse chegada a minha vez. Fui assaltado por uma súbita espécie de coragem que nunca sentira nem adivinhara. Sorri para toda a gente, distribuí agradecimentos muito espectaculares e um minuto antes do comboio partir subi para a carruagem, instalei-me, debrucei-me na janela. Não pensava em nada e senti uma completa impossibilidade de coordenar ideias. Por mais extraordinário que isso pareça, não me era presente nenhuma das coisas extraordinárias que se passaram naquela viagem, naquela alfândega.

O comboio pôs-se em andamento. Um grupo de pessoas na plataforma dizia adeus para uma janela sequente à minha. Nesse

grupo estava uma linda rapariga ao pé de uma senhora de idade, certamente a mãe; loira — quinze anos talvez, talvez vinte —, olhos de azul transparente, húmidos; erguia o braço e agitava no ar a mão delicada; na cara um sorriso simples, mas magoado. Sim, aquele sorriso era profundamente magoado. E em toda ela vivia uma ingénua resignação.

Quando partem das estações, os comboios vão a pouco e pouco aumentando a velocidade, ao mesmo tempo que cresce o ruído dos rodízios sobre os carris. É estranho que assim aconteça. Porque não o contrário? Pelo menos foi o que pensei naquele momento.

Então apeteceu-me um cigarro. Tirei o maço do bolso. Estava ali escrito o nome de um homem, a adresse, o nome de uma livraria, tudo simultaneamente nítido e indistinto como numa hesitação.

Grande Aventura Trágico-Lucrativa de Mathias Koningberg, Industrial, mas Essencialmente Pai

Em 9 de Outubro de 1956, Mathias Koningberg soube, pelo telefone, que lhe havia nascido o 194.º filho.

Em 5 de Janeiro de 1958, Mathias Koningberg inaugurou o restaurante a que deu o auspicioso nome de "Ingénua Felicidade".

Em 9 de Agosto de 1963, a família de Mathias, segundo proclamaram os jornais, e de acordo com a sua estatística privada, era composta apenas (além dele próprio e não contando com o elemento feminino adulto) por 24 crianças, embora, desde o dia 10 de Outubro de 1956 a 8 de Agosto de 1963, Mathias tivesse mimoseado o género humano com:

Crianças do sexo feminino	41
Crianças do sexo masculino	28
Crianças bissexuadas	1
	Total 70 crianças

Faltaram, portanto, à família de Mathias, desde 5 de Janeiro de 1958 até 8 de Agosto de 1963, 240 crianças.

O desaparecimento destas crianças foi oportunamente comunicado à polícia e a outras corporações, instituições e autoridades competentes, e indicadas pelo pai as causas mais prováveis, conforme a lista abaixo transcrita:

Crianças desaparecidas	29
Crianças raptadas	45
Crianças do sexo feminino entregues, por coacção, ao governo duma nação inacusável, para fins inconfessados	49
Crianças soçobradas por falta de resistência	94
Crianças assimiladas, parece que por uma bruxa	23
Total	240 crianças

A nação inteira, magoada, posta ao corrente através da Imprensa, magnífica e exemplar, chorou o desaparecimento de tantos filhos de Mathias.

A família Koningberg notabilizou-se, entre todas, pela quantidade de sofrimento por estes factos produzido. Chora-se e chorar-se-á a sua dor, o seu desgosto e a resultante melancolia.

Causou a mais extremosa emoção a declaração feita por Mathias ao enviado duma agência noticiosa, segundo a qual, reduzida à penosa situação de possuir tão limitado número de

filhos, se veria certamente obrigado a modificar as coordenadas de sua vida e da sua actividade.

Entretanto, o restaurante "Ingénua Felicidade" obteve a medalha de Grande Mérito Turístico e a sua fama universalizou-se devido a um requintado petisco de sabor fascinante e misteriosa composição.

Em vista disto, Mathias Koningberg enriqueceu. Nem tudo neste mundo são desgraças.

Polícia e Talvez Ladrões

Ao Mário Cesariny de Vasconcelos e ao seu
Discurso Sobre a Reabilitação do Real Quotidiano

Enquanto fiquei na bicha à espera do carro eléctrico com lugar sentado — porque o trajecto é longo e não suporto empurrões — deram-se certos acontecimentos que há toda a vantagem em narrar.

À minha frente na bicha estava um casal de jovens — ela com uma criança ao colo e ele ao lado, triste e impassível, com chapado aspecto de pai. Havia à frente destes duas senhoras (a bicha estava formada a dois). Uma das senhoras estava perfeitamente alheia à criança e à mãe da criança, enquanto que a outra fazia muitos

sorrisos para a mãe e para a filha. Pensei que a senhora afável talvez fosse avó do pequerrucho, mãe do homem com chapado aspecto de pai ou mãe da mãe da criança. Essa senhora afável disse:

— Que lindo menino!

— É uma menina — respondeu a mãe, forçando um sorriso de mãe convencida.

Assim me desenganei de minha suposição acerca do agregado familiar da senhora afável. Pôs-se ela a fazer umas festas à menina, tomou-a ao colo e deu-lhe muitos beijos. Era repelente e obsceno. A senhora cabisbaixa que estava ao lado da muito afável murmurou, de modo que toda a gente ouviu:

— Que grande porcalhona!

A outra volveu:

— Pois saiba que sou mais limpa que...

— Não, não — disse a primeira —, não me referi à senhora, referi-me à criança.

Isto foi dito num tom tão agressivo e tão oposto à inconsciência da menina que levantou entre as pessoas um indescritível sussurro. A imobilidade já durava ali havia algum tempo e a brutalidade daquela mulher era bom pretexto para uma actividade.

— Que culpa tem o anjinho? — perguntou uma mulher gorda, de cesta, atrás de mim.

— A culpa não é do anjinho — disse a outra. — É da mãe do anjinho.

Uma estupefacção geral, como se aquela mulher fosse bruxa e tivesse transformado a criança em elefante. Mas foi pior do que isso:

— Sou avó da menina. Gosto muito dela, mas obrigam-me a ter-lhe nojo e a não lhe poder tocar.

Todos os olhares se fixaram no homem com chapado aspecto de pai, ao lado da mãe da criança. O homem pareceu sempre imperturbável e apenas rodou a cabeça e deslizou os olhos pelas pessoas da bicha quando se sentiu tão persistentemente fitado. Toda a gente ficou à espera de qualquer coisa vinda dali. Mas duas filas à frente um homem falou:

— Sou o pai da menina. Não quero discussões, prefiro não verificar.

A meu lado estava um cavalheiro de aspecto muito respeitável, notavelmente bem vestido, uma daquelas pessoas que não deviam andar de carro eléctrico. Era de estatura diminuta. Um olhar vivo lhe bailava a todo o momento, penetrando tudo. Este cavalheiro respeitável disse, com uma voz surpreendentemente grave:

— Aquele senhor, pai da criança, deve ser um cobarde.

— Chamaram-me cobarde? — perguntou o outro.

A senhora que tinha nojo da criança disse:

— Chamaram, sim, filho. Foi aquele cavalheiro pequenino.

Apontaram para os meus lados, mas eu fiz toda a diligência para ficar imperturbável.

— Vou partir a cara a esse cavalheiro que me chamou cobarde — gritou o pai da criança.

Mas reconsiderou e disse:

— Cavalheiro, não.

— Atreva-se! — disse em ar de desafio o cavalheiro pequenino.

O outro ia atrever-se. Mas antes de sair da bicha, disse:

— Este lugar é meu. Ninguém o ocupa.

Disse aquilo com plena segurança nos seus braços. Afastou-se. Era enorme e vaticinei para o cavalheiro pequenino uma hecatombe definitiva. Na bicha, tudo estava petrificado. Admirei-me de não surgirem aqueles indivíduos heróicos que gostam de evitar a luta corpo a corpo, sempre honesta, mas tive imediata explicação: formara-se uma vaga de simpatia pelo pai da criança e o cavalheiro pequenino era alvo da antipatia geral. O homem avançou direito a mim. Surpreendi-me a apontar como numa denúncia de que hoje sinto vergonha e a dizer:

— Este... cavalheiro é que se referiu à sua... sua... falta de coragem...

— Fui eu, sim senhor — gritou de lá de baixo o cavalheiro pequenino com uma afoiteza enorme. — O que é que vossemecê quer?

— Bater-lhe! — disse o outro como em melodrama.

— Bater-me? Tinha mais que ver!

Meteu a mão no bolso do casaco muito excitado, nas pontas dos pés, gritando cada vez mais, continuou:

— Quem prefere não verificar é um cobarde. Comigo não admito discussões. É assim mesmo.

Parecia histérico. A sua voz tornou-se muito aguda. Vendo que o outro ia entrar na ofensiva, tirou o cartão e gritou:

— Sou da polícia!

O outro deitou-lhe um olhar de desprezo cósmico e voltou imediatamente para o seu lugar. Formou-se na bicha um silêncio cheio de insinuações e tive nojo do cavalheiro pequenino ali a meu lado. Olhei para trás num acto de honestidade, a ver se poderia trocar o meu lugar na bicha, ocupando o último lugar, mas verifiquei que perderia a grande vantagem daquela espera. E a

verdade é que alguém teria de ficar ao lado do cavalheiro pequenino.

— A minha situação ao lado desta senhora é puramente acidental.

Fez uma pausa, atreveu-se a olhar em redor e continuou:

— Sou empregado da Mala Real Inglesa. Não gosto de discussões. Vou apanhar um táxi.

Dirigiu-se apressadamente para a praça dos táxis.

— Afinal de contas — disse a mulher que tinha a criança ao colo —, esta menina cheira a pó de arroz e leite vomitado, como todas as crianças de colo...

— E a mijo — afirmou a avó.

A outra senhora fungou e disse:

— Um pouco. Mas nunca ouviu dizer que chichi de criança é mijinho do menino Jesus?

A avó foi categórica.

— Há oito dias que essa preguiçosa não lava a filha.

— Gosto da minha filha como ninguém. Não posso consentir que me ensinem quando devo lavá-la.

Neste momento chegou o carro.

— Que maçada! — disse o respeitável cavalheiro pequenino da polícia a meu lado. — Isto agora é que ia começar a ficar bom!

E ria, esfregando as mãos.

Então todos entraram no carro. Cada pessoa comprou o seu bilhete, excepto o pai da criança que comprou quatro: um para a avó, outro para ele, outro para a mulher e o último para a senhora que ficou com a criança ao colo.

A certa altura do percurso a senhora depôs a criança nos braços da mãe porque tinha de sair na próxima paragem. Umas paragens adiante saíram os outros três. Eu continuei por mais

algum tempo, cheguei à paragem em que tinha de sair e saí. Eram horas de jantar e fui para casa.

Reparei que o respeitável cavalheiro pequenino da polícia ficara no carro.

O Patamar do Lixo

Vale de Pias é uma vila encravada nas faldas da serra, coberta de neve no Inverno, com o frio a entrar nos ossos, enquanto no Verão o sol queima rijo e a gente deseja a milagrosa multiplicação dos rios. Existe um pouco de tudo em Vale de Pias e também um presidente da Câmara Municipal, que tem o aspecto de já o ser antes do nascimento e se tornou depois totalmente consciente da sua posição, como se não pudesse ter outra. Vale de Pias pensa exactamente como o seu presidente e retribui-lhe em amor o amor que ele tem à sua terra natal. Dir-se-ia uma cidade grega dos tempos primitivos, um conúbio perfeito e quase místico entre os que obedecem e os que mandam; onde as tarefas foram distribuídas, e muito bem, pela mão omnisciente dos deuses. Isto e o ar ao mesmo tempo circunspecto e galhofeiro do dr. Cernelha granjearam-lhe a grande fama de que dispõe e notabilizaram-no como doador de benesses e alegrias a toda a população.

O dr. Cernelha possui, em extremo grau, uma virtude muito conveniente, que o sublimou aos olhos dos concelhos vizinhos; ninguém como ele sabe arrancar subsídios ao Governo. É preciso um arco de ponte? Um canteiro de jardim? Um fontanário mais abundante? O dr. Cernelha entra no comboio sempre com o seu ar circunspecto e divertido a caminho da capital e, passados dois

dias, volta com o crédito necessário. Nunca aos presidentes dos Municípios limítrofes o dr. Cernelha ensinou os segredos do sistema. Mas de tanta eficiência Vale de Pias aproveitou singularmente, pois hoje a vila sente-se melhorada com pavimentos de paralelepípedos regulares, a electricidade ilumina a rodos as casas por dentro e as ruas e as crianças gozam da comodidade duma creche magnífica. Há tempos, círculos suspeitos de má-fé, propalaram que a vila de Vale de Pias explora o Governo. O dr. Cernelha tratou-os como quem eram, despeitados e invejosos, e riu-se da insinuação.

— São parvos — exclamou uma noite, no Café. — Julgam que eu faço fosquinhas a quem quer que seja... O que eles não sabem é que é só eu aparecer nos Ministérios e trago comigo todo o dinheiro que quero.

— Então afinal é só aparecer por lá?

— Só — afirmou o dr. Cernelha.

Isto reproduziu um pequeno golpe na sua reputação, porque toda a gente julgava os resultados consequentes de habilidade de maior envergadura.

— Oh! Afinal é fácil... — exclamaram.

O dr. Cernelha compreendeu que se diminuíra e, para remediar, riu com o riso sibilino de quem encobre factos terrivelmente secretos. Não lhe convinha, apenas por causa dum comentário pouco feliz, cair do alto pedestal a que ascendera, pois preparava a inauguração daquilo a que chamou "Patamar do Lixo".

Este patamar foi ideia do dr. Cernelha e consistia (quanto a este respeito podemos suspeitar) em encher de lixo uma estranha concavidade que a natureza deixara ao fundo duma rua. Todo o lixo havia de ser ali deitado. A C. M. fornecia carroças para o

transporte e homens para a carga e à porta de cada casa devia ficar todas as noites um caixote. Caixote que não ficasse, o seu proprietário era acusado de abstenção e tinha de se haver com os fiscais, pois o "Patamar do Lixo", uma vez pronto, a todos aproveitaria. Pelo menos assim o afirmava o dr. Cernelha. Quem não tivesse à noite deixado lixo à porta estava a prejudicar perfidamente os interesses da população.

Como todas as ideias geniais, a ideia do "Patamar do Lixo" não foi imediatamente compreendida. Na história de Vale de Pias, esta foi uma das poucas vezes em que a população se dividiu. O dr. Cernelha, que se habituara a contar com o apoio unânime da vila, sentiu-a pela primeira vez infiel e assustada. Teve então de jogar o seu prestígio; jogou-o numa tarde em que alguns munícipes chefiados pelo seu cunhado e amigo, dr. Roseira, médico do hospital, se lhe dirigiram, aliás com bons modos, para lhe pedir uma explicação, se acaso ele, dr. Cernelha, não se incomodasse muito a dá-la. A diligência primava pela delicadeza.

— E qual é a explicação? — perguntou Cernelha.

— Um patamar do lixo está bem, sim, achamos que está mesmo muitíssimo bem. Mas para quê, sim, para que serve?

— Ora essa! — exclamou o dr. Cernelha. — Então o progresso? Então a civilização?

— Não se trata disso, ó Cernelha. Isso são ideias muito grandes. Nós só queremos saber para que diabo serve essa coisa a que chamas o "Patamar do Lixo". O "Patamar do Lixo"! Não lembra ao caneco!

O dr. Cernelha fora procurado em casa e nessa altura o Inverno corria duro. Aconchegou-se mais ao lume da braseira, empinou o cálice de aguardente e respondeu:

— E é só isso que querem saber?

— Só, mais nada.

— Cunhado ou não cunhado — respondeu o dr. Cernelha, aproximando o rosto do carão do dr. Roseira —, fica sabendo que neste concelho, desde que é concelho, se houve alguém que pode fazer o que entende sem dar explicações à população, sou eu. Ouviste? Sou eu!

E bateu uma palmada categórica sobre o tampo da mesa.

— Está bem, homem. Quem diabo é que diz o contrário? Em todo o caso...

— Qual em todo o caso! — bramiu o dr. Cernelha.

E sentiu um aperto no coração. Estavam a duvidar da eficiência dos seus desígnios, eles que lhe deviam a nota de pertencerem ao concelho mais adiantado da região. Era injusto, um raio que os partisse! Foi neste exacto momento que o dr. Cernelha sentiu a necessidade de jogar sem demora, numa pergunta e numa resposta, todo o prestígio conseguido à custa de atirar durante anos para os pratos da mesma balança a honestidade individual e o notório amor pelos interesses de todos.

— Pois bem — disse. — *Não quero,* ouviram? Não quero explicar o que é nem para que serve o "Patamar do Lixo". Digo só isto: é preciso fazer-se o Patamar. Repito: *é preciso!* E agora pergunto: já alguém me ouviu dizer é preciso! sem ser preciso? Se há alguém que não queira o "Patamar do Lixo", ponha um dedo no ar! Tenho por mim a força da lógica. Se houver descontentes, vão à fava!

— Oh, homem, que diabo — respondeu o dr. Roseira. — O Patamar, que mais não fosse, era uma higiene e eu, que sou médico, sei quanto isso vale. Tu queres ou não nos queres ouvir?

— É claro que não, ora essa! — respondeu o dr. Cernelha. — Eu quero o Patamar. Vale de Pias merece o Patamar. Portanto, teremos o Patamar!

— Pronto, Cernelha, pronto. Mas tu sabes a aplicação que se dava ao lixo?

— Sei. E depois?

— Sim, o lixo sempre era uma ajuda para esta pobre gente. Auxiliava à engorda do porquinho, as couves do quintal cresciam à custa dele; no Verão, adubava as hortas. Alguns até tinham alguma cabra ou alguma vaquinha a pastar em prados onde o lixo dava força à erva...

— O raio do sentimentalismo estraga tudo!

— Se me perguntares se tudo isto é higiénico — continuou o dr. Roseira como se não tivesse sido interrompido —, eu, que sou médico, sei muito bem que não. Mas que diabo, ó Cernelha! Deitar fora o lixo, com os diabos! Nas cidades, ainda vá, mas aqui, em Vale de Pias? Homem, o lixo é uma pequena riqueza privada!

— Mais uma razão. O tempo é de renúncia!

Lançou esta frase com o seu ar circunspecto e imediatamente sorriu com o seu ar galhofeiro.

— Tens razão — repetiu o dr. Roseira. — O tempo é de renúncia!

— Portanto — concluiu o presidente da Câmara, levantando-se como a despedir os perguntadores —, teremos o Patamar!

O dr. Roseira pareceu subitamente percorrido por um frémito. Pôs-se em bicos de pés e proferiu com todo o entusiasmo que um valepiense tem ao seu alcance:

— Com certeza! Oh, sim, com certeza! Desde há séculos esta terra carecia que num acto de coragem se enfrentasse a sério o problema da higiene da população! Eu, que sou médico, sei o que

estou a dizer. Começava já a constituir um escândalo não se limparem de fermentações imundas estes ares que Deus protegeu com as excelências da altitude. Uma vez concluído o Patamar, teremos não só um remanso de rara beleza mas também, e sobretudo, eu, que sou médico, sei o que estou a dizer, os ares imaculados dum sanatório.

O dr. Roseira falou como um tribuno. Só quem não conhece os poderes do dr. Cernelha e a força que eles têm de persuadir duvida da rapidez desta mudança. É preciso ver que o presidente da Câmara formulara desejos categóricos no momento em que jogava todo o seu prestígio; o seu passado e o seu presente fizeram-no ganhar o jogo e estava demonstrado que o presidente tinha por si a razão fortíssima e infalível do seu amor ao progresso de Vale de Pias. Por isso, cada munícipe apoiou o seu presidente e primou em apoiá-lo, segundo o seu temperamento, pelo modo como melhor esse apoio ficasse expresso. Se o dr. Roseira fosse um poeta, teria feito um poema ao Patamar. Era um retórico: fez um discurso.

Mais tarde, quando foi da inauguração, o dr. Roseira discursou outra vez. Foi muito ovacionado. E nessa sessão inaugural, à entrada do "Patamar do Lixo", a população de Vale de Pias ergueu um busto (pago à sua custa) ao dr. Cernelha.

Esta é a história do "Patamar do Lixo" na vila de Vale de Pias, vila em franco progresso, honra do seu presidente do Município; onde a população deseja o progresso cada vez mais excelente da sua terra natal.

"Diálogo"
Diário Ilustrado, 15.04.1958

Círculo

Quando Jorge falava entre dentes as suas afirmações ganhavam uma força particularmente expressiva. Foi deste modo que Jorge disse que fora a última vez.

Amabília deixou no olhar garço uma ironia e uma humidade.

— Havemos de nos encontrar. É sempre assim...

E saíram, já separados na escada escura.

À esquina, o cabaré estava povoado de gente estranha, parecia uma Babilónia, cheia de marinheiros dos barcos fundeados, homens de todas as nações do mundo. Chamava-se aquilo "EUROPA BAR", e estas letras estavam à porta, em finos tubos de vidro verde. Lá dentro, porém, era notável a supremacia dos americanos. Uma grande esquadra aportara ao Tejo depois de manobras bélicas e os marinheiros de fardas brancas e corpos famintos espalharam-se pelos bordéis e pelos cabarés.

A grande lei da convivência era a caça ao dólar, esperança de salvação. E as mulheres mais idosas, a quem a vida ensinara coisas prudentes e a decepção do prazer, olhavam indignadas para aquela lufa-lufa e achavam-na degradante. Tinham fregueses certos que, bem ou mal, lhes garantiam a existência e podiam por isso expor considerações moralizantes acerca dos actos das outras. Tinham esquecido a mocidade, a necessidade de requintes caros e, sendo

incapazes de dar às circunstâncias o devido valor, eram intransigentes.

Jorge foi sentar-se num canto, onde uma âncora pendia do tecto, iluminando em redor com uma luz verde. Podia dizer-se que aquele sítio, aquela mesa, lhe pertencia. Aí conhecera Amabília.

Amabília ficou ao meio da sala, numa mesa comprida. Estava triste, espraiava os vagos olhos garços. Jorge sabia que aqueles olhos eram um notável argumento. Os americanos aproximavam-se dela e diziam-lhe coisas incompreensíveis, na sua linguagem nasalada. Amabília tratava-os avaramente; e esta técnica lograva bons resultados para quem tivesse olhos como aqueles.

Contou tudo a Lola, comovida, excitada.

Lola olhou por toda a sala e divisou Jorge no seu lugar sob a âncora. Dirigiu-se para a mesa dele, com os fixos olhos chamejantes.

— És parvo — disse-lhe. — Nunca ninguém gostou de ti como ela!

Ele não dava mostras de lhe prestar atenção.

— Amor, percebes?

E sacudiu-lhe um braço para o acordar daquele esquecimento. Ia-se embora, com o alívio de ter despejado o saco.

— Senta-te — mandou Jorge.

Obedeceu. Os desejos de Jorge eram sempre cumpridos pelas mulheres. Elas gostavam de ouvir a sua pronúncia estrangeirada. Era estrangeiro e viera para Portugal ainda adolescente. Aqui vivera. Só há pouco tempo uma viagem o levara por essa Europa adiante até à sua terra, e dessas viagens contava histórias que, nos dias de pouca concorrência, as mulheres ficavam escutando, como deslumbradas por reportagens de países fantásticos.

— Há coisas que um homem não suporta!

Os dois olharam para Amabília, senhora entre os americanos.

— Não me sentia homem, entendes? Trabalho, não tenho dinheiro, mas não posso suportar que uma mulher não seja apenas minha.

— És parvo. Tem de se ganhar a vida. Por acaso vive-se do ar?

Ele olhou-a muito. Pensou que o nome de Lola era um rótulo publicitário, apenas alusivo ao negrume dos cabelos. Moeu o seu desgosto e a incompreensão dela. Lola deixou nele o olhar: aquele homem apetecia-lhe e sentindo que havia sentimentos que o abalavam teve, como por um instinto maternal, o desejo de afogar em beijos as suas mágoas. Jorge bebeu o resto do uísque dum trago e pediu mais uísque ao criado.

— Jorge, arruínas-te com essa porcaria.

Ele não respondeu e tomou o modo de falar entre os dentes sem abrir a boca.

— Disseste amor? Amor é coisa doutra gente.

Calou-se um momento. Pousou a mão no braço de Lola.

— Apetecia-me muito, ela... Mas não, não posso.

Parou uma longa pausa e pôs-se a contar uma história. Murmurava as palavras. Não falava para ela, falava apenas para os seus sentimentos e para uma recordação.

Quando foi ao seu país encontrou um amigo dos tempos da escola. Conheceram-se logo. Ele era da polícia. Durante uns anos a sua missão foi guardar os presos. Depois subiu de posto. Mais tarde, inventou um suplício óptimo para arrancar confissões: pegava-se no pénis do preso, introduzia-se um arame e com um maçarico aquecia-se ao rubro a ponta do arame.

Lola fez uma careta.

— Bem — continuou Jorge —, ele é que fazia esse trabalho. Era oficialmente classificado "perito de primeira classe" e ganhava muito. Teve medalhas por competência profissional e por assiduidade.

Lola desconfiou:

— Estás a meter "escova"...

— Não costumo mentir. Era um bom chefe de família. Gostava muito dos filhos e da mulher a quem levava bombons. Convidou-me para jantar em sua casa. Habitava uma vivenda entre roseiras, nos arredores. Depois do jantar ouvimos tocar Chopin em discos da sua discoteca.

Levantou-se, atirou duas notas sobre a mesa.

— Não se vive do ar — disse numa conclusão. E saiu. Precisava de respirar, respirar muito.

Ali ao pé havia o Tejo. A maré estava baixa e fedia. O Tejo, francamente, não é rio que apeteça, apesar da claridade azulada sobre as sombras harmoniosas das margens.

O americano convidou Amabília para dançar. Amabília negara-se a princípio, mas ele insistira. Era muito alto e dançava mal. Amabília encostou-se e fechou os olhos. Iam aos solavancos. E sentiu que o seu corpo estava suado, dum suor especial que não vinha da violência do *swing*. O americano sentiu no seu corpo o suor do corpo dela e ao mesmo tempo aquela estranha confusão de corpos, de *swing* e de uísque. Amabília deixou-se levar.

Na rua, mais do que no cabaré, o calor abafava e juntava-se a sombras pesadas. O americano falava, mas ela não compreendia. Tinha-lhe mostrado a carteira. Amabília caminhava, amparada àquele corpo enorme, musculado. E de vez em quando sentia-se no dever de sorrir. Sorria para os olhos sem brilho daquele homem, uns olhos que a buscavam, como as mãos cúpidas e calosas. Mas

ia pensando. Tinha calma no seu pensar, porque adivinhava que o americano não lhe reconhecia sentimentos. Pensava em Jorge e pensaria que o corpo dele estaria presente em todos os corpos que lhe pagassem uma posse e a excitassem. De resto, valia a pena a situação. Tinha uma conta a pagar na polícia e podia liquidá-la no dia seguinte.

Chegaram à porta: aquilo ficava num quarto andar. Apesar de todos os incentivos, percorreu-lhe as pernas uma grande preguiça, vinda de dentro ou de qualquer coisa muito longínqua, e nunca uma escada lhe fora tão difícil de subir.

O Segundo da Esquerda

Tenho no meu quarto uma pintura que, desde há tempos, exerce sobre mim inauditos terrores. Trata-se da reprodução dum quadro antigo, de artista certamente famoso, cena de inspiração marcial, que adquiri por cento e tantos escudos a um feirante. Ilda se chamava a minha mulher, que me induziu àquela compra. A princípio recusei, encolhendo os ombros, caminhando pela álea das barracas da feira. Pouco depois, não sei como, dei por mim no mesmo local, em frente do mesmo quadro e a meu lado a Ilda, contemplando-o, embevecida.

Quando as afirmações das mulheres alcançam determinada veemência, não vale a pena duvidar ou resistir. Nesse tom a Ilda me afirmou que aquele quadro era preciso comprá-lo, pois nenhum outro preencheria melhor uma certa parede do nosso quarto de cama. Só muito depois relacionei o facto de ela ter insistido na compra com acontecimentos que se me vitimaram três ou cinco anos depois.

De momento não me surpreendeu, apesar de me parecer aquela mancha pouco adequada a um quarto de dormir. Mas deixei passar: não tenho o hábito de reparar muito nos quadros e nas decorações e, por outro lado, toda a gente sabe a impressão que as

fardas exercem na sensibilidade das mulheres, não importa o posto ou a arma a que a farda se refere.

Um soldado pode impressionar uma mulher tanto como um general, quer esse soldado ou esse general sirva os interesses militares em terra, no ar, no mar ou (por mais inconcebível que pareça) por debaixo do mar. A par disto, o facto de ter vivido longo tempo em território militarmente ocupado autoriza-me a confirmar a crueldade dos militares, não só como grupo destinado a fins agressivos, ofensivos, defensivos ou regressivos, mas até individualmente. A quem julgar que os militares são como quaisquer outras pessoas, contraponho a opinião dum velho professor, ex-militar, demitido pelos militares, compelido, portanto, a ganhar a vida honestamente como mestre particular de aritmética, conhecimento que desenvolverei por causa da balística ou relato o sucedido com a minha irmã Teresa, que tinha catorze anos e foi vista por um militar a estudar Química para o exame de Julho, sob um castanheiro, ao fundo do quintal. Pois bem: quando fez exame já a minha irmã se encontrava grávida. O meu sobrinho nasceu normalmente e a minha mãe, comovida com a tenra idade da mãe do bebé, criou o neto com desvelo, a leite de vaca com água e farinha. Afinal, a minha mãe não era má pessoa, apesar de eu ser filho ocasional e ilegítimo dum tenente da Guarda Real.

A insistência da Ilda para que eu adquirisse o quadro pareceu-me a princípio sinceríssima, porque o quadro era na verdade belo: cena anterior à batalha, uma composição serena, apesar da violência do colorido e da ferocidade das figuras, não sei que espécie de militares de arma em riste, dispostos em fila, as fardas vistosíssimas sobre um fundo epopeico de montanhas azuladas, dissipadas pelas névoas e pela fumarada dum canhão que atroava à direita.

O quadro foi colocado na parede prevista, fronteira mesmo à nossa cama, e nada me preocupou então. A Ilda olhava-o às vezes, esquecida, longamente.

Eu trabalhava como quem se preza e não ganhava mal: chegávamos a ir ao cinema duas vezes por semana. Trabalhava como civil, é claro, e não acredito que alguém exista mais constitucionalmente civil do que eu. Terei nascido, certamente, sob o signo duma ruim estrela de características militares, pois tudo o que de funesto me acontece se liga à existência dos militares. E tanto isto é assim que a Ilda, a minha querida Ilda, me foi roubada por um polícia e desapareceu de casa sem me deixar outras palavras, além do nome e da morada do polícia.

Não direi que enlouqueci, depois de me ter compenetrado desta realidade, porque não desejo comprometer-me e porque, confessando-o, ficaria sujeito aos estigmas sociais e morais inerentes à loucura. Não, não enlouqueci. Mas fui espreitá-los. Escondi-me em portões suspeitos, em vielas degradantes, nas cercanias da morada do polícia. Por várias vezes observei a Ilda caminhando na rua a seu lado, muito ufana dentro de vestidos meus conhecidos, bamboleando-se, deslumbrando os praças e sargentos do quartel da esquina, enchendo-os de desejos que alimentava com olhares furtivos e exteriores manifestações de pudor, a ocultas do companheiro.

— Quem demónio será aquele polícia? — cismava eu.

Obcecou-me a lembrança de me ser familiar, de o ter conhecido em qualquer parte, talvez na tropa ou na escola, talvez nos bailes, talvez nalgum bordel.

Em oito de Dezembro passado, dia de Nossa Senhora da Imaculada Conceição (lembro-me perfeitamente), olhando ocasionalmente para o quadro, foi-me revelado que dali, apenas

dali, eu conhecia o polícia: era o segundo da esquerda. Figurava no quadro que a Ilda tanto insistira para eu comprar!

Palavra de honra: jamais tropecei com tão categórica prova da existência de Deus e do Diabo ao mesmo tempo.

Desculpem-me não explorar mais profundamente esta tragédia, porém espera-me um vinho especial que me rouba muito tempo. Ultimamente tenho andado assoberbado por extensíssimas preocupações e tremido de medo: pois se em tempos recuados um artista pintou (e muito bem) prevendo que séculos depois um honrado cidadão seria vilmente atraiçoado pela mulher amada, bolas para a pintura, bolas para a humanidade, bolas para a vida, bolas para a morte!

A Feira dos Retratos

As luzes da cidade deitavam uns revérberos especialmente concordantes com o fedor vindo do rio por aquele Verão e as horas nos relógios — em redor havia muitas igrejas — misturavam-se soturnas, no ar abafante, no calor emprestado de suor e de excitação.

Marcelo ia só. Caminhava pelas calçadas, como se as calçadas fossem abstracções e realidades de pedra os seus pensamentos. Era o seu modo pouco lesto de caminhar que todos os conhecidos — e sobretudo a mãe — chamavam de pretensão. Mas Marcelo gozava uma certa volúpia no abandono com que olhava as montras, como se as meditasse, e na atitude cansada, frequente, de ficar a meio da rua, numa contemplação distraída.

Neste momento revia os acontecimentos dos últimos dias. Já nem lhe era dolorosa, à força de ser real, a consideração do passado e do presente. A casa fora à praça, engolida por homens barrigudos e tudo se resolvera afinal com um cheque, uns telefonemas das amigas da mãe a lamentar e ele perplexo perante a perspectiva de ter de modificar a sua vida repousada. Os credores, por uma atenção respeitosa, tinham mandado a grande fotografia do avô que no século passado estabelecera a firma, fotografia que fora, em dia de aniversário, oferecida pelos

empregados da casa, juntamente com uma fita de letras douradas, onde se prestava homenagem à sua vida de trabalhador. Foi o último acto da transacção, e dali por diante tudo se modificaria. O tio Henrique comentara os factos com as suas chalaças de sempre. E Marcelo pensava agora no tio, com quem conversara sobre o assunto; homem de cinquenta anos feitos, magro, grande nariz e óculos de coruja.

Estas circunstâncias físicas foram o que primeiro o deteve na sua revista àquela figura familiar, numa surpresa, como se o estivesse vendo pela primeira vez. E deu-lhe vontade de rir o corpo esguio como uma tripa, roubado pela nossa realidade a realidades de outros tempos ou a gravuras carcomidas do século dezoito. Henrique era um homem verdadeiramente deslocado no tempo e na existência. Olhando para ele, imediatamente se perguntava: "Porque é que este homem vive?" Ou então, dum modo possivelmente mais cruel mas não menos belo: "Porque é que este homem não morre?" Marcelo revia o tio estendido no maple, as pernas traçadas, muito longas, e o pé que, em curvas, se enrolava na outra perna — habilidade de clown ou de avestruz; e pensava na mulher dele, no modo solene por que a chamavam a tia Inzolina, para cumprir a praxe de família. Mas pensava também na mentira deste tratamento e na verdadeira história. A tia Inzolina era viúva de um oficial morto na Grande Guerra, pelo que recebia do Estado uma pensão. Henrique vivia com ela há muito tempo (diziam línguas honestas que mesmo em vida do major já se conheciam demasiadamente); nada mais natural, portanto, que um casamento entre aquelas duas almas amantes: mas não, se tivessem casado, o Estado retiraria a pensão e Henrique vivia apenas da contemplação dos seus pergaminhos, exibindo um brasão que brilhava naquela atitude funerária de dissipar a pensão

recebida pela sua Inzolina, já que uma bala mortal foi penetrar a anca de um oficial esquelético. Henrique tinha estado a dar-lhe os seus conselhos, bebendo o último trago de uísque, da última garrafa que tinham em casa.

Pôs-se a falar de amor, do ponto de vista da sua circunstância. Pediu a Marcelo que olhasse para ele, Henrique, pessoa de bem, estimado pela família, herdeiro de nome e de glórias.

Marcelo mal o tinha escutado, então. Preocupavam-no coisas mais graves que aquela algaraviada, mas agora, visto que tudo se passara e nada ainda decidira fazer, as frases do tio vinham-lhe à cabeça, frases de que nunca tomara efectivo conhecimento e que surgiam como tiradas com um balde desse poço imenso chamado subconsciente. Eram coisas sobre amor e utilidade, sobre amar e ser amado. O tio Henrique recordara a sua antiga glória de macho, contou aventuras, lembrou-lhe a solução que ele, Henrique, dera à sua vida. Marcelo, por descuidado escrúpulo, ainda pensou se seriam aquelas palavras invenções suas; chegou a convencer-se de que sim, e isto aterrorizou-o, porque o seu espírito vacilava no desacordo com aquelas ideias. Então pode um homem pensar uma coisa com a sua inteligência e haver pensamentos inversos que lhe estão na alma, traiçoeiramente, como cobra entre as ervas do mato?

E houve uma história de comboios, uma recordação de infância, uma pedra criminosa, um simples pedaço de granito sobre um carril a fazer descarrilar vinte carruagens. Os passageiros caíram ao rio, descia a noite. Morreram. Um jornal de província perguntava que mão teria ali colocado a pedra, que não merecia castigo. Chamava-se a isto mentalidade provinciana. “Tudo é cósmico”. Marcelo pensou nisto e via as letras desta frase muito grandes a tremeluzir como um anúncio luminoso.

E continuava. Estava completamente alheio às casas, às ruas, e quando dobrou uma esquina, houve uma cara branca e vermelha que aproximou dele um hálito que nem era desagradável. Marcelo sentiu nos olhos o contacto doutros olhos e no peito o contacto de um seio, uma consistência de bexiga cheia de água e depois, como se aquilo só fosse o bastante para emitir palavras, uma voz inconforme e um convite idêntico. Marcelo estremeceu por dentro, não num arrepio moral, mas no susto de cair de repente na realidade; mais ainda, com a consciência de que o facto se identificava com os seus pensamentos. Parecia um sonho de criança, um abismo súbito, o corpo a cair desamparadamente e um grande estremecimento a fazer ranger a cama. Olhou-a. Olhou-lhe as pernas: sim senhor, bem feitas. Olhou-lhe sobretudo os pés (sem dúvida os pés são o órgão mais necessário à prostituta). A mulher tinha-os bem moldados, um pouco grandes, certamente desenvolvidos pelo uso excessivo e impressionante era, sobretudo, a linha do tornozelo, demasiadamente harmónico como tornozelo, mas de arquitectura exemplar como torre. Ela enlaçou-lhe o braço. Marcelo entretanto ponderou as notas que ainda lhe restavam. Tinha pouco dinheiro e era o último dinheiro. Guardá-lo para o dia seguinte significava apenas protelar por mais um dia o problema, e aquela coisa vulgar que é ir deitar-se acompanhado tinha um sabor extraordinário, era o único sabor válido. Não lhe apetecia talvez aquele corpo mesmo, mas um corpo qualquer, sobretudo se esse corpo — e era o caso — estivesse cumulado de uma lama conveniente para a sua imaginação transformar em símbolo.

— Onde é isso? — perguntou.

— Ali, adiante do arco.

E apontou. Além do arco, a rua estreitava e a claridade dos candeeiros tinha tons avermelhados, reflectida nas paredes de um

antigo casarão. Era um palácio, em cujas fachadas se estampava uma magnífica noção de prosperidade e de opulência fidalga, talvez de antepassados já dos tempos da Reconquista. Quando o construíram, ainda aquele sítio não era um coio de prostitutas e era decente, talvez até chique, morar-se naquele lugar. Mas a plebe imunda a pouco e pouco veio ressonar para junto daquelas paredes e incomodar o sono importante dos senhores. Cresceram as casas em volta. Vieram comércios, tavolagens, bordéis, coisas a propósito do rio e do porto. Os marinheiros no mar alto sonhavam com as mulheres que ali moravam. E sonhos e desesperos e grandes anseios, por esses séculos, foram encontrar ali o seu fim. As fachadas do palácio assistiram a todo este amor. E tudo foi amor, porque o amor não se pode rotular de impuro ou de casto, porque dentro da ordem dos fenómenos há um sentido que destrona serenamente as metafísicas. Duas janelas no alto estavam abertas e uma claridade forte coava-se através das casas. Marcelo parou um momento admirando a arquitectura severa e adivinhando uma intimidade detrás das cortinas.

— Despachas-te? — e sacudiu-o, como que a acordá-lo.

Olhou-a com um sorriso. Nela, em resposta, outro sorriso foi devagar aflorando aos lábios. Marcelo teve inveja daquela mulher e da segurança do seu destino.

— Vamos.

Deram uns passos.

— Deves ser meiguinho...

Marcelo olhou-a novamente e parou. Estavam sob um candeeiro que espalhava uma luz mortiça. Olhou-a depois por muito tempo. Ficou surpreendida, a sua *coquetterie* de mulher aflorou e pôs-se a ajeitar o decote da blusa, os cabelos. Marcelo ficou assim.

— Irra, estás mais triste... — disse ela.

— Como te chamas?

— Viola.

Marcelo sorriu.

— Chamo-me Violeta, mas conhecem-me por Viola.

A confusão dos nomes logrou um eco preciso no espírito dele.

— É aqui — disse ela.

Entraram. Começaram a subir a escada, mal distintos à claridade amarela das lâmpadas nos patamares. Viola subia à frente, familiar com os degraus e com as paredes. Marcelo ia devagar, tomado de um estranho cansaço que lhe dificultava a respiração e lhe oprimia o peito de modo que o comovia. Dos andares vinha halo de sono e de mistério, fixo em cada porta. Aquele cheiro a bafio já tinha penetrado as madeiras e, como não há processo de meter ar dentro de uma caixa e o levar, como água, para onde é necessário, aquela escada permaneceria assim até à demolição. Aliás, esta divagação talvez seja complicar uma coisa bem simples, porque há muito tempo nem a água caía ali. Corria, sob forma de intriga e discussões, um violento litígio entre senhorio e arrendatários, sobre a quem competia mandar lavar a escada. A discussão seguia há anos o seu curso e desde então nunca mais a escada se lavara. Por isso, um casal de ratos aproveitou a circunstância e dizendo "enfim sós", para ali se mudou com armas e bagagens a procriar serenamente. E fizeram muito bem, porque os detectives da luta antimurina são pessoas bem casadas que, por princípio, só alguns sobem a bordéis. Tinham assim os ratos o futuro garantido. O resto foi aprender os hábitos necessários. E tal sabedoria foi passando de pais para filhos. Os ratos levantam-se, honestamente, às oito horas da manhã. A esta hora não há movimento na escada a não ser algum indivíduo cansado e

sonolento que a desce, e podem tratar da vida com calma. À cautela, ao pressentir pessoas, os ratos escondem-se bem junto a uma frincha, mas, com segurança completa, podem mesmo deixar de fora os olhinhos brilhantes, pois não há perigo. Porém, sobre a vida dos ratos, como sucede entre os homens, mais cedo ou mais tarde tudo se vem a saber. Neste caso, a denúncia foi o cheiro. A escada cheirava discretamente a rato, isto é, a queijo podre, e a imaginação de Marcelo pode reconstituir todas estas estranhas coisas. Depois começou a sentir as pernas alagarem-se de suor. Apeteceu-lhe retroceder. Mas Viola tinha chegado, debruçava-se no corrimão, sorrindo. Desapareceu e tocou uma campainha. Marcelo ouviu a porta abrir-se e um murmúrio de vozes. Subiu mais depressa o último lance de escadas e, cansado como se tivesse subido léguas, entrou.

— Temos que esperar — informou Viola.

Marcelo encolheu os ombros, com indiferença pelos acontecimentos.

Estavam no hall de entrada que dava para um longo corredor. Uma grossa mulher de cabelos brancos, sorrindo-lhe, deu-lhe as boas-noites. Marcelo correspondeu. A mulher continuou:

— Tem de ter paciência de esperar. Estamos neste mundo para nos ajudarmos uns aos outros.

— Não faz mal — disse o Marcelo.

— O quarto número dois está a vagar — informou. — É o melhor da casa.

Marcelo nada disse e olhou em volta. No hall, na parede mesmo em frente à porta, havia uma grande fotografia de mulher, uma face severa, gorda. Marcelo avançou uns passos no corredor e encostou-se à ombreira da porta do cubículo que servia de escritório e de arrecadação de toalhas. A velha parecia ter

simpatizado com ele, porque o mandou entrar e sentar-se. Mas Marcelo recusou, disse que estava muito bem.

— Aquela é a minha filha — apresentou.

A filha estava sentada à secretária, debruçada sobre um livro. Cumprimentou Marcelo rijamente, movendo a cara magríssima. Debruçou-se outra vez sobre a secretária e a luz de um candeeiro reflectida nos papéis brancos avolumou-lhe as rugas, evidenciou-lhe o grande nariz, denunciou os cinquenta anos que se escondiam sob vestidos e pinturas e uma tremura agitante na mão com que escrevia, um ritmo trágico, fenómeno de feira. Marcelo ficou a olhá-la.

Mas a velha era solícita e falava, refalava. A princípio Marcelo respondia-lhe por monossílabos, mas por fim já simpatizava com ela e houve intimidade quando a velha começou a falar da neta. Era filha daquela que ali estava a escrever à secretária e que fazia a escrita da casa.

— Não é por ser minha filha — disse — mas é muito esperta. A escrita destes negócios é muito difícil porque os tipos da Inspecção pegam por tudo. Como treme tanto da direita como da canhota, a escrita às vezes não se percebe. É o que nos tem safado.

— Mãe — disse a outra com voz dura —, não esteja a maçar esse senhor. Porque dá confiança aos clientes?

— Não me maça nada — disse Marcelo. — Eu até gosto...

— Porque dou confiança aos clientes? Queres-me vir ensinar como se tratam os clientes?

Ficou excitada. As bochechas tremiam-lhe e teve um tique estranho, que nunca Marcelo vira em ninguém: pôs-se a apertar nervosamente os seios.

— Está sempre a dar-me conselhos, a mim, que não fiz outra coisa senão viver nesta casa.

Marcelo mostrava-se perfeitamente assombrado: nunca ele supôs que agitar assim os seios fosse modo possível de expandir sentimentos.

— Não me faltava mais nada! Está o senhor a ver?

Marcelo deu uma pequena gargalhada, por simpatia. A mulher de frente da secretária levantou a cabeça e com os olhos incendiou a pessoa de Marcelo.

— Ainda bem que a tua filha não sai a ti. Veja, veja!

Subtraiu de entre os grandes seios uma pequena fotografia e entregou-a a Marcelo. Marcelo ficou com o papel na mão sem poder despegar os olhos das duas mulheres. Caiu um silêncio. Então a filha levantou-se como um relâmpago detrás da secretária e Marcelo verificou que era mais alta do que seria sensato supor-se. Para atravessar o cubículo deu um passo enorme, um único passo que teve de contornar os móveis, serpenteando. Chegou perto de Marcelo e muito dura, com a voz abafada:

— Os clientes não se podem aproximar do escritório. A espera é feita no hall.

Ele, sem retorquir, foi para o pé de Viola, que aguardava sentada num banco, e sentou-se a seu lado.

— Ela é doida, não vale a pena zangas — segredou a rapariga.

— Ainda demora muito?

Mas quem respondeu foi a velha:

— Está quase. O senhor viu? Sempre naquilo. E julga que faz melhor negócio do que eu, que tenho tantos anos deste ofício. Bem se vê... Se Deus não nos acode, mal temos para as sopas...

— E eu é que tenho culpa? — disse a outra da porta do cubículo onde ainda se mantinha. — Ninguém tem dinheiro...

Disse isso com pouca arrogância. A velha dirigiu-se para ela, muito rápida, bamboleando-se. Entrou no cubículo e mãe e filha altercaram um pedaço.

— Aquilo é tudo por causa do amante da filha — esclareceu Viola.

Marcelo então reparou que tinha na mão a fotografia. Quis olhá-la, mas sentiu-se acometido de uma preguiça enorme de levantar os olhos àquela superfície e pressentiu um desgosto. Mas venceu este receio e fixou os olhos numa linda rapariga ali fotografada entre fumos. Era loira, cabelos em canudos de largas estrias que lhe pendiam delicadamente sobre os ombros. Nada parecia ter de comum com aquela casa, com aquela avó ou com aquela mãe. Teria uns quinze anos e tudo quanto desejou naquele momento foi possuí-la, que estivesse ela ali a seu lado e não Viola. Desejou senti-la respirar, o seu cheiro de mulher, a sua voz. Desejos que eram sacrílegos e Marcelo compreendeu que a sua situação naquela casa continha uma severa justiça, afinal. Sentiu um alívio, quando viu a velha avançar no corredor em direcção a ele.

— Ainda sustenta chulos — disse. — Já tinha idade para ter juízo. Mas que lhe hei-de fazer?

Teve um grande desalento, como quem reconhece que todos os males deste mundo vêm da perversão das pessoas e não têm remédio. Mas a agitação não lhe tinha cessado e continuava agitando os seios. E já se virara de novo para o corredor, já dera um passo e teria ido continuar considerações moralizantes, se Marcelo não dissesse, restituindo-lhe a fotografia:

— A sua neta é muito bonita.

Ela voltou-se e já sorria. Tomou a fotografia, olhou-a um momento e depois com uma suavidade que contrastava com toda a excitação anterior e com a natureza das causas:

— Um anjo...

Passou a haver brilho nos seus olhos e Marcelo, baixando também a voz, continuou o pensamento da avó:

— É a isso que se chama um anjo.

— Tinha quinze anos quando tirou este retrato. Agora tem dezoito. Já não tem canudos, cortaram-lhe o cabelo só para me contrariar...

Viola levantou-se para se debruçar sobre a fotografia. Porém, a velha, ostensivamente, guardou-a no seio. Deitou-lhe um olhar violento e disse:

— Gostava de ter podido criá-la.

Depois aproximou-se de Marcelo, sentou-se num banco a seu lado e falou-lhe em segredo:

— Só a vejo uma vez por ano, no Verão.

— No Verão? — perguntou Marcelo. — Mas porquê no Verão?

— No Verão. Se isto já se viu... Eu podia muito bem tê-la criado, não é verdade?

Esperou o assentimento de Marcelo, que não veio. Olhou-o e disse numa voz mais murmurada ainda:

— O senhor é delicadinho e fino. Uma pessoa precisa desabafar.

Os seus olhos, chegados à cara de Marcelo, ganhavam as proporções de um ecrã e tomavam exageros de loucura.

— Sabe o que eu quis, quando ela nasceu?

Fez uma pausa, esperando resposta. Marcelo encolheu os ombros numa ignorância total da vontade daquela avó.

— Quis isto, e o senhor há-de dizer-me se não estava bem. A mãe ficava aqui a dirigir a casa. Sim, ficava ela, que eu já tenho muitos anos disto e estou velha e já ganhei dinheiro bastante. Eu ia com a criança para fora, para a província, criá-la, tratar dela... Então isto não estava bem?

— Estava... — disse Marcelo.

Os olhos dela fixaram o corredor e o seu olhar, brilhando, atravessou o espaço, entrou a porta do cubículo e foi fulminar a filha.

— Ela é que não quis, ela...

Ficou com os olhos cheios de lágrimas e de raiva.

— Tenho esta dor... Chorava.

— Pensava que eu ia estragar a criança... Estafermo! Pois fiquem sabendo que sei muito bem o que é uma mulher séria, sei muito bem... Lá porque estou aqui... Sei muito bem... Aquela ensinou-me, eu é que não tive juízo, fui eu...

Apontou para a fotografia dependurada na parede.

— Quem é aquela... senhora? — perguntou Marcelo.

— Minha mãe.

Levantou-se e ficou a olhar para a fotografia, como um altar. Marcelo também se levantou e ao lado da velha, mirava o quadro.

— Chamava-se Belmira.

— Era simpática.

— É por isso que esta casa se chama A DA BELMIRA. Está inscrita no registo com este nome. Foi ela a fundadora. Pusemos ali o retrato durante uma cerimónia quando fez cinquenta anos que a casa abriu.

Marcelo ficou alterado por uma discordante associação e deitou um olhar implorativo a Viola.

— Então a gente despacha-se ou não? — perguntou esta.

— Está quase.

— Não posso estar a perder tempo.

— Ó filha, não te faças fina.

Olhou outra vez para o retrato e disse num tom de elogio fúnebre, melodramático, decorado, em que Marcelo se sentiu colaborar:

— Veio da província, como todas, e andava por aí à caça, pelas ruas. Depois fez-se manceba de um desembargador, a casa de quem ia pela calada da noite, duas vezes por semana, e soube fazer que ele se embeiçasse tanto por ela que ele lhe pôs esta casa, ficando sócios. A dada altura nasci eu. Quando meu pai morreu, a sua parte ficou para mim. Sou filha de um desembargador. Eu, de bigodes, sou exactamente a cara de meu pai.

E do seio tirou outra fotografia que Marcelo contemplou, comparando a respeitável fisionomia do desembargador com a da velha.

— Ora diga lá se a minha mãe era ou não uma mulher de valor?

— Sim, muito valor — assentiu Marcelo. — Veio do nada e fez-se por si.

— Quando morreu deixou bastante dinheiro depositado no banco.

— Muito valor — repetiu Marcelo.

As suas palavras e a da velha reboavam dentro dele.

— Hoje não há daquilo. Não sabem tratar da vida.

Então levantou-se um movimento pela casa, uns barulhos de fechadura mal oleada, uma porta aberta e dois homens saíram do quarto ao fundo do corredor. Marcelo mal os olhou. Mas Viola fitou-os persistentemente. Deu uma pequena risada. Os homens voltaram-se. Ia dar-se talvez qualquer cena. Mas a velha já tinha

aberto a porta da escada e estava muito solícita, agradecendo-lhes muito e dando as boas-noites. Depois fez um gesto indescritível, uma justificação para qualquer coisa que não passou pelo espírito de Marcelo. Disse:

— São fregueses como os outros. E bons. Todas as semanas, pelo menos duas vezes.

E seguiu pelo corredor, dando ordens.

Marcelo raras vezes tinha ido a casas daquela categoria e, embora a inocência não fosse o seu forte, não se sentia à vontade ali, onde uma confusa humanidade dava largas a instintos e a vícios. O contacto de Marcelo com a prostituição resumira-se, ainda muito jovem, à rara frequência de estabelecimentos caros onde um cuidadoso luxo encobre paixões furiosas e as empregadas, boas profissionais, põem em prática uma grande aparência de abnegação e um delicado modo de trato. Ali, ao contrário, tudo era brutal. O que a velha disse e sentiu a respeito da neta alcançava no seu espírito um incontível volume. Coisas tão contraditórias ao mesmo tempo! E deu-se então com ele o que costuma dar-se com a humanidade quando os acontecimentos se precipitam: não tinha tempo para pensar. Certamente que o que se passara durante muito tempo o traria absorto, a cogitar, se no dia seguinte não tivesse de fazer alguma coisa pela sua vida.

De tudo, com precisão, apenas lhe ficara gravada uma imagem: a da rapariga da fotografia. Imaginava-a a sair do branco e negro daquele papel lustroso, entrar na realidade dos movimentos e das cores e pisar as ruas. Raras imagens em toda a vida adivinhara tão distintamente, porque a adivinhava com a imaginação e sentia que lhe ficava gravada no desejo. Depois, a homenagem prestada à fundadora da casa, o retrato.

— Realmente — pensou Marcelo —, o que será precisamente um bordel? Um lugar tão especial como consta? Será o mundo a continuação dos bordéis ou os bordéis a continuação do mundo?

Mas duvidou do que estava a pensar porque a luz que iluminava as paredes nada de comum tinha com as outras luzes e na verdade já se habituara ao hálito empestado de amor breve, junto ao sabonete e perfumes de baixo preço. Marcelo tinha a virtude de entrar facilmente nas realidades e habituar-se a elas, sem que isso lhe perturbasse os sentimentos; sentia o asco que as coisas e as pessoas lhe mereciam, mas não tinha necessidade de o comunicar. A realidade, efectivamente, existe a partir de uma plataforma. E embora esta afirmação seja gratuita para o caso corrente, visto que um bordel tem a sua realidade cotada dentro dos códigos, das religiões e dos preceitos morais, ela abre novas perspectivas para a história desta coisa extraordinária que é a dúvida. Sobre a plataforma que é um bordel existem valores mais altos e mais baixos, há mulheres de valor e mulheres sem juízo, há sonhos e há desesperos. Se este facto não é a falência da moral, é, sem dúvida, a moral da falência.

Mas a velha chegou e com ar cúmplice, sorrindo, disse para Marcelo:

— Goze muito. Se eu tivesse menos vinte anos, quem ia com o senhor era eu...

E apontou no fundo do corredor uma porta donde vinha uma fresta de luz. Avançaram naquela direcção Marcelo e Viola. Um espelho dentro do quarto, abrangendo todo o corredor, reflectia distintamente os dois corpos. Mas Marcelo tinha a seu lado uma rapariga de canudos loiros.

Entraram e fecharam a porta. Esperaram que a criada mudasse os lençóis.

***

Vozes altercadas acordaram Marcelo e sobressaltaram-no. Não sabia o que se passava, mas teve a impressão de que tudo acontecia debaixo da cama. Debruçou-se e, depois de estar um momento com a cabeça pendente, só então reconheceu a inadequação do movimento. O barulho vinha do corredor, certamente do cubículo. O quarto já estava iluminado pela luz da manhã, coada pelos vidros pintados de amarelo e naquele momento, numa igreja, soaram as badaladas das sete horas, a que outras igrejas responderam, como ecos deformados. Os olhos de Viola estavam abertos e parados nele, olhos de morte ou adormecida.

— Que é aquilo? — perguntou Marcelo. E pôs-se à escuta. Uma voz gritava:

— Sou da Polícia. Comigo não brincas, filho. Ou pagas ou não embarcas.

— Mas o barco está a partir — dizia uma voz de homem. — Não tenho aqui o dinheiro, dou-te o resto quando chegar a bordo.

— Ou pagas ou não embarcas! — gritava a mulher.

— Ele é da Polícia? — perguntou Marcelo.

— É. Recebe um ordenado. É a Idalina. Marcelo ficou calado. Viola virou-se para ele.

— Acaba tudo em bem — disse.

— O homem é capaz de não embarcar mesmo...

— Ora!

Marcelo estava deitado de costas, nu. Tinham tirado todas as roupas da cama por causa do calor que crescia porque já o sol batia na janela. Viola levantou-se e fechou as portadas e então o quarto ficou apenas numa penumbra que fez dos móveis sombras

recortadas. Dentro, interveio uma voz estranha e tudo caiu em silêncio. Viola veio sentar-se na beira da cama e ficou a contemplar Marcelo.

— És bonito. És tão branco...

Aproximou-se mais e a sua mão deslizou-lhe sobre o tronco, sobre as coxas. Marcelo permanecia de olhos fechados. Viola deitou a cabeça sobre o seu peito e os cabelos espalharam-se por ali até ao púbis. Depois tomou-lhe a mão e pousou-a sobre a cabeça. Marcelo estendeu os dedos entre os cabelos e ficou assim muito tempo.

Pensava sobretudo na mãe. A mãe lá estaria em casa, estranhando a sua ausência. Dali a pouco telefonaria para acalmá-la. De todas as questões que tiveram ultimamente, ficou no espírito de Marcelo a certeza de que a mãe esperava dele tudo, tudo, o bem e o mal, o que não se traduzia certamente em confiança. Depois, aquela mulher ali a seu lado, aquele corpo que vibrara extraordinariamente, como poucas vezes Marcelo sentira... E tudo lhe pareceu absurdo, principalmente que tivesse gasto assim o dinheiro que lhe faria falta. "É preciso fazer qualquer coisa." Com a venda do automóvel podiam aguentar uns meses. Mas... E o luxo? E os amigos? A mãe seria capaz de renunciar à água em que nadara toda a vida? Estava ainda nova e os cuidados com o corpo mantinham-lhe uns quarenta e tantos anos que pareciam trinta e cinco. A morte do pai abalara-a a princípio, mas depois rejuvenesceu. De roda dela estavam sempre senhores, como borboletas à roda de uma luz. Toda a vida tivera aquela corte de pessoas ricas e elegantes. Marcelo nunca quis, não sabia se por desinteresse se por receio, entrar nas particularidades da vida da mãe. Uma mulher rica, elegante, inteligente, tem direito a um certo espavento, certamente sem consequências. Ou talvez as tenha,

c'os diabos! Não, o melhor é não pensar mais nisso. Porém, tudo se tinha modificado, agora que dum momento para o outro ficaram arruinados.

Fixou o corpo de Viola e deu um salto de quem tem medo. "É preciso fazer qualquer coisa." Mas o quê? Por agora...

— Vou-me embora — disse, subitamente, pondo-se de pé.

— Já?

— São horas.

— Ainda é cedo. Fica mais um bocadinho.

— Não — Marcelo foi brutal. Começou a vestir-se rapidamente.

— Credo! Não gostaste de mim?

— Gostei de ti, sim... Gostei de ti... Viola olhou-o muito.

— Apareces hoje?

— Não sei — titubeou Marcelo. Mas logo, francamente: — Não, não apareço.

Marcelo vestira-se. Viola estava nua, deitada sobre o lençol e olhava-o em silêncio.

— Quantos anos tens, Viola?

— Vinte e cinco.

Ficou a olhar para ela. Passou-lhe a mão tristemente sobre o corpo.

— Gostei de ti. És bonita... És bem bonita... Fizeste-me bem...

Viola sorria.

— Apareces?

— Não sei... Tenho de começar...

Viola ficou alarmada como quem não compreende um mistério.

— Começar, começar mesmo... Como se viesse do nada. E sem ser por acaso...

Meteu a mão no bolso e tirou a carteira.

— Para mim não quero nada — disse Viola.

Ele tinha nas mãos uma nota.

— Toma.

— Não, não quero.

Marcelo deixou a nota sobre a cama e ia a sair.

— Como te chamas? — perguntou ela.

— Marcelo.

— Não me deixes isto, peço-te.

Era um pedido sincero, evidentemente. Marcelo compreendeu que se levasse a nota ela teria mais prazer.

E saiu. Estavam a acontecer coisas impossíveis. Enquanto descia as escadas pensava em Viola e começou a sentir que um dia teria de voltar e que esse dia estava muito próximo. E assim pensando deparou com os olhos de um rato que brilhavam sobre o nariz franzido. Saiu. Parou um momento à porta, respirando, tomando a claridade do sol.

Lá estava o palácio. As paredes vermelhas tinham outro aspecto à luz do dia, mas nelas se continuava a estampar uma sólida prosperidade que Marcelo invejou com todas as suas forças. À porta, um grande automóvel, com chauffeur fardado. O portão abriu-se num gemido e saiu, com uma pasta de cabedal debaixo do braço, uma linda rapariga loura, quinze anos talvez, os cabelos em canudos de largas estrias delicadamente caídos sobre os ombros. Envolveu-o rapidamente num olhar azul. Era a rapariga cuja fotografia a velha lhe mostrara, que parecia ter descido da fotografia, para sair daquele portão, deitar-lhe um olhar azul e seguir naquele automóvel.

Marcelo ficou um momento atónito, incapaz de um movimento. O carro já ia longe e perdeu-se numa curva, muito para além do arco.

Violemos
os
Túmulos Egípcios

Dois judeus alemães, arqueólogos, descobriram em 1935, num túmulo em Foyum, um papiro que dizia em que condições deixa de ser sacrilégio violar os túmulos dos Reis.

No papiro informa-se também que os actos de violação, antes que seja feito o que no papiro se contém, serão sempre castigados, ainda mesmo que o violador não relacione o castigo com o crime, e muito frequentemente com morte violenta e, por vezes, inexplicável.

Em todo o caso, os deuses, reconhecendo que, apesar do conceito de eternidade, tão grato ao povo do Nilo, tudo neste mundo tem um limite, marcam naquele papel, por meios enigmáticos, a data depois da qual as práticas recomendadas no papiro poderão ter efeito.

Os sábios aplicaram-se à decifração. Por mais estranho que pareça, a data indicada no papiro coincide com aquela em que eles o encontraram.

Estes dois cientistas mal preparados para grandes acontecimentos morais, pois se formaram e praticaram toda a vida como investigadores de factos, sentem-se deste modo depositários

duma terrível herança, mercê do facto — que ao espírito científico repugna que seja mera coincidência — de eles aparecerem a cumprir um desígnio previsto na ocasião exacta.

Aquela quebra de compromisso entre a religião do passado e um futuro que dela se liberta dá-lhes a noção da coisa exacta, universal, voluntária, inteligente, a que ninguém, um cientista muito menos, pode fugir. Eles têm de realizar, por um acto ritual, o que jamais no mundo foi visto: uma religião a demitir-se a si própria, mas mais do que isso, a fazê-lo do único modo possível a uma religião: ritualmente.

O papiro descrevia em pormenor os trâmites do ritual: ao perfume a arder nas caçoulas, em volta do altar, junta-se flor de lótus, escaravelhos, pêlos de animais, dentes de hipopótamo. Tudo isto deve arder. Ao lado, água do Nilo que se evapora. Enfim, a destruição simbólica daquelas coisas que constituíram convívio quotidiano dum povo e duma religião durante milénios. A cerimónia terminaria com a destruição da mulher, como fonte de vida e como amor carnal, através do sacrifício de duas virgens de treze a quinze anos, que deviam perecer entre chamas sobre o altar.

Chegados a este ponto, os cientistas pararam. Actualmente, a queima de duas jovens seria considerada crime, havendo poucas probabilidades de a polícia reconhecer a sua legitimidade ainda mesmo que fosse capaz de decifrar o papiro.

Os pobres homens, atónitos, hesitantes, sem coragem para se dirigir a alguém que os elucidasse naquele transe, interrogaram-se percorrendo os templos e os túmulos, em busca de uma inspiração.

Adiar, eis a solução que encontraram. Adiar. Resolveram regressar à Alemanha, reunindo no entanto aqueles objectos, flor de lótus e água do Nilo, necessários ao ritual já descrito. E com esta bagagem desembarcaram no seu país, onde deram

conhecimento de todas as descobertas que fizeram, excepto uma. Foram muito homenageados.

Mas viviam sob o peso de uma terrível responsabilidade moral. Que fazer? Adiar era a solução. Adiaram.

***

1942, campo de concentração. Os dois pobres judeus lá tinham ido parar. Esperava-os uma terrível morte em breve. Notavam, no entanto, que as levas de presidiários se sucediam para a queima enquanto eles iam permanecendo e executando serviços leves. Não tinham explicação para o facto. E a situação de executores de uma sentença que não eram capazes de executar por si, levava-os a deplorar o adiamento da morte, inexplicável mas verdadeira.

O oficial SS mandou-os chamar. Declarou-lhes que era egiptólogo amador, entusiasta por os reconhecer como sábios na matéria, lhes foi poupando a morte, o que não podia continuar a fazer, pois o outro oficial SS, percebeu-o pelo olhar, se preparava para o acusar de protecção pessoal a judeus. Tivessem portanto paciência. O máximo que podia fazer era mandá-los para uma câmara de gás de provada eficiência para a coisa ser rápida.

Os cientistas agradeceram, desvanecidos, tanta gentileza.

Que assim estava muito bem, porquanto viviam um tormento de que bem precisavam libertar-se, tivesse o senhor SS a gentileza de os enviar o mais rapidamente possível para a tal eficiente câmara. Como prova de gratidão entregavam-lhe algumas coisas egípcias de que nunca se separavam: flores de lótus, um frasco com água do Nilo, escaravelhos e, por último, o papiro. O oficial agradeceu o oferecimento e mais ainda por vir de quem vinha.

Abriu o papiro e decifrou-o em poucos minutos, o que deixou os sábios estarrecidos.

— Achamo-nos responsáveis por este acto supremo e não somos capazes de o realizar.

— Porquê? Trata-se apenas de queimar umas coisas.

— As raparigas...

— E então? Qual é a dificuldade? — perguntou o SS.

— Seria um crime...

— Vou ter a honra de colaborar na função.

Pegou no telefone e mandou vir duas raparigas virgens de catorze anos.

— Acha que tem importância que sejam judias? — perguntou o SS.

— Porquê? Tem outras?

— Podia tentar, mas não vale a pena.

O SS tirou do armário uma garrafa de vinho do Porto e três cálices. Beberam. E dirigiram-se a um armazém onde improvisaram o altar e tudo o que era necessário ao acto ritual. Atearam, com a ajuda dos soldados, um lume forte. E, enquanto os sábios proferiam as palavras mágicas, ia-se evolando no ar em fumo que se desdobrava em volutas caprichosas, os factos e o espírito de milénios de vida humana. O SS, comovido, chorava.

— Vocês estão virgens? — perguntou o SS, quando as raparigas apareceram.

— Estamos. E vamos continuar a ser até à morte — acrescentou corajosamente uma delas.

— De acordo — respondeu o SS.

Então um dos cientistas tomou a palavra. Explicou a situação. Falou, falou... As raparigas começaram a cantar no que foram secundadas pelos soldados e pelo próprio SS. Dançaram. Até que

o SS lembrou que era tempo de os cientistas prepararem as vítimas para o sacrifício.

Os dois velhos tomaram cada qual um sabre que arrancaram dos cintos dos soldados e ordenaram que as raparigas se aproximassem. Fizeram-no cantando.

Mataram-nas e separaram-lhes as vísceras. Foram queimadas.

Findo o que o SS acompanhou os cientistas à porta da câmara de gás. Despediram-se com apertos de mão efusivos.

Lucrécia

(Crónicas)

Parece impossível mas é verdade; tenho uma amiga chamada Lucrécia. Conheci-a no Jardim da Estrela, há dez anos, numa tarde de Primavera, entre o alarido das crianças e os clarins marciais do Hospital Militar. Refiro-me a isto exactamente porque esses clarins foram o motivo de a ter conhecido.

Não recordarei as razões por que naquela tarde, contra os meus hábitos, me encontrava no Jardim da Estrela; estava sentado num banco, um pouco melancólico e só observando as crianças que brincavam. Uma mulher de capitosas formas veio sentar-se a meu lado e contemplava não sei ao certo se as copas das árvores, se o céu. Nisto tocou um clarim. Ela imediatamente deu mostras de grande excitação. Os olhos dum azul maravilhoso rondavam inquietos nas órbitas profundas e perguntou-me:

— Fez a tropa? Que pergunta!

— Não fiz, minha senhora.

— Ah...

— Posso perguntar-lhe porque quer saber?

— O senhor ouviu aquele toque?

— Ouvi, sim.

— Pois se tivesse feito a tropa, talvez me pudesse informar o que quer dizer.

— Não, não fiz a tropa.

Ela dava mostras de irritação. Levantou a voz:

— Já mo tinha dito. Não compreendo porque mo repete.

Fiz de conta que não tinha compreendido a irritação da minha interlocutora. A partir deste momento, a conversa deixou de ser a simples cordialidade e política de boa vizinhança que — segundo nos ensinaram os nossos pais — se devem usar nos encontros fortuitos, sob pena de se ser considerado lapuz, passou a ser uma homenagem, uma sentida, sincera e disfarçada homenagem à criatura física que estava a meu lado: as formas alinhadas num conjunto exuberante, o colo consistente à simples vista e isto embutido naquela distância de outros pensamentos com que ornava a sua presença. Por homenagem, e só por isso, continuei:

— Repito-lhe que não fiz a tropa, mas sei o que significam os toques de clarim.

— Então diga-me: que significa aquele que ouvimos há bocadinho?

— Você como se chama?

— Lucrécia.

— Parece impossível que ainda exista alguém que se chame Lucrécia.

— O senhor não gosta do meu nome?

Estava novamente ofendida. Uma fera, realmente, um ser acossado, desconfiada como seiscentos diabos.

— Oh! Gosto muito!

— Ainda bem. Então, vamos, que queria dizer o toque?

— Teria todo o gosto em dizer-lho, e isso para mim não apresentaria qualquer dificuldade. Mas não posso.

— Não pode? Ora essa! Porquê? Estou a ver que afinal o senhor o que quer é meter conversa comigo.

Acalmei-a contando-lhe a história da minha infância. Ela conhecia a terra onde eu nascera, o que nos aproximou. Aproveitei a ocasião para lhe narrar episódios passados exactamente porque a casa dos meus pais ficava entalada entre um quartel de artilharia e um museu, numa das ruas principais da minha pequena cidade. Lucrécia, ao ouvir estas evocações propositadamente feitas num tom de encantamento infantil, sorriu pela primeira vez naquela tarde e manifestou a candura que as pessoas em geral têm pelas crianças, mesmo desconhecidas. Lucrécia teve, eu senti-o, um pequeno frémito de ternura pela criança que eu tinha sido vinte anos atrás, uma criança encantada com o espectáculo das coisas militares, e certamente me adivinhou armado de capacete de cartão, brandindo uma espada de lata, a imitar nos seus desfiles os meus vizinhos marcialmente aliciantes. Neste momento, decidi aumentar a minha sedução, pondo Lucrécia ao facto dum drama (habilmente inventado), um drama de crueldade injusta e, despertando-lhe uma longínqua piedade, voltar a conversa a meu favor.

— Vê esta cicatriz?

Arregacei a manga da camisa e mostrei no antebraço a cicatriz que tenho, provocada na verdade por uma queda de bicicleta.

— Vejo.

— Pois bem — expliquei. — Um dia estava eu, tinha nove anos, a brincar na rua em frente da minha casa com bombas de Santo António. As bombas estoiravam. Nisto aparece um tenente a cavalo que me disse, numa voz desagradável, como se estivesse

na parada a dar vozes à recruta: "Olha lá, ó da pandilha!" O da pandilha era eu. "Pára lá com o bombardeamento! Quando não, faço-te em papas!" E neste momento, sem esperar mais nada, atirou o cavalo sobre mim. Não calcula, minha senhora: nunca mais me esqueci. Um cavalo, visto de baixo, como os vê quem tem o tamanho que eu tinha então, parece uma montanha. Uma montanha avançava sobre mim.

Ela fechou os olhos e exclamou:

— Que horror!

Resolvi carregar as tintas da descrição.

— Oh, mas não era uma montanha qualquer. Fui subitamente atirado ao chão. O cavalo parecia andar a galope, mas sempre no mesmo lugar, tentando pisar-me horrivelmente com as quatro patas.

Lucrécia repetiu:

— Que horror! — e tapou a cara com as mãos.

— Ainda por cima — continuei —, sabe o que o tenente fazia?

— Ah! — exclamou como se tivesse descoberto o segredo dum mistério. — Com que então era um tenente...

— Era um tenente. O tenente esporeava o cavalo. Eu via as esporas penetrarem na barriga.

— Para que fazia ele isso?

— Para que o cavalo tivesse ainda mais raiva contra mim.

— Contra uma criança...

— Uma criança de nove anos, minha senhora, que era quanto eu tinha nessa altura.

— Oh! Que monstruosidade! Que monstruosidade!

Tive remorsos de colocar nesta antipática situação os tenentes, que certamente o não merecem. Mas fui mais forte que o remorso: apontei novamente a cicatriz e disse-lhe:

— O cavalo apanhou-me, por fim. Sentiu o meu braço debaixo da sua pata e pisou, pisou, pisou...

— Que horror!

— Entretanto, o tenente continuava a esporear a barriga do bicho. O sangue, minha senhora, o meu sangue derramava-se nas pedras da calçada.

— E depois? — perguntou ansiosa.

— Depois... a injecção contra o tétano, a operação, enfim, esta cicatriz...

— Coitado!

Fez uma pausa.

— Foi um tenente?

— Sim, um tenente. Contei-lhe esta história a propósito de lhe dizer a razão por que conheço os toques militares.

— Ah, é verdade, já nem me lembrava. Fiquei tão impressionada com o que me contou... Coisas da vida! — suspirou com exuberância. — E qual era o toque que ouvimos?

— Pois é, aí é que está. Eu ouvi o toque mas já não me lembro qual foi. Por isso não posso interpretá-lo.

— Um tenente! Um tenente! Tenho a certeza de que esse toque devia ser a anunciar aos tenentes que são horas de saírem do serviço.

— É perfeitamente possível.

Tinha os olhos brilhantes e os lábios tremiam-lhe de indignação.

— Combinei, exactamente com um tenente, que ele viria aqui buscar-me e não veio. Acha que isto está certo?

— Coisas de tenentes, minha senhora. Eles são assim. E eu que o diga!...

Compreendi que aquela mulher tinha decidido vingar-se.

Fui muito amável e convidei-a:

— Quer dar um passeio comigo... por aí... Ou ir à matinée das seis e meia... Ou qualquer outra coisa que lhe apeteça?

— Tenho todo o gosto. Ah! Ele julga que se pode fazer parvo comigo!...

E fomos.

Actualmente, dez anos passados, a Lucrécia e eu somos apenas muito bons amigos.

"Crónicas sem programa"
Jornal O Século, 09.04.1959

APESAR DE TUDO VIVA A MULHER!

(Crónicas)

Jornal Feminino,
15.04.1958/15.04.1959

Viva a Mulher!

Passada a adolescência — para a qual a Mulher é uma fatalidade — tenho a certeza de que todos os homens se fazem a si mesmos uma interrogação: poderá dizer-se, apesar de tudo, que viva a mulher? O autor destas crónicas, que serão incisivas, regulares e um pouco desconcertantes, preferiu substituir a interrogação inquietante por uma exclamação afirmativa, puxada das mais recônditas veras da sua ironia. Porque, para ser leal com as leitoras — coisa que o autor destas crónicas será sempre —, a exclamação não é totalmente sincera; mas tratando-se duma revista especialmente dedicada à Mulher, pareceria descabido um título de secção que lhe fosse notoriamente adverso.

VIVA A MULHER! Sobre isto não há dúvida. Mas qual mulher? A esposa, a noiva, a amada, a mãe, a profissional, a sufragista, a estudante, a gata de luxo, a revolucionária a braços com a sua luta? Vivam todas elas ou só algumas? E a poder-se dizer que VIVA, viva como? Sozinha, para completa paz de espírito dos homens (o autor destas crónicas é homem e sabe o que diz), acompanhadas por eles, acompanhadas umas pelas outras, em solidão claustral, em pura e religiosa separação de sexos? Ou dar-se-á o caso de o apesar de tudo enunciar uma série de circunstâncias tão tristes e lamentáveis que a exclamação VIVA A

MULHER! se torne tão desesperado desabafo sem entusiasmo de quem vê na mulher um mal necessário, o menor de todos os males ou a expressão de que não vale a pena pensar nisso, pois ninguém consegue endireitar o mundo e houve certamente um motivo para as coisas serem como são?

Não pretendem estas crónicas esgotar o problema nem arvorar-se em tratado de psicologia, tanto mais que o julgamento da questão só pode ser feito por cada um acerca do seu caso pessoal. Para satisfação do nosso animal social, basta termos a certeza de que existem homens e existem mulheres — certeza que não é tão simples de obter como parece à primeira vista — e que Deus (ou quem quer que fosse) os fez adequados um ao outro. O autor destas crónicas sente vómitos quando vê a filosofia entrar em casa dos particulares para decidir sobre problemas íntimos; e, por isso, nunca poderia submeter-se à tortura de tomar, ele próprio, a filosofia pela mão e desbaratá-la, introduzindo-a no âmbito inultrapassável dos acordos ou das desavenças entre os sexos ou de extrair delas normas de conduta para a harmonia dos casais e para aconselhar as lindas noivas portuguesas, casadoiras ou não.

Estas crónicas contarão singelamente ou com o condimento de comentários apropriados, histórias de mulheres e de homens separados ou unidos, algumas verdadeiras e conhecidas de experiência própria ou alheia, outras inventadas como deviam ser todas as histórias que vale a pena contar. As histórias e os comentários destinam-se a servir-nos de divertimento; portanto, não esperem as leitoras encontrar aqui escarrapachado o seu elogio nem os leitores (se os houver) a sua vingança. Nem, muito menos, antegozem os moralistas ao supor que futuramente tomaremos uma posição escolástica.

O autor destas crónicas quer apenas dizer na sua — sem pôr de parte as interrogações atrás sugeridas — que *apesar de tudo, VIVA A MULHER!*

Roberto e Micaela

A minha amiga Micaela tem sofrido muito ultimamente e, se as coisas não se modificarem, não sei onde irá parar a vida que até agora foi, não digamos feliz, mas regular e cheia de bom entendimento, daquele casal.

Um pouco de história: Micaela conheceu Roberto há dez anos. Pequeno, irrequieto, mas de olhos lindos, dum castanho esverdeado, tão penetrantes que nunca mais ela os sentiu senão dentro do peito. Roberto revelava-se a grande esperança da pintura portuguesa onde estavam postos os olhos de todo o país. Mãos habilidosíssimas, seguro domínio da cor e um entendimento dos problemas humanos e sociais tão profundo que alguém, um crítico de renome, insinuava, entre duas fumaças de cachimbo, que "ora até que enfim, apareceu em Portugal um génio para a pintura".

Uma vez que os olhos de Roberto eram assim e que o talento não lhe faltava, Micaela pensou que a vida seria um mar de rosas e casaram sem demora. Foi um acto apaixonado, sincero, lindíssimo, que lhe pôs nos rostos — lembro-me muito bem — uma entusiasmada alegria de viver, insuficiente, em todo o caso, para satisfazer as necessidades inadiáveis e estúpidas do pão de cada dia. Não sei se nos outros países será assim, mas em Portugal, por mais estranho que pareça, o génio é mal compensado

materialmente, e a menos que esse génio o tenha em suficiente dose para, num acto de humor, renunciar a ele e pactuar com a mediocridade rendosa, leva à morte por inanição.

Incapaz, portanto, de se fazer desenhador duma agência de publicidade, e vendo Micaela quase a morrer de fome, Roberto arranjou emprego numa repartição do Estado, um organismo de coordenação económica destinado a regular não sei o quê da venda do azeite. Roberto, num gesto romântico de apaixonado, renunciou à arte por amor de Micaela, que vendo a paleta cheia de bolor e os pincéis secos de esterilidade, concebeu por ele uma igualmente apaixonada gratidão, levada até ao sacrifício, como depois soberanamente demonstrou. O sacrifício — que, segundo julgo, dá prazer à mulher — é uma das mais admiráveis características da capacidade feminina e tem servido para enriquecer os propósitos das religiões em geral e particularmente tem fornecido bases éticas para o bom equilíbrio das sociedades. A sociedade portuguesa conhece muito bem aonde pode chegar o sacrifício das mulheres, como também sabe quando elas se obstinam quando decidem napoleonicamente que o sacrifício terminou. Por tudo isto, pelo sacrifício e pelo reverso da medalha, VIVA A MULHER!

O chefe da repartição onde foi trabalhar Roberto era um brutamontes de físico e de crueldade aprendida no desempenho regular de trinta anos de funcionalismo público. Sentiu Roberto *déplacé*, hesitante, humilhado, falhado nos seus melhores desígnios aos vinte e tantos anos e viu ali pasto para exercer a sua força e sentir que podia mandar em alguém. Roberto não tinha força interior para lhe fazer face nem coragem para reagir. Convencido de que o destino lhe era adverso, tudo suportou. Mas completamente desprovido de humor — como bom português que

é — levou a situação ao trágico e saía à tarde da repartição como duma câmara de tortura. Em casa a vida passou a ser um inferno, com pequenas desavenças, pequenas discussões por coisas mínimas, até que, um dia, o seu estado de nervos atingira o paroxismo e o dia junto do chefe da repartição fora ainda mais humilhante, Roberto chegou a casa de cabeça perdida e deu uma sova enorme em Micaela. Micaela, resignada, ofereceu-se ao sacrifício; e Roberto ficou liberto, bem disposto, aliviado de todo o peso que sentia diariamente cair sobre si. Micaela ficou com algumas nódoas negras, mas satisfeita por ver o marido bem disposto como não o via há muito tempo.

Até há um mês, todos os dias ao voltar a casa, Roberto esbofeteava Micaela. Esta, sempre resignada, sabendo o que vale o seu sacrifício para o homem que ama, prefere esta pequena incomodidade ao fim da tarde a troco de o ver bem disposto, a pensar num quadro que vai pintar.

Porém, desde há um mês, o monstro do ciúme devora Micaela. Roberto deixou de lhe bater. Micaela tem chorado muito, lágrimas sentidas, quase desesperadas, porque receia que haja outra mulher na vida do marido. Na verdade, Roberto chega a casa bem disposto, nada conta do que se passa na repartição e Micaela sente-se na sua vida um zero à esquerda. Será que ela já não é nada para Roberto? Será que há moira na costa?

Micaela não é pessoa para deixar as coisas assim. Tenho a certeza de que vai investigar. E aqui para nós: ou Roberto lhe dá urgentemente uma grande sova, das que lhe dava nos bons tempos, ou vai passar por um grande dissabor.

Sejamos Sinceros!

Começa a ter medo o autor destas crónicas de que seja considerado excessivo o à-vontade com que são e serão aqui tratados os engraçadíssimos dramas dos casais do nosso país. Temos medo de nos vermos retratados nestas imagens tão vagas, tão propositadamente superficiais, tão voluntariamente sujeitas ao que delas desejar pensar o honesto leitor?

A nossa última crónica era uma espécie de Romeu e Julieta do real quotidiano; cada um de nós conhece semelhante drama no prédio ou na rua onde vive e em todo o caso fomos apodados de violência quase macabra. C'os diabos! Lá por um marido sovar regularmente e para fins terapêuticos a admirável esposa legítima, há-de cair o Carmo e a Trindade, que é como quem diz em linguagem tripeira, há-de desabar a Torre dos Clérigos? Vamos com calma, meus senhores, que a maior violência não é exercida de mão e um diabo português que Gil Vicente encontrou por acaso, num dia de Primavera, dependurado nas torres da Sé, conhece Portugal melhor do que eu e sabe onde estão as forças do mal, existentes para comprometer ou vir a comprometer o casal mais honesto do país. Esse diabo sabe maravilhosamente o que são intrigas, o que são denúncia de intimidade por pensamentos e obras que não convém a ninguém dizer que existem e sabe dum

mundo oculto nos cérebros excitados, repletos de intenções nunca confessadas, que, a levar mais longe do que o seu sonho nunca realizado os desígnios sonhados, muito haveria a narrar quanto à história dos casais do país.

E diga-se em abono da verdade que tudo isto é justo. Pois que esperavam Vossas Excelências, minhas senhoras e meus senhores? Que ainda em Portugal vivêssemos em puro romantismo? A mulher anjo do lar, esposa imaculada, filha virginal, espelho de virtudes burguesas arranjadas à última hora para safa da burguesia mal entendida do nosso século passado? A mulher que não tem direito a escrever o seu próprio poema de amor e tem de o encontrar rimado e consubstanciado no *Toi et Moi* de Paul Geraldy?

Por patriotismo incito-vos a iniciar comigo uma grande campanha nacional para a qual ninguém ainda foi solicitado, que eu saiba. Essa campanha é a campanha da sinceridade e consiste num desforço para não ocultar a interpretação lógica da verdade dos factos. Note-se que não vos entusiasmo a denunciar factos — o que traria à vida portuguesa uma indesejável incomodidade — mas apenas a aceitar a melhor lógica da sua interpretação. Sei de sobejo que as coisas postas nestes termos se prestam a um subsolo propício ao rifão: Para bom entendedor meia palavra basta. E isto é que é preciso, usar os rifões, isto é, fazer da vida — ou da sua crónica — um jogo de enigmas que só se entendem se deles se possuir a chave. E todos vós possuís a chave do enigma que aqui proponho pela simples razão de que estais vivos, felizmente, e que por isso a vida não vos poupa. Quando, numa comédia de Aristófanes, uma personagem temia que as frases fossem excessivamente subtis e que o público as não entendesse, o coro dirige-se aos actores para lhes dizer: “Se temeis que os

espectadores, por ignorância, não entendam as vossas subtilezas, tranquilizai-vos: eles fizeram a guerra".

De igual modo vos digo a todos vós que também fizestes a guerra, isto é, que também vivestes e viveis. E que por isso não vale a pena enrolar dentro das vossas conchas de búzios a experiência conseguida só porque é preciso mostrar ao vizinho que se possui uma grande dignidade e um grande orgulho capaz de esmagar qualquer cidadão do mundo. Conheço um banqueiro alemão que passou fome durante a última guerra e que, segundo me declarou, possui, numa cabana que tem nos arredores de Hamburgo, onde vive, uma lambreta carregada de latas de conserva para fugir — nem ele sabe para onde — ao primeiro alarme.

Daqui se conclui que vale a pena viver a vida com a consciência das suas fraquezas e que a chamada dignidade pessoal é a coisa mais contingente que Deus botou a este mundo.

Filhos e Bonecos

Não há dúvida de que este problema sentimental das crianças merece um volume trepidante num tratado de sociologia feito de boa fé. Em geral, os tratados de sociologia limitam-se a converter em "moeda" conveniente os grandes problemas reais das sociedades, adoptando para eles, um pouco *a priori* mas com foros de grande isenção, soluções de escola, de sistema, que, se acertam aqui, falham ali, segundo a idiossincrasia dos povos e a constituição das sociedades.

Mas descanse a leitora que não vamos tratar aqui deste grave assunto, na sua profundidade.

Os realizadores de cinema, quando desejam com segurança criar um drama e querem ter a certeza de que vão arrebatar as multidões, põem em jogo uma criança. Imediatamente se desperta a ternura tanto dos homens como das senhoras, mas sobretudo destas, que passam a ver no pimpolho, não o que lá está, mas um outro, filho seu, vizinho ou parente. O truque, esteticamente é baixo e ordinário, é um logro nefando, e eu pessoalmente - e desejaria que comigo estivessem todas as pessoas de bom gosto - quando vejo anunciado um espectáculo em que entra criança, fico desconfiadíssimo. Além do mais, uma criança no espectáculo é um erro de estilo. Porque a criança, felizmente para ela, é a natureza

numa expressão maravilhosa e o espectáculo é o fingimento numa expressão maravilhosa. Confundir a verdade com o fingimento é outra torpeza estética que, infelizmente nos nossos dias, faz escola.

Adoro e admiro a ternura que aos respectivos pais e a toda a vizinhança as crianças inspiram. Mas gostaria que se aplicassem sovas de bordoada àquelas mães que, em vez de considerarem os filhos uma primeira fase dum homem e de aceitarem com altura moral e com responsabilidade completa a circunstância da sua maternidade, procedem com os filhos, sobretudo enquanto pequeninos, como se eles fossem bonecos.

Essas mães não dão aos filhos a ternura de que eles precisam: dão-lhes a ternura que lhes dá prazer a elas. Assim, a criança, que é de seu natural um chantagista de génio, encontra terreno aberto a todos os vícios da infância que se sustentam no receio que a mãe tem de não poder continuar exercendo o seu "vício de ternura maternal" da maneira que mais gozo lhe dá.

Um exemplo para elucidação do que estamos a dizer: conheci em tempos um casal respeitável que viveu durante doze anos uma felicidade onde só havia uma sombra: não tinham filhos. Gente abastada, percorreram a Europa à busca duma solução sem a encontrarem. Chegando aos quarenta anos, inesperadamente, anunciou-se com clarins festivos a benvinda gravidez. A infelicidade futura da criança começou logo aos primeiros sinais da concepção. Andavam de cabeça perdida, marido e mulher. A senhora passou todo o tempo estendida numa otomana, junto da qual se colocou uma ficha do telefone. O médico dizia: "Faça a sua vida normal". Mas o marido berrava: "Qual vida normal! Parece que é parvo!! Para acontecer alguma coisa à criança, não?" Telefonava à mulher várias vezes por dia a saber como se sentia e

não saía de casa positivamente em adoração àquele ventre portador da última descoberta interessante do nosso século. Os amigos da família - ou melhor, os inimigos - estranharam o acontecimento e pareceu-lhes irregular que um caso que não encontrou solução junto dos maiores ginecologistas do mundo, obtivesse um tão súbito resultado. Quanto pior era o ambiente, mais o pai maravilhado se dedicava ao futuro filho. A criança, é evidente, nasceu bem e como todas as crianças com as suas forças e as suas fraquezas naturais e sem ter culpa de que os pais tivessem um passado amargurado pelo desgosto de não ter filhos. Actualmente, tem doze anos e, como era de prever, é uma das crianças mais indecentes, malcriadas, antipáticas e horrorosas da sua geração. E os pais - que de resto são gente de bem - terão muita sorte se o destino não quiser que a criança venha a ser um criminoso, um assassino e um incendiário.

"De pequenino se torce o pepino". É verdade, mas é preciso saber torcer o pepino. Quando aquele que o devia torcer se torce a si mesmo antes de torcer o pepino, acontece que o pepino não fica torcido, fica retorcido, ultra-retorcidíssimo, e é uma monstruosidade no mundo vegetal.

Minha senhora: tenho o maior respeito pela maternidade de Vossa Excelência porque não considera o seu filho um boneco feito para saciar os seus primitivos instintos maternais e para lhe dar prazer a si, mas porque Vossa Excelência se considera mãe duma criança que quer que venha a ser um HOMEM.

Crónica Grega

Notícias directamente recebidas de Corinto informam-me que a cidade se encontra sobressaltada por um estranho movimento psicológico. Nos meios da alta sociedade toda a gente receia um abaixamento do nível moral na mocidade de menos de vinte anos. Dão-se, também em Corinto, tal como em Paris, acontecimentos que têm causado a estranheza dos habitantes e também como em Paris, em festas proporcionadas por pessoas em destaque, pessoas importantes na vida pública de vários países, acontecem coisas que melhor seria não acontecerem.

Sophia Kokinos é uma formosa jovem de dezanove anos, filha dum diplomata e duma húngara. Sophia encanta auditórios estupefactos reunidos numa vivenda do Conde de Meunzien nos arredores da cidade.

Entretanto, numa doca da cidade, um grupo de estudantes crucifica um gato, numa cruz alçada sobre um calvário de paralelepípedos, entre um cão e uma pomba também crucificados, numa reconstituição herética e de mau gosto do drama bíblico. Entretanto, os elementos duma seita confessa de comunistas místicos, segundo a sua própria definição, amparada às "verdades" mongólicas que conheceram pelo testemunho do próprio Buda-Vivo, em digressão pela Grécia (segundo explicaram secretamente

à polícia), ciliciam-se numa colina dos arredores vergastando-se uns aos outros com cavalos-marinhos e diante de quem os queira observar. O pior desta história é que, perante o pasmo dos poderes públicos, os mirones convertiam-se em autociliciadores que demonstravam assim a sua perversão, sem terem a seu favor a relativa justificação de professarem o comunismo-mongólico-búdico dos verdadeiros iniciados.

Este mar de horrores tem criado seríssimas preocupações aos poderes públicos. Nos colégios e liceus oficiais vive-se um perfeito regime policial e pretende averiguar-se até que ponto a juventude estudiosa colabora nestes acontecimentos e, se não colabora, não o faz por ser estudiosa. Sobre isto até hoje nada ainda se pôde averiguar.

A Grécia, por tudo isto, sente-se abalada. Também lá, exactamente como em Portugal, as lojas encontram-se repletas de arcos de hula-hoop, que é praticado mais ou menos em todas as casas. A indústria dos arcos de plástico para o efeito passou a ser em poucos meses uma das mais rendosas da Grécia. A municipalidade de Corinto teve de se tornar demissionária por imposição dos fabricantes de arcos.

Há dias, um grupo de mulheres manifestou-se pela rádio e pela televisão contra os maridos. Ao contrário do que se tem passado noutros países, as mulheres não acusavam os homens de excesso de poder, mas exactamente da falta dele. "É absurdo e desgostante que os homens não exerçam na sua própria casa todo o poder a que dá direito a sua força, afamada durante vários séculos, e sem a qual o mundo em que vivemos não passava duma irrisão e duma fantasmagoria. Casámos com maridos, não casámos com bonecos articulados. Está bem que os governos sejam democráticos. Mas para marido, preferimos um tirano".

Assim disseram elas no texto dum veemente protesto dado a lume nos jornais.

Sónia Linfamies, a maior estudiosa de textos antigos, e que em 1928 descobriu num papiro bizantino quarenta linhas dum diálogo de Platão que se perdeu e em que se trata o problema ético da melancolia, desautorizou a ciência da Arqueologia, declarando que apesar dos seus sessenta e três anos se iria dedicar à única coisa que vale a pena no mundo: a pesca submarina. "Mulheres!" - escreveu ela -, "não sejais intelectuais nem cientistas. Vou pôr de sobreaviso os homens de todo o planeta denunciando as mulheres deste tipo. As mulheres foram criadas por Deus para a casa, para o desporto e para o prazer". Acrescentava algumas inconveniências que não desejo reproduzir e concluía com a denúncia: "Homens de todo o mundo! Quando virdes uma mulher intelectual, desconfiai dela. Uma mulher só é intelectual à falta de melhor". E assinava.

Este relato foi um pouco telegráfico porque a força dos acontecimentos fala por si e dispensa comentários. Mas aí fica para que as leitoras pensem maduramente acerca do estranho mundo em que vivemos. A não ser que prefiram intentar uma viagem à Grécia e especialmente a Corinto (o que, apesar de não pertencer a nenhuma agência turística, aconselho vivamente) para se informarem *de visu* de tão palpitantes acontecimentos.

Não Afine, Minha Senhora!

Está no seu pleno direito de afinar mas *não afine*. Peço desculpa de empregar este calão que, não sei porquê, tem sido ultimamente menos usado. Não afine, quer dizer, não dê sorte, não se ofenda ou, melhor, não exteriorize a sua ofensa em termos ou em gestos irritados.

Desço hoje a praticar no campo dos conselhos, com a prévia certeza de que os conselhos não são para se seguir. Digo-o por experiência própria: eu, que estou a aconselhar Vossa Excelência a não afinar, afino infinitamente quando me dão um conselho e sobretudo quando esse conselho me contraria. Mas eu sou homem e Vossa Excelência não, posso afinar e Vossa Excelência pode mas não deve. Em várias oportunidades e no meio de hesitações tenho ido pedir conselho a certas pessoas respeitáveis e confesso que quando o conselho delas vem de encontro ao juízo para o qual pende lá no fundo a minha hesitação, considero automaticamente o conselheiro dotado de simpatia, de talento, até mais do que talento; quando o conselheiro me aconselha o que no fundo não quero por uma involuntária mudança de juízo, perco a consideração pelo conselheiro ou quando não posso perdê-la procuro, invento razões para demonstrar a mim mesmo que ele não tem razão. Isto chama-se - eu sei - teimosia, obstinação e acarreta

sempre a quem é assim consequências funestas; afirmo-o também de experiência própria.

Apesar disto tudo, desço - e arrisco-me a dar este conselho a Vossa Excelência; não afine, minha senhora. Vossa Excelência não foi feita para afinar.

Há dias, numa rua de Lisboa, fui involuntário comparsa dum acontecimento que me sugeriu esta crónica. Considero o galanteio de rua uma detestável mania, um abuso indecoroso, um aproveitamento indevido da circunstância inadiável de terem de existir ruas. Como diria um polícia, as ruas fizeram-se para transitar e não para galantear. A simples higiene orgânica duma cidade concebe sítios melhores do que a rua para galantear: são eles os clubes recreativos, os corredores das universidades, os cinemas, os salões, etc. Admito perfeitamente que numa repartição onde trabalhem funcionárias e funcionários, estes, aproveitando um momento de escassez de serviço ou de distracção do chefe, troquem palavras de simpatia mútua que podem ir até onde lhes apetecer, se não estragarem o andamento do trabalho nem a dignidade do local. A rua, francamente, não me parece o local indicado e costuma irritar-me assistir a esta prática que se vai tornando num vício. Eu afino; mas Vossa Excelência que é mulher pode afinar mas não deve.

Contava eu, numa rua de Lisboa seguia uma rapariga à minha frente. Bonita, um andar bamboleante *dernier cri* tipo Sofia Loren, porém o tronco sóbrio, como se a cintura unisse num mesmo todo duas partes de corpos diferentes, o cabelo de baixo relevo egípcio, castanho-forte, caindo até à nuca numa rija profusão de ondas em que a brisa não bulia; a cara, vi-a depois, fornecida de olhos pretos e cintilantes, sobrancelhas divididas, tinha qualquer coisa de selvagem no jeito do nariz se desunir das comissuras violentas

duma boca redonda e de contornos precisos. O vestido azul, amplo, embora fora de moda, assentava maravilhosamente neste conjunto e encobria as formas naturais só até ao ponto em que se ia deixar de suspeitar delas. Como é lógico, pensei da rapariga o que me pareceu indicado, mas calei a minha opinião. Outrem, um rapazola que seguia atrás de mim, foi menos discreto, passou-me à frente e quase junto do ouvido, murmurou-lhe certamente elogios, propostas, fez-lhe observações. Não sei precisamente o que lhe dizia o rapaz, mas ouvi-o várias vezes suplicar: "Não seja má".

A criatura seguia impávida, sempre no mesmo passo, como se não ouvisse. Esta serenidade irritava o rapaz que certamente desejava ver premiada a sua retórica com uma reacção qualquer. Mas a reacção fazia-se esperar e por infelicidade minha, exactamente no momento em que o rapaz desistiu e atravessou para o outro lado da rua, voltou-se. Foi neste momento que eu lhe vi a cara: foi neste momento que ela afinou; foi neste momento que eu e não o rapaz sobre quem devia pender o acto justiceiro, ouvi ela exclamar: "Estúpido!". Então a carteira, uma grande carteira de calfe preto andou pelo ar, e veio bater com inacreditável violência na minha pobre cara. A rapariga continuou imperturbável e eu fiquei estúpido, como ela própria dissera, incapaz de fazer qualquer movimento.

A rapariga afinou. E por ter afinado, praticou-se neste mundo mais uma acção injusta.

É portanto com o valor que têm os conselhos que se dão por razões de experiência própria, que lhe digo: não afine, minha senhora.

A Mulher das Ilhas

Longa ausência esta, e forçada, de quem esteve durante mais de três meses por ilhas portuguesas, nos Açores e na Madeira, numa tournée triunfal do Teatro Nacional Popular, Teatro e festa a levar a populações algumas das quais nunca tinham visto teatro nem sabiam da existência dessa arte cuja origem se confunde com a da história da Humanidade. A longa viagem e as suas canseiras determinaram a interrupção destas crónicas com o que perdemos nós quanto ganharam os leitores.

Não somos Fernão Mendes Pinto nem cousa semelhante, porque não tivemos aventuras com populações antagónicas do nosso clima moral nem das nossas melhores tradições. Pelo contrário, os Açores e a Madeira, diferentes um do outro como o dia da noite, acusam o melhor que deu ao mundo a história do país: o talento na arte de povoar e de colonizar, de assegurar uma presença portuguesa. Não iremos ao ponto de asseverar que em qualquer desses arquipélagos - solicitados permanentemente para as evocações da emigração para terras da América e do Brasil - se está permanentemente a confirmar a qualidade da terra portuguesa. Tal facto, a dar-se, viria apenas confirmar a hipótese, já várias vezes levantada, discutida e várias vezes repelida, de que as populações desses arquipélagos prefeririam estar vinculadas a outras nacionalidades. Pela estrutura religiosa - exclusivamente (ou quase) católica, estabelecendo nos espíritos e nos meios cultos e não cultos um verdadeiro e inegável potentado, pelos moldes

administrativos dimanados do Governo central e meticulosamente seguidos, pela língua que, por muito que doa aos continentais que a imitam para gáudio e gozo próprio, tem em certos pontos, na fonética e na construção lógica, qualquer coisa da linguagem conhecida dos nossos autores dos séculos XVI e XVII, antevemos uma forte presença portuguesa; mas mais do que esta

— facto natural na história dos acontecimentos - assombra o carácter dos açorianos, formado na circunstância da sua insularidade e do vulcanismo. Dir-se-ia que a índole triste, ingénua e mística se liga a um pesado e incómodo sentido da fatalidade; a terra treme vulgarmente, as brumas do mar pesam sobre as ilhas e o clima húmido e instável não dá segurança à agricultura, pois tanto fertiliza os terrenos como, se a sorte para aí está voltada, devasta as culturas. O açoriano por isso ficou lúgubre, atónito e honestíssimo. Admirável gente e admirável terra que não tem culpa do atraso cultural a que está - e, segundo parece, continuará - votada.

A mulher açoriana, exactamente como a continental, vive consciente da sua luta, dos seus valores morais e da sua posição social. Em casa ou na terra, ela luta a favor ou contra o homem - conforme -, exactamente como a mulher provinciana. A mulher do pescador vive ligada aos incertos destinos do mar e procura na terra, sem preconceitos de classe, uma segurança que o mar não dá. E o mar ali é tremendo, engole fácil e frequentemente quem a ele se atreve.

A mulher das ilhas exerce na vida social uma influência larguíssima, como não podia deixar de ser numa sociedade concebida, realizada e dominada pela Igreja Católica. Ela tem a seu cargo a educação das gerações e é o elemento primordial da continuação do actual estado de coisas.

As Ditadoras

Não é ditador quem quer, mas quem nasce ditador e tendo nascido assim logra oportunidade de exercer a sua vocação. Os ditadores, quando não são para o efeito ajudados pelas circunstâncias ou pela sorte, vivem humilhados, com um desgosto que não sabem definir e são frios, rigorosamente frios, negam-se à ternura e ao amor com uma obstinação a que gostam que se chame independência ou superioridade, mas que não é mais do que a consciência de que não obtiveram da sua pessoa aquela valorização capaz de garantir a segurança e o verdadeiro sentido da sua existência. Em homens que exercem ofícios humílimos poderíamos encontrar, sem que os aprofundássemos, verdadeiros ditadores frustrados.

Não cabe no sabor pitoresco destas crónicas a enunciação circunstanciada daquilo que profundamente caracteriza um ditador. Não cremos que falar de ditadores neste momento histórico do nosso país possa constituir uma alusão directa e por isso não seja interpretado como fuga o facto de não irmos ao fundo da questão. Limitar-nos-emos a dizer que um ditador que se preze e por mais responsabilidades que lhe caibam no desenvolvimento desastrado ou infeliz dum assunto (ou dum fenómeno, no caso do ditador transcender os limites estreitos duma repartição ou duma casa, que é o que aqui nos interessa), a esse ditador nunca lhe passa

pela cabeça que ele ou a sua actuação possa ser o principal culpado da situação a que se chegou. Um ditador inventa sempre um responsável para os seus actos e, como é natural, estima que esse culpado seja aquele que tácita ou expressamente lhe é antagonista; e porque é ditador impõe como culpado que ele deseja à corte (grande ou pequena) que o ditador tem e precisa de ter à sua volta. Os ditadores da História merecem certamente um capítulo negro e lúcido a condená-los por crime de lesa-humanidade e de lesa-prudência; mas cabe-lhes também um grande tratado freudiano sobre a sua psicologia; e ainda - o que para mim é mais importante, mais poético e mais procedente - uma grande comédia daquelas que se representam no teatro ou no cinema, que excitam a terrível e irresistível hilaridade do público e que têm o mérito de, a poder de gargalhadas, dentro duma sala e durante um serão, fazer aos ditadores a justiça que eles merecem através do riso.

As mulheres não são menos ditadoras do que os homens. Os nossos pais e os nossos avós - que acreditaram no teatro mais do que nós - riram-se a bandeiras despregadas perante comédias e farsas sobre as mulheres-ditadoras. O repertório das comédias populares que muita gente ainda viva viu representadas por Chaby, Maria Matos ou Vasco Santana - para não falar de épocas anteriores - tinha como prato de resistência a sogra antipática cheia de poder. Ao lado dela, um marido ridículo e dominado, incapaz de atitudes fortes por comodismo, por cobardia ou por insuficiência, passava o dia a trabalhar e chegando a casa sofria as atrocidades do monstro acolitado na sua ferocidade pela própria esposa. As mulheres-ditadoras uniam-se contra ele com razão ou sem razão, isso não importava às ditadoras. É evidente que elas justificavam a sua atitude com razões mais ou menos sentimentais concebidas em argumentos tendenciosos como este:

"Se não fôssemos nós, o que seria desta casa?"

"Julgam que temos prazer em ser como somos? Quem nos dera gozar o prazer de sermos dirigidas por um verdadeiro homem. Mas ele é um papa-açorda. Ou mandamos nós ou nunca mais ninguém se entende".

Entretanto, o público ria. E nisto tudo havia justiça. Enquanto ria, o público era sem se sentir, o eleito justiceiro duma situação talvez mais concreta que peculiar e é possível que, quando saísse daquele teatro do Parque Mayer ou do Sá da Bandeira, ponderasse sobre o que aconteceria naquela casa se o homem, empossado das suas naturais e serenas faculdades de dirigir, orientasse o curso dos acontecimentos, sem exageros de poderio, sem alucinações de mando, sem necessidade de demonstrar *urbi et orbi,* quer dizer na própria casa e à vizinhança, que estava ali pronto para dirigir a sua casa, um regimento de artilharia, uma nação angustiada ou todo um continente.

Infelizmente, o público de hoje não acredita no teatro e no seu poder de síntese como elemento julgador das pessoas e das sociedades, tal como ingenuamente acreditavam os nossos pais e os nossos avós. Também é possível que hoje não existam as tais sogras que Maria Matos tão bem representava sobre o palco. As mulheres, nestes últimos vinte anos da vida portuguesa, ganharam uma importância social e uma consciência própria que obriga os homens a subirem o seu nível de convivência conjugal. Se assim é, ainda bem.

Mas no teatro ou na vida - tanto faz - se à força de ser trágico ou sinistro um ditador se torna ridículo, torna-se ainda mais ridículo se esse ditador for uma mulher, dotada pela natureza e desejada por toda a gente para um destino mais afável e mais humano.

O Natal das Mulheres

A tradição mais sisuda e mais sentimental costuma atribuir à mulher nesta quadra por que passamos uma importância fundamental. Eu que não sou sisudo mas aceito singelamente as realidades, em nada diminuo a tanta importância que lhe é atribuída, pelo contrário, apraz-me, sempre que se pensa neste assunto, dar ainda maior importância do que lhe atribui a tal tradição sisuda e sentimental. Prefiro sempre pensar numa mãe de Jesus humana, simplesmente humana, o que quer dizer que por ser humana se encontra, por este simples facto, ligada ao destino moral, social e religioso do seu filho.

Um traço admirável que marca todas as personagens ligadas ao nascimento e ao desenvolvimento do cristianismo - e que nenhuma religião cristã se atreve a negar - é a sua humanidade. Os apóstolos são personagens rudes, escolhidas entre os profissionais de ofícios manuais, pescadores muitos deles, a quem hoje chamaríamos proletários; Pedro, o Simão que Cristo designou como pedra angular da sua doutrinação, permanece através das narrativas evangélicas um temperamento exaltado, brutal e violento que torna comovedoras as suas atitudes extremas pela sinceridade e pela bondade com que as pratica ou com que se arrepende delas; João, o Evangelista, discípulo dilecto, permanece

desde a primeira hora o mago que Jesus compreendeu e a quem estendia o ombro para que pousasse a cabeça cansada de tanto imaginar, o instrumento da revelação do Apocalipse, uma espécie de visionário superior ao sal quotidiano que ele vê no Evangelho através do inevitável subjectivismo do seu carácter; uma espécie de surrealista moderno (peço que seja desta afirmação afastada toda a suspeita de heresia).

Mais tarde, depois da morte de Jesus, estes homens que eram livres e que livremente abraçaram uma vocação, tiveram entre si dissidências pessoais e políticas exactamente como acontece com quem não é apóstolo. Nenhum deles, porém, suspeitou de que o outro, embora pensando o contrário, estivesse a trair os desígnios a que se haviam proposto de levar ao mundo romano a doutrina de Jesus. Qualquer deles defendia apenas a "convicção" de ser a sua posição a que melhor serviria a Jesus, mas pensando que poderia estar em erro e que o outro teria pelo menos tanta razão como ele. Mais alto do que isto não sobe a melhor virtude que existe na circunstância de ser homem. A negação absoluta desta virtude é a prepotência, estribada em forças recrutadas em sociedades mal formadas, que considera e dá valor indiscutível a uma "verdade oficial", a uma "legalidade" que se sobrepõe aos dados da consciência moral ou às legítimas conveniências colectivas em benefício daquilo que a Renascença chamou *razão de Estado.*

No Natal, a imprensa quotidiana, as revistas para uso das famílias e outras utilidades discutíveis, praticam uma grande intentona do sentimentalismo no sentido de aburguesar a família de que nasceu Jesus e torná-la semelhante aos lares felizes segundo a concepção romântica. É natural que tal intentona obtenha hoje resultados positivos, pois bajula as sensibilidades e dá um sentido sublime - por imitação do mito - mesmo àquelas

famílias que não são mais, infelizmente, do que uma solução legal e porventura a melhor que a lei pode sancionar, para a palpitante questão dos seres de sexo diferente terem tendência para aproximar as suas pessoas e responderem ao chamamento do instinto gregário.

Porém, o que avulta na família de Jesus é que ela nunca se negou a seguir os desígnios do seu filho. E se podemos acreditar em "signos" temos de reconhecer que Jesus nasceu sob o signo da revolução. E nem por isso, como faria uma família normal da nossa burguesia, a família de Jesus lhe sobrepôs os seus interesses concretos e a sua comodidade.

Revolução - perante a nossa burguesia - é alguém nascer duma virgem que ainda não tinha conhecido o marido; revolução é esse marido aceitar uma explicação transcendente quando tinha à mão explicações mais normais para o facto; revolução é por causa duma criança pequenina um ditador hediondo mandar degolar todas as crianças do país; revolução é por causa duma criança de colo uma família honrada ser obrigada a atravessar o deserto em cima dum burro (ou mesmo que fosse de automóvel); revolução é ter de aceitar um filho que aos doze ou treze anos se atreve a ir ao templo discutir com os Doutores (gente tão importante como é para nós o Senhor Cardeal-Patriarca, o Senhor Aquilino Ribeiro, o Senhor Doutor Júlio Dantas, o Senhor Doutor Fernando Namora e toda a Academia de Ciências); revolução é o nosso filho sair de casa aos treze anos e nunca mais se saber dele até aos trinta e tal; revolução é ter um filho acusado de terrível revolucionário e aceitá-lo assim mesmo, sem uma recusa e sem uma censura. Na mãe de Jesus vive a angústia de quem não pode chorar pelo destino do seu filho, nem pela sua vida nem pela sua morte. Podíamos, neste plano, suspeitar entre Jesus e Maria um diálogo admirável;

admirável porque não poderíamos conceber Maria à imagem das senhoras burguesas da nossa burguesia nem à imagem das respeitáveis mães de família que constituem o escol feminino da vida da nossa intelectualidade. Maria não tinha certamente princípios morais tão assentes e tão rígidos que se convencesse que neles tinha parado a vida e a evolução da humanidade.

Não cremos que a atitude de Maria possa ser dada como exemplo para as mulheres dos nossos dias seguirem porque elas estão amarradas a uma roda de fogo - o peso da evolução da sociedade em que vivem, e que não lhes convém nem podem negar dum momento para o outro. Mas a sua maternidade, se pode propiciar os regalos festivos da festa do Natal, que desejo que decorram com muita alegria, pode também inspirar-lhes um momento de profunda meditação.

Metamorfoses

«Em Roma faz-te Romano» é um conselho ou anexim que as mulheres têm especial capacidade para seguir. E ainda bem porque essa adaptabilidade enche a vida social de cambiantes que tornam o mundo muito mais divertido.

Agora, que por razões profissionais tive de me deslocar ao Porto, reencontrei Vitória, uma admirável rapariga que conheci aos vinte anos em Lisboa, casada então com um companheiro meu de lides desportivas. O marido dela e eu praticávamos luta greco-romana e ela costumava aparecer depois dos treinos para uma amena conversa de café.

Vitória tinha uma maneira de falar viva, fluente; defendia com argumentação capitosa e tão convencida que tocava levemente a caricatura, a excelência do desporto que praticávamos em relação a todos os outros. O Futebol? - uma selvajaria! O boxe? - outra! A luta greco-romana, sim! O equilíbrio das posições e a rapidez dos golpes e destreza que se exige no corpo-a-corpo, a presença necessária duma inteligência em superação permanente da emoção do combate e do dispêndio de energia, que eram nas suas palavras apanágio do desporto mais excelente. E - Vitória estudara qualquer coisa no liceu - citava os gregos e os romanos, as festas pagãs e vários séculos de estudo do corpo humano, para concluir que a luta

greco-romana era um desporto maravilhoso a que se chegara em vários séculos de ciência e de reflexão. E seu marido - evidentemente - o melhor de todos.

Esta conclusão, que acentuava todos os dias várias vezes me irritou por injustiça que era; não vou dizer que era eu o melhor dos atletas da modalidade, mas havia-os mais combativos e mais ágeis que ele.

Passaram-se anos sem nos vermos. Um dia encontrei-a por acaso na rua e perguntei-lhe pelo marido.

— Magnífico. Cada vez mais popular. Ganha imenso dinheiro.

— Com quê?

— Com o futebol - respondeu. Pasmei.

— Com o futebol?

Eu não soubera nada. O primeiro marido morrera num desastre ocorrido numa ponte ainda não acabada onde ia num automóvel de capota aberta. Um touro soltara-se da manada e corria desenfreado pela ponte; na corrida deitou abaixo a perna dum andaime, pelo que caiu do alto um pau que lhe bateu certeiro na cabeça. Dessa maneira cómica se deu a morte do lutador - segundo me descreveu. Confesso que não pude reprimir uma vontade de rir irresistível em que ela colaborou com compreensão e pudor.

— Casaste outra vez? - perguntei.

— Sim.

— Com quem?

Vitória disse um nome que não devo escrever aqui por se tratar dum dos mais conhecidos e disputados futebolistas do Benfica que nessa altura estava no Brasil a demonstrar aos brasileiros, segundo veementemente me afirmava Vitória, como se

joga futebol. Convidei-a para tomar chá e ouvi uma série infindável de proezas do Benfica, da defesa do Benfica, do ataque do Benfica, dos dirigentes do Benfica. Enfim, se Portugal existe como país independente, deve-o segundo depreendi das palavras de Vitória, à admirável existência do Benfica. Vitória continuava em forma, veemente e sempre graciosíssima, no seu entusiasmo que conseguia dar aos factos o mesmo saboroso tom caricatural com que anos antes divinizava a luta greco-romana. Agora como então, Vitória manifestava uma sinceridade a toda a prova.

Há dias o porteiro do teatro S. João onde estive com a companhia de Teatro Nacional Popular informou-me de que me procurara uma senhora. Deixara o número de telefone pedindo muito que não deixasse de telefonar. Era Vitória.

Contou-me tudo. Fizera aquilo que costuma achar-se um disparate e que talvez seja: conhecera, numa festa em Lisboa depois de um desafio, um jogador do Futebol Clube do Porto e, perdida de amores, fugira para ele. Não o devia ter feito mas não estava arrependida, por várias razões: porque afinal de contas aquele amor desvairado que tinha tido pelo jogador do Benfica fora mentira e uma ilusão e que em Portugal o que vale verdadeiramente a pena é o norte do país: gente com muito mais personalidade, mais agarrados à terra, mais patriotas, mais bairristas; e se não, era ver o prestígio de coisa nacional que tem o Futebol Clube do Porto, uma organização que é não só uma honra para a Península Ibérica, (uma organização da qual os espanhóis têm uma ciumeira manifestada), mas também, para os milhões de adeptos, uma religião. A respeito de táctica de jogo os outros todos podem limpar as mãos à parede; a respeito de combatividade, não há comparação possível, porque na verdade os outros são uns

mercenários e estes lutam pondo em jogo a paixão pela sua terra que a título nenhum querem que fique envergonhada.

E a onda arrebatadora da argumentação seguiu-se em torrente da imaginação fabulosa, sempre caricatural e sempre lindíssima, que há-de fazer de Vitória uma eterna apaixonada.

Pedi-lhe que se acontecesse outra mudança me comunicasse. E daqui lhe lanço publicamente outra vez semelhante apelo porque preciso de temas para estas crónicas.

Padeira
de Aljubarrota

Não sei porquê, apraz-me neste momento evocar aqui, neste canto de jornal onde se admira a mulher quando ela deve ser admirada, aquelas que não têm medo. Não é preciso desandar a roda da história até aos gregos onde há sempre exemplos para tudo, nem trazer para aqui aquele célebre tema de Aristófanes que é um misto de panfleto político e de drama freudiano, em que se narra que em certa cidade as mulheres venceram os vencedores entregando-se-lhes. Tal vitória, embora tenha decorrido entre altares de sacrifício e arrebatados gritos de prazer pela vitória, não está hoje de maneira alguma ultrapassada nos dados psicológicos que nos fornece; e no aspecto puramente íntimo exemplifica soberanamente um facto de que todas as mulheres têm consciência porque tê-la é característica inconfundível de feminilidade: o quanto vale a existência física - puramente física - da mulher (principalmente se for bela) e quanto isso pode contar na harmonia ou desarmonia dos lares e até na felicidade das nações.

Aljubarrota deu-se no fim da Idade Média em Portugal.

Não havia então olhos preparados para análises prolongadas dos fenómenos sociais e tudo se passava como um diálogo violento entre as paixões arrebatadas dos homens a desafiarem

para fins metafísicos o sistema moral e metafísico ordenado por Deus. Não digo que assim se tivesse estabelecido um mundo mais moral, mais regulamentar, mais casto, mas com certeza que se encheu o céu de consciências individuais de remorsos e de temores que, se por um lado diminuíam quantitativamente a prática do pecado, por outro lado davam ao pecado maior sabor. A Idade Média caracteriza-se pelos arrebatamentos e contrastes dos seus acontecimentos fundamentais.

No mesmo século em que se deu a Batalha de Aljubarrota, a independência de França perigava e foi uma mulher, Joana d'Arc, quem a salvou. Era uma criança de olhos lindos e colo divinal, segundo descreve La Hire, um companheiro de armas que dormiu com ela na mesma tenda e acordando de noite lhe viu o colo banhado pela lua entre as roupas mal compostas. Joana ouvia vozes de santos que lhe traziam recados dum Deus patriota à moda francesa; e, ou porque as vozes sabiam das coisas militares ou porque Joana nasceu com força de alma e instinto para estratégias, realizaram-se sob o seu comando vitórias guerreiras milagrosas. Depois coroou um rei, deu à França um rei que lhe fazia falta. E atraiçoada pelo rei, pelo clero, pelos militares e até pelas vozes do além que deixou de ouvir, morreu na fogueira por ordem dum tribunal político de péssima qualidade - como todos os tribunais políticos - cujos componentes ardem agora nas profundezas dos infernos e aí ficarão a arder pelos séculos dos séculos na companhia de todos os membros de todos os tribunais políticos de todo o mundo.

Sem arroubos místicos nem poder para congregar as massas e despertar almas para as conveniências colectivas, mostra-nos a história mulheres de renome desde Lady Godiva a Mme. Montespan, desde a nossa Isabel de Saboia até George Sand que,

dum modo ou doutro, para melhores ou piores fins, não tiveram medo. E à parte estas, a história não no-las mostra porque elas viveram cumprindo o seu destino modesto, as multidões de mães e esposas que nos momentos cruciantes souberam dar um beijo aos maridos e aos filhos e os aconselharam a cumprir o seu dever, sem medo da solidão em que ficariam e sem medo de que os inimigos, se vencessem, viessem sobre elas cevar o seu ódio.

Um pouco de tudo isto - deste destino comezinho e dos arroubos místicos de Joana d'Arc - tem a padeira de Aljubarrota.

Um pouco, apenas um pouco, porque em Portugal, não se sabe por que milagre de moderação, os factos dão-se numa medida suave. Enquanto que, na Guerra dos Cem anos, foi terrível a luta de borguinhões, franceses e ingleses, Aljubarrota foi uma jornada amável, feita entre os primores cavaleirosos da Ala dos Namorados, um Condestável que comandava a batalha de cima da sua mula e uma grande compaixão portuguesa pela peste que dizimava os espanhóis e retinha no leito, às portas da morte, a bela infanta de Portugal, casada com D. João de Castela, causa, afinal, daquela peleja e menina que no fundo o povo estimava como filha que era do seu Rei. Mas a Padeira de Aljubarrota não quis saber de cantigas. Portugal ia ser um país ocupado, perigava a nossa independência e a honra da nossa capacidade de povo voluntarioso e senhor do seu destino? Então para ela o pão passou a ser condição de vitória e a pá uma arma. «Vai disto, camaradas, não há que ter medo. O que mete medo é a escravidão! Se a morte tiver de ser o preço da liberdade, não é cara esta, porque mui pouca cotação tem no mercado a vida dos escravos!»

Mais tarde pensou da mesma maneira Filipa de Vilhena que também contra os espanhóis armou cavaleiros os seus filhos, para os entregar à causa da liberdade. Talvez os atirasse para a morte.

Mas Filipa não tinha medo de ficar o resto da vida a chorar a morte dos filhos que morreriam no seu posto. E a verdade é que Filipa ganhou a partida.

Portanto, Viva a Mulher! Não há dúvida que nos momentos cruciantes da nossa história, quando é preciso demonstrar que os portugueses são uma nação livre, Portugal tem demonstrado que está muito bem servido de mulheres.

TEMPO ANTERIOR

Reprodução

Parca figura tinha D. João II, hostil ao circundante, pequeno, olhando de baixo para cima, mesmo quando a luz do seu pensamento tudo varava e tudo esclarecia.

Por aqueles tempos, El-Rei andava possesso. Não que se lhe houvessem reactivado excessos que o tornaram famoso entre homens e damas, inclusive de cortes europeias; mas porque uma ideia, pura e utilitária, o motivava. E que ideia!

Da pequenez dos ventres maternos, da pequenez dos falos masculinos, ainda que sábia e fecundamente reunidos, El-Rei passava ao Império que abria. E meditava na imensidade do mundo em breve ao seu dispor, contrapondo-lhe a reduzida casta que havia Portugal para o ocupar.

Diogo de Menezes - bradou El-Rei para o Secretário-Mor - ou se mudam as regras da reprodução ou, não tarda, Portugal se vai *a la viola.*

- Regras?! Quais regras, Senhor? Parir demanda gestação e esta não se logra em tempo encurtado, mas segundo Madre Natureza quer. Quais regras, Senhor? Ventre da fêmea recebe semente; após o que germina e longa de meses é impante no mesmo ventre; o qual só raramente abunda em mais do que um fruto em cada procriação; sendo dois de quando em vez e, mais do que dois, obra do diabo ou de venéreos humores de não desejar, pois deixam degenerados os das melhores cepas; nascer é licor de

Deus, portanto sadio e gracioso; de todo o ser se requer juízo e não o possuir começa em desvarios do engendramento. Tomai por melindroso o sujeito, Senhor! E reverenciai Madre Natura, que tudo lo que pôs, assim o é. Verdejam e enlourecem as parras; e, ou o vinho escorre no devido tempo ou tereis a pior zurrapa desta vida; o rio Nilo se dilata em tempo de frol e fecunda os campos aderentes; e se o Inverno se enchesse forçadamente, tê-los-íeis, não plenos de cereal, mas devassados de batráquios como no milagre de Moisés. Nascer exige a respectiva regra, que não tem muda e será amanhã como há milénios.

El-Rei coçou o nariz, jeito de irritação contida. O Secretário-Mor sorriu; empalideceu; e agourava descortesia, pois a conhecida vermelhidão inundava os reais globos oculares.

- Lembrai-vos, D. Diogo, de Álvaro Fayão?

- Qual? O que faz anos metemos na masmorra?

- Esse.

- E um temível desencabrestado. Herege. Violador.

- Exacto.

- Senhor, homem tal prefigura a devassidão de Santa Mãe de Cristo, ele assim o queira! Tudo e todos lhe são objecto devasso.

- Álvaro Fayão é o de quem carecemos.

- Para que fim, *vade retro?* - e benzeu-se.

- Eis o que vos direi. Arranjai-me ventres. Arranjai-me ventres!

O Secretário-Mor hesitou prolongadamente. Sua Alteza sorriu. Sem piedade, pois aquele velho, ultrapassado nos conceitos mas respeitoso do seu Senhor, desejando compreender sem lho consentir a tacanhez, era o imutável da corte: por um lado, a estupidez; por outro, a subserviência.

El-Rei em D. Diogo mirava estes defeitos e virtudes, que ambos eram uma coisa e outra. Sentia que com Dons Diogos tais se mantinha a monarquia; e que os outros, os determinados, desafectados de reverência perante o trono, afinal eram ranhosa preocupação dos monarcas, insónia real. Desta meditação (autocensura, se não assomada de desprezo aristocrático), El-Rei passou à visão do futuro para o qual empurrava o Reino, sem íntima segurança da respectiva viabilidade.

Substituíra as classes dominantes: aos terra-tenentes privilegiados de seu pai, D. João tirou valimento, passando-o, minguado, a baixas franjas da nobreza e a raros indivíduos da burguesia e do povo; promovera os seus próprios escudeiros. Esmagara os *leões*. Mas sentia-se só, os novos áulicos não se adequavam ao autêntico domínio, corpos diferentes em almas semelhantes, fogachos passadistas de que D. Diogo era típico. O povo? Sim, mas escasso na quantidade e sem paixão pela iniciativa.

- D. Diogo - repetiu El-Rei - ide, arranjai-me ventres.
- Para Vossa Alteza?
- Sim.
- E para quê?
- É cá comigo.
- Senhor, ireis vós mesmo fecundá-los!?
- Assim me apraza... - e as reais narinas tremiam. De sexo?
- De poderio?

D. Diogo saiu, veloz.

* * *

Nunca El-Rei proclamou a realização de qualquer "purga", mas fazia-as. Caso que a História relata foi o do primo e cunhado, Duque de Viseu, que apunhalou num vão da janela. E o do Duque de Bragança, degolado em Évora, no entanto, após a honra de um julgamento formal.

Atacava de preferência com discrição, de modo a provar-se que não fora ele. Bom remador, espairecia energias de madrugada, no bote real, nas águas do Tejo, convidando para o passeio quem desejava eliminar, o qual, com o remo, atirava às águas. Caso repetido, secreto mantido. Procedimento taxativo perante tensões entre nobres, áulicos e dignatários que atingissem clímax indomável; ou em casos de excesso de poder consolidado em determinado indivíduo; ou perante agressões ao que considerava dignidade pessoal do Monarca. El-Rei preparara um barqueiro forte e destemido para cúmplice dessas matinas, mandando cortar-lhe a língua, assegurando o silêncio e o segredo.

Os rios sempre foram tentação dos monarcas. Os rios vastos, como o Tejo, que tudo engolem e assimilam. Prática linear e ingénua? El-Rei não a justificava sequer como destino do Poder e universal expediente a alto nível, remirava-se no procedimento, limpo de imediato pelas águas, em termos de não lhe pesar na consciência nenhum caso assim consumado.

O mesmo não acontecia com o de Viseu. Molestava-o sentir ainda na mão o cabo do punhal, algidez que persistia ainda, e, logo, o calor do sangue a esguichar-lhe para o pulso, o grito do assassinado, os olhos de pavor. E a aparente resignação da sua estuporada mulher, a Rainha, que nunca mais deixou de intrigar, chefiando a contestação contra o marido.

As mortes marcaram-no. Por via delas, como os grandes artistas que alcançam a maturidade, aprendeu a sobriedade e a contenção: matar sim, mas o menos possível; e matar bem.

Tudo lhe era morte. Disto desconfiado a princípio, tal se transformou em certeza, o roxo e a putrescência coavam a luz que o sol mandava sobre El-Rei. Meditação que sempre o envolvia: sombra era a sua pessoa mesma, sem objecto efectivo e sombra consequente.

Novo motivo: as noções contrapolares de dar morte e de dar vida, esta última um apetecimento.

A conjugação deste sentir com a antevisão de um mundo despovoado e inerte, depois de conquistado e aberto por esforço colossal e energia suscitada, inspirava-lhe a criação de gente.

El-Rei implicou-se corporalmente no projecto. Cobriu as primeiras mulheres arrebanhadas. Os ventres continuaram-lhes infecundos. Atiradas ao Tejo, logo outras as substituíram. De novo El-Rei actuou. Não engravidaram.

Conclusão: o mal não era dos ventres, mas de El-Rei. D. João aceitou com coragem aquilo de que há muito desconfiava: tornara-se estéril. Dar vida já não era próprio da sua pessoa. Morte, sim.

* * *

Escolheu o casarão dos Olivais, junto ao rio, isolado entre a secura da terra, os muros, as árvores. No interior, os largos espaços mostravam-se convenientes às várias exigências do empreendimento. O pátio central separava as operações: de um lado a moradia, do outro o local da criação, este último povoado

de mulheres de peitos anafados. No primeiro, as moças, por tempo conveniente e até provada gravidez.

Álvaro Fayão foi levantado da masmorra. Estagiou em Lisboa, logrando bom alimento, após o que o transferiram para os Olivais, aí internado em cela com grades nas janelas. À noite, abriam-lhe a porta e encaminhavam-no para o corredor das moças.

Uma vez grávidas, estas voltavam às suas vidas sob vigilância; e no momento oportuno eram raptadas. Pariam nos Olivais, onde permaneciam até haverem amamentado. Depois, ou engravidavam de imediato e se repetia processo semelhante ou, não tendo condições, voltavam às suas vidas, ameaçadas duramente no caso de não guardarem segredo.

As crianças eram entregues a velhas internadas no viveiro; um abade, muito de feição, devidamente acolitado, agia na sua competência, ministrando rituais e o primeiro ensino no colégio ao fundo da cerca. Daí seguiam as crianças para conventos: rapazes para uns, raparigas para outros.

Os homens recebiam instrução complementar, com incidências militares e eclesiásticas, alguns supradotados prosseguindo estudos; os outros eram entregues à Armada ou lançados em Lisboa sem protecção, sem ligação com o seu anterior, devendo conquistar pela própria força a sobrevivência e o destino.

As do sexo feminino ou permaneciam no convento ou se dedicavam à protecção da infância ou eram conduzidas à reprodução ou a todas estas finalidades em conjunto.

Meninos e meninas recebiam tratamento desamorável. Por sistema e por ordem superior. Algo que os não prendesse a nada ou os desprendesse de tudo. As mães não aleitavam os próprios

filhos, mas crianças indistintamente, função em que eram estimuladas por obrigação e sob sevícias. Estabulizadas, como actualmente se diria.

El-Rei fez nomeações secretas de físicos, aparadeiras e garanhões; estes (o precursor e paladino foi Álvaro Fayão) tiveram os lógicos desfechos: encontrando-se esgotados, o Tejo levava-os; ou, em caso provado de energia e prestança diferente, eram transportados para além-mar e aí abandonados, incitados a conquistar posição, a estabelecer feitorias, a devastar nativos e a sobre estes dominar; de contrário, a sua utilidade confinava-se ao repasto de antropófagos ou à rapina dos animais. Caso arrumado.

Olivais foi apenas o primeiro CAMPO experimental, no qual se praticaram erros que abalaram a economia do empreendimento e o erário régio.

Não havia constituída experiência específica da reprodução forçada; não se conheciam os procedimentos mais rentáveis; o empreendimento, em si próprio, contradizia a propensão sentimental, tradicionalista (ou civilizacional) que fundamentava a vida na Graça, a protecção dos desvalidos na caridade - sistema em que se implicavam noções transcendentais relativas ao comportamento e à salvação, administração de um deve e de um haver em potência, contas a ajustar à entrada do Além, com viabilidades no Juízo Final.

Pelo contrário, o projecto de El-Rei baseava-se na noção de que a Natureza se basta; e de que a liberdade do ser depende de sua natural magnanimidade, constituindo a relação do ser com Deus hipoteca da mesma liberdade.

No caso dos CAMPOS DE REPRODUÇÃO manifestarem a sincera filosofia de El-Rei, esta seria pragmática: são precisos

portugueses para que Portugal floresça? Pois *fazem-se* portugueses como se fariam cordas ou velas de embarcações, instrumentos de expansão. Complicar as coisas, para quê?

El-Rei definiu esta perspectiva sólida, exacta, lógica.

Feitos os tais portugueses, o que daí para diante lhes acontecesse não respeitava à Coroa. Ei-los, por sua real iniciativa, neste mundo, homens vivos. Se quisessem engrenar nos escaninhos sociais, que os conquistassem; alcançassem o transcendental e o metafísico; tinham o direito de empobrecer ou enriquecer, de se tornarem, por valor e esforço, membros da aristocracia, das Forças Armadas, do Clero, comerciantes, navegadores, colonizadores, ladrões, reprodutores, padres, argonautas. Podiam exercer direitos sociais e morais, descer aos infernos, subir aos céus, tornar-se apóstolos, santos, poetas. Não era negócio de El-Rei, que apenas lhes proporcionava a existência - forçadamente em relação ao habitual, mas o que é o habitual perante a utopia?

Feliz ou não, vida sob os olhos, comando e domínio de El-Rei, evidentemente desde o nascimento até à morte.

* * *

Os CAMPOS desagradariam à Rainha e ao beatério que a propulsionava; decepcionariam a caridade cristã, bandeira ao alto dessa cabala, desfraldada contra os viris desígnios do monarca. D. Jorge da Costa, o *alpedrinha*, cardeal, concomitantemente arcebispo de Lisboa e de Braga, e bispo de Évora, Silves, Guarda e Viseu, ao obter secretas informações acerca dos CAMPOS,

intentou reagir; D. João, em consequência, rompeu certo tabu em que mantinha o velho cardeal, há muito merecedor de correctivo.

Sentindo que se não encontrava a salvo da régia vingança,

D. Jorge fugiu para Roma. Acolhido nas pias hospedagens, não o largaram os vigilantes de D. João, que sob os olhos o tiveram até à morte.

Sem alcançar o alto nível do cardeal, o Clero também era bronco, corrupto, decadente e D. João sabia que, no momento próprio, pregaria contra os CAMPOS e contra o racional que continham, inflamaria o povo a favor de um Portugal sabujo e atrasadista. Eliminar o Clero? Impossível e inconveniente. O melhor era prometer-lhe novos mundos para pilhar e missionar.

Os CAMPOS apenas agradariam aos Cátaros. O que não era pouco, pois clandestinos desde há séculos, dissimulavam-se, realimentados pelos Templários e pelo sucedâneo português, a Ordem de Cristo.

D. João não tinha por certo que o tio Infante D. Henrique, por mais que constasse o contrário, não foi o reboque de uma perspectiva de expansão e descobrimento, foi rebocado e compelido para o pouco que, sob sua égide, em tal perspectiva se cometeu. Sim, rebocado pelos Cátaros, por grande esforço destes, que eram parte da Ordem de Cristo.

El-Rei sabia que a vontade profunda da Ordem - que nas

Cruzadas adquirira espírito militar de missão ascética e grande sabedoria náutica e mágica, com conhecimento do subsolo e dos minerais preciosos - teria sido conduzir o tio Henrique aos autênticos caminhos do Mar.

Mas o Infante trabalhava por dinheiro, de que muito precisava, e temia o mar tenebroso, acreditava em quantos

monstros o povo acreditava. Irritadamente, preteria os sábios da Ordem, para privilegiar os medíocres nela residentes, pelo que se limitou a permitir surtidas propositadas às Canárias e às costas atlânticas da África muçulmana, à busca de oiro e de escravos. O sonho e a aventura - propostas dos novos Templários que conheciam o Brasil e já sabiam que a África tem fim - não mereceram a aprovação do Infante; pelo contrário, o Infante roubara-os, pilhara-lhes os cofres para financiar a sua grande obsessão, a conquista norte-africana.

D. João desejava uma expansão honestamente planificada, moderna, politizada. Mas não podia abrir o seu jogo à Ordem de Cristo, parte da qual somente mantinha a pureza dos antigos e sábios desígnios; a restante parte, deturpada, corrompida, exercia acutilante espionagem sobre a primeira, tentando aniquilá-la. Por vezes, D. João acordava de manhã, tendo sonhado que havia de lhes meter os Franciscanos de permeio; mas logo se recordava do Papa e desistia.

Os Cátaros, quando perseguidos e vítimas de uma cruzada pontifícia no século XII, muitos deles se acolheram em Portugal, engrenando com os Templários que por cá também heresiavam (aqueles que vieram ajudar à Reconquista), ambos aqui disseminando o dualismo doutrinário da Seita; todo o Bem se encontra no Corpo místico de Cristo e todo o Mal na carne. Renúncia, pois, ao mundo e ao sexo, fixação da vida na ascese cristã (Túmulo do Senhor) com a alternativa seguinte: ou impuramente continuar a espécie humana ou, cumprindo a doutrina e a pureza, deixar a espécie extinguir-se.

Dos CAMPOS saía uma humanidade lídima, sem crime originário, sem abuso sexual, sem carnalidade, sem desvio do Amor em Cristo para a matéria e para o mundo.

Os Cátaros viam os CAMPOS como ruptura na sua contradição intrínseca.

D. João soube medir a vantagem e determinou oficialmente que nos CAMPOS tudo fosse sem amor: os garanhões não conheceriam as mulheres, nem sequer as beijariam durante o coito; as mães paririam desconhecendo os próprios filhos; aleitariam indiscriminadamente.

A posição dos Cátaros perante os CAMPOS e certas tentativas doutrinárias originaram subtilezas exegéticas, resistentes

(embora veladamente), suscitaram reuniões secretas, abriram púlpitos enigmáticos e obrigaram El-Rei a entregar ao Tejo cópia de pessoas que o não entendiam ou se preparavam para anular os desígnios pragmáticos do PROJECTO.

Apesar dos dissabores, os CAMPOS prosseguiram e constituíam para El-Rei esperança de colmatar as brechas do sistema demográfico da nação, perante o futuro que se lhe abria.

Na prática, porém, verificavam-se nos CAMPOS imperfeições de base.

Lacuna palmar: o tempo.

O tempo em que se desenvolviam as necessidades; o tempo em que os CAMPOS operavam a solução.

O processo da descoberta e da expansão não podia estacionar e era mais rápido que o produto saído dos CAMPOS.

Para D. João, Portugal estava ameaçado; as navegações progrediam; mas poderiam vir a confinar-se à simples mostra científica do Portugal então evoluído, dignificação de uma nação

amadurecida; outros povos, de menor validade, ocupariam o progresso dos portugueses. Os portugueses lograriam a glória de terem descoberto o mundo; mas não a utilidade de o explorarem em seu proveito; observar-se-ia a frustração do produtor de vinho que o não bebe, mas o oferece, para que o bebam, a amigos e a inimigos!

Seria correcção do PROJECTO suster as Descobertas até que sobre o início dos CAMPOS passassem vinte anos e os portugueses se multiplicassem convenientemente?

Não, impossível travar a energia com que se navegava. Por outro lado, a Espanha era concorrente expansionista e mostrava-se sôfrega. E competitiva. Esperançado nos resultados dos CAMPOS, D. João negociou uma moratória em Toledo (onde fez amplas concessões) e uma divisória de hegemonias em Tordesilhas. Não podia, diplomaticamente, caminhar mais longe na matreirice. Os CAMPOS salvariam o esforço português; se o não salvassem, seria a catástrofe, o povo ficaria esgotado uma vez por todas.

D. João teve consciência alternativa, clivagem fatal, condena sem apelo, derrota *per omnia saecula...*

D. João e mais ninguém no Reino! Mais ninguém.

Só, novamente! E reconhecendo-o, foi-lhe bem presente o seu próprio ponto de partida: "Oh Portugal, que te vais *a la viola*".

* * *

Mas não em sua vida!

Expandiu os CAMPOS: Mértola (terra de população quente e junto ao rio); Portas do Tejo; Alfadim, na riba do Vouga, ex-

senhorio do Duque de Viseu, para completa danação da sua alma; cerca de Espanha, no Douro, e na embocadura do mesmo rio; em Viana e ao norte, em mansão de confiança.

As crianças, uma vez "tiradas da placenta" - como El-Rei metaforicamente dizia - convergiam aos grandes colégios centrais.

E assim o Reino haveria o conveniente à expansão.

Dois séculos antes, um pérfido monarca aproveitara a dizimação produzida por uma epidemia de peste para revigorar o seu domínio. Desde então, a povoação mantivera-se rara (um desmazelo administrativo!), a terra ao abandono, as tropas escassas. Só agora, por sua iniciativa, a nação refloria!

El-Rei remirava-se na gente produzida, como se ele próprio lhe fosse corporalmente origem. E, vendo-a sair dos ventres, dos amamentários, dos viveiros, dos colégios e cruzar os caminhos da terra e as estradas do mar, D. João sentia-se de algum modo tronco e vergel e fonte de seiva, novo sangue que extravasava de Portugal até onde houvesse território desvendado e possuído.

Morto o filho, o Infante D. Afonso, através de quem El-Rei iria efectivar a MIU - Monarquia Ibérica Unificada - D. João II ainda arrastou a vida por três anos. Mandou-se tosquiar em sinal de luto e desespero. O magro crânio brilhava ao sol de Lisboa. Lá dentro, El-Rei contrapunha à imagem do filho prostrado o desfile pleno dos seus homens de armas, dos navegadores e aventureiros, nascidos de tudo, fortes do nascer de súbito; e o desfile dos que ainda não haviam nascido e o das forjas já acesas e preparadas para os fabricar.

Frieza desumana em D. João? Pelo contrário, permanente e caloroso sonho brotado daquela cabeça, sempre fervilhando!

As sextas-feiras, Braz Calhandro, o barbeiro real, penetrava nos aposentos de D. João. Dispunha sobre a banqueta os gumes toledanos. El-Rei aproximava-se, paciente, naquele ar sem olhos para o material e para o positivo. Sentava-se, encostava a cabeça no braço do artista que lha esfregava. D. João deixava-o fazer, confiante, passivo. De seguida, a manápula do barbeiro ia retirando de sobre a toalha as navalhas com que rapava o crânio real.

El-Rei saboreava a excelência do aço e, às vezes, sorria:

- Braz, se um dia fores chamado a tosquiar o Bragança, lembra-te de que ele tem esta veia, aqui.

E, com a afilada, apontava a carótida.

Braz Calhandro respondia com gargalhadas nervosas, sem compreender se El-Rei lhe fazia uma encomenda ou se o dizia para rir.

Na verdade, quanto a carótidas, a D. João tanto se lhe dava.

O que fizera estava feito e continuaria a trabalhar por si. O seu pensamento e imaginação conformavam sem descanso um mundo vasto, mundo dos novos portugueses!

D. João não duvidava: ficaria na História como qualquer monarca; mas os CAMPOS DE REPRODUÇÃO ganhariam para a sua glória um lugar especial.

* * *

Passados oitenta e cinco anos sobre a morte de D. João II, já os portugueses tinham descoberto meio mundo; conquistado, escravizado, comerciado, exercido poderio; tinham perdido parte desse mundo e desse poderio. Iam perder a independência.

A causa próxima desta última perda foi o renascimento da ideia medieval do domínio católico sobre o Norte de África na cabeça delirante de uma criança perversa, estragada, desobediente, mal educada e pretensiosa. Cabeça loira de adolescente, cheia de sonho sanguinário de impérios impossíveis e inúteis. Criança que conhecia o passado através de imaginativas histórias da carochinha, mas que não aprendeu as tradicionais boas maneiras das famílias portuguesas que têm por assente e ensinam aos meninos que se deve respeito aos mais velhos, sobretudo aos da família. A perdição do Reino foi D. Sebastião desprezar esta norma comezinha.

De outro modo, teria escutado os conselhos do seu régio tio,

Filipe II, que o avisava: não havia de ir combater os muçulmanos;

e provava, com argumentos racionais, que tal não era necessário e que o sobrinho não conseguiria reunir forças suficientes para se opor com decência a tal inimigo.

A criancinha desrespeitou os avisos do tio; teimou na africanada. E Alcácer-Quibir foi o que se sabe: derrota militar catastrófica, mortandade e perda da independência.

Lição moral: devemos sempre respeitar os nossos tios e obedecer-lhes.

* * *

Já o sol ia alto sobre o mundo iniciado nas Descobertas e as pedras do xadrez dos povos e domínios por várias vezes se tinham revolvido sobre os tabuleiros - estamos no século XVIII - o navio

pirata Black March pairava ao largo dos Açores, para tomar emigrantes.

O rei de Portugal proibira a emigração. Mas os Açores ficavam no caminho para a América, eram apoio natural das naus que iam da Europa, assim como dos navios na rota da escravatura negra, desde o Golfo da Guiné até às novas terras.

Nos Açores, a angústia do isolamento insular; o pequeno solo; o sistema governativo que aniquilava todo o esforço pessoal. Mas, para além das tempestades, das neblinas e da riqueza, paraíso neste mundo!

O governo mandou vigiar as costas das Ilhas; instalou peças de boca sobre o mar, armou os guardas com fuzis.

Nada evitou que secreta forma de comunicação operasse entre os emigrantes e os de lá prontos a recebê-los. E o navio aparecia.

Black March, velho galeão de alto bordo, casco negro e velas pardas, com pontos dourados no costado e nas linhas de opulência, a acentuá-las contra o mar.

- Onde? A que ilha? Em que dia?

Quando governo e guardas desconfiavam de que apareceria em Janeiro ao norte de S. Miguel, surgia a oeste do Faial em Dezembro ou a sul da Terceira em Agosto. Os intranquilos emigrantes sabiam-no ao certo.

Ficava ao longe fora do alcance das peças, bamboleando-se no pousio das ondas. Vinha durante a noite e largava à primeira claridade da manhã. Quem quisesse emigrar, tinha de apresentar-se a bordo antes da largada, por seus próprios meios.

Porém, os portos e os acessos ao mar estavam vigiados; todas as embarcações das ilhas arroladas. Para bordo do Black March só

podia avançar-se a nado, de noite, mergulhando do alto das rochas onde se quebra a violência do mar.

Perigos diversos esperavam quem corresse a aventura desta travessia: muitos morriam espatifados contra as penedias mal mergulhavam; outros sumiam-se devorados por jamantas e tubarões; outros, apesar do segredo, eram apanhados pelos guardas e mortos a tiro; contra alguns se dispararam canhões e então o mar, brilhante à lua cheia, via-se coalhado de sangue; muitos morriam de cansaço e os corpos no dia seguinte boiavam no mar sereno.

Tantos perigos não decepcionaram os emigrantes. Arriscavam paraíso ou morte. Estava-lhes no sangue. O impulso para tanto, traziam-no dos ventres das mães, que os expeliam já dotados para que partissem.

Os que chegavam a bordo do Black March eram acolhidos com roupa nova e enxuta, tinham viagem e comida. E mais nada.

O que os impelia, de facto? Que destino lhes marcava aquela infixidez, o ardor das entranhas enquanto não partiam, o que lhes aguçava o ânimo para uma viagem que poderia ser mortal e, mais do que isso, para a vida de trabalho cego em longitudes que mal adivinhavam, para finalidades inconcretas?

Cada viagem do Black March deixava nas Ilhas um rumor.

Averiguava-se quem partira, procuravam-se cúmplices.

Não se conhece que alguma vez tenha havido traição.

* * *

Quem percorre o Brasil, hoje mal povoado por 120 milhões de habitantes, e por todo o lado encontra sinal português,

compreende que, para Portugal, o Brasil foi, primordialmente, uma aventura sexual e de reprodução.

Os portugueses navegaram, descobriram, lá colonizaram, assaltaram, cilindraram, agricultaram, pregaram, escravizaram, esquartejaram, governaram, sentenciaram. Tudo isso é controverso. Pode discutir-se se o fizeram bem ou mal, se podiam não ter feito ou tê-lo feito doutro modo.

Dado que Portugal, no início do século XIX, de população própria pouco excedia três milhões, um facto não admite contestações: no Brasil, os portugueses procriaram e bem.

- Onde? Como?

A resposta só pode ser: sempre, em toda a parte. De manhã, à noite, à tardinha, às dez horas, às duas, às quinze horas; sob o cafezeiro, em cima da palmeira, na palhota, às estrelas, no terreiro, sobre o sobrado, na cama, no areal...

Abandonaram os requintes dos CAMPOS DE REPRODUÇÃO relativos à escolha dos ventres mais apropriados e fecundaram ventre de branca, de índia, de japonesa, de mulata, de preta, de pele-vermelha, de inglesa, de síria, de chinesa. Não lhes importou averiguar de quem desde que, posta a "semente", aquilo onde caísse impasse e gerasse.

Os CAMPOS DE REPRODUÇÃO alargaram-se à vocação interna e exterior de todo o Portugal, a toda a mulher nossa ou sob nossa égide. Modificaram-se em relação ao projecto inicial - mera fábrica de instrumentos para a expansão portuguesa. Passaram a destino pátrio e principal indústria; e deram a regra de um modo do além-mar se reproduzir a si próprio, num entrecruzar de linhas geracionais e geográficas, cujas leis se desconhecem, mas através

das quais os portugueses de Portugal recebem o cêntimo no regresso.

Portugal e português não foram ázimos.

O Brasil demonstra a energia sexual deste povo; e não apenas a energia mas a persistência; e, lá no fundo, um terno amor pela vida e pelo humano.

Quando a Holanda disputou a Portugal a posse de terras brasileiras e ocupou as zonas do Recife e Olinda, os portugueses travaram combate. Mas a luta militar ficou indecisa.

As mulheres da região organizaram-se em Fúrias e, por todos os meios, decidiram a contenda expulsando os holandeses.

Porquê os holandeses?

Porque preferiam os portugueses: eram morenaços e - dizia-lhes o próprio impulso - sem dúvida as fecundariam com maior competência.

* * *

Através do intercomunicador, o Ministro chamou o Sub-Secretário. Imediatamente sentiu um certo relax, um alívio que lhe vinha de saber que junto do jovem Sub-Secretário, recém-formado em Direito, bom rapaz, novato, sem acesso ao Presidente do Conselho e, portanto, sem oportunidade de lhe ir fazer queixas, confidências e denúncias, o Ministro podia dar largas à sua coprolália.

Admitia que a coprolália é doença do foro psiquiátrico. Defeito grave, sobretudo em quem é Governo. Mas o Ministro tinha-a profundamente acirrada, herdara-a da mãe, senhora, que nem por isso foi menos estimada. E daí o feroz impulso de

pronunciar exclamações (e outros vocábulos) de baixíssimo teor. Não os pronunciando, porém, alguma coisa dentro do Ministro se acumulava progressivamente até alcançar níveis altíssimos de pressão; e o sistema nervoso vacilava, as faces enrubesciam, os membros tremelicavam; enfim, ficava inadequado à governação eficaz.

Agora, alcandorado a Ministro, tinha de reprimir a coprolália, reprimi-la como um menino de escola, porque dar-lhe a satisfação necessária, a satisfação que ela exige, poderia desagradar ao senhor Presidente do Conselho:

- Merda - disse o Ministro para o Sub-Secretário que acabava de entrar. - Merda, merda, merda!

- Muita - respondeu o Sub-Secretário sorrindo com cumplicidade, num envolvimento que sugou da atmosfera a densidade e o nervosismo.

- Então essa merda dessa circular?!

- Ei-la, senhor Ministro - o Sub retirou detrás das costas a página para o off-set e apresentou-lha.

- Já com a merda da emenda?

- Sim, senhor Ministro. A emenda foi feita. Suponho que agora tudo estará correcto e ao gosto de Vossa Excelência. Quer que a leia?

- Sim.

- Muito bem. "Aos Emigrantes Portugueses Espalhados pelo Mundo. O Governo de Portugal, nunca esquecendo os Irmãos que, disseminados em todas as longitudes, dignificam o nome de Portugal, hoje como há quinhentos anos..."

- Não. O princípio não é preciso ler. Apenas a merda da emenda.

- Ah, bom, pensei... Ora, ora... Bem, ah... é... bem... Está aqui. "Portanto, Sua Santidade o Papa, do alto da Sua Cátedra Infalível, condenou os contraceptivos de qualquer espécie. Quem os usar incorre em pecado grave, podendo ser banido da Cristandade, da Graça e da Salvação. O Governo Português dá relevo à definição da Doutrina Católica aplicável sobre o assunto, pois os ditames de Sua Santidade devem ser conhecidos de quanto português exista, tanto daquele que labuta no 'jardim à beira-mar plantado' como daquele que trabalha em qualquer parte do globo, para dignificação da Pátria. Neste momento de desvario universal, em que Portugal é o campeão da moral e da política, um dos raros países do mundo que honra e defende os Altos Valores Humanos, o desconhecimento da justa doutrina de Roma no respeitante aos contraceptivos seria a condenação da nossa História e da nossa Vida.

- Ouça lá, senhor Sub-Secretário: depois dessa merda aí dos contraceptivos é preciso acrescentar uma merda qualquer que torne a coisa mais clara...

- Onde?

- Aqui, aqui... Onde é que está? Deixe ver... Aqui: "... justa doutrina de Roma no respeitante aos contraceptivos..." acrescenta-se uma merda mais ou menos assim, entre parêntesis: "a chamada pílula é o mais vulgarmente conhecido e o mais criminosamente disseminado"... Hem? Que tal?

- Estou a tomar nota. Bom, ficaria do seguinte modo: "...justa doutrina de Roma respeitante aos contraceptivos," - abre parêntesis - "a chamada pílula é o mais vulgarmente conhecido e o mais criminosamente disseminado," - fecha parêntesis, vírgula "seria a condenação da nossa História e da nossa Vida secular",

- Bravo!

- "Crescei e multiplicai-vos", disse Nosso Senhor Jesus Cristo. O qual também lançou este apelo humanitário: "Deixai vir a mim os pequeninos". Portugueses! Em Portugal e em todo o mundo, nunca os portugueses cometeram a cobardia de ter medo das crianças, nunca temeram reproduzir-se, nunca recearam continuar a raça a que pertencem!"

- Pronto, basta, o resto é igual. Oxalá que essa merda resulte... Qual é a sua opinião?

- A minha opinião é que não resultará.

- Porquê?!

- Primeiro, não sabemos a quem enviar esta circular.

- A todos os portugueses de todo o mundo.

- Não sabemos os nomes, onde estão nem onde moram.

- Há a merda das associações. Por toda a parte onde há emigrantes, os portugueses formam a merda de uma associação.

- Talvez. Mas não as conhecemos.

- O quê?! Não existe neste Ministério uma lista dos nomes dos emigrantes portugueses?

- Não, senhor Ministro.

- Nem uma merda de uma lista com os nomes da merda das associações?

- Não há.

- Mas há os cônsules de Portugal. Mandam-se embrulhos de circulares aos cônsules para que as distribuam.

- Eles não as distribuirão.

- Bom, faça-me a merda da circular. Da distribuição me encarrego eu depois.

- Além disto, já que Vossa Excelência teve a generosidade de pedir a minha opinião... E se ainda mo permite...

- Diga!

- E não fica a embirrar comigo?

- Eu?! Merda, fale!

- A minha opinião é esta: o que é que nós pretendemos dos emigrantes portugueses?

- Pretendemos dinheiro, divisas.

- Exacto, senhor Ministro. Pretendemos que os emigrantes, lá nos lugares onde estão, se sacrifiquem a trabalhar, se safem como quiserem e nos enviem para cá a maior quantidade de dinheiro. Para quê? Para nós sobrevivermos. Porém, se o Governo lhes recomenda que eles ignorem o planeamento familiar dos países onde trabalham e ordena que se reproduzam à tripa-forra como a Natureza manda, Vossa Excelência está a ver o que acontece?

- Hem?...

- Eles gastarão com os filhos tudo quanto ganham; gastarão tudo lá, nos países onde vivem, e ficarão sem divisas nem dinheiro nem nada para nos mandar para cá, nada com que aqui sobrevivamos nós.

- Merda.

- Vossa Excelência diz merda? Eu, por mim, diria muito mais.

- O quê? O senhor Sub-Secretário pretende faltar-me ao respeito?

- Eu? Porquê, senhor Ministro?

- Atreve-se a pronunciar junto de mim palavras impróprias?

- Mas eu...

- Entregue-me essa merda dessa circular.

- Pronto, senhor Ministro.

- E saia!

- Mas...

- Saia! Merda.

Depois do Sub-Secretário fechar a porta, o Ministro rasgou a circular em mil pedacinhos, que guardou no bolso.

- Merda. Se Ele desconfiasse de que me passou pela cabeça emitir esta circular, por minha causa era capaz de fazer uma merda de uma remodelação ministerial...

Levantou-se nervoso, espaireceu pelo gabinete a sua lucidez, apalpando, bem guardado no bolso, os pedacinhos de papel, tremendo com o receio de que o Sub tivesse tirado cópia. Sozinho, sentia-se glorioso; na verdade, detinha a subserviência e a estupidez de que já D. João II se queixava.

Assaltavam-no turbilhões de ideias. E vinha a figura tonsurada do Padre António Vieira, tal e qual o expusera, no sétimo ano, o dr. Romão d'Andrade: "Se os homens se comessem somente depois de mortos, parece que eram menos horror e menos matéria de sentimento".

Não faremos questão nem fazemos diferença. Merda. Vivos ou mortos, ah, sim, nós comêmo-los! Vivos ou mortos! Comê-los-íamos ainda que fossem merda.

E o dr. Romão d'Andrade (vulgo Padre António Vieira) retomava a eloquência barroca: "A maldade é comerem-se os homens uns aos outros, e os que a cometem são os maiores, que comem os pequenos".

Maldade?! Qual maldade, senhor Padre António Vieira?

Que merda de ideia é essa? É maldade um fulano subsistir? E fazer por isso? Os maiores comerem os pequenos? Pois então, merda, como é que havia de ser? Os maiores deixariam, se os

pequenos os quisessem comer!? Merda. Merda. Nós somos os maiores, pois! Nove milhões de bocas que comem os dois milhões e meio que moirejam lá por fora. Graças a Deus, merda! Pois cá dentro, aqui na merda do "cantinho à beira" da merda do mar plantado, ficaram os melhores! Os que foram daqui é porque não tiveram tomates para se aguentarem por cá, são suínos, vivem como suínos, borrados de caca, os cotos atulhados em merda até à merda dos pescoços, dormem nos chiqueiros!

O Ministro estava descontraído, desobstruído, o sangue fluía-lhe livre, liberto, descrevendo em todos os seus escaninhos corporais uma curva gráfica, oleosa, ascensional. E a sua consciência política e cúmplice justificava-se; exercitava o raciocínio como um atleta exercita os músculos, eufórico, em vista de um aperfeiçoamento pessoal, para que tudo nele melhorasse e plenas se tornassem as suas qualidades para servir o Bem da Nação.

Continuou:

Comemo-los, sim, é o nosso direito. O destino dos suínos de merda é serem comidos! E não se vê o fim dessa merda dessa récua, para alimento nosso. Merda! Que enorme manducação temos ainda à nossa frente

Como em ocasião de fartura e de má digestão, o Ministro teve a necessidade de respirar fundo. Abriu a janela, por onde entrou o som da Emissora Nacional, que transmitia *A Portuguesa.*

Lisboa, Setembro de 1973

Almadada

Fiz dos Açores uma segunda viagem para a Faculdade de Direito de Lisboa (então no Campo de Santana), logo depois de terminada a 2.ª Guerra Mundial, em Setembro ou Outubro de 1945.

As viagens anteriores foram: a primeira após acabado o Liceu, para o exame de admissão. Umas ensaboadelas, já em Lisboa, por professores recomendados, e "chumbei". Voltei a Ponta Delgada, na expectativa dum ano inteiro de inaplicação, da qual me salvou o meu velho professor de Latim, com quem aprofundei tal língua numa desinça quotidiana, regular, que me pôs a ler assim autores do século I d. C. No ano seguinte, com mais latim no papo, abriram-se-me as portas da poderosa Faculdade. Telegrama para os meus, de regozijo, e voltei a S. Miguel para férias. Passadas as quais:

Lisboa, Faculdade de Direito, Campo de Santana!

Quase só na capital, Lisboa era-me árida, brutal, agressiva.

Pelo menos de início: quarto alugado em Arroios, na casa dum gaseado da Guerra de 14 - que de noite frequentemente estrebuchava em delírios de vário sofrimento; a frequência do "Lisboa Ginásio Clube", ali perto, magnífico duche, prática de ginástica e de modalidades desportivas.

Aparte benefícios à formação clássica que trazia e a certa bagagem literária, artística, histórica, Lisboa parecia-me desolada e fria. Não acudia ao essencial da afectividade. Mas oferecia compensações superficiais: convivências alegres e fluidas e também facilidades propiciadoras, tais como: vida nocturna, a que aderi e pratiquei; uso e abuso duma colónia de refugiados norte-africanos que conheci ocasionalmente e donde colhi a primeira experiência sexual e de amor (um gosto que jamais se dissolveu por via desta consciência portuguesa banhada pela África do norte); e aliciantes várias do sonho e da acção, a que não foram estranhos o MUD Juvenil e o Centro Republicano Almirante Reis; a música - tornei-me assinante das associações promotoras de concertos e dos espectáculos do S. Carlos; o teatro, o cinema, etc., - cinema nas grandes salas de estreia ou nas de bairro, onde ainda se exibia, retardada, alguma produção dos anos 30; cinema europeu e americano de durante a 2ª Guerra Mundial ou dela derivado e já algum filme pós-guerra. Salganhada cinematográfica convenientíssima para mim , vindo dos Açores, onde a exibição encalhara num primarismo arrepiante; onde não chegava a maior parte da produção; onde não havia preferência de qualidade ou de qualquer outra: não existia, de facto, qualquer critério de escolha (como seria, por exemplo, prioridade aos filmes de pancadaria); faltavam, nomeadamente, os filmes cenográficos de monstros articulados, maquinados, desolações pré-históricas, tensas da aflição poética do não-ser, como aqueles que em Lisboa exibia o Cinema Olímpia, ali à Rua dos Condes.

O Olímpia oferecia, para além dos programas, o deslumbramento do ritmo! Um ritmo - eis o que não me encantava

menos do que outros motivos de aliciamento que recolhia na capital.

Em Ponta Delgada havia exibições duas ou três vezes por semana e um único cinema, o Coliseu, desconfortável, aonde acorria com frequência às turbulentas *matinées* de Domingo. Bem diferente, o Olímpia, com as sessões contínuas! A primeira às 11 da manhã e prosseguiam, uma após outra, até depois da meia-noite, podendo adquirir-se um único bilhete e assistir de enfiada, se muito bem nos apetecesse! Que maravilha!

Os outros cinemas não programavam do mesmo modo: a *matinée* pelas 14.30, 15 horas, a soirée às 21.30. Sessões lentas, com grandes intervalos; nas matinées, damas desocupadas que ali se refastelavam, ocupando o vazio do tempo doméstico, esperando que maridos ou namorados saíssem dos empregos, chupando muitos bombons (como denunciava a "orquestra" dos invólucros de celofane); nas *soirées*, predominavam os casais, sobretudo nos cinemas mais pimpões. Aí se notava um luxo mole, lento, namorador, uma burguesia regular - sim, regular, sem dúvida; mas também, sinuoso, um odor a mancebia, a qualquer coisa que não convinha colocar à luz dos projectores e que chapinhava, anichava-se, dissimulava-se, fruindo das penumbras e do anonimato, buscando a obscuridade das salas, a luz indirecta a aflorar das sancas.

A Concordata então já produzia efeitos, mas ainda não acumulara tantos, como depois se viram. Passados alguns anos, aquela moleza envergonhada (que subtilmente ia conquistando espaço social e moral), diriam famílias legítimas e sacramentadas que *perdeu a vergonha,* saltou para a luz do dia, tornou-se realidade retumbante que a sociedade burguesa do País foi forçada

a aceitar; estabeleceu-se então a regularidade das situações irregulares; ninguém se podia gabar de não ter alguém na família vítima da Concordata, ainda que fingisse não escutar os gritos de dor e de sofrimento social e individual daí derivados.

Mas o rebentar da onda deu-se depois do tempo a que recuo; então os cinemas, sobretudo os mais caros, nas sessões nocturnas eram povoados de sombras lentas.

Por outro lado, através do próprio cinema, dos magazines, dos jornais, chegavam notícias internacionais da existência nas cidades dum ritmo vivaz, nervoso - as luzes da Broadway, a alucinação de Las Vegas; nas estatísticas, a frequência dos cinemas alcançara pontos altíssimos, a multidão acorria, leviana, irresponsável, na ânsia da excitação e do prazer. Outra gente, inclusive uma juventude liberta para quem ir ao cinema não constituía acto qualificado, nada tinha que mostrar ou esconder, ia ao cinema apanhar uma iguaria para compensação do quotidiano - como o gelado que a rapariga sôfrega, na tarde de calor, vai sugando, descuidada.

Portugal, de certo modo, foi privilegiado pela 2ª Guerra Mundial: zona neutral, refúgio de perseguidos que aqui buscavam confiança e protecção; por outro lado, havia-se observado um surto financeiro que tornara o País, durante a guerra, uma espécie de "Suíça provisória"; a assistência aos beligerantes, através do fornecimento de produtos e de negócios de intermediário, alguns com vantagens suculentas; atmosfera de segredo e cumplicidade, entre apoio humanitário, lucro mais ou menos de não se falar como, congeminação e espionagem; o volfrâmio, aí no subsolo, cuja utilidade a nova tecnologia do armamento bélico descobrira, enchendo bolsas e mais bolsas, encorajando o empreendimento

mais vivaz; em consequência do que a burguesia de Lisboa, ou por acertado julgamento das próprias potencialidades ou por aspirações irrealistas, se sentia estimulada, ganhava a noção de que lhe era possível ombrear com o mundo civilizado e evoluído a que dantes não ousara equiparar-se. Sentia-se, nos ares, um certo orgulho.

Agora, passados 30 anos, não sei se alguma justificativa histórica se encontrava e se reconhece nos fundamentos da percepção colectiva que então detectei.

A esta distância, não me sei situar socialmente nessa ocasião, pois atingiu-me então um nomadismo vivencial que acelerava o ritmo e o fruto de viver, mas que me impedia de participar no contexto exacto.

Existirá alguma história escrita que conforme objectivamente a sociedade lisboeta dos anos seguintes à 2ª Guerra Mundial?

Havia a esperança (para uns) e o receio (para outros) da mudança das estruturas do Governo. Vitorioso na guerra o contendor que se dizia democrático, decerto Salazar não deixaria tudo como tinha vindo a ser, o seu presidencialismo e os fogos fátuos. Constava que Salazar continuaria na mesma senda, mas agora introduzindo modificações e elementos novos: modernizaria as polícias e outros dispositivos da repressão e da sua defesa própria; aperrearia a trela com que tinha as Forças Armadas e, mais seguro, criaria um sistema parlamentar sofisticado a seu jeito: legalizaria mais *dois partidos*, um à esquerda e outro à direita da União Nacional - na verdade, cada qual mais à extrema-direita do que os outros dois.

Mesmo esta cenografia táctica os seus apaniguados receavam: era, de certa maneira, uma liberalização.

Tal não se deu: Salazar não liberalizou.

Efectivamente, não era disparate admitir que os novos partidos viessem a estabelecer pontos de confrontação e meios de conquista do terreno; e que o Chefe viesse a ser ultrapassado pela sua própria táctica; poderiam dar-se infiltrações da Oposição e dos Comunistas (cruzes, canhoto!), chegando a tornar-se possível revelar à Nação os problemas do País, criar-se alguma consciência social a que o legalismo e a legalidade se não contraporiam comodamente; talvez, até!, permitir às massas populares tomarem forma política e ao trabalho organização de reivindicações - monstruosidades aterradoras contra o "bem da Nação". Tais partidos, dentro de cinco ou dez anos, negociariam com organizações políticas internacionais num espírito comum e abririam portas de acesso a concepções de vida mantidas no exterior do País, as quais, ainda que situadas na cola do Regime, viriam estimular movimentos que o Regime não fora constituído para enfrentar.

O Almirante, um Almirante importantíssimo, perante quem estive algumas vezes em casa de velhos amigos de família (nunca fixei o seu nome e ainda hoje o ignoro) não acreditava na hipótese.

Opinava que o salazarismo nunca tivera conteúdo político nem outro qualquer; que Salazar não era um chefe político; possuía uma esperteza saloia, de grande acuidade, sim, mas nos estritos limites da esperteza saloia; era, certamente, uma dona de casa que trazia, dependuradas à cintura, as chaves da despensa.

Provado este vácuo político (acerca do qual o Almirante se mostrava peremptório), não se justificava a estatuição de partidos, mesmo controlados e fantasmáticos, pois ele, Salazar, continuaria a deter as chaves da despensa e ninguém ousaria disputá-las,

ninguém de dentro do próprio Regime. Segundo o Almirante, Salazar possuía um martelo mágico, cego e cruel, para abater qualquer cabeça que ousasse erguer-se próximo da sua altura. O líder dum partido, mesmo fantoche, não podia existir. Criadagem, sim, como sempre; mas à criadagem repugna distinguir-se da restante criadagem, pois não sabe ao certo em que campo estaria melhor. Portanto, nunca demarcar os campos; campo, só um único. Não! Partidos, mesmo fantoches, impossível!

O Almirante referia-se à Oposição Democrática e à próxima eleição do Presidente da República. A "coisa" não dependia do povo: este, evidentemente, não desejava lá o Salazar, fartara-se daquela cara, daquela "natureza morta"; dependia da Oposição entrar ou não nas boas graças dos Aliados. Não chegara o momento de se decidirem quais os seus Candidatos e longe ficava ainda a campanha eleitoral; mas tanto a Oposição como Salazar já namoravam os Aliados: os Comunistas, à sorrelfa, mandavam flores a Estaline; os Estados Unidos e a Inglaterra recebiam quotidianos piropos, ora do Governo, ora da Oposição. O Almirante declarava que a Inglaterra era uma grandessíssima pêga; pêga de cais, prostituta de todas as coordenadas, corpo e alma postos à venda, podendo o pagamento ser *cash,* por letra ou por cheque, em escudos, randes, liras, rupias, ienes; ou, até, em géneros: exploração de brancos, pretos, amarelos ou peles-vermelhas. Portanto, em relação ao Governo ou à Oposição, a posição da Inglaterra estaria rigorosamente na sua linha de coerência moral e social: aceitaria o namoro de um, a fim de o ir traindo com o outro, para de ambos sacar no final vantagens máximas.

Na opinião do Almirante, quem neste jogo levaria a melhor, por possuir mais encantos, era Salazar. Salazar - aqui o Almirante exigia estrita confidencialidade - acabava de dispensar a Inglaterra de pagar as dívidas contraídas para com Portugal, dívidas de guerra por fornecimentos, serviços e, nomeadamente, pela utilização de S. Miguel como base militar britânica.

O dinheiro pertencia ao povo português; mas Salazar (sem dar notícias nem explicações a ninguém) dispunha dele para se garantir no Governo.

Salazar fê-lo calculadamente, afirmava, pois numa Inglaterra na miséria, condenada à mais restritiva austeridade, inclusivamente proibida de tomar chá - um cúmulo! -, Salazar sabia que dispensá-la de pagar uma quantidade de centenas de milhares de contos era um argumento decisivo. A Oposição não oferecia à Inglaterra nada de concreto, apenas a futura democracia em Portugal, coisa para a qual os ingleses se estão marimbando. Os ingleses querem a democracia, mas para eles próprios; não querem saber se outros povos têm ou não têm a democracia, o que eles querem é que os outros povos tenham o regime que melhor os sirva, a eles, ingleses. Ora, o Regime salazarista servirá a Inglaterra muito melhor do que a Oposição; pode perdoar dívidas à Inglaterra, assegura-lhe trabalho escravo, de escravos dominados, submissos, disciplinados. Portanto, o Candidato do Governo, seja ele quem for, ganhará as eleições presidenciais!

- Mas, Senhor Almirante, a Democracia inglesa...

- Claro, sim, a DE-MO-CRA-CI-A IN-GLE-SA!... Mas veja como essa democracia procedeu para os republicanos espanhóis!... Ah, sim, pois: o candidato de Salazar ganhará! Aliás, tenho muita pena. O Salazar está a mandar este País à viola...

- Dentro de 20, 25 anos, pum! Felizmente, nessa ocasião, já não estarei cá neste mundo... E ainda bem...

- Mas, Senhor Almirante...

- Essa besta (Salazar) tem agora a oportunidade de fazer deste país um *País*... A Espanha está "nas lonas". A Europa igualmente. Portugal poderia aceitar a tecnologia dos países vencidos e toda a outra; poderia desenvolver o País, fazer trabalhadores, investir em empreendimentos nas colónias, aproveitá-las enquanto é tempo. Mas tudo tem de ser rápido, imediato, sem demora, já!; senão, seremos ultrapassados sem remédio, até pelos países vencidos - até pela Alemanha, que está desfeita em detrito fumegante. No entanto, tal programa de Governo - enérgico, inteligente, operativo -, mais ano menos ano atiraria o Salazar da cadeira abaixo - sim, a evolução, o progresso, o desenvolvimento são liminarmente incompatíveis com semelhante criatura! Ora, como o que ele quer é ter o *cu sentado naquela cadeira*, não haverá progresso nem desenvolvimento neste País!

- Mas, Senhor Almirante...

- Esse gajo está a delapidar a última oportunidade que Portugal tem de construir um futuro capaz, de manter validade histórica. Esta é a última oportunidade para o povo português de não continuar paradigma do atraso, vergonha duma civilização...

- Mas, Senhor Almirante... Seremos anexados pela Espanha?

- Não, Portugal não interessa à Espanha. Portugal não interessa a ninguém. A todos interessa que os portugueses constituam uma nação independente. É, para todos, a melhor maneira de nos sugarem até ao tutano. Havemos de estar de tanga, mortos de inanição - e gozando a glória de sermos um País independente. É este o nosso destino.

- Mas, Senhor Almirante...

- É o nosso destino! Do qual essa besta nos podia salvar - sim, ele é o único que poderia fazê-lo porque estamos no único momento em que tal é possível. Mas essa besta não nos salvará desse destino. Porquê? Só por isto: porque quer ter o cu sentado naquela cadeira!

O Almirante levanta-se nervoso, irritado. Ficou a meio da sala, pernas abertas, como na ponte de comando durante a tempestade. À volta, havia senhoras. O Almirante reconheceu que pronunciara palavras insólitas no vocabulário da burguesia circundante e extinguiu os melindres:

- Desculpem a este velho marinheiro ter pronunciado palavras ofensivas do pudor de Vossas Excelências, minhas senhoras. Mas, no momento em que o barco vai estalar nos gumes da penedia, dizê-las é o menos que um velho marinheiro pode fazer.

Gargalhada.

Teria razão o Almirante? Nunca conversei com ele, ouvi-o. Em casa daqueles velhos amigos de família, onde raramente o Almirante aparecia ao serão. Eu, tímido, muito açoriano, a um canto, corando por tudo e por nada. Apertava-lhe a mão à entrada e à saída, ele chamava-me "meu rapaz".

A razão ou a sem-razão do Almirante era-me então essencial. Para além do que decorria em Lisboa, nos seus estratos populacionais mais visíveis, sentia, generalizada, a vontade de reformular a vida, talvez tomar dela consciência. Mas como? Haveria uma consciência cívica? Eu confiava no despertar de tal consciência - não sabia como, talvez por milagre, e porque não havia de ser por milagre? Qual seria o ponto concreto duma luta política em tais condições? Um catedrático da Faculdade de

Direito ensinava que o Governo, exactamente por o ser, é quem melhor conduz o povo àquilo que é melhor para o povo, àquilo que lhe é mais conveniente. E explicitava, usando a metáfora, a ficção:

"Suponhamos que um cidadão pretende embarcar para a Argentina. Suponhamos que, surtos na mesma doca de Lisboa, estão dois navios com destino àquele país, saindo de Lisboa no mesmo dia: o navio A e o navio B. O cidadão quer embarcar no navio A. Mas o Governo sabe, porque dispõe de informações completas, que, dos dois, o navio B é o que lhe oferece maiores vantagens, é mais rápido, mais cómodo, mais seguro... O Governo deve aconselhar o cidadão a utilizar o navio B. O cidadão teima, não escuta os competentes avisos do Governo e dirige-se para o navio A. O Governo sustem-lhe a entrada e explica - por extrema paciência, pois não era preciso explicações, o cidadão deve saber que o Governo nunca lhe daria um conselho que não tivesse o melhor efeito que o cidadão pode desejar; mas, por extrema paciência, o Governo explica que o que lhe convém, a ele, cidadão, é o navio B. Apesar disto, o cidadão - decerto influenciado por outros, mal informados, mal avisados e sem escrúpulos - continua a querer embarcar no navio A. Insiste, não cede à evidência. O Governo o que tem de fazer é introduzi-lo à força no navio B. Essa é a missão do Governo; para tanto é que serve a força de que legitimamente dispõe".

Eu sabia que não; sabia-o por sentimento e por instinto. Mas não tinha razão polémica, não dispunha dum modo de dar corpo efectivo ao aderir e ao repelir; nem nas veias me corria a noção de que uma luta política tem hipóteses de vitória.

Tal noção, só passado tempo a adquiri.

O Almirante apresentava-se aos meus incipientes olhos como elemento das Forças Armadas, portanto, exuberante de força, cúmplice do Poder, a ele fiel para todos os fins. Eu não cria em pronunciamentos militares contra Salazar. Os Generais, os Almirantes, seriam capazes de se traírem uns aos outros, mas não trairiam Salazar, que, firme no Poder, poderia dar a cada um deles o que nenhum deles poderia dar a cada um dos outros. Por outro lado, nunca ouvira dizer que a Oposição dispusesse duns milhões de contos destinados a serem distribuídos pelos generais, no caso destes fazerem uma rebelião contra Salazar, assegurando tal distribuição (por exemplo, através dum Banco suíço), mesmo na hipótese da rebelião falhar honestamente.

Eu reagia por impressões, por percepções. Ao contrário, o Almirante dispunha de experiência, passara por tudo, tacteara os segredos dos eleitos. Eu trouxera dos Açores (resíduo da minha fé católica, já então abandonada) uma noção beatífica do Poder e dos seus instrumentos: não me admiraria que os Ministros aparecessem em imagens impressas, portáteis (à venda nas tabacarias ou em bancas à porta dos Ministérios) como os santos da Igreja que se trazem dentro dos missais; e se, por acaso, me encontrasse pessoalmente com o Presidente da República ou com um Ministro, não ousaria mais do que tocar-lhe a fímbria do manto. O Almirante, apesar de tudo, era de semelhante estirpe e ganhara para mim a iluminação da inconfidência - em casa de amigos, para ouvidos discretos. Por isso, ele foi o primeiro a deteriorar em mim os sentimentos e noções que detinha acerca do Poder. Através destes 30 anos que passaram, tal deterioração tem-se acentuado.

Por exemplo, não o ouvi negar que Salazar fosse de todos o melhor, mas, quando lho disseram, mostrou-se circunspecto e contou como ele, "um pobre Almirante", enfrentara "a besta no seu próprio fojo".

Quando os americanos decidiram estabelecer-se nos Açores, Salazar recebeu uma comunicação nesse sentido. Salazar - expôs o Almirante - reagiu sem reflexão, num impulso patriótico, e ordenou ao Comando Militar do Arquipélago: "Resistir até ao último homem". O Almirante deu um brado e expôs ao Presidente do Conselho quanto a sua decisão era irrealista e temerária: impossível às tropas portuguesas resistirem a uma invasão norte-americana; seriam destruídas as potencialidades militares instaladas, as guarnições render-se-iam, seriam rasgados acessos nas ilhas a toda a qualidade de força armada americana; as populações "acagaçadas" - *sic* - seriam chacinadas se tal apetecesse aos americanos; e, mais ainda, não havia a certeza de que as populações locais prefeririam as tropas portuguesas às americanas - risco que, a concretizar-se, seria a vergonha e o desprestígio de Portugal. Salazar irritou-se, sobretudo com o final da exposição, invocou razões de princípio, de ideologias, de moral e dispunha-se a reconfirmar a ordem: "Resistir até ao último homem". O Almirante arrebatou-lhe das mãos o telefone, ante a surpresa e os olhares iracundos do Presidente do Conselho e chamou ali o Embaixador da Inglaterra, que acorreu e chegou passados dez minutos.

"Mas que dez minutos!", exclamou o Almirante, repetindo

" mas que dez minutos!" - sem nada explicar, deixando nascer a ignorância do que exactamente teriam sido os tais "dez minutos". Não me pareceu que Salazar concordasse com a chamada ao

Embaixador, pelo que os tais "dez minutos" se terão passado entre tentativas de o convencer, obstruções às suas ordens eminentes de barrar a entrada ao Diplomata, ameaças à integridade e à honra do Almirante, sei lá! Se naqueles "dez minutos" Salazar tivesse conseguido a sua adiante, sem dúvida a situação de Portugal ficaria definitivamente condenada perante o nosso aliado secular; e, sabendo-se que então se encontrava em branco o futuro militar e político da dominação de Hitler sobre a Europa, sobre o mundo, a fúria de Salazar poderia ter emperrado o duplo jogo que desenvolveu durante a 2ª Guerra Mundial e ter atrelado Portugal, como era desejo de Salazar - no dizer peremptório do Almirante - ao carro político-militar dos nazis.

O Embaixador da Inglaterra entrou (passados os "dez minutos") no gabinete de Salazar.

Confrontação entre o Presidente do Conselho e o Diplomata.

O Almirante, na circunstância, assumiu o papel de intérprete.

Diálogo de meia dúzia de réplicas concisas. Por sua conta, o Almirante acrescentou em inglês informações técnicas, descreveu o morticínio que seria nos Açores a invasão norte-americana.

Consequentemente, numa decisão viril que provocou o espanto de Salazar, o Embaixador levantou o auscultador do telefone, ordenou, no seu melhor português possível, que o ligassem a Londres (a Winston Churchill) e ficou com o auscultador encostado ao ouvido, esperando. Salazar afastou-se até à janela, as mãos atrás das costas, o perfil semítico desenhado nas árvores do jardim. A chamada, evidentemente preferencial, não se fez esperar.

O Almirante pôde escutar, do outro extremo do fio, o som das vibrantes exclamações bem dispostas do *Prime* britânico; o

Embaixador expôs-lhe com seriedade, objectivamente, a situação; frisou a decisão suicida e sanguinária de Salazar; desculpou-a por esta "coisa portuguesa" de falar sem reflectir. Ouviu o seu interlocutor, despediu-se e desligou.

Churchill - comunicou - estava informado e sabia que a

Casa Branca já dera ordem para avançarem para os Açores forças do Atlântico, já iam seguir aviões com pára-quedistas, não tardariam carros, torpedos, tropas de desembarque. Mas prometeu ao Embaixador que entraria imediatamente em comunicação com Roosevelt e que, dentro de meia hora, ficaria posta de lado a hipótese dum ataque armado aos Açores por parte dos Estados Unidos, uma vez que Portugal desejava que a utilização das ilhas como base americana se fizesse pacificamente entre amigos, entre aliados que se entendiam.

O Embaixador dispôs-se a retirar-se. Salazar deixou a mão do Diplomata hesitante, à espera que a dele se lhe estendesse. Perante a inércia daquela mão, o Embaixador agachou-se, agarrou-a, sacudiu-a com violência e, profissionalmente, proferiu palavras corteses que, na opinião do Almirante, deveriam propriamente ter sido servidas por uma expressão desabrida: "Thank you, Sir; thank you very much; many thanks for your understanding, Sir". E o Embaixador retirou-se, saindo sozinho.

O Almirante concluiu:

- E o Salazar foi obrigado a negociar.

O clima acerca da posição de Portugal na recém-terminada Guerra ganhava mistérios e empolamentos, a que o Governo contrapunha, através dos meios de difusão, uma posição demagógica, com cariz de exemplaridade concreta: propalava que Salazar fora, mais uma vez, o Salvador, salvara a Nação

Portuguesa da chacina e da derrocada; enquanto a Europa jazia na ruína, mortos milhões e milhões dos seus filhos, destruídas cidades e culturas, ameaçada a mesma Europa pelo facto da União Soviética se contar entre os vencedores; graças a Salazar, Portugal permanecia incólume e rico e próspero; a Glória do passado nacional dos Heróis e Descobridores de antanho, apenas tivera um interregno durante o desvario liberal, pois Salazar, o Salvador, à Nação restituía a Glória em pleno e assegurava-a no futuro!

A propaganda fez desta doutrina uma "evidência" - não para o povo que a não sentia; mas o povo não interessava, não tinha voz, assim continuaria.

No entanto, muitos de entre nós não acreditávamos na "evidência". Sabíamos o significado de *não fazer a guerra;* sabíamos que a história da Europa não terminara, a Europa fora o palco em que se representara o último acto do acabar dum mundo; e que, nesse palco, o mundo já fazia ouvir os vagidos do seu prólogo. Outros, fingidos ou menos sinceros, acreditavam na "evidência", mas, dando-se ares de nela não acreditarem, empreendiam uma luta contra o Regime, uma "subversão", para voltarem a seu favor as vantagens e as prosperidades que viam Salazar segurar nas mãos.

Eu pertencia aos primeiros. E estreei-me então no sentir quanto é duro opor-se uma pessoa ao que a generalidade ou o maior peso dos concidadãos tem por "evidência". Sem veículo para o discutir nem meios para disseminar outra hipótese, sem hábitos de companheirismo político e ideológico, sem confiança nem apoio, porém, de certo modo lúcido por imperativo do instinto e do sentimento; lúcido por via da confiança na pessoa social derivada de algum conhecimento da história e, sobretudo,

da afectividade. Então, em tal circunstância, que faz da sua lucidez uma pessoa?

Arrisca-se a passar por bizarra, por deficiente mental, por associal, por "não integrada" (como hoje se diria). E isola-se. Eis porque então me servi do cinema: para me isolar.

Acabadas as aulas na Faculdade de Direito por volta do meio-dia e meia hora, almoçava no Restaurante Cristo, pago mensalmente. O Senhor Cristo, o proprietário, era um beirão atarracado que falava *achim*, tal como o filho, que procurava a minha convivência, e que, passado tempo, me disseram ser agente da Pide. Acabado o almoço, eu descia, sozinho, o Elevador do Lavra.

E ia ao cinema. Quase todos os dias. Pré-estabelecia um programa de espectáculos, depois de escolha através dos anúncios da imprensa, segundo as conveniências da minha formação e informação, bem sequiosas.

Em dia certo da semana (terças-feiras, se bem me recordo), o Olímpia estreava; no dia seguinte, na sessão das duas da tarde, lá estava eu caído.

A dada altura, provada a indispensabilidade para mim de tais filmes, senti necessidade de analisar os fundamentos de tão intensa atracção; duvidei se deveria censurar-me, se não estaria a incorrer em crime de auto-alienação.

Primeiramente, o lugar físico, o Olímpia: o cheiro intenso a criolina, o chão mal limpo, juncado de cascas de tremoços e de amendoins; as cadeiras de pau a magoarem-me as costas; as sessões contínuas substituindo-se sem descanso um público por outro, consumindo o oxigénio do ar que se não renovava; a

frequência de baixo nível, sobretudo um rapazio turbulento, indisciplinado.

Por estranho que pareça, o ambiente talvez fosse justificação do atractivo: o Coliseu de Ponta Delgada também cheirava a criolina; e, como no Olímpia, também lá havia pulgas - atestado universal da inoperância daquele desinfectante, pelo menos para o efeito de exterminar tal insecto, sugador do meu sangue em tão diferentes longitudes: as *matinées* do Coliseu também eram turbulentas e a elas assistia um rapazio ruidoso - porém nos ócios do Domingo; enquanto no Olímpia era nítida a vagabundagem da grande cidade e a acorrência de trabalhadores, assíduos devido à mobilidade das sessões permanentes, adaptáveis a horários extravagantes. Enfim, apesar das diferenças, talvez o Olímpia me aproximasse do Coliseu e a ele eu corresse na busca dalguma compensação afectiva.

Depois, os filmes. Ah, esquecia-me: o Olímpia programava também fitas de violência, de pancadaria, policiais e outras. Mas só me interessavam os filmes cenográficos, com monstros articulados, ao fundo rochedos, escarpas e abismos cenografados em papel, artefacto primário de mau teatro amador, a servir narrativas incríveis. Por vezes, o real introduzia-se no fabuloso e personagens como eu, como nós, desembocavam no enclave pré-histórico; então confrontava-se a agilidade humana com a bruteza e a incongruência dos grandes monstros, o acabado e o subtil contraposto a malogros existenciais, escatomas individuais de espécies extintas, imensa solidão de seres desproporcionais, desconformes, fora de toda a nossa escala, junto dos quais o rinoceronte e a baleia seriam Sílfides de graça e harmonia.

Lutavam. Os monstros, por vezes, venciam, destruíam os visitantes, expulsavam-nos, matavam-nos. Outras vezes, morriam os monstros. Neste último caso, a morte acontecia como um cataclismo, os cenários que figuravam a paisagem ruíam - e era um mundo em derrocada. Adivinhava-se que, depois, a terra teria deglutido o monstruoso, o que teimara na vida contra a evolução, contra as mutações; e que, à luz do mesmo sol que ainda hoje brilha, sobre aquilo que fora resíduo do pré-diluviano, se estenderiam campos agricultados, searas, pomares; ou, simplesmente, brotariam silvados e flores bravias e gazelas e lebres e pássaros.

Seria possível - interrogava-me - que eu frequentasse o Olímpia, perseguindo esta visão do futuro? Futuro dentro do passado, visão que, aliás, o filme não continha; visão da minha lavra, obra da minha própria imaginação? Absurdo, pois a imaginação, se eu a possuía, possuía-a sem o filme; o filme servia para me estimular associações que tinha comigo e que no próprio filme eram ausentes.

Esquisito...

Por outro lado, no filme, o péssimo artefacto! O não-artístico, a sucessão de imagens repetidas, exauridas; a movimentação mecânica dos aparelhos que conferiam acção aos monstros - sem equiparação à dinâmica consequente e orgânica do animal; o papel de cenário rudemente pintado, que me agredia e que, apesar de todo o horror, não me encorajava a desligar-me do Olímpia.

Um vício! Sim, um vício - eis a única explicação! Não existem pessoas que têm o vício do jogo? O *meu vício*, de que não podia prescindir, eram tais filmes, vistos ali, no Olímpia, sentado nas cadeiras de pau, no ambiente saturado de turbulência e de suor, no

cheiro a urinol misturado com criolina. Bem reles, o meu vício! concluí. Conclusão qualitativa que me humilhava.

A certa altura notei que um Senhor de cinquenta e tal anos (ou talvez não), muito elegante, magro, movimentos lestos, também frequentava regularmente o Olímpia. Era insólito, entre o geral dos frequentadores. Vestia simplesmente; às vezes, no inverno, trazia uma gabardina vulgar e uma boina basca; não se distinguia pelo vestir, mas sim pela qualidade da pessoa. Eu não o conhecia - o que não me causava surpresa, pois quase ninguém conhecia em Lisboa. Os olhos, no entanto, talvez me não fossem estranhos. Donde? Onde teria visto aqueles olhos? Olhos não se encontram fora da pessoa e, quanto ao restante desta, nada me ocorria. Só os olhos, enormes, escuros, olhos que viam para além da matéria ou circundavam, transformando a opacidade em nada, destituindo toda a interferência, como se, na sua humanidade, estivessem munidos de aparelhagem radiológica; e assim fossem para que o espírito se deleitasse na minuciosa identificação dum mundo próprio só dele.

O Senhor também notou a regularidade da minha frequência ao Olímpia. E olhava-me.

A vergonha que eu sentia pelo meu "vício" encontrava nele um lenitivo. Aconteceu repetidamente que o Senhor não estava no Olímpia e a sua ausência inquietava-me. Certa vez, assisti a três sessões seguidas do mesmo filme, já sem saber o que se passava no écran, ansiando o intervalo; até que vieram as fracas luzes do tecto e os olhos do Senhor acenderam-se à minha frente, de súbito, como faróis. Involuntariamente, cumprimentei-o, baixando a cabeça. Ele correspondeu com um sorriso que dilatava o seu rosto seco, lhe aprofundava as comissuras. Li nesse sorriso um

sentimento de cumplicidade, nítido para mim naquele dia (sem saber quanto me enganava). E li no seu todo uma luz diabólica.

Duas semanas depois, o Senhor lá estava. Encontrei-o ao fim da sessão, à saída. Ainda hoje vejo o seu rosto nesse preciso momento desenhado no vidro martelado do guarda-vento do átrio, parte sobre a vidraça leitosa, parte sobre os vidrinhos verdes.

O Senhor dirigiu-me a palavra:

- Que tal? - perguntou-me.

- Assim, assim... - respondi. - Tem havido filmes melhores...

O Senhor respondeu-me:

- Isto é bom para sabermos o que é a verdade. Saiu e dirigiu-se à Praça dos Restauradores.

Eu fiquei atordoado, como perante uma revelação. Segui-o um pouco à distância. Leve, rápido, saltou para um eléctrico ESTRELA (circulação) que passava.

* * *

Passados anos, já entrado nas lidas artísticas, apresentaram-me Almada Negreiros.

Era o Senhor.

- Já nos conhecemos - disse-me ele. Ficámos amigos, sempre, até à sua morte.

Almada foi para mim a pessoa mais importante de Portugal.

Almada assumiria o papel de anti-monstro? Ou assumiria o da verdade, para cuja definição os monstros das fitas amavelmente lhe contribuíam, como se nada fosse aquele ar existencial, olhos em permanente expectativa? Atributos estes de que Almada era

munido; estar na vida expectativamente era o seu modo. E também possuía escamas, agressivas, sim, e à prova de bala.

Mas tinha esquadro e compasso erguidos ao alto, na rota do sol.

17 de Março de Madrugada
(Diário)

Decidi agora escrever o meu Diário por pressentir que não posso por mais tempo suster ou calar a indignação.

Eis o fundamento.

Parecerá que lhe dou por base este papel, receptáculo de explosões para próprio equilíbrio e hipótese de continuar amanhã. Diário - depósito de dejectos, porcarias, sobejos num monturo vazados.

Mas será mais, sobretudo mais.

I. Prioridade à Indignação. Renúncia às honrarias e plumas que um Diário proporciona.

A decisão que acabo de tomar envolve um conceito prolongadamente elaborado: o Gide, o Torga, os diaristas, afiguram-se-me sujeitos de organização pessoal terrificante, pois diariamente reúnem o seu quotidiano interior e prático para o debitar em "diário", regularmente, como se movem os cilindros de um motor.

Inquirem, observam, anotam, num frenesim tendente à exaustão, para disporem o recolhido nas páginas do Diário, o qual constitui prova irrefutável da existência das suas pessoas, no seu tempo, alguém que em permanência está a ser, nas direcções, finalidade e modos por que se é.

Esta regularidade exemplar condu-los à eminência. Cumula-os de confiança. São alguém que persiste. Torna-os alvo da tranquilidade dos contemporâneos que tacitamente lhes confiam o zelar pelo decurso das coisas. Por eles pulsam e repousam preocupações. Tudo, depois, no Diário será revisível, factos e pensamentos. Tudo ordenado, limpo de excrescências. Uma "história" de tom particular, corpo caloroso a golfar seiva e borbotões de sangue.

Ao cabo, plumas para o diarista!

Daqui os vejo justamente enfeitados, plumas multicores, deste meu promontório de sujeito apagado, minimizado pela tendência de me destruir: enquanto eles passam, historicamente, a caminho da posteridade.

Renuncio a tal conceito.

II. Diário este: consubstancia da Indignação, se possível. Relato das tentativas, ao longo do tempo, de lateralização, neutralização, transferência da Indignação e da substância indignatória.

Palavra! Plumas já me sobram.

Só a minha indignação me impele a escrevê-lo.

Querida indignação, amiga há tanto em mim residente! Centauro comigo neste existir! Nasceste cor de cera, olhos orientais. Mudaste de cor. Depois desta noite, os teus cabelos transformaram-se em serpentes.

Maltratei-te e iludi-te. Sabia que estavas; mas fechei contra ti portas opacas; tornaram-se transparentes; fechei contra ti outra porta, opaca, e ei-la de novo transparente; e logo outra sobre ti fechei.

Contigo fui pelo ser e pela miséria; iludi-te; dei-te o vinho possível; se gritavas, afogava-te em sons, ruídos, música; procrastinei; cobri-te de véus.

Procurei, depois, um culpado individual e punível; para eu o odiar, de ódio amarelo. Procurei um culpado pessoal que, eliminado, assassinado, pulverizado, desse lugar ao não existires.

Pensei no Papa; não, não era o Papa. Era o Lu-Po-Tzen; não, não era o Lu-Po-Tzen. O Governo, a Oposição, Um e Outra. O

Intermédio. Os Galifões, os Tubarões, o Caos Genesíaco, a Carência de Caos Genesíaco. Shiva, mito meu muito amado. A inocência. A concomitância da reprodução com o prazer sexual - hedionda sacanice dos deuses. O Jorge Pink e Costa - latifundiário e monopolista - mais os órgãos que o assistem, polícia, sacerdotes, lanceiros, peões de brega e sapadores.

Não, não havia culpado individual e corpóreo. Se o tivesse encontrado, seria fácil: congregava connosco a indignação de outros, se outros houvesse com indignação. E, formando milícia, apanharíamos o Grande Culpado. Seria cozido geodesicamente em fumarola e logo devorado por mastins que, findo o repasto, à cautela, morreriam trucidados por nossas mãos, por nossas armas.

Detectei, a seguir, uma culpa inocente, bem estabelecida, que ninguém assume; alquimia em circulação e suspensa, inapelável, cega contra os valores ou contra a permanência ou a destruição deles; existência sinuosa, donde tudo havia a esperar.

Eis outra porta com que te ocultei, indignação minha. Extingue-se então o direito à surpresa, é preciso tudo esperar, toda a defesa é aleatória; defendamo-nos, em todo o caso, sejamos enguias; pensemos; aspiremos a uma posição frontal; mas frontal em face de quem, de quê? (Entretanto, os meus compatriotas, na linha tradicional, ainda procuravam, sem êxito, um culpado corpóreo).

Eis-me passivo de subversão. Eu, de subversão até ao pescoço, sorrindo; sofrendo, sorria; manipulava artimanhas de evasão, sorrindo; empedreni ante a tragédia, sorrindo; expulsei, sorrindo, os motores da minha destruição.

Manteve-me o sábio vulcanismo da esperança. Outra porta cerrada sobre ti, indignação minha.

A morbidez da esperança! Doentia, putrefacta. Todos os caminhos conduzem à esperança. Estradas, carreiros, becos, grotas, atalhos, calçadas, pistas, rotas, desvios, todos conduzem à esperança.

A prolongada esperança contra ti, indignação minha!

Desta maneira, a esperança fica desonrada. Nem por milagre. Desonrada.

E o Diário tem de ser.

III. Para quê o Diário? Não seria mais operativo deitar uma bomba ou uma concatenação de bombas?

Para mim? O Diário?

Talvez não somente para mim.

Na medida em que dele necessitarem, também para os meus compatriotas, contemporâneos e outros.

Se lhes for útil. Se ainda forem capazes de identificar o que lhes é útil. Se útil for isto.

Se lhes não for útil, como o adivinhar? Diário, portanto.

IV. Maçadorias e inconvenientes.

Vou iniciar o meu Diário na consciência de que, com esta decisão, tomei nos ombros um pesado encargo, traduzido em aspectos diversos, agressivos da posição que perante a minha natureza tenho assumido. E serviço da indignação minha!

As vantagens e deméritos de um "diário", referi-os acima, disciplinadamente. Agora, também disciplinadamente, vou indicar os respectivos inconvenientes e maçadorias. Alguns e só esses:

a) Da chatice que é professar um método

Tenho de me tornar cativo de um método. Promover uma organização e a ela subordinar-me. Aceitar um trabalho regular, quotidiano (tarefa inesperada, abominada). Sacrificar a um labor sistemático horas e horas que roubarei ou pedirei de empréstimo ao ócio ou ao exprimir-me, como prefiro, socorrendo-me de dons dionisíacos.

b) Da perigosidade e mortalidade dos cadernos de bolso

Escrever um Diário obriga a trazer no bolso um caderninho e uma esferográfica.

Maçada horrenda!

Os caderninhos enchem os bolsos, exigem espaço entre a roupa e o corpo. O caderninho requer à-vontade; caso contrário, não tarda a proclamar os seus direitos mostrando folhas dobradas, coçadas, rasgadas, arrancadas, encadernação demolida. Objecto em breve nojento, desagradável ao tacto.

Terei de mudar o modo de vestir, detectar um alfaiate adaptável às minhas novas necessidades. Como, com a falta de mão-de-obra? Descobrir à volta do meu corpo o lugar adequado à decência do caderninho, e sem que me prive de gesticular, dobrar-me voltar-me, esticar-me, esta euforia física e cinética, uma das poucas liberdades que me restam.

Assim, começo a preocupar-me com o caderninho. Ele tonar-se-á causa de apoquentação, de remorsos, pelo que não anotei e que era importante, remorsos e fúria por ter esquecido, porque não anotei. Promessa de anotar, para não esquecer e evitar sentimentos-cachoeira. Promessa traída. Remorsos. (Suspeita de que só uma palavra é preciso anotar: sacanas'.).

Substituição do caderninho. O antigo é que era bom! Oh, como vai o mundo: até os caderninhos perdem qualidade!

Escrevo no autocarro em andamento. "Que tem esta bisarma que escrever nas coxias dos autocarros?" — protesta a matrona sobre quem me desequilibro, enquanto enfio a esferográfica num nariz ali à mão. O nariz espirra, o bigode treme. "Desculpem, é para não me esquecer. Oh, estes autocarros...". A resposta cria à volta piedade pelo utente e portador do caderninho

O caderninho obceca-me.

Catalogo experiências, factos, impressões, ideias, sentimentos.

Alfabetizo o caderninho, uma melhoria técnica. O caderninho cresce. Onde o encaixo?

Elegi o lado esquerdo. Aqui, no lado esquerdo.

Cedendo às pressões da minha obsessão, o lado esquerdo do meu peito recua: o caderno merece uma concavidade respeitável! Ganhou direito à máxima dignidade! Todo o meu corpo se orienta para criar e manter tal concavidade honrosa: a espinha dorsal arqueia-se para a esquerda e para diante, a anca direita sobe, o joelho esquerdo desce, a omoplata direita salienta-se, o estômago adapta-se, o baço esgueira-se para trás, os intestinos comprimem-se à esquerda e flutuam à direita, o coração...

Com o coração não se brinca. Deficiência vascular. Morte.

Morro torcido.

O caderninho matou-me.

c) *De como a composição de um Diário por Indignação agride a prática da irresponsabilidade, assumida como conceito vivencial, isto é: de como é incómoda a irresponsabilidade no quotidiano imediato*

Tinha assentado num limite máximo, uma generalização estabelecida generosamente, isto é, com pessimismo, horizonte de um lado, horizonte do outro, que os acontecimentos jamais poderiam alcançar.

Cabiam ali coisas contraditórias como a revolução comunista, a falta de revolução comunista, a ressurreição de Salazar, a ocupação das Caraíbas por forças balcânicas, o suicídio do Papa, a conversão ao Evangelismo do Supremo da Fumon, o regresso às cavernas, o acesso às estrelas, a Matilde morta por um raio laser expelido pela tromba de um elefante, uma tromba de elefante devorada pelos miasmas de um pântano egípcio...

Assim conquistarei (certa) calma e (certa) irresponsabilidade. Não necessitava dos jornais, dos meios informativos, que nenhuma informação mais extrema me poderiam fornecer. Vivia em tensa vigilância, porém voluntária, sobre o que eu muito bem queria, porque queria e com finalidades que se impunham. Que se me impunham, sim, sem mais explicações. Neste regime, as possibilidades de detecção crescem; implicam-se os sentidos até páramos desconhecidos; alarga-se a percepção e a consciência; desenvolvem-se potencialidades que cercam o divinatório. Afirma-se: tal vai acontecer - e acontece; ou tal não se dará - e não se dá. A vida mostra-se constituída por fenómenos, os factos são coisas de ordem secundária e obediente, anicham-se na tal generalidade. Mantém-se o senso da sucessão e altera-se a noção do tempo. Estabelecem-se os ciclos do devir, de tal modo que amanhã e daqui a um século se identificam, verosimilmente, com um ontem muito concreto que pode ser futuro.

Esta viagem no espaço torna a casuística dispensável. Existe-se emocionalmente, prolongadamente.

Mas, por outro lado, anseia-se pela significação dos dados quantitativos, embora se lhes conceda a prevista margem de inexactidão e de manobra. Por aí se lança a ponte para os homens (confirmação da honesta paixão pelo erro), cria-se com eles a solidariedade, sobrepesa-se-lhes o prazer e o sofrimento. Por aí se sintoniza a alegria de existir em comunhão, alegria aprofundada e, mais frequente, tristeza angustiosa. Estende-se a mão para salvar. A mão não salva, conforme já se sabia; mas estende-se. E fica estendida. Para nada, mas fica estendida. Petrifica-se à espera de alguém que a tome, mas ninguém a dispensa porque a ignora. Enquanto assim fica estendida, vive-se a euforia de uma esperança, a do fim do sofrimento, a da comunicabilidade como Lei.

* * *

Corria o tempo de assim ser, Octávio tinha decidido que subiria num balão feito de lona, deixando uma corda nas mãos de Virgínia, em baixo, sobre a terra. A corda era tão comprida, segundo os cálculos, quanto a distância máxima a que o balão podia afastar-se do solo sem estoirar, sem perigo de vida para o ocupante. Deste modo, Octávio colocava nas mãos de Virgínia a sua vida ou a sua morte.

Deu-se o caso numa aldeia, num vale; aldeia bem informada sobre a aerodinâmica e as conquistas espaciais. A TV, beneficiada por postos de retransmissão no alto das montanhas circundantes, trazia notícias frescas, nítidas imagens; a rádio igualmente; os

jornais chegavam de comboio pelo túnel comum à linha férrea e ao desaguo das concentrações do vale; a Biblioteca Itinerante da Gulbenkian transpunha os montes e tinha cópia de leitores, interessados mais que tudo nas novidades do mundo.

O jogo a Virgínia proposto por Octávio emocionou a população. Formaram-se facções opiniosas: que Virgínia aceitaria; que Virgínia não aceitaria. Grupos compenetrados de pessoas idosas foram junto de cada um deles para que se não desse tal desafio; para que se fizesse doutro modo; os românticos, deslumbrados, abstiveram-se, era preciso deixá-los, os "pequenos" haviam de se entender.

O pai de Octávio, assim como o Cura, foram proibi-lo de subir no balão, sendo este último menos peremptório, alegando, principalmente, o "orgulho intelectual" de tal subida, que lhe sepultaria a alma nos tórridos infernos. A mãe, trespassada de dor e molhada de lágrimas, rezou à Virgem de Fátima. Enfim, um clamor popular de violentos contrastes: os que queriam que o rapaz fizesse pelo seu amor o que lhe aprouvesse, em liberdade; os que entendiam que a liberdade, ainda que apenas por amor, não deve subir tão longe. Os primeiros apoderaram-se do fio telefónico, para que os segundos não denunciassem o caso à Guarda. Os segundos, manhosos, versados em manobras, comunicaram, apesar disso. A Guarda, porém, não tinha pessoal disponível naquele aperto em que a meteram, greves, grevistas e companhia limitada.

Eu, que passava pelo vale, ouvi uns e outros. Compreendi que não se produziria a prova dos amantes. Expliquei que nunca Virgínia chegaria a ponto de ter nas mãos a vida ou a morte de Octávio. Ninguém me perguntou porquê. Expliquei com minúcia.

Não me ouviram. Forcei nova explicação. Debalde. Dez vezes repeti. Nada. Procurei os grupos antagónicos que não me ouviram ou foi o prazer deles, na iminência de se esvair ou desaparecer, quem me eliminou. A piedosa crente da Virgem de Fátima escorraçou-me: "Deitei o destino nas mãos de Nossa Senhora". E, para ela, tudo aí se finava e concluía.

A partida deu-se num prado pertencente ao tenente Fábio, antigo pioneiro da aviação, condecorado, inspirador do balão com que agora se enfrentavam as leis da gravidade e as paixões nos peitos instaladas. Um prado soberbo, de verdura nutrida e regular, ondulações estiradas como nos pintores do romantismo inglês.

Naquele Domingo de manhã, retiraram-se as vacas para a periferia e o balão foi transportado para o centro, o povo formando roda de largo diâmetro. O tenente "torcia" pelo rapaz, e de que modo! Eu passei na minha motocicleta, apitando, acelerando, poluindo sonoramente a raiva do povo emocionado que me jurava pela pele e me atribuía as feias qualidades de desmancha-prazeres e profanador.

Virgínia, lavada em lágrimas, numa tensão moral semelhante à dos soldados antigos durante o sacrifício oraculino antecedente à batalha, acorreu, purificadas as mãos no riacho lustral, rodeada pelas companheiras. Soou num corno de pastor o momento da partida. Virgínia segurou a corda com ambas as mãos. O balão, Octávio dentro do cesto, iniciou a subida, enquanto o tenente, movendo-se no terreno, gritava ao discípulo as últimas recomendações. Um pranto descomunal do peito de Virgínia. Um sussurro do povo que descobria um receio: o de Virgínia não largar a corda, comprida de oitenta braças, e voar pelo espaço no encalço

do desejo daquele amante que por ela se expunha à morte, ao fim espatifando-se no solo.

Mas não. Tal como previ, o balão subiu dez braças, vinte, trinta braças. Logo estoirou. O tenente, cá do chão, deu um brado que atestava o falecimento da sua aerodinâmica. A corda ficou nas mãos de Virgínia, impassíveis. Octávio caiu, agarrado ao cesto, estatelou-se na periferia do prado, junto das vacas. Um pacho de sangue, intestinos de fora, o sexo decepado pelos fios de nylon com que se atara pelas coxas às paredes do cesto.

* * *

Lona não é material com que se façam balões. Esta foi a causa do acontecido. Uma causa técnica. E, como todos, eu não o sabia. Mas a minha generalização não incluía a possibilidade de se decidirem assuntos de paixão, de vida e de morte, com um simples expediente romântico, a sedução pelo heroísmo, a mobilização da expectativa de uma comunidade, as súplicas à Virgem de Fátima. Seria bom, sim! Mas ninguém tem direito a tanto. A inadequação da lona ao que se pretendia interessou a todos, à opinião pública, às reportagens, às especulações dos magazines. Não me interessava a mim.

Deste modo me dispensava da vigilância sobre o pormenor, sobre o concreto, sobre o quotidiano. Não tinha responsabilidade no imediato, sentira-o por uma vez ao estabelecer a minha generalização e respectivas fronteiras.

d) *Da ficção literária como exploração comercial e como catalisador da responsabilidade. Da (in)eficácia da ficção para denunciar uma enorme INDIGNAÇÃO*

A ficção é o pensamento pela imaginação mais as regras formais. Que regras serão essas? Aprendem-se? Serão fotografáveis? Existirão apenas na relação com aquele a quem se comunica, mudáveis portanto? Linha que tem por extremo o que deseja emitir e o que recebe? O receptor terá sido sujeito, previamente, a um trato destinado a desindividualizá-lo, para que a ficção possa assentar, por tempo apreciável, as suas próprias regras? Ou, pelo contrário, as regras da ficção assentam no denominador comum do indivíduo existente, na regra social triunfante num dado momento civilizacional?

A ficção propõe tentação. Ser-lhe-á a realidade indispensável? Ou bastará a aparência dela, como àquele estudioso da zebra que, à falta de lídimo exemplar para estudo, pintou um burro, animal mais comezinho, pintou-o às riscas e aí a estudava?

A tentação referida é a da irresponsabilidade. Ou a transferência da responsabilidade para as próprias zebras e para os próprios burros, aos quais passa a caber a responsabilidade de se assumirem ou como burros ou como zebras.

e) *Da impossibilidade de ser objectivo que tem aquele que, por Indignação, escreve um Diário. (Des)vantagens da objectividade na redacção de um Diário. Da (in)adequação da objectividade às situações morais, políticas (monárquicas inclusive), sociais e catárticas*

Quem sou eu, o que sou eu, para me pretender com acesso à objectividade?

Segundo Shakespeare, Hamlet, Príncipe da Dinamarca, aconselhou os Áulicos da Corte a bem receberem os cómicos e a respeitá-los, com fundamento em que eles são a "crónica" do seu tempo.

Não parece que um Príncipe, mesmo angustiado, mesmo constituído em oposição aos reis sagrados, ousasse tal conselho se, para ele, "crónica" fosse a anotação objectiva de factos e circunstâncias, se os cómicos se mostrassem aptos somente a reproduzir os factos tal como se deram. O Príncipe exaltou os cómicos, sim: mas devido à capacidade que lhes reconhecia de deturpar os factos, de acordo com as conveniências da Monarquia, usando o talento de persuadir de que dispunham, ajudado este pela disciplina teatral, pelo potencial histriónico, orgânica de grupo e outras componentes profissionais.

A *verdade* política que a Monarquia (aquela com que Hamlet sonhava, que sentia a sua própria pessoa definir) não a dispensava sem alienar-se. Deste modo, "crónica" no sentido em que o Príncipe empregava o termo, era a proclamação eficiente de tal *verdade*. Na medida em que os cómicos ousassem fora destas regras, inclusivamente pela prática da objectividade, lesavam a Majestade, seriam decepados para não propalarem erros com abuso dos extraordinários meios de comunicação de que dispunham. Oh, a lucidez política do camarada Shakespeare!

Desfeitas as Monarquias, as coisas complicam-se.

A objectividade depende de sistemas de conhecimento propagandeados, possuidores de um próprio jorro de luz para

iluminar ocorrências. Cada um destes sistemas existe na tensa oposição aos outros, igualmente claros e activos. As opções de todos eles, devidamente reunidas, consideradas, comentadas, darão lugar um dia a alguma objectividade, a estabelecer-se a verdade possível aqui, agora e por enquanto. Se em tal houver conveniência.

Ora, eu não sou pessoalmente munido de nenhum sistema propagandeado de pensamento, de filosofia.

Deste Diário constará, portanto, a objectividade possível. Terá interesse? Será oponível à - ou confrontável com - verdade de alguns outros? Em caso afirmativo, para quê? Quando se confrontarão?

A objectividade servirá, competentemente, a Indignação minha, que a escrevê-lo me impele e move?

O Diário rouba-me a minha querida e cultivada irresponsabilidade. A partir de agora, terei de ler todos os jornais, assistir à TV, escutar comunicações governamentais. Hei-de exercer a verificação do dia-a-dia, dos factos, do clandestino, do pormenor. Anotar, averiguar, concluir.

Horrível convivência! As contas que me vão pedir os meus contemporâneos! Que preço, a que me não posso negar, exige de mim a minha indignação!

f) Do valor português da actividade cultural (não seria mais operativo deitar uma bomba ou um encadeado de bombas?). Da sociologia portuguesa. Das relações do autor com a vizinhança. Do autor como suspeito perante o Governo e respectivos órgãos de repressão

Está por fazer em Portugal - suponho - o inventário de tal actividade cultural, em termos críticos, em bases quantitativas e com conclusões científicas que não sejam demagógicas nem passadistas.

Porém, a política é muita (o que significa nenhuma); e a cadeira de Sociologia que se ministrava, ainda em 1911, na Faculdade de Direito de Coimbra (Faculdade por excelência e Universidade por excelência) foi extinta, assim como outra, recente, a pretexto da administração de além-mar. Estamos há uma porção de tempo sem autêntica política e sem Sociologia efectiva, oficial, sem sociólogos, a não ser os que o vão ser no estrangeiro e que, regressados, deploram a falta de Sociologia por cá. Tornam-se solitários, com as carências e instabilidade inerentes. Entristecem. Vão alegrar-se ao estrangeiro. Eles e nós somos obrigados a contentarmo-nos com processos artesanais, "manuais" de praticar a Sociologia e que dão lugar a medievos e conturbados apelos como a "confiança no futuro!", a "fé em nós mesmos!", os "superiores desígnios de Deus e da História!!!" e outros dados e evocações passionais que, na Sociologia, se mostram insólitos e bizarríssimos, a não ser na medida em que deles a Sociologia se apodere para uma análise crítica. Mas, neste caso, a Sociologia deixaria de ser ciência, portanto independente e glacial, para se transformar em garrote da sociedade portuguesa, factor de sarcasmo e derramamento de sangue, insulto inapelável, morticínio praticado sobre os autores de tais apelos...

Um Diário será, pois, mero exercício de estilo, ocupação de erudito, afirmação pessoal, caminho para a captação de plumas,

exibição ininterrupta do labor e evolução do artista; ou despertará a geral desconfiança.

Conto com a amabilidade dos meus vizinhos, tenho-a, provadamente. Mas, se a actividade cultural tem para nós importância - o que, nos termos referidos, falta averiguar e determinar -, a desconfiança banhar-me-á, serei ilha num mar de desconfiança.

Outra nova responsabilidade: Diário, logo desconfiança, desafio à indeterminação cultural, insulto à quantificação, provável filiação nas forças do mal, olhar vesgo do Governo, tentativa de domínio sobre o meu instrumento de trucidação (o Diário) e sobre aqueles a quem convenha.

Se, como não espero, sair vitorioso da elaboração e prática do Diário, a massa dos desconfiados proclamará que diários como aquele só são possíveis na falta de uma Sociologia a sério.

Coloco-me, com o Diário, na situação de assumir uma responsabilidade que tentacularmente me terá e, ainda pior, uma dúbia, uma ambígua responsabilidade.

g) *Dos que escrevem. Dos que dominam escrevendo (ou não). Da (im)potência, da (in)capacidade e (in)determinação da escrita. Das relações psicomotoras da escrita. Da excelência da mão. Da numerologia, da fonética e da ideografia. Do disparate de escrever, nomeadamente, um Diário, ainda que por Indignação*

Vivemos num mundo dominado pelos que escrevem, embora muitos desses dominantes não tenham com o acto de escrever ligação directa e corporal.

A escrita segrega, proscreve, genocidia - os que escrevem de um lado, os que não escrevem do outro.

A maioria dos concidadãos não escreve. Alguns destes compram quem escreve por eles.

Outros aprenderam a escrever, mas não sabem escrever:

uma minoria que tem mais facilidade, do que a maioria anterior, de disfarçar tal carência.

Outros não têm tempo. Sugerem aos escravos, apaniguados, advogados. Ditam às secretárias. Há os taquígrafos, os estenógrafos. Os escribas. Escriturários, escreventes, escrevinhadores, escrivães, escrivaninhas. Garatujas, rabiscos, penadas. Há, importantíssimo, o assinar de cruz.

Esses, promovendo que se escreva, limitam-se. Limitam e reprimem. São ajudados pelos formulários convenientes aos temas sobre que se escreve ou aos objectivos que a tal obrigam (cartas de amor, teses de doutoramento).

De modo geral, escreve-se demais. Para quê escrever tanto? A escrita deveria reduzir-se às conclusões, nunca incluir o discurso. Então, voltaria a dignificar-se, da dignidade das inscrições antigas, rasgando materiais nobres, sinal que se lança ao fim, cuja falta seria fatal.

A descoberta da imprensa, do papel, da tinta, das canetas, da máquina de escrever, do correio, da esferográfica, da comercialização editorial, facilitou as coisas. Ruim facilidade!

A mão humana é cúmplice primacial. A mão, invenção genial, maravilhosa, receptora-emissora de fluxos, automatismos,

delicadamente articulada, servida pela capacidade de acções subtilmente diferenciadas!

As relações entre o pensamento e a escrita não são claras para mim. E não só as do pensamento. Que é o pensamento sem afectividade? E sem experiência? Destes mananciais que, por uso, se mostram diversificados, forma-se uma gama de cambiantes, rica da sua própria riqueza, riquíssima porque se apropria das circunstâncias e das situações. Riqueza que a escrita cilindra e rechaça, que não cabe na escrita. Se fosse defensável que a escrita tem localização ou localizações exactas no córtex cerebral, essas seriam menos extensas e mais primárias do que as das outras funções, que ocupam departamentos de comando prolongadamente construídos e experimentados, munidos de suprema agilidade e de infindas associações. As zonas da escrita são recentes, mínimas, gatinham.

Mormente as da escrita fonética. Fonética? A nossa? Oh, que pretensão! A escrita ideográfica é outra loiça, está mais nas estruturas do corpo. Porém, ocidentais que somos, não fruímos dela. A dos números é essencial, regra, instrumento de viver, reino no interior nosso onde o absoluto é possível. Dá a volta ao crânio.

Analógico e analítico. Associativo. Abstracto, isto é, concreto. Vocifera e resume. Sim e não.

Mas escrever - discurso, narrativa, conclusão - é ficar aquém, mesmo das palavras, mesmo dos acontecimentos.

A escrita, reconheça-se, é plena quando serve objectivos pragmáticos e pequeninos previamente redutíveis a escrito, tais como a correspondência comercial, as proclamações dos Monarcas e respectivos cúmplices, os instrumentos jurídicos e coisas deste baixo jaez.

A literatura pretende-se de âmbito mais extenso. Portanto, ou se liberta da escrita ou condena-se, em dia breve será inútil.

Então porquê escrever o Diário?

h) Da impossibilidade psicológica, psicomotora e estética do autor escrever à mão e respectivos dramas íntimos e convivenciais. Da lucidez dos Porteiros dos Teatros do Parque Mayer (Lisboa). Do Diário como pretexto de estoicismo

Tanto mais que não escrevo à mão. Não posso. Dói-me o braço, se ouso escrever mais de cinco linhas seguidas, uma dorzinha aguda, metacarpo, carpo e por aí acima até à omoplata. Cabriola no antebraço, enrola-se no cotovelo, torna-se estilete varando o bíceps e, como bola contra a parede, bate nas zonas do ombro e regressa, desarvorada, até ao pulso, até às unhas do polegar, médio e indicador.

Restam-me derradeiras possibilidades, que reservo para bilhetes postais à minha mãe, assinar, corrigir.

A máquina de escrever é a minha caneta. Ela impõe contra mim a disciplina das linhas, avança a destroçar-me a liberdade. Já me agrediu mais fundamente. Hoje, o ruído das teclas anima-me a imaginação; dantes, estropiava-me o ritmo, avassalava as palavras, propunha-me permanente contundência. (Contra quê?) A férrea dimensão das linhas, porém, continua a irritar-me. Mas que fazer? Aceitá-la, torneá-la, iludi-la.

Ambiciono por uma escrita mínima. Como as inscrições tumulares. Como os avisos do Kum-Mun-Stahouk. Epigramática, como no Graal. Como data ou sinal ideográfico.

Se algum dia a conseguir, talvez então me baste a fraca possibilidade do meu braço.

Mas se me horroriza a frieza da máquina de escrever, ainda mais a que deriva da incomunicação, em face dos meus gongóricos, dos meus empolados, dos meus barrocos contemporâneos, a que estaria votada tal escrita essencial. Isto no caso dos meus contemporâneos comunicarem, de facto, entre si.

Porque me dói o braço quando escrevo? Análises objectivas levam à conclusão de que tudo aqui se encontra bem, ossos, músculos, veias, nervos. "Mas dói-me" - respondo. "Não há motivo fisiológico. Vá ao psiquiatra". O psiquiatra sorri, prescreve cápsulas vermelhas. O ortopedista manda-me exercitar alteres todas as manhãs, o que o cardiologista proíbe. O Endireita da Esperança alinha com a Medicina: nada a endireitar. A minha secretária (taquígrafa de alta escola) declara-se apta a anotar tudo o que lhe dite, fazendo-o com rapidez; acrescenta que deseja ver-me feliz; propõe-se dactilografar em casa, à noite; liricamente dispensa o pagamento de horas extraordinárias. Amabília, cortesã ocasional (ou, mais positivamente, prostituta de *trottoir*), na plena posse dos seus dons profissionais, faz-me cócegas no antebraço, beija-me no braço a pele que vai do sovaco ao cotovelo. O Presidente do Banco Português de Zanzibar e Malaca solidariza-se comigo e pretende que ingira enzimas afrodisíacos, que (a ele) lhe proporcionam resultados deleitosos quando associados a ostras catalãs. "Pachos de borato de sódio ao deitar e de água de malvas ao levantar", receita a senhora Anunciação, mulher-a-dias. O

mecânico de automóvel: "O senhor Valente Sá do que precisa é de desmontar durante a semana três motores a ‘gaçoil’ e voltar a montá-los; e ao Domingo vir comigo à caça". Os magazines pedem-me entrevistas, exploram a minha dor. Pessoa comiserada escreve-me de Sangalhos: expor o braço a uma chuva de areia aquecida, expelida por um tubo maquinado, precisamente descrito, propulsor da dita areia. As tias do Alçada Baptista rezam a Nossa Senhora das Dores e, à sucapa, despedem preces caridosas a Santa Rita de Cássia, advogada do Impossível. Caio na psicanálise; por detrás dos óculos de Inquisidor, o psicanalista desfecha-me perguntas insidiosas, perscruta; complexo de adolescente, revela; preconiza que, sem escrúpulo e sem pudor, volte a praticar a masturbação. "Em quem?" - pergunto. "Em si próprio, ora essa!" O meu amigo Arcebispo Copta recomenda-me paciência, auxiliada por um retiro no Mosteiro de Assuan, de paredes de adobe e cobertura de colmo. O Grilo, porteiro da caixa do Teatro Variedades, sentencia: "Isso é de fazer os manguitos, senhor Valstain". Eis, por fim, reduzida a termos de Parque Mayer (Lisboa) esta minha profunda dor.

Ah, basta!

E eu sei a causa. Só eu a conheço: não gosto do que escrevo; a fisiologia solidariza-se com os íntimos sentimentos, arma-me uma cilada que me desencoraje; e isto de cumplicidade com os órgãos públicos de repressão, com o meu bem-estar exterior, com a minha preguiça animal, extenuado da luta contra papel e caracteres, esta ânsia de comunicação com os meus contemporâneos e compatriotas. O braço dói-me também para que desmistifique as cargas de prestígio com que a escrita se enfeita;

para que eu responda com um não definitivo à dúvida: tem importância entre nós a actividade chamada cultural?

Não levarão a melhor.

À mão! Será escrito à mão! Vou dominar nervos e músculos deste braço. Estoicamente. Sairá um manuscrito límpido, claro, penetrante como a adaga que atravessa e dessangra o coração do que me torna indignado.

O Diário, portanto, por via deste braço, será causa e instrumento da minha autoflagelação. No mínimo, pois algum dia será a vez de flagelar, eu próprio, a causa da indignação minha.

V. Amostragem do mundo (provável) a verter no Diário após sucessivas análises. Amostragem dada com o fim de despertar desde já a Indignação dos compatriotas ainda não indignados.

a) Edifício-mundo

Desafia a Torres Eiffel o edifício do Instituto Internacional dos Poli-Insaturados. Não pela forma, não pelo porte. O brilho dos alumínios da caixilharia e do revestimento. A funcionalidade evidente. Trinta e sete andares em forma de caixa de fósforos de pé. Desenha no céu um perfil de serrote: os vidros de cristal fumado encontram-se colocados de modo a neles não incidirem de chapa os raios solares. Os troços de parede de alumínio acobreado, ajudado interiormente por material anti-acústico e antitérmico, formam com os vidros um ângulo aberto. No Inverno, o sol,

oferecendo mais baixos ângulos de incidência, penetra apreciavelmente. Cautela inútil, dada a eficiência dos órgãos correctivos da ambiência integrados na construção.

Ei-lo na paisagem, o edifício, inflexível, à beira do extenso lago artificial, lançado de entre a massa verdosa de copas e de ramaria que surgem do betão espalmado que o rodeia. Tem mais de comum com o céu do que com a terra. Encimam-no quatro estátuas colossais que assomam do paralelepípedo e se debruçam, voltadas a cada ponto cardeal, terminadas num glosar das formas geométricas por essência, perdendo-se nos ares como fumo, confusão de pináculos que o jogo da luz solar multiplica e a que confere sentido mítico primitivo. Teomórficas?

A propósito dos poli-insaturados!

Interiormente, a construção desenvolve-se à roda de um pátio pentagonal - qual pátio?! - poliedro fechado no alto por uma abóbada de cristal! - dentro do qual se movem réplicas projectadas à paisagem, para que os utentes se sintam integrados no mundo. A noite, o cristal reproduz o céu e os astros e expele, quando accionados os comandos, uma chuva deleitosa que pode fazer-se cair atravessando tonalidades luminosas diferentes, até ao arco-íris - se fosse em arco e não formasse aproximadamente um cilindro, de alto a baixo, de luz decomposta. Sistemas de projecção ali reproduzem paisagens, natureza, tribos, desertos, metrópoles. Ostensiva amostragem ambiental, variável a gosto ou em consequência de desígnios previstos, ocultos dos vulgares mortais.

b) O lar romântico, a programação cerebral e a técnica cruel

Oh, como este edifício dissolve o Cesário Verde de "O Sentimento dum Ocidental":

"... eu quero vossas mães e irmãs estremecidas numas habitações translúcidas e frágeis!"

Oh, Ocidental, o teu sentimento, no que à habitação respeita, já não é a fragilidade e translucidez, é a programação, a exploração das possibilidades máximas que os materiais combinados oferecem ao génio dos arquitectos e a utilização generosa, perdulária, da técnica disponível, para teu conforto, para que te sintas no mundo opiparamente - sistema orgânico calculado para extorquir as potencialidades em ti existentes e que, dantes, flutuavam inaplicadas, luxuosamente. E, para além, dispositivos para te recuperar - se possível - dos danos, desgaste e destruição com que o mesmo sistema te esvaziou.

Abaixo o Cesário Verde! Nem mães, nem irmãs, muito menos estremecidas! Habitações de romântica fragilidade? Não! A formidável força da multiplicação das forças! Nada de abrir janelas para a atmosfera (prática rudimentar, irrisória), mas criação de uma atmosfera concebida por cérebros luciferinos, servidos por transmissões eficientes e cruéis de determinação e de persuasão.

A atmosfera será o que determinarem aqueles a quem o cabe fazer e que, assim, se alcandoram à posição dos deuses! Os outros como sempre foram, súbditos dos deuses e dejecto perante eles.

c) O projecto arquitectónico, as orientações de cúpula e a (in)dignidade do ser humano

As extensas tiras de cristal da fachada não são janelas, mas diques opostos ao exterior. A tubagem de ambientação, em circunvalações de tripa, serpenteia pelo edifício e, não raramente, transporta produtos balsâmicos ou perfumes ou drogas, tranquilizantes, excitantes, emolientes, exaltantes, alucinogénios. Invenção perfeita, o comando desta química, em instalações premeditadas, no subsolo, inclui câmaras para tratamentos de generalização. Os membros do staff - os dotados de excessiva personalidade ou os que padecem de acessos dela - são ali conduzidos e manipulados. As recepcionistas, acolhedeiras e animadoras anulam-lhes esse defeito, subtraem-nos ao sofrimento que determina, pela aplicação de meios diversos (luzes, máscaras, inoculações, massagens), na verdade, a concentração do campo da consciência nos pontos de interesse vantajosos ao Instituto. Lavagem de cérebro? Automatização das vivências para a máxima fruição do que cada um pode dar de si?

Não há escadas na estrutura arquitectónica. Elevadores, cinco no interior em cada face do pentágono e mais vinte e quatro com aplicações específicas. Os corredores providos de tapetes rolantes em permanência e silenciosos.

d) Distinção entre as noções (frequentemente confundidas) de "trabalhador" e "cúmplice"

A admissão do pessoal foi esmerada: testes de afectividade e de saúde, saber, apreço psicanalizado pelos poli-insaturados, aderência à pessoa do Director e garantia de passividade perante

ele. E olhos, eis o mais importante, olhos aplicados a uma máquina prospectiva até à decifração.

Aceite a candidatura, iniciavam-se as provas.

e) Abertura, fechadura, emigração ideológica e utópica. Salazar perigoso esquerdista

O Doutor Francisco da Costa, emigrante português, é o único e permanente porteiro. Doutor em Botânica, preferiu o exílio a continuar em Portugal sujeito ao Governo de Salazar. Não que houvesse questão declarada entre os dois; mas sonhava "o Portugal dos portugueses, o Portugal glorioso do passado, povo cônscio das virtudes históricas e morais, Portugal católico, fiel, paraíso da moralidade" (onde nenhuma fonte se visse enfeitada pelos cornos da corrupção), "jardim à beira-mar plantado", viçoso e autêntico, fechado ao estrangeiro, fervilhando da própria vida, recusando-se à dos outros, vergel visitado somente por raros eleitos do exterior.

Quanto às superstruturas, o Doutor desejava-as eficientes: abolição da Universidade Técnica e das Escolas Técnicas, em benefício das Humanidades; clericalização das Universidades e do Ensino em geral; única actividade circum-escolar, a polícia (cada português devia ser um polícia), actividade moralizadora por excelência, contendo os exercícios, físicos e morais, de audácia, de determinação, de habilidade, de truculência, de crueldade, de domínio, convenientes à agilidade da juventude obediente e afoita; criação de Escolas Episcopais em todos os Distritos, destinadas

aos supra normais, que ocupariam os cargos Eclesiásticos e os da Administração.

Considerava que às Forças Armadas, que não travaram guerra depois de 1918 (ele emigrou em 1957), urgia guerrear, para sua justificação, para realimento das tradicionais virtudes heróicas. Não duvidava que as Armas se encheriam de glória. Era inadiável uma guerra, não importava o pretexto, mas sangrenta, cruel, rebarbativa, desumana.

Preconizava teor especial nas relações com a Santa Sé, incluindo muita desconfiança, uma vez que a Igreja Católica "é uma Internacional como qualquer outra"; a Igreja seria indubitavelmente portuguesa, mas aceitaria alguma orientação de Roma, de Roma veículo para Deus (não da Outra, da Roma - domínio ecuménico sobre nações e empreendimentos). Constituiria esteio da nossa Igreja a proliferação no território de santuários e aparições. Quem dissesse português diria peregrino (turismo interno).

No campo jurídico, abolição da legalidade, guardando-se apenas aparência dela. Na ordem factual, a prática vigorosa das arbitrariedades, violências e extorsões consideradas necessárias. Estabelecer-se-iam duas fontes concomitantes e paralelas da justiça: um direito publicado, que dava o português como sujeito de liberdade e de indiscriminação; e um Direito secreto, único efectivamente servido pelas Instituições, que partia do princípio de que todo o cidadão é coisa, no máximo escravo - com excepções e privilégios distribuídos, pois claro!

O Doutor Francisco da Costa demitiu-se oportunamente da União Nacional, que considerava impotente para lhe manter a esperança de um dia estabelecer tal "lusitaniaevidência" . Depois,

começou a embirrar com o Presidente do Conselho (Salazar), o qual - sustentava - "podia e não queria, adaptou-se a um Governo feito de expedientes". Determinou que seria desagradável com ele, em público; não o conseguiu, não teve ocasião ou faltou-lhe coragem. Propôs-se desacatar quatro Generais, dois Brigadeiros e doze Coronéis, numa reunião para manobras. Projectou passar uma "rasteira" a dois Ministros. Conseguiu descarrilar o elevador da Glória.

Após o que emigrou, "antes que me neguem o passaporte ou me enfiem no chilindró". Calcorreou as vias do mundo à procura do "seu" oásis. Na caminhada, o oásis sublimou-se, mitificou-se. Tornou-se impossível após os "melhoramentos" que sofreu. De decepção em decepção, o Doutor já não vislumbrava um mundo seu. Exigia-o! Onde? Como? Conflito com tudo o que lhe fosse exterior. Desceu na escala social; ocultou os títulos académicos; foi ajudante de cozinha, *croupier*, angariador de seguros (sem êxito), jardineiro, lavador de automóveis. Com sacrifício corporal; mas o espírito, de místico e potencial apóstolo, continuava exaltado, levitado, separado do esforço material, purificava-se na humilhação!

f) Quando a fome e a (in)dignidade se entredeglutem. Oh, a desconfiável táctica dos empregadores!

Um dia, sem emprego, faminto, soube da admissão de pessoal ao recém-criado Instituto Internacional dos Poli-Insaturados. Vestiu-se o melhor possível, muniu-se dos seus títulos no campo

da Botânica (disciplina evidentemente fundamental no caso) e apresentou-se a concurso. Foi admitido como porteiro.

1.ª desconfiança do Doutor: o Instituto despreza a Botânica. Portanto, é coisa de negócios, disfarçados de cientistas.

2.ª desconfiança do Doutor: inorganicidade. Ele, Doutor em Botânica, designado porteiro. Aceitou, pois então! Mas porteiro que não utilizava as suas competências melhores. Pelo contrário, limitava-se a colaborar com um ordenador electrónico que microfilmava os que entravam e saíam e, automaticamente, classificava e memorizava. Ao porteiro competia averiguar os nomes e, depois, entrar em grande comunicação com as cintilações policromáticas do ecrã do aparelho que devia entender, tratar por tu, como companheiros da escola materna! Emprego de 24 horas por dia, dormindo com um capacete de eléctrodos para dar o alarme, se fosse o caso. Nunca até aí o alarme funcionara. Mas quem suporta 24 horas seguidas de tensão e de concentração premeditada?

Sobretudo ele, botânico, habituado à liberdade das plantas e apóstolo do impossível, na visão de um Portugal propriamente renovado!

3.ª desconfiança do Doutor: nomeando-o porteiro, o Instituto pretendia, de facto, desacatar a Botânica Portuguesa!

4.ª desconfiança do Doutor: sendo o ofício de porteiro daquele edifício exercido com um programador electrónico, todas as funções do Instituto estavam erradamente distribuídas.

5.ª desconfiança do Doutor: o Instituto Internacional dos Poli-Insaturados não era realmente de poli-insaturados, mas de outra coisa qualquer, que com eles se ocultava. Mas qual? Aqui o

Doutor era apenas negativo. Sabia o que o Instituto não era, ignorava o que era.

6.ª desconfiança do Doutor: quando lhes descobrissem o jogo, eles não o convidariam a tornar-se áulico e beneficiário, eliminá-lo-iam.

g) O subemprego premeditado ou a Botânica preterida

Embora falasse pessimamente as línguas estrangeiras, decidiu esclarecer a sua situação. O Director não o recebeu: enviou-o, com desculpas forjadas pela secretária, ao Chefe do Departamento H3.

O Chefe H3 era uma mulher morena, esbelta, olhos húmidos, donde se desprendia lascívia natural que escorria em redor e continuava, mesmo depois dos olhos lhe tremeluzirem de inteligência.

- Doutor, vai um cocktail?

O Doutor recusou com um gesto finalizado nas mãos vertidas sobre o fígado. Mas na pergunta descortinou uma cilada e um longínquo sinal de fonética espanhola. Estava salvo, vencera as barreiras da língua - pensou; nascido para além de Castelo Branco, junto à fronteira, ficara-lhe da infância algum contacto com a língua espanhola, pediu licença e exprimiu-se em espanhol. Fez uma exposição concatenada, em estilo universitário, com amortecedores a suavizar o fundo da questão, esta pontuada com seriedade verbal e disciplina, depois conclusões e, por fim, o pedido:

- sim, estava contente por ter a honra disto e mais aquilo, no entanto, porteiro, com franqueza...

- Não houve nenhum engano, Doutor - respondeu a Chefe H3, sorrindo, passando os olhos pela ficha cor de tijolo entre as mãos grandes, louras, finíssimas.

Exprimia-se em português fluente, sem insipiência nem hesitação.

- Sabemos que é Doutor em Botânica. No entanto, a sua Botânica está ultrapassada. Era moderna há duzentos anos... (riso).

- Ora essa, Senhora Dona... Dona... Pode dizer-me porquê?

- Tem a Botânica como ciência pura.

- Que outra coisa poderia ser?

- Aplicada - respondeu a Chefe H3.

Ora essa! - repetiu num protesto que desejaria rugido em nome da "espiritualidade portuguesa", mas que não foi além da surpresa de quem não ousa praticar o excesso de compreender.

- A sua Botânica é tão ridícula como a velha História Natural. Além disto, o Doutor sempre a tratou carinhosa, paternal, antropomorficamente, como um desenho animado de Walt Disney.

- Bem... Eu...

E o Doutor empalideceu. Corou. Mas não argumentou, pois temia que por argumentar o despedissem.

- Sabe, Doutor? A Natureza já não maravilha ninguém. A ciência serve para influir, para criar. Criar! Criar, nem que sejam monstros. Monstros, ouviu?

Sorvendo o cocktail, a Chefe H3 premiu a campainha. Meneou-se num soberbo passeio ao largo da sala, sobre o tapete de cor agressiva e falou:

- Doutor, garanto-lhe, é um excelente porteiro. Estamos satisfeitíssimos consigo. O Director, eu própria e até o computador, que é difícil de contentar.

- O quê?! Eu sou examinado por um computador?!

- Constantemente. Não sabia?

O Doutor ergueu-se, trémulo, cambaleante, indignado.

Vendo-o a tal ponto humilhado, a Chefe H3 sorriu e atalhou:

- Oh, coitado, como deve sofrer! Doutor, vamos tratar de si...

Entraram duas acolhedeiras, vestidas de azul-petróleo. O Doutor desmaiou nos quatro braços que se estendiam e que o colocaram na cadeira de rodízios da secretária da Chefe H3. Assim o levaram. Para onde? Para quê?

h) Racionalização, afinal, dos conceitos fundamentais do Instituto. A fêmea e o racional. Racionalidade dos impulsos afectivos. Queda de cu

Imediatamente, o ruído de besoiro do ascensor exclusivo do Director, que entrou pelo ângulo da sala. Surpreendida, a Chefe H3 estremeceu e aguardou-o de pé, dir-se-ia em completa serenidade se, entre os dedos, o copo não produzisse um tilintar de gelo contra o cristal. O Director caminhava, aproximava-se. Ela não resistiu e ajeitou o cabelo.

- Felicito-a pelas suas conclusões.

- Quais?

- "Obtém-se mais barato do que qualquer computador um homem subdesenvolvido".

- Ah! - riu ela numa gargalhada gentil.

- Não se envergonhe de ter chegado a tal conclusão. Pelo contrário, pois transformar-se-á em orientação geral do Instituto.

- Obrigada, Senhor Director.

E, muito fêmea, fez uma reverência de bailarina.

O Director mirou-a lateralmente, vendo-lhe o perfil das nádegas desenhado na luz rosada da parede.

- Amo-a pela sua inteligência. Pelo seu rigor e objectividade. Por isso a beijo.

Beijou-a. Acabado o que prosseguiu:

- E com alegria (e com amargura) que noto que o H3 é o único Departamento deste Instituto que funciona.

- Senhor Director, está cientificamente provado que metade dos estímulos cerebrais são de natureza afectiva.

- Palavra de honra?

- Palavra de honra.

- Não sabia - confessou o Director. - Eis uma grande revelação. Uma extraordinária descoberta.

- Amo-o, Senhor Director! Deste modo, 50 por cento da minha adesão ao Instituto é básica, por natureza. Os outros 50 por cento, e só esses, honestamente o digo, são fruto do meu trabalho. Eis o motivo porque o H3 funciona efectivamente.

- Genial! Acabo de ter uma ideia salvadora!

Sem se despedir, entrou impetuosamente no ascensor, que se afastou com o seu ruído de besoiro.

Estremecendo de prazer, perturbada, tonta, sentindo nas pernas falta de sangue, a Chefe H3 dirigiu-se à secretária para se sentar, repetindo mecanicamente o mesmo movimento de milhares de vezes por dia. Mas a cadeira, que servira de transporte ao Doutor, não se encontrava no lugar habitual.

i) *Excelência e profundidade do estudo universitário. Vergonha dos audiovisuais. "Os pretos têm um único direito, o de servirem os portugueses". Lavagem ao cérebro pela aplicação, civil e religiosa, da experiência e doutrinas de Pavlov. Patriótica lamentação sobre a queda dos Chefes e censura ao modo como Salazar caiu da cadeira*

O Doutor não realizou os seus estudos de Botânica levianamente, como lérias, farófias ou cavacas das Caldas. Já no segundo ano da Faculdade, retinha, prontas a saltar para a liça, 243 designações latinas, para além das que a "sebenta" consagrava! Nos anos seguintes, este "crédito" agravou-se a seu favor. Sem nunca ter visto o mar, defendeu teses sobre a "Vida e o Habitat das Algas Marinhas"!!!

Já Professor Agregado, foi incumbido de missão patriótica, como Enviado Governamental, às então Colónias. Aí, complementarmente, com objectivos de estudioso, reuniu os feiticeiros nativos, os quais, conforme declarou à imprensa local, considerou "dotados das mais profundas e originais informações no campo da Botânica, demonstração perene da vitalidade das raças que servem Portugal". Os resultados científicos, deixou-os secretos - receava não ser compreendido nos meios científicos da sua Universidade; mas o boato rodeou-o de uma auréola de experimentalidade que então se tinha por tabu ou por bizarra e suspeita. O Doutor não deu explicações, sobretudo aos seus pares. E às alusões que, por pirraça, os colegas lhe dirigiam, ripostava com semblante austero, olhos vagos, impondo uma distância que gelaria o fervente Apolo. Ensinou, espalhou conhecimentos,

desmoronou sobre os discípulos montanhas de informação, exibindo folhas e flores e caules e gineceus colados em cartolina amarela, ao mesmo tempo que falava - concurso pedagógico da palavra e da imagem, processo audiovisual arrojado para a época.

E foi a este homem que as animadoras ministraram tratamento de generalização, a bem do Instituto Internacional dos Poli-Insaturados! Despiram-no, a ele que era casto, que nunca havia mostrado as suas "vergonhas", muito menos as tinha explorado em meiga companhia. E, num reincidente desprezo pela sua categoria de botânico, nem a clássica folha de parra lhe puseram sobre o sexo!

Mergulharam-no num banho aromático. Esfregaram-no com lontras. Reanimado, o sangue fluido e ameno, enrolaram o Doutor num manto, sujeitaram-no à vibração de luzes e de máquinas, enquanto a música que vem dos céus o envolvia e o evocava em outra direcção. As agruras do primeiro abalo deste trato, sucedeu-se certa euforia, espécie de regresso à juventude, descoberta de potencialidades que supôs perdidas.

Pela primeira vez, o Doutor cometeu com outrem o "pecado" da carne e isto no poliedro interior, enquanto brilhava no alto cristal o luar afrodisíaco e a luz de Circe voluptuosamente o empolgava. Na altura do espasmo, soava a "Tocata e Fuga", de Bach. Benemérita coincidência! Depois, ouviram-se sons laboratoriais que propunham ao Doutor o esquecimento da ciência austera e penosa, trocando-a por um paraíso de sensações, garantido pelo Instituto. O Doutor não deixou perturbar a sua lucidez. Aceitou o Instituto como promotor do seu bem-estar. Mas reclamou: para quê, se não tinha tempo para gozos e prazeres? Ele

- porteiro com horário de 24 horas por dia?! A reclamação foi superiormente ponderada.

Tratamento por palavras que um pregador, versado em técnicas de persuasão, atirava contra o Doutor. As frases saíam harmoniosas ou arrogantes, termos exactos, imagética potente, nem um laivo de dúvida ou de infirmeza, ritmo oleoso. A voz do retórico, afeita às variações do discurso, sensual, capaz de delicadeza meiga e de brutalidade, como pedradas, afagava ou aterrava, mas ocupava sempre a interioridade do Doutor. O qual compreendeu a função da oratória sacra e política; compreendeu como a construção de púlpitos nas igrejas - todas têm o seu púlpito, um ou mesmo dois em cada - constituía investimento proliferador e lucrativo. "Com púlpitos, confessionários e grades de transepto, o cobarde do Salazar poderia ir até ao fim". Eis porque falar é perigoso. "Mas ainda um dia", continuou, "hei-de ver no trono de Portugal um homem verdadeiramente às direitas".

Luz, luz que o cegava. A voz do pregador urrou. O Doutor fechou as pálpebras, contraiu-as: inútil, a luz atravessava-as até bater na retina, como se pálpebras não fossem obstáculo. O Doutor ergueu o antebraço para defender os olhos. Dois aguilhões, um em cada nádega, o puniram. E a voz continuava, obsessiva, após 28 horas de jejum as palavras já não tinham sentido, comandavam, impunham um imperativo propositadamente vago: o Doutor tinha de aderir! Tinha de aderir! Beijos das ninfas. Música. Oh, a expectativa das emoções contrárias! Lontras. Música. Beijos. Aguilhões. Música. Holofotes. Música. Abriu os olhos: o pregador, enorme, de hábitos talares, a voz saindo-lhe do altifalante do peito, enquanto das roupas se exalava fumo de incenso e de drogas aromáticas.

O retórico, muito condicionalmente, prometeu ao Doutor comida. O Doutor reconheceu que estava faminto, caminhava para a inanição. Perdera a noção da dignidade académica e universitária, tanto mais que - tinha a certeza -, pondo-se de joelhos e mostrando humildade, as cozinheiras entrariam, nuas, nas mãos as travessas com as lagostas. Catedrático, Botânico, Doutor, sujeito de reflexo condicionado! Arrojado ao chão, praticou o Acto, praticou depois os actos de bajulação, anulação, renúncia, canificação, glorificação do Instituto, submissão e promessa. As lagostas, odorantes, passeavam-se em cortejo envolvente. Desmaiou.

Acordou na sua cama, aos beijos das acolhedeiras que lhe davam um copo de leite.

O Doutor comprometeu-se por escrito a esquecer a Botânica. Em troca, o privilégio de apenas 16 horas de trabalho diário, oito das quais durante a noite, com capacete de eléctrodos. Uma vez que podia dormir durante o trabalho nocturno, ficavam-lhe oito horas livres por dia, que podia aplicar a seu bel-prazer, inclusive em brincadeiras libertinas com as ninfas do Instituto. Poderia, mesmo, dirigir-se à cidade e mergulhar num vício premeditado por ele, à sua escolha.

Mas o Doutor foi prudente. Que alívio desligar-se da Botânica! Que alívio desligar-se da ciência em geral. Permaneceria fiel ao Instituto, dali não arredava pé: *Porteiro do Instituto!* À vezes olhava de soslaio as árvores do exterior e recordava alguém que, perante uma árvore, pronunciava um nome latino. Então o latim era realidade e a árvore abstracção. Mas isso pertencia a outro mundo. O actual era a realidade. Ele, que nunca conhecera o significado da palavra poli-insaturado, verificava que

permaneceria sem o conhecer; a diferença é que, agora, tal ignorância já não o preocupa. Encontra-se realizado. Originário da fronteira do subdesenvolvimento, ascendeu a Porteiro do edifício mais programado do mundo! Aqui é feliz, quer continuar feliz!

Por esses dias, ouviu dizer da morte de Salazar, trambulhado de uma cadeira reclinável. Comoveu-se, deitou uma lágrima por aquele que, embora "nenhuma dissidência de fundo nos separasse, agora, perante a sua morte o reconheço", lhe fizera vibrar a alma do ódio patriótico. Meditou um instante: "O erro do Salazar foi encostar-se numa cadeira reclinável. Os Chefes devem manter-se verticalmente, a espinha dorsal apontando o céu, como permitem os bancos e cadeiras do século XVII, a época perfeita. Apesar deste último erro e de ter cedido à tentação, merecia morte mais digna da História, ou pendurado no Arco da Rua Augusta, às mãos da chusma amotinada, ou trucidado pelos comunistas... Oh, País destroçado, que nem já sabes fazer heróis!..." Enxugou na manga do casaco a lágrima inevitável. Esta pareceu-lhe ser a última manifestação do seu mundo antigo.

j) O Director inflecte o Instituto, apesar da vigorosa oposição dos arquitectos e engenheiros. Excelência do mestre-de-obras. O Dirigir-Sem-timento. A irradiação dos Chefes inconvenientes. Sauna, beijo no umbigo e frenesim

Um golpe de génio!
O Director - pois é o Director - teve um golpe de génio.

O que irritou os Arquitectos. Os quais não aderiram. Tinham programado o edifício, o previsto tinha de continuar sem modificações até final. Não se apropriava àquele espaço a tal Sala Comunitária de Despacho. Se o Director enlouquecera, era com ele, era com os outros! Os Arquitectos não colaboravam! Não projectavam as modificações! Não se entenderiam com os Engenheiros! Não passavam cartão aos delírios do Director!

Surpresa: os Engenheiros solidarizaram-se com os Arquitectos!

"E os lucros?", mandou o Director insinuar a uns e a outros. "Que se lixem os lucros!", gritaram em uníssono Arquitectos e Engenheiros, por rara ou impossível que pareça tal abdicação. Justificaram-se: questão de princípio, "macacadas" é que nunca!

O Director exibiu-se, exagerou feericamente o seu desgosto "por não dispor de tão preciosos e leais colaboradores"; mas para os íntimos comentou: "Que mundo este! Até os Arquitectos já se entendem com os Engenheiros! Como é possível dirigir!?" E argumentou publicamente: "O Instituto Internacional dos Poli-Insaturados é o seu edifício, sem edifício nunca seria o que decidiu ser. Ora, quem fez o edifício? Vossas Excelências, Senhores Arquitectos, com a fecunda imaginação; e Vossas Excelências, Senhores Engenheiros, sábios dos segredos da técnica, essa bruxaria da sociedade de consumo, essa pedra filosofal enfim acessível." Nada: a união dos congregados prosseguiu!

O Director passou a sorrir doridamente, vítima de ingratidão e de injustiça. Isto é: mudou de táctica. E, à volta, relançou suspeitas: "Os Arquitectos só trabalham motivados pelos grandes lucros ou pelas percentagens sobre os custos dos materiais. Nessa medida, errei: o que quero fazer aqui há-de ser pelo barato. Os

Engenheiros pertencem à mesma quadrilha: o médico diz mata! e o boticário esfola! Além disto, são técnicos. E a técnica... O que é a técnica? Um espantalho de chapéu alto! A técnica fica muito aquém do que prometeu. (Gargalhada). O Ministro inglês da Economia preveniu o Reino Unido de que se não deixasse embalar pelas balelas dos técnicos. E Sua Santidade Paulo VI a mim me disse que não compreende que mundo pode existir em que a técnica predomine".

Por consequência, o Director chamou o Anastásio, mestre-de-obras. E para a decoração, telegrafou para Zomba, Malawi, ao Pinto Coelho que, na montanha, se ocupava do Palácio do Presidente Banda.

Pinto Coelho deslumbrou, desdobrou tecidos e mais tecidos, exibiu desenhos inspirados no "Burro de Oiro" de Apuleio e propôs um ambiente definido pelo encontro do Baixo-Império com o luxo doméstico do Grão-Turco. Inteligente!

Avançaram móveis de triclínio, água pingando de fontes na azulejaria, veludos pesados, sedas de Damasco, tapetes do Irão. As máquinas de escrever foram montadas em suportes de latão, sobre rodízios, disfarçados de lâmpadas de Aladino, de cachimbos de água; calculadoras com bossas de camelo; dictafones encimados por pináculos de mesquita; tomadas de corrente dissimuladas. E as fardas dos contínuos incluíam turbante, albornoz e babuchas nos pés.

Ao centro, o meteorito de Meca, miniaturalmente, sob um Arco de Triunfo romano, forrado de tapeçarias dengosas e arbitrárias.

Da Ibéria ao Oriente, o mundo colaborou na descoberta, ponto de honra do Instituto: "50 por cento dos estímulos cerebrais são de natureza afectiva".

Esta mesma frase foi gravada na porta de entrada, no Arco de Triunfo em latim, nos pináculos em árabe e bordada nas gregas dos albornozes e nos coxins multicores. Mais ainda: todos a tinham gravada dentro de si, religiosamente.

O Director, ao mesmo tempo, foi eliminando os chefes masculinos. Promoveu-os, pagou-lhes o dobro e enviou-os para cinco continentes, com ajudas de custo invejáveis.

O contacto com diplomatas e soberanos (alguns dos quais suspeitos) de países subdesenvolvidos mostrou-se estimulante. A operação, estabelecida racionalmente, probabilizada, seis meses volvidos patenteava os seguintes resultados:

Chefe N5, enviado para África, devorado por antropófagos;

Chefe Hl, na América do Sul, pereceu num avião boicotado;

Chefe Y4, nos Estados Unidos da América, caiu no uso de alucinogénios, pelo que foi demitido;

Chefe Bl, na índia, em missão, olho da rua! Motivo: exercício de espionagem religiosa;

Chefe R7, entrado em Portugal, suspeito de subversão, integrado numa concentração de alienados;

Os Chefes 08, F6, L9, C5, P7, OI e M2 não aceitaram abandonar outros empregos rendosos; irradiados sumariamente, por razões disciplinares;

Chefe 03, na Austrália, cafrealizado;

Chefes M9, R17 e XI1, aderiram à Máfia buscando lucros fabulosos derivados de traírem os Poli-Insaturados com a Máfia e a Máfia com os Poli-Insaturados;

Chefe K09, consultor de Sua Majestade Britânica para operações neocolonialistas (contrato secreto);

Total: 17 chefes liquidados!

O Director sentia orgulho de si próprio!

Quando se apercebeu de que, depois desta vitória, restavam ainda cinco chefes masculinos, o Director foi atravessado por um arrepio, pois consciencializou até que ponto, na escolha inicial dos colaboradores, forçara a natureza humana.

Meditou: podia matá-los, aos cinco ou a alguns deles, entregando-os a polícias, a amadores ou a médicos ao seu serviço. Mas tinha o ânimo propenso à doçura; os cinco ficariam. A três deles confiaria três departamentos do Instituto que não convinha que funcionassem; dos dois restantes faria eunucos, para o que logo ordenou a operação.

O médico, um recém-diplomado de confiança, desde sempre avesso à contestação estudantil, aplicou a sua técnica cirúrgica. Os dois ex-Chefes morreram no acto.

O Director lamentou, abraçou as viúvas, aconselhou-as a exigir do Instituto pensões vitalícias de viuvez inconsolável.

Agora, sim: o seu *cast* encontrava-se completo, unívoco, sem possibilidades de brecha.

Chamou em código a Chefe H3.

"Primeiro, sauna; depois fornicação" - disse-lhe.

Ela sorriu, desvanecida, possuída por sentimentos nobilitantes. Compreendeu que o Director precisava de despejar de si as cargas e a toxidade.

Nus, invisíveis no vapor de água, aproximaram-se, até ao tacto. A Chefe H3 prosternou-se e beijou o umbigo do Director, que suspirou, frenético.

k) *O robot e o homem: amor entre ambos. Transferência para o computador cor-de-rosa de uma rapariga de 18 anos, filha de um General. A levitação interrompida. Desfocalização da cerimónia de Inauguração. O Doutor cala o que sabe e sabe demais. Morte e centrifugação*

Na noite da inauguração da Sala Comunitária de Despacho, o porteiro não teve mãos a medir para transmitir ao computador os nomes dos convidados, em tempo adequado à lépida microfilmagem. A sua memória superou o computador que, coitado, não se programara para acudir à sociabilidade. A princípio, o Doutor dispunha-se a desafiar o computador, a "passar-lhe uma rasteira"; mas cedeu à afectividade e ajudou-o, afinal.

Pronunciado o último nome da lista dos convidados, as grades de ferro desceram, envoltas numa exalação capaz de alterar a composição das células do fígado, dando morte instantânea a quem ousasse penetrar na zona por onde se derramava.

O Doutor considerava excessiva tamanha precaução, mas resolveu aproveitar-se dela e desejou tranquilidade. Sentou-se sob a abóbada de acesso aos elevadores.

No 17.º piso, a cerimónia prosseguia e tão cedo os convidados não começariam a sair. No entanto, o ruído do computador interrompeu-lhe o *relax* apenas iniciado. Acorreu - o computador calou-se. Saiu - o computador continuou. Voltou - o computador. .. Afastou-se - o computador...

Repetida a experiência, concluiu que o computador desejava a sua companhia.

Para o Doutor, esta descoberta pertencia ao reino do impossível: "Uma máquina a sofrer de solidão!? Ah, grande tema, a que Aristóteles não teve acesso!"

Sentou-se junto do computador. Silêncio, ele não se manifestava.

"Espantoso!" - pensou. E directamente:

- Com que então, rapaz... (nada). Então? Hem? (o computador não respondeu). Julgas que não te compreendo? Acabei de te provar que idiota é que não sou. Claro, respondes que não passo de simples porteiro. Está bem, vai sem discussão: sou porteiro! E isso altera alguma coisa? Evitou que chamasses por mim? Que te ressintas da falta de presença humana? Ah, sim, também tu a sentes, como eu! Olha, vou confessar-te: a princípio embirrei contigo. Senti... senti... convulsões quando soube que estás programado para me controlar, a mim, Doutor em Botânica; eu, controlado por um computador! Mas afeiçoei-me, preciso de ti nesta solidão, neste edifício. Amigo, é pena que não tenhas forma humana... Por outro lado, não me custa imaginar-te de cabelos loiros, olhos travessos, azuis, como de Fada. Sabes o pior? É que, nesta idade, me revelaram o amor... que nunca tive... nem de pais, nem de irmãos, de noivas, de filhos... nem... de filha... Amor precisa de passado... de prática... E eu não sei... Ora aqui está, tenho de me contentar contigo... (gargalhada). Estou de capa e batina, hem? Tu, de sapatos castanhos, ao fim das pernas delgadas... Fugimos por uma tarde e corremos ao longo dos campos à beira do rio. Corremos... corremos... (tosse). O ar era então fácil de respirar, entrava nos pulmões, circulava sem

dificuldade. Sem tosse, sem apitos. O esforço era para nos encontrarmos longe dos outros... Do teu pai, o General, e da tua mãe, a Generala... Sobretudo, destes (riso). Tudo o que fizemos então foi colher malmequeres; e dei-te um beijo... Um beijinho... tu coraste e deste-me outro... E, envergonhados como se estivéssemos nus, voltámos cada um por seu caminho, para que ninguém nos visse ou nos associasse ou percebesse que estivéramos juntos. Mas eu segui-te... ah, sim, eu segui-te, de longe, tu, passando entre os choupos, o teu corpo de junco luminoso... Mas os deuses vieram e arrebataram-te e levaram-te pelos ares, junto à ponte, entre uma revoada de pássaros de cristal... E transformaram-te em computador... E enviaram-te para zelar por mim, meu amor! Em ti pensei toda a vida... Encontro-te afinal: és minha! (aproxima-se violentamente do computador). Oh, continuemos agora aquele beijo interrompido!

Abraçou o computador, que acendeu luzes cor-de-rosa. Idílio interrompido: através do aparelho de intercomunicação, o Director chamava-o.

Como se desfaz no solo a gota de orvalho suspensa da folhagem, assim o Doutor concluiu a sua levitação.

Dirigiu-se aos ascensores (propositadamente labirínticos, por segurança). Premiu o botão Y133, desembarcou no 23.º; tomou a rampa sequente ao NX21; daí passou, sem intervalo, à Sala Comunitária do Despacho.

Por instantes olhou, patenteado à sua frente, o cerimonial da inauguração, no momento em que a Chefe H3 discursava, do púlpito gótico, numa voz que pouco tinha de compreensível ou que talvez se não dirigisse ao entendimento, embora afirmasse:

Encontra-se suscitada a multiplicação da Energia. Agora é lográ-la, nos pontos sensíveis do Instituto".

"Eis o que significa comunhão" — finalizou a Chefe H3. E logo desceu entre as aclamações de todos, convidados inclusivamente, sendo recebida nos braços do Director. As outras Chefes aproximaram-se, exibindo distintivos sobre o peito nu. A um canto, o computador, o "seu" computador, irradiava, satisfeito, luminescências alaranjadas!

O Doutor nada compreendeu, ou melhor, compreendeu tudo: encontrava-se mergulhado em fantasmagoria ou em bruxaria; ele, ingénuo e confiante; ele, que aceitara o emprego a princípio sem gosto, compelido pela miséria; que ao emprego depois se afeiçoara sinceramente; e que, mesmo sem sinceridade, era capaz, por lealdade, de declarar ao mundo, se de tal o Instituto precisasse, que os "Poli-Insaturados" eram, de facto, "Poli-Insaturados", que os "Poli-Insaturados" eram o real objectivo do Instituto; que por detrás do Instituto nada se ocultava...!

Retirou-se da sala, sentindo estoirar a estrutura das coisas.

O Director, sorridente, abria-lhe a porta do elevador *OR667*. "Oh que honra, Senhor Director!"

"Entre!", ordenou o Director.

"Decerto... decerto... (entrou no elevador). Não é para o denunciar, Senhor Director... A verdade, no entanto, é que...

O gesto brusco do Director accionou o comando.

O estrado do elevador, em que pousava os pés, abriu-se como um alçapão e o Doutor estatelou-se lá em baixo, da altura dos 17 andares.

Morto, é claro.

VI. REAL E META-REAL. Deus ou Super-Inteligenzia laica?

O Doutor, no Céu, reúne-se aos que, no Além, zelam pelo atrasadismo português. Salazar descobre a roda.
O Doutor penetra na Eternidade
e conclui contra o livre alvedrio.
O Director, antes de se propor fornicar,
sente que corporiza no mundo a Super-Inteligenzia laica.

a) Cumprido o seu dever contra a pessoa do Doutor, o Director do Instituto voltou à Sala Comunitária de Despacho. A Chefe H3 estava só. Tinha-se despido, subira ao púlpito e olhava o espaço enorme da sala coalhada de detritos, como após os bacanais.

Voltou-se para o Director rápida, esfuziante, e desceu as escadinhas do púlpito, as unhas imensas envernizadas de roxo, deslizando na brancura sensual do corrimão.

- Então?

- Tudo pelo melhor. Não sentiste? Todos aderiram. E vão colaborar.

- Pois...

O Director resmungou coisas incompreensíveis, nuvens de preocupações premonitórias.

- Mas o "português" já desconfiava de tudo...

- Sem dúvida. Que lhe fizeste?

- OR667 - respondeu o Director entre dentes.

Ela deu uma gargalhada triunfal. Logo o Director, com gesto cruel, varou na vertical todo o edifício desde o 17.º até ao subsolo indicando que, lá em baixo, as centrifugadoras se encarregavam da pessoa física do Doutor.

b) Nesse exacto momento, o Doutor subia ao Céu e aí se encontrava, esplendorosamente, entre nuvens metafísicas e conluios sacerdotais, com almas gémeas que adejavam em permanente vigilância para que o Portugal Histórico continuasse firme nos rails do seu destino secular e os portugueses nos rails do seu secular sacrifício.

O Senhor Doutor Oliveira Salazar, no momento, ocupava-se a colocar rodízios na cadeira da qual caíra e que trouxera para aqueles páramos. Ergueu para o doutor os olhinhos tremeluzentes.

O Doutor sentiu-se numa provação emocionante: Salazar cederia? Não cederia? Que faria aquele homem que, em vida, com tanto cuidado fabricou de si próprio uma imagem tranquila e coerente? Acolheria o Doutor ou, pelo contrário, afastá-lo-ia?

Para o Doutor, dúvida e angústia efectivas. Mas ponderou que tais sentimentos, mesmo naquela situação, não lhe eram relevantes, a ele que se habituara a passar as "passas do Algarve". Que lhe importava que Salazar o abraçasse ou, pelo contrário, que "fizesse de conta..."?

Nem uma coisa nem outra, afinal. Salazar fixou-o, prolongou nele o olhar e proferiu suavemente, muito lento:

- Senhor Doutor, Vossa Excelência caiu de mais alto do que eu.

E continuou o trabalho de atarraxar rodízios à sua mortal cadeira.

Num rápido pensamento, o Doutor avaliou e concluiu que o

Presidente do Conselho tinha razão. Uma razão matemática, que podia determinar-se pela diferença entre 40 centímetros a que se situa acima do chão o assento de uma cadeira reclinável e os 17 andares donde tombara, através do fundo falso do *OR667*.

O Doutor tomou repentina consciência desta verdade sólida. Assustou-se. E, afastando-se, compelido pela energia de tal evidência, caminhou para o fundo, em direcção às nuvens ou ao nevoeiro que fechavam o invisível. E por aí seguindo, preparou-se para enfrentar a sua actual situação histórica.

Situação, sem dúvida; mas também uma dimensão chamada eternidade.

Tomou corpo e presença, para os futuros efeitos, a sua humana desconfiança de que o destino do mundo não é determinado por qualquer massa informe de convicções, de generalizações, que a sociedade ou partes dela tenham definido e aceite e metodizado e implantado, deixando-as sujeitas a tensões e a dinâmicas, com ritmos de avanço e estagnações.

Ao dar os primeiros passos na Eternidade, o Doutor consagrou a sua ideia, em definitivo: nem o homem nem a sociedade se determinam. São conduzidos superiormente em vista de superiores desígnios. Qual livre alvedrio, qual carapuça! Homem - animal sujeitado. E pronto.

c) O Director do Instituto Internacional dos Poli-Insaturados pensava do mesmo modo. E sentia-se, ele próprio, corpo de superior inteligência que dispõe os homens na terra, conforme deseja.

A face do Instituto era ambígua, sim. Mas dispunha de força, tinha meios e técnica para fazer escravos, todos os escravos.

O Director encontrara na Chefe H3 sua alma gémea nesta certeza e na necessidade real de a efectivar no mundo.

Progressivamente, o Instituto assumiria encargo pontual, braço executor e coerente da inteligência dominante sobre a terra, libertando os homens cada vez mais, isto é, cada vez mais os escravizando.

Tudo corria a gosto e para o mesmo fim.

O Director e a Chefe H3 estavam nus e sentiam a consciência tranquila, pois tinham trabalhado bem e com firmeza.

Abraçaram-se e deitaram-se na alcatifa musgosa da Sala Comunitária de Despacho, para fornicarem, para, fornicando, juntarem à sua exaltante aliança a extensa superfície das peles encostadas.

Mas estavam cansados e não fornicaram; adormeceram em paz, como crianças.

VII. Conclusão

A descontinuidade dos acontecimentos exorbita da minha capacidade de associar.

Deste modo, a realidade torna-se um filme a que uma Censura esquizofrénica cortasse um metro de película; depois três metros; mais 35,75 metros. E assim sucessivamente.

Imagens sacudidas arritmicamente, em indetectável sequência. Filme do oculto, do incompreensível, do arbitrário!

Revoltante! Portanto, Diário! Ou não!

Mas será com este braço, e mesmo contra mim; de modo que surja do curso do quotidiano, amorosamente, uma estrada de luz!

Lisboa e Ponta Delgada
de 17 de Março
a 18 de Junho de 1973

Adeus,
Até ao Meu Regresso
(10 Motetes do Regresso)

Agradecimento

Agradeço ao senhor Miguel Fezas Vital ter sido consultor do autor destas histórias para os assuntos militares nelas tratados ou abordados.

O senhor Miguel Fezas Vital é ex-Alferes Miliciano e ex-combatente da guerra colonial.

Quando lhe dirigi o convite, teve a ombridade de esclarecer que o seu Comandante o considerava o pior Alferes do Batalhão.

O que me motivou, ainda mais, a insistir para que o aceitasse, tendo, por fim, obtido a sua honrosa anuência.

1. Ai, Meu Querido Filho...

(Carta)

"Ai, meu querido filho, volta depressa antes que a tua mãe se fine! Volta depressa, que essas Áfricas sempre foram os meus males e desgraças. Sabes? Eu nunca te contei isto na ideia de te evitar uma vergonha por toda a vida.

O teu pai (tinhas meses, já lá vão vinte e tal anos) deixou-te nos meus braços nuzinho e sem nada para comermos. E partiu para a África com o mostruário de pentes, lantejoulas e uvas de pechisbeque. Ao fim de três meses mandou-me trezentos contos limpos, que o negócio já tinha rendido. Mas quando, outros três meses depois, eu esperava mais trezentos contos, sabes o que recebi? Uma carta de João Pimenta - lembras-te, não? E o que agora tem a mercearia aqui à nossa esquina e então estava lá - a dizer que o teu pai morreu da picadela de uma aranha, uma aranha venenosa como dizem que só há aí em África. O João Pimenta recomendava para eu avisar a Firma de que nada se perdera e que, mais mês menos mês, ele traria os mostruários de volta. Assim fez, é homem honrado. Mas a Firma não é como ele, pois entendeu que o teu pai não pertencia ao quadro e não me deu pensão nenhuma pela minha viuvez. Não tenho direito a reclamação e cá tenho de me ir governando com os juros dos trezentos contos e mais nada.

Quando tu já estavas crescido, vão eles e mandam-te para África. Passam-se noites que não durmo, nesta aflição. Desabafo

com o João Pimenta. A cunhada, a Isolina, casada com o irmão dele - que é porteiro do Hotel Imperial, lembras-te? - tem-me trazido ultimamente umas pastilhas para dormir, que o marido rouba da mesinha-de-cabeceira de um hóspede do hotel. É o que me tem safado. Mas quando o hóspede se for embora, não sei como será.

Vê se voltas, nem que tenhas de fugir. Pois eles deixam a tua mãe aqui ao desamparo e eu estou mesmo a arrebentar.

Olha, meu filho, vê se te tapas de noite, pois tu sempre te remexeste muito na cama e arrefecias e apanhavas aquelas grandes bronquites e eu punha-te papas de linhaça no peitinho. E também não comas fruta verde, que é o que te faz mal à barriga.

Mas a melhor maneira é vires-te embora. Pois o que mais me rala é que andes para aí a matar gente. Bem sei que são coisas da guerra, que são pretos, mas ainda assim o melhor é não matar. O teu tio Alberto, quando matou o primo por causa da colheita do milho, ninguém soube, ele só o disse à hora da morte, mas daí para diante largou a definhar, com a alma num farrapo, sem poder resistir ao remorso. E tu podes ficar na mesma e vires definhar para cá, quando eu o que te queria era forte e bom, para gozar de ti nos tempos que me restam.

Também não te metas com pretas, tu cá sempre te meteste com as mulheres. Olha, a Dorinha está boa e tem muitas saudades tuas, assim como a Ermelinda e a outra Ermelinda também tem muitas saudades tuas e, desde que partiste, acendeu uma candeia de azeite a Santo António. A Helena casou-se, mas não lhe leves a mal, as mulheres são assim, coitada, ela queria fazer a sua vida e diz que tu és de pestana ligeira e não podia pôr-se à tua espera, pois ainda te falta escolher entre todas as que deixaste. Por isso se resolveu.

Agora tem um lugar de hortaliças e o marido anda nas vendas, começou por ajudante de uns ciganos, mas agora é sócio deles e ganham muito dinheiro. Não lhe leves a mal. A Eduarda disse-me no outro dia que espera por ti, mas sabes que ela não é de fiar, diz uma coisa e faz outra, tu sabes como é.

Mas todas estas são brancas e se por alguma delas te resolvesses tudo havia de se arranjar. Com as pretas é que não, pois têm os melindres lá delas. O Chico da Costa, o que tinha a motorizada, mandou dizer que ficava na África porque se tinha ajuntado com uma preta rica que tem duas mil vacas. Não te deixes cair em semelhante tentação. Não é pela trabalheira que tantas vacas hão-de dar, mas eu não te queria casado com uma preta, sim, um neto mulato mandava-me de vez desta vida para a outra. Pois eu cá te espero. Fui falar com um capitão para vires mais cedo, pois és o meu amparo. O senhor Moreira diz que te recebe de novo na oficina de bate-chapas, mas não te pode aumentar a féria logo que chegues, pois sabe que tu há-des vir estragado para o trabalho e, por causa disso, não te pode aumentar antes que lhe dês provas; mas tens lá o teu lugar. Deu-me cinquenta escudos ao ver como estou desgraçada, pois os juros dos trezentos contos são sempre os mesmos e as coisas têm subido que é um disparate. Na semana passada só comi castanhas toda a semana. Fui a casa da D. Idalina, que não me deu nada. A D. Hélia fugiu ao marido e este nem me pode ver, pois meteu-se-lhe na cabeça que eu é que ajudei a mulher a fugir. Eu nem sequer sei com quem ela fugiu e os três meninos lá estão ao desamparo, que o pai é muito bruto e não sabe dar-lhes destino. Eu não me importava de ficar a olhar pelas crianças mas ele respondeu-me: 'Não te quero mais ver nesta casa, grande puta

e alcoviteira'. Conto-te isto mas não é para te vingares dele quando regressares, é só para que saibas que quero que voltes depressa.

Adeus, meu filho, esta já vai longa.

Arranja um pé e foge dessas Áfricas e volta para a tua mãe que te adora".

2. O Condecorado

(Discurso)

Excelentíssimo Senhor Ministro, Excelência
Minhas Senhoras
Meus Senhores
Camaradas de Armas

Desejou Vossa Excelência *(voltou-se para o Ministro)* conferir-me a distinção que ora me outorga, consubstanciada nesta insígnia que me orna o peito *(apalpou a condecoração)*.

Quiseram Vossas Excelências *(voltou-se para a direita para as senhoras)* acompanhar-me nesta cerimónia, que para presença de Vossas Excelências se timbra pela graça; a qual cerimónia *(voltou-se para a esquerda)* pela presença de Vossas Excelências tem a marca da galhardia. Teria a da ferocidade, meus queridos camaradas de armas, se o que nos move em África não fosse rigorosamente captado do espírito de Vasco da Gama e de Afonso de Albuquerque *(aplausos)*.

Não foi a mim que o Governo a que pertence Vossa Excelência *(voltou-se para o Ministro)* distinguiu. Em mim apenas se ressuscitam os nossos heróis de antanho; cuja alma, sim, e

apenas essa, em nós encarnou, pois bem menores foram as tarefas que, neste tempo conturbado, a Pátria de nós exige.

Afonso de Albuquerque carregava os canhões com os corpos dos prisioneiros industânicos e com eles bombardeava as cidades.

Mais amplamente merecera esta condecoração se tal acto eu tivesse praticado. Se não o pratiquei, não foi porque me faltem coragem nem desassombro, mas porque de mim a Pátria não o exigiu!

(O Ministro desatou a aplaudir e a gritar: MUITO BEM!, no que foi imitado pelos circunstantes. Sem fazer caso de que o condecorado apenas voltara a primeira lauda do seu discurso e sustentava ainda nas mãos uma resma de papel, o Ministro avançou um passo. Sobrepôs-se:)

O Ministro *(interrupção redentora, de improviso)*

Permita-me Vossa Excelência *(voltou-se para o condecorado)* e Vossas Excelências *(voltou-se para a assistência)* que, findo o brilhante discurso do herói que tive a honra de condecorar, eu acrescente apenas uma palavra - sugerida, aliás, pelo tema que primordialmente versou - e que lamentavelmente faltou nas palavras com que abri esta cerimónia.

Na verdade, o espírito que Portugal herdou dos antepassados foi exemplo moral para o mundo, foi a determinação de expandir o espírito cristão, "os brandos costumes" *(feliz expressão Desse que está e continuará no pináculo)*, "brandos costumes" que caracterizam Portugal. Em África - disse Vossa Excelência muito bem - nós só bombardeamos com bazucas de meiguice e com granadas de civilização; não levamos o fogo, mas o pão; não disseminamos a desgraça, mas a paz.

Algum povo, em qualquer tempo, a não ser Portugal, armou os seus soldados com armas a tal ponto ternas e acariciadoras? Nunca!

Vossa Excelência, que estas minhas mãos tiveram a honra de condecorar, é o herói da fraternidade e da paz, aquele que se deslocou junto de raças exóticas, no espírito da nossa fraternidade, para conquistar mais irmãos para Portugal.

E, assim como das mãos da Rainha Santa Isabel brotaram rosas sobre os necessitados e os famintos, assim das mãos de Vossa Excelência, sobre aqueles povos que vivem nas trevas da ignorância, brotou habitação, educação, saúde! Habitação, educação, saúde!

Tenho dito.

(Frenéticos
aplausos. O Ministro
abraçou o
condecorado que,
terminado o abraço,
caiu por terra ou

desmaiado ou morto. Os convidados ignoraram o estado do herói e dirigiram-se para a sala contígua, onde se servia o beberete).

3. Marquesa

- Não é negócio, é sumptuária! - bradou a Marquesa.

Apesar disto, o Fagundes, o administrador, não a compreendeu. O helicóptero era uma pechincha, à venda num saldo e, desde que paralisara da cintura para baixo, à Marquesa apetecia o helicóptero, compensação da cadeira de rodas.

Ela própria fez os telefonemas, combinou; mas a cada intervenção do Fagundes, o negócio andava para trás.

- Fagundes, eles ainda se chateiam e eu fico sem o helicóptero! É uma ordem, Fagundes!

- Muito bem, Senhora Marquesa!

Antes da doença, nunca para ela um helicóptero estivera em questão; cavalos, sim, e carruagens; depois, automóveis, carros de sport (a Marquesa era grande "volante"); finalmente, o Rolls Royce, que nos engarrafamentos a aborrecia de morte, produziam-lhe ansiedade, vontade de insultar a polícia de trânsito, os autocarros, os automobilistas. O helicóptero era, pois, a solução.

O Fagundes defendeu-se. Alegou a circunstância do helicóptero ser um veículo militar de natureza.

- Podiam até acusar a Senhora Marquesa de fazer espionagem e confiscarem-lhe o aparelho. Claro, para o meterem no serviço da guerra de África...

- Fagundes, oiça: o Governo sabe que eu faço espionagem.

- Mas sabe que toda a espionagem que eu faço é a favor do Governo. E se a fiz sem helicóptero, não é por ter helicóptero que farei a que vou fazer.

Fagundes afogou a eminente galhofa em forma de gargalhada.

- Dentro de duas horas, Vossa Excelência tem o helicóptero.

Mas não. O helicóptero não veio.

Tal como a Marquesa previra, os vendedores chatearam-se e venderam o helicóptero ao Governo de país africano indeterminado para pulverização de cal e desinfectantes sobre a população que chacinava.

Por evidente e lamentável falta de transporte, a Marquesa não pôde ir, como tanto desejava, esperar o neto ao aeroporto. Preparou-se para o receber em casa, aquele querido neto, o mais lindo e esbelto rapaz de Portugal!

Vestiu as rendas cerimoniais, as mesmas que envergava nos ritos iniciáticos com o Barão de Virgolino, as mesmas que vestira no casamento com o Marquês e no que depois celebrou com o Feliciano dos Lanifícios.

As rendas já haviam pertencido à bisavó e durante tantos anos figuraram nas ocasiões importantes. Amplas, imensas, constituíam caudal de invocações familiares, políticas e emocionais. Vestiam agora um corpo paralítico? Sim. Mas os corpos são também o que foram - realidade irrecusável para quem olhasse a fisionomia vivida da Marquesa, na presente ansiedade pelo regresso do neto. E, sobretudo, os olhos cintilantes.

- Brízida - gritou à dama de companhia -, vai à janela ver se o senhor doutor já aí está. Bem sei que, agora, ele é mais capitão do que doutor. Mas trata-se da mesma pessoa.

Brízida afastou os cortinados.

- O pátio da entrada não tem ninguém. O menino ainda não chegou.

A ida de Lopo para a guerra de África derrotara logo a avó, particularmente afeiçoada àquele neto, mas tornara-se, por acaso e por razões inesperadas, facto positivo e conveniente.

A mãe de Lopo chamava-se Leonor, segunda filha da Marquesa. Quanto à filha mais velha, Beatriz, a Marquesa não tinha dúvidas: era efectivamente filha do Marquês. Restabelecida deste primeiro parto, a Marquesa iniciou brilhante flirt com o adido da Embaixada dos Estados Unidos da América, o Slim, um colosso de dois metros de altura, cabelo fulvo, pernas altíssimas, finas, ágeis. O amor entre ambos foi mais alto que a estatura do diplomata. Um frenesim, que aturdia a Marquesa ao ponto de se esquecer do que aprendera: que a leviandade necessita de uma

"contabilidade" exacta, de calendário na mão. Este cuidado era a contrapartida que a classe aristocrática exigia à sua leviandade, pois a descendência por motivo algum deve ser adulterada pela introdução de componentes estranhos na natureza sanguínea.

Em suma, mais leviandade, menos leviandade, um filho dela devia ser do Marquês e de mais ninguém. A Marquesa concordava com esta regra moral, relacionada com a legítima fruição do património e com circunstâncias de seriedade incontestável.

Mas o Slim era um tufão e ela, por sua parte, tornou-se outro tufão, andava no ar, sentiu subverter-se o fundo dos seus valores sociais. E esqueceu a "contabilidade", não tinha cabeça, não tinha tempo, não queria saber! Mais do que isso: sendo as mulheres da família conhecidas pela regularidade dos ciclos menstruais, os seus próprios colaboraram na grande perturbação, já não sabia

quando iam e quando vinham. Desapareceram e a Marquesa, liricamente, compreendeu que até os próprios ciclos se retiravam perante o desejo de, todos os dias, sem obstáculos, ter o Slim nos braços, compreendeu que a sua própria fisiologia participava, colaborava, submetia-se a tão grande amor.

A Ia Guerra Mundial acabava por essa altura. Slim foi transferido subitamente para a Alemanha, perante a raiva impotente da amorosa Marquesa que, não conseguindo suster a decisão do governo dos Estados Unidos, vestiu as rendas e foi despedir-se do Slim a Santa Apolónia, após o que correu a casa.

Para se vingar de tamanha injustiça, colocou sobre a nudez os mais *flous desabillés* e foi seduzir o Marquês, que não resistiu. A situação era-lhe moralmente repugnante. Aproximando-se do Marquês sentia-se incorrer em adultério. E o desgosto, deste modo transferido, deu-lhe necessidade de abandono: abandonava-se à cama do Marquês. Certo dia, retomou o calendário para a "contabilidade". Neste torpor e mecanicismo, verificou, com objectividade e com todo o peso do facto, que estava grávida.

O médico confirmou.

Radiante, o Marquês passou a sair à rua com um cravo branco na lapela. A Marquesa abandonou o anterior esvoaçar, readquiriu os espíritos. E, incapaz de recordar serena e rigorosamente os tempos em que fora arrebatada pelo Slim e os que se seguiram àquela desnorteante partida para a Alemanha, sentiu-se fulminada pela dúvida: a criança seria do Slim ou do Marquês? Dúvida que não devia ter. Vergonha. Prolongada humilhação.

Mas agarrou-se a uma convicção primária: se a criança se parecesse com o Slim, era do Slim; se se parecesse com o Marquês, era do Marquês.

Leonor nasceu: não se parecia com ninguém. Cresceu: parecia-se com a mãe. Cresceu mais: parecia-se com a mãe e com a avó, nada tinha do Marquês; e do Slim, nem sequer odor ou traço daquele vigoroso ser de pernas finas e altíssimas e olhos esmeralda, a brilharem lá no alto, como estrelas no céu!

A Marquesa nunca possuíra perícia em detectar feições, gestos, psicologia, aptidões, defeitos. Todos os da sua laia gastavam tempo imenso a discutir "a quem saía" fulano, se ao avô, se ao tio-avô; e era para ela autêntica crueldade ouvir que uma rapariga tem a boca do tio Leonardo, o nariz da avó Amélia, os gestos do avô Cordélio, mas as mãos... ah, as mãos são mesmo as da mãe. Esta volúpia, comum na sua roda, de "desmontar" pessoas parecia-lhe sinistra violência. Nascida Leonor, porém, a Marquesa tomou o gosto por tal prática, compreendeu-lhe a utilidade, tornou-se perspicaz e conhecida pelo rigor das suas apreciações, captava parecenças até em retratos de antepassados de há dois séculos, aplicava-as a recém-nascidos, a primos na mudança de idade.

Mas não a Leonor, que crescia, conformava-se, tornava-se mulherzinha sem apresentar novidades, sem qualquer denúncia.

Morto o marido, a Marquesa casou, por dinheiro, com o Feliciano dos Lanifícios. Através deste casamento, a família ganhou tempo, reformulou-se, as filhas casaram. Quando Leonor ficou grávida, a Marquesa sentiu renascerem as esperanças de aquele neto lhe resolver a dúvida que durante tantos anos obsessivamente a martirizou.

O Lopo nasceu: não se parecia com ninguém. Um mês depois tinha olhos claros. Ao terceiro mês os olhos eram cor de

esmeralda; ao quinto mês o cabelo veio fulvo. Era quinze centímetros mais comprido do que o comum das crianças.

Foi o tempo mais feliz da vida da Marquesa, este em que teve a certeza de que o Slim era pai da Leonor. Certeza denunciada pelo neto, neto que adorava, que conduzia à escola, à aula de música, às lições de equitação, à universidade. O seu querido Lopo! Modelo de inteligência, raça jovem, desportista, imaginação brilhante, falar destemido e sedutor, e as pernas finas e altíssimas.

Homem, homem, sim! A Marquesa vencera!

As agruras desta luta, as alegrias da vitória, abalaram o coração da Marquesa. A partida de Lopo para a guerra de África produziu-lhe um acidente vascular. Ficou hemiplégica.

Tempos depois, o Feliciano dos Lanifícios obrigou toda a família a acompanhá-lo a umas quedas de água que os engenheiros pretendiam aproveitar para a produção da energia eléctrica suficiente ao consumo das duas fábricas. Uma rajada de vento, um turbilhão mais forte e Feliciano, enteadas, maridos e filhos caíram às águas e morreram.

Ficaram vivos a Marquesa, que não fora à cascata por ser paralítica e embirrar com o Rolls Royce, e o Lopo que, a cumprir o dever militar, se encontrava em África.

A familiar mortandade não produziu na Marquesa incómodo proporcional à quantidade das vítimas. Bem queríamos saber porquê. Talvez a solidão consequente, gozada na exclusiva companhia de Lopo, lhe criasse uma expectativa exaltante. Os dois únicos seres válidos neste mundo: a Marquesa e o neto!

E, desde logo, a visão desse futuro romântico em imagens que despertava e que colhia e que glosava e logo a transcendiam e se objectivavam: Lopo empurrava-lhe a cadeira de rodas, os seus

braços de militar, em tudo semelhantes aos de Slim, peludos e musculados, guiavam-na por parques imaginários, de vegetação gloriosa, cujas plantas tropicais se curvavam à passagem; a Marquesa acenava-lhes com a bengala, após o que as ramarias vergadas subiam à posição normal; Lopo entregava-lhe, de quando em vez, embalagens de bombons e caramelos, que a Marquesa desenrolava atirando sobre a relva imaculada os invólucros que evoluíam à brisa, preguiçosamente, na extensão ondulada.

Chegando junto à gruta final, o Lopo levantava-a nos braços, as rendas esvoaçavam; e a Marquesa via as pernas compridíssimas e potentes do "cavaleiro" galgarem com segurança a colina, até ao sopé do templo e depô-la junto das colunas. Logo, no relvado fronteiro, entravam os saltadores, participantes daquela olimpíada mítica, na qual se justava a capacidade da classe. Gente que se experimentava como rãs. O coaxar pertencia ao ribeiro e aos bosques. Mas o Lopo, na rigorosa perspectiva da potencialidade do Slim, elançava-se dos bambus até à araucária do outro extremo do campo, em movimento e ardor cujo segredo se encontrava na capacidade moral e na destreza das pernas

Finda a partida, o Lopo levantava as calças e, entre os aplausos delirantes de privilegiados participantes e assistentes, a penugem fulva, igual à de Slim, ondeava numa negaça admirável, magnífico desafio ao vulgar dos homens. Sobretudo, ao vulgar dos portugueses que são de perna curta e sobre as pernas se movem a palmo e meio do solo.

A Marquesa foi desperta do seu adejante sonho pela voz esganiçada da dama de companhia:

- Ai, senhora Marquesa! Senhora Marquesa!

- O que é, mulher?

Mas Brízida não respondia. A Marquesa levantou a bengala:

- Falas, estupor!?

- No pátio parou um automóvel militar. É com certeza o menino!

A Marquesa emitiu um brado espantoso. Moveu a cadeira de rodas para lugar fronteiro à porta da sala. Agarrada a um reposteiro, Brízida deixava-se vencer pela emoção, num desmaio a que mal resistia.

Lopo entrou, empurrado por um vigoroso sargento de Artilharia. A cadeira de rodas de Lopo embateu estrondosamente na cadeira de rodas da Marquesa.

4. Nana
(Carta)

NANA. Amor, não haja demora (não sei o tempo que tenho) nem ilusões: estou no mato, numa tenda de campanha armada em hospital, deitado numa padiola de ramos de árvores; uma granada inimiga destruiu-me uma coxa, os tomates e parte dos intestinos; o médico militar foi muito caridoso. Não devo escapar; ou talvez sim.

Escrevo-te para te explicar, abreviando, pois tenho pressa.

Esperavas-me de regresso depois de amanhã. Não chegarei nem sob a forma de cadáver. Ficará para depois, desculpa.

Morto ou vivo, não quero desiludir-te. Nem faltar ao nosso encontro. Aqui me tens…

Preciso de me explicar contigo. Desde há tempos venho pensando na nossa conversa após o meu regresso; adivinhei as perguntas que havias de me fazer e as minhas respostas; e as perguntas que eu te faria, com as respostas que havias de me dar.

Isto ia ocupar-nos por muito tempo: tu amuavas, eu ia-me embora, furioso; no dia seguinte telefonava-te e tu dizias que não; até eu te encontrar na missa ou no cinema, até que tudo entre nós alguma vez se esclareceria.

Coisas de gente indubitavelmente viva.

Não é o caso.

O que primeiro te quero explicar, rapidamente, é o seguinte: tu discutiste comigo, antes de eu vir para a guerra de África; não querias que eu viesse; arranjaste ligações para eu, clandestinamente, partir para a França e lá estudar e trabalhar como emigrante ideológico.

Pensaste talvez que eu me decidi a vir por cobardia, por a guerra ser mais cómoda e fácil do que anos de desterro, de ilegalidade, sem protecção, sem dinheiro, condenado talvez à vagabundagem. Sim, aqui foi mais fácil até anteontem. Agora sou um pacho de tripas e de sangue.

Escuta: se fui à tropa, não foi em busca de facilidades. Nunca o quiseste compreender, querida, mas agora é crucial que compreendas. Sonhaste fugir de Portugal e ires ter comigo a Paris, se eu me tivesse decidido a ser refractário.

Ouve, meu amor. Acredita em mim. Gaita, acredita! Gaita, já não tenho tempo de te pedir ou de te convencer de outro modo. Gaita! Acredita!

O que me trouxe para a guerra não foi fugir de ti e do que para nós sonhaste.

Eu pertencia a uma geração que estava a fazer uma guerra. E eu, pessoa, eu, indivíduo, eu… não tinha o direito de… me… des-co-lec-ti-vi-zar… de… o teu amor… a minha vida contigo… no exílio… apaixonados… nem assim… eu… *

**Nota do autor: Devido à morte, a carta ficou incompleta. Apesar disso, foi remetida à destinatária.*

5. Notícia do Jornal Local

No passado dia 6 chegou a Lisboa, vindo de Moçambique, onde, durante três anos e cinco meses cumpriu o dever militar, o nosso prezado conterrâneo, amigo e colaborador deste jornal, o senhor Capitão Justino Rollycrash Cardoso.

Segundo acabámos de saber – e temos a honra de, em primeira mão, transmitir esta notícia aos nossos leitores embora o senhor Capitão Justino tenha perdido o braço direito durante gloriosa acção militar contra os inimigos da nossa Pátria, esses descompassados terroristas, o Governo da Nação houve por bem nomeá-lo Comandante da Polícia de Costumes da nossa Vila.

A tomada de posse será em Lisboa, no próximo dia 20, e usarão da palavra, além de Sua Excelência o Ministro, que a conferirá, o senhor Sub-Secretário para os Bons Costumes e o próprio Empossado.

Comemorando o acontecimento, o Jornal do Comércio (Lisboa) e este nosso jornal, em acção paralela, publicarão no mesmo dia 20 um poema da autoria do nosso conterrâneo, Excelentíssimo Senhor Doutor Bonifácio Rollycrash Cardoso, irmão do distinguido e Presidente do Conselho de Administração do Banco Português do Zanzibar e Malaca.

Atendendo a que a sede da prestimosa corporação da nossa Vila é a velha Ermida de Nossa Senhora das Neves – plena de invocações religiosas, artísticas, morais e históricas -, o nóvel

Comandante decidiu retirar as instalações do corpo principal do templo, passando-as para um anexo da cerca, ao qual o público poderá ter acesso pela via lateral, Travessa dos Badalinhos, n.° 7.

A Igreja será aberta ao culto em cerimónia encomiástica, festiva e propiciatória, que se efectuará às dez horas do próximo dia 21, Dia do Corpo de Deus, sob a invocação de Nossa Senhora das Neves, não apenas para honrar a antiga e sempre viva Padroeira mas também como símbolo da "brancura" que deve caracterizar os costumes da nossa Vila.

À cerimónia da bênção presidirá o Vigário Geral da Congregação, Cónego Cristiano Rollycrash Cardoso, em representação do Prelado Diocesano, que a paraninfa.

Estará presente Sua Excelência o Governador Civil do Distrito, Engenheiro Jorge Rollycrash Cardoso e a edilidade far-se-á representar, assim como as instituições culturais, religiosas e cívicas da nossa Vila.

Uma enorme multidão decerto desejará assistir à cerimónia, o que, no entanto, lhe será rigorosamente vedado devido às exíguas dimensões do templo.

A nossa Vila e a sua população estão, pois, de parabéns, não só por ser restituído ao culto um dos seus mais notáveis monumentos, verdadeiro primor arquitectónico, mas também porque a Polícia de Costumes – que a Vila bem precisa que opere com eficácia – será doravante comandada por um Herói da Guerra de África, por um patriota e por um dos seus mais ilustres filhos.

Ao nóvel Comandante e à sua família em regozijo, o nosso jornal apresenta as mais efusivas e respeitosas congratulações.

6. "Alípio", Meu Marido

(Carta)

Recebi a sua carta comunicando-me que virá em meados de Agosto.

Penso que deverá vir em meados de Outubro ou em fins de Outubro ou, de preferência, em meados de Novembro.

Indico os motivos desta sugestão e gostaria que V. os acatasse, já compreenderá porquê. Peço-lhe que não se ponha a adivinhar, a conjecturar, pois tudo aqui vai claro; o que não digo, explicarei depois; se não digo é porque não posso por carta; e o que disser aqui não dispensa o nosso código, que nos protege.

O primeiro motivo é que JM recebeu em Março as * *. Disparate do *Ginja Entalada*, que é assim, nada a fazer, é vesgo de nascença. Mas de modo algum admito que V. não exiba constelação igual. A PPT, mal comportada sem remissão, no momento estreou *vison* e eu não lhe ficarei atrás, de modo algum, ah não!

Simplesmente, as quatro * * para si serão mais difíceis de conseguir, pois (desculpe censurá-lo de novo), V., por mais que pretenda o contrário, não colaborou na chacina de RHT, até a quis impedir e pôs-se a salvar vidas de turras. Reconheça que foi um

disparate: V. não ficou tão bem visto como hoje poderia estar, sobretudo pelo *Ceifões*, e agora é esta sua mulher quem terá de compensar o disparate, armar e apontar as baterias diplomáticas!!!...

Tenho a certeza: V. não descerá em Lisboa sem que eu lhas tenha preparado, as * *, dependuradinhas do céu, prontas a aterrarem no seu peito! Por essa altura quero estrear o vison e é ridículo fazê-lo antes de Finados. E ainda assim, onde? Lembra-se que há três anos a PLA (minha obviamente inimiga) o estreou pela abertura do CM, ainda em Outubro? Foi uma risota, até os pelotões da RMN se riram às barrigadas.

V. dirá que esta é uma exigência da Clitemnestra - eu mas não é exigência: as esposas dos oficiais promovem-se paralelamente e com eles atingem a casta superior. Têm pois o direito às suas próprias reivindicações.

Eu já disse a propósito uma piada ao novo quatro * * e ele não boicotará as suas - fiquei convencida. Pelo menos está disposto a calar-se ou a fingir. O *Ceifões* tem a pedra no sapato. Mas já avancei uma palavrinha ao † que ficou agitado e colaborante. Suponho que ele pensa que V. poderá vir a ser esteio da catolicidade quando a crise vier à tona. Eu também o penso, mas na condição de V. não cair muitas vezes no ridículo de evitar chacinas nem se enternecer com a negritude.

Enfim, o *Ginja Entalada* será mais difícil de roer. Roê-lo-emos, para o que preciso da sua ausência e de tempo para actuar. Parece que agora há um novo meio de abordagem - depois lho conto - a tal personalidade.

Quero assegurar-lhe que o adiamento que proponho da sua vinda nada tem a ver com a FRDA (francamente, a Fernanda). Ela

não prescinde de si. Falei-lhe, vi-lhe o brilho dos olhos pardos que não enganam: espelham-no.

Eu sei - e V. não negue - que no mês passado ela apanhou o avião (com que dinheiro?) e esteve três semanas em XR, a 2 km do seu quartel. Será possível V. não a ter visto por aí ou encontrado? Nem por acaso? Hem?...

Este assunto, arrumado: prometi não chatear. Mas não desejo esconder-lhe que estou muito contente porque FH foi promovido a Cap. E não é indiferente a uma mulher como eu, veterana da carreira das armas, ter a meu lado alguém com os músculos no seu lugar e devidamente armado cavaleiro.

Para lhe ser leal, confesso-lhe que a sua vinda antes de Novembro me seria incómoda também por causa do FH, que só em Outubro - e não antes - partirá para BSS.

Isto, no entanto, é um pormenor sem interesse, pois V. cá chegará não antes de meados de Novembro (arranje-se como puder).

Para o que há ainda os seguintes motivos:

Eu detestaria que V. se encontrasse com o BINOR, que por todo o mês de Outubro ou talvez um pouco depois, partirá para Macau, desterrado, em Comissão - assim o queira o *Ceifões* e que por quatro anos ou mais lá permaneça sob a alçada de oito chineses de rabicho! Sim, V. não deve encontrar-se aqui com ele, pois talvez ele voltasse àquela história de MÇD -, o que prejudicaria tudo neste momento. Ele teima em negar que a um comando forte devam corresponder necessariamente acções fortes. Ultimamente tem-se verificado uma onda de sentimentalismo nas FA, uma aptidão da tropa para a missão das assistentes sociais e ele pode aproveitar este surto alienante contra si, invocar contra si o vigor

de que V. então usou. Portanto, V. não deve encontrar-se aqui com ele.

Outro motivo é a escritura de compra do Edifício In que deve ser assinada pelo meu Pai e está marcada para 23 de Outubro. O meu Pai vai assiná-la, bem sei, como seu procurador. Mas se V. cá estiver é esquisito que não seja V. a assiná-la e, neste caso, talvez alguns invejosos encontrassem fundamento para relacionarem a compra do Edifício com as remessas que V. me transferiu de CRMN. Há também aquelas que me enviou quando as FA foram enriquecidas de novos aparelhos, mas essas notas de DM 100, seriam, pois, mais difíceis de alegar.

Enfim, como vê, sirvo-me dos meus préstimos de bailarina para estas esquivas, para evitar que lhes demos o nosso flanco. E olhe que continuo em forma. Quando V. vier, não deixarei de ser sempre a mesma borboleta a dançar em roda da sua luz. Dança clássica, claro, a que os nevoeiros de Novembro são propícios e funestas as claridades do Verão.

Compreenda que a sua vinda não deve verificar-se antes de termos tudo arrumado, tudo a nosso favor, tudo já na rampa ascendente, até que esteja à vista a sua última comissão em zona serena ou, até, num posto importante, aqui, num dos dois MNS ou no EM.

Gostaria de olhar para os seus olhos quando eles vissem a guerra de longe, como coisa de outrem, como se entre os seus olhos e a guerra se interpusesse um vidro através do qual V. visse a guerra e a guerra não o pudesse ver a si. Conquistado isto, talvez me apetecesse o holocausto, trucidar os meus demónios interiores e ficar a olhá-lo, até à morte.

Então teríamos a plenitude social: o respeito de todos pela sua dignidade de herói, eles a pagarem o que nos devem pelo seu esforço enorme, os nossos negócios a florirem e nós a vivermos entre as roseiras da nossa quintinha de L, à sombra dos castanheiros e dos choupos. Daí, desse nosso castelo, com o vigor que nos sobra, conquistaríamos o futuro até à calma, até ao fim, na doçura da consagração. Na sua Glória de Soldado!

Nem para si nem para mim ou outra coisa desejo.

Primeira condição para alcançar este paraíso: não venha antes de meados de Novembro.

Sua leal esposa,
"A".

7. Baldei-me

(Telegrama)

Pai baldei-me estou bem stop não mandes dinheiro envia passagem meu nome Kinshasa-Paris stop avisa todos Figueiredo baldou-se embarcado navio francês pesqueiro estejam descansados brevemente chegará Europa stop Martinho fuzilado constará lista mortos heróicos mas de facto foi fuzilado depois de apanhado a baldar-se stop aqui estou seguro mas tenho urgência partir stop chegando Paris telefono stop toda a família amigos estão parabéns êxito minha fuga stop beijos abraços.

8. O Coronel

O Banqueiro foi peremptório:

O Banco não continuaria a subsidiar o jornal; o jornal teria de viver por si; poderia inserir a publicidade que quisesse, remodelar o formato, a orientação e tudo o mais; era com eles, com a Administração do jornal, com a Direcção, com a Redacção ou até, se lhes apetecesse, com os ardinas. Certo, certo: se passados seis meses o jornal continuasse deficitário, o Banco fechava-lhe a porta e todos para a rua! O Banco nem sequer obrigava o jornal a dar lucros; tinha o direito de o exigir, mas não o exigia - e tal abstenção não era pequena generosidade.

A declaração do Banco foi feita de súbito, nada a faria esperada e continuavam inexplicáveis e inexplicada os motivos, fundamentos e oportunidade da decisão.

O Banco explicou:

Comprara o NOTÍCIA E JORNAIS, SARL, quando precisava de criar o prestígio do Banco. O qual agora já se encontrava constituído e solidificado; isto é, atingido o objectivo que visara, o Banco não tinha motivo para continuar a dispender verbas colossais, perdidas a favor do jornal.

Além disto, no momento em que adquirira NOTÍCIA E JORNAIS, SARL, gastar papel, fosse no que fosse, era bom

negócio, o que deixou de se verificar, pois o mercado do papel deteriorou-se por vários motivos, abandalhou-se, nomeadamente, devido à veemente onda internacional, do sentimentalismo ridículo, lançada em defesa da árvore, das florestas, da ecologia e outras asneiras.

Por último, a Imprensa, sobretudo a portuguesa, desprestigiou-se sem remissão, mormente nos últimos anos, em que perdeu função social e efectiva. Este desprestígio era incredibilidade, mesmo ao nível do publicitário, isto é: se um jornal publicasse profusamente "COMPRE TORRADEIRAS PRETO", a população compraria TORRADEIRAS BRANCO!

Havia ainda outros motivos ponderosos, mas o Banco de imediato não os invocava, estes por enquanto mostravam-se suficientes. Discutir o assunto? Sim, claro, passados seis meses, isto é, quando a administração do jornal provasse, contas na mão, que o jornal era rentável.

O *ultimatum* causou perturbação. Que lhe estaria por trás? A rigidez da declaração bania toda a esperança do Banco se deixar demover; era cioso - e até arabicamente ciumento - do seu dinheiro.

A Direcção fez reuniões. Conclusão: havia que magnificar o interesse do jornal fazendo concursos, publicando reportagens, inserindo secções especializadas e, sobretudo, criando sensacionalismo. Esta última proposta suscitou invectivas, risos e cepticismos: qual sensacionalismo!? Em jornais condicionados à Censura, para um povo sem direito à reivindicação nem ao sexo, nem ao parlamentarismo liberal, proibida a reportagem dos tribunais e do crime, num País onde tudo corria às mil maravilhas, onde, inclusivamente, a guerra de África era referenciada apenas

em termos determinados, dimanados do Governo, de outro modo não era referida?! Onde a contestação era proibida?! Onde os problemas reais não se encaravam, não se solucionavam, simplesmente se ocultavam?! A técnica governativa da ocultação dos factos constituía a negação de qualquer imprensa, nomeadamente, sensacionalista.

- Será. Mas o jornal existe. Nós temos de viver. E não haverá mais subsídios do Banco.

O idoso Coronel Laurence, que, logo que regressou de África, ingressou no NOTÍCIA E JORNAIS, SARL, como administrador recomendado pelo Estado, deu uma ideia salvadora. Raciocinou silogisticamente: a fortuna de um jornal está na sua expansão (receita das vendas, crédito junto dos anunciantes, prestígio em bola de neve, etc.); é preciso aumentar as receitas do jornal; logo, é preciso fazer um jornal sensacionalista!

O raciocínio seguiu, já não silogístico, mas estóico: se não é possível fazer um jornal sensacionalista, tem de passar a ser possível fazer um jornal sensacionalista!

Ditou para a Acta uma proposta concreta de distribuição das tarefas destinadas a tal objectivo, dividindo o trabalho por sectores e cometendo-os a cada um dos presentes. A proposta terminava: "Por mim, desejaria ficar com o sector Justiça e Crime".

Aprovação por unanimidade e logo, todos, mãos à obra!

* * *

O Coronel valeu-se da sua experiência da guerra colonial, mais precisamente de guerrilhas e, ainda mais, psicológica.

Colocadas sob o calor tórrido, num clima estranho, longe das suas próprias raízes sociais, as tropas ficavam sujeitas a grandes perturbações, tanto mais que nem lhes era evidente nem imperativa a razão da guerra.

Os comandantes, nas diversas frentes, atacavam o problema na medida em que o tinham e conforme o possível. O Coronel, por seu lado, distribuiu transístores aos soldados e criou um posto emissor de rádio, com música comercial, folclórica inclusivamente, e diversidade de programas de natureza informativa, dramática e formativa, destinados a lavar-lhes o cérebro, isto é, apaziguá-los, dar-lhes conformação com a situação, convencê-los de que estavam a fazer a mais importante de todas as guerras, os objectivos da guerra definidos com primarismo, religiosidade e rigor ruidosamente propagandeados, com auxílio de alguma imprensa dimanada do Comando e policopiada.

Exibia-se um cinema heróico, com sentido ou medieval ou moderno, incidindo sobre o prazer do sacrifício uma espécie de sinistra exaltação da morte pessoal, como meio de outros, por motivo dela, obterem resultados concretos e vantagens diversas.

Enfim, conseguiu-se suscitar um espírito de missão e de cruzada, o qual oferece sempre facetas positivas, eventualmente aproveitáveis. E, por outro lado, formou-se um Coral masculino que ensaiava todas as noites as suas canções folclóricas e gestas antigas em que os tenores descreviam actos sublimes, significativas do espírito de cruzada.

Um Grupo de Teatro criou quadros vivos a partir de *Os Lusíadas,* misturando cenas mitológicas com actos guerreiros, estes exibidos no vulgar estilo da expressão corporal. Os

repórteres da Televisão vieram recolher as mensagens de Natal e de Fim de Ano. E, por iniciativa dos cabos e dos praças, formou-se uma mini-banda militar que, depois de ensaiar todas as tardes, dava concertos numa esplanada de capim batido para oficiais, sargentos e soldados e para a população nativa, que acorria com espanto.

As destemidas esposas de alguns oficiais, auxiliadas pelos mais carinhosos soldados e pelas pretas mais evoluídas, criaram uma espécie de comunidade pedagógica, entre creche e jardim infantil, destinada às crianças pretas e a algumas brancas.

O plano era englobante e resultou: os soldados deixaram aquela ânsia permanente, aquele receio genérico, passaram a dormir mais tranquilos, dedicaram-se, com amor, às tarefas quotidianas, sentiram minguadas as saudades das namoradas, das famílias, do viçoso e meigo Portugal.

Ao mesmo tempo, porém, deram-se transformações contrárias nas suas virtudes bélicas: redução apreciável da coragem moral e física, nenhum ódio íntimo e sincero ao inimigo, ausência de agressividade, mesmo a mais primária; esperança na compreensão do inimigo pela própria subsistência; frouxidão do instinto defensivo e ofensivo.

O Coronel sentiu-se então entalado entre os problemas e as soluções, espremido entre cruéis alternativas: ou fazer a guerra com tropas aguerridas, porém, se as tropas não tivessem o apoio psicológico programado, enlouqueciam; ou realizar o programa de apoio psicológico, mas ficar destituído de tropas aguerridas. E o Coronel, um apóstolo da objectividade, teve de concluir que, em qualquer caso, era impossível fazer a guerra.

Quando se preparava para dar conta desta impossibilidade ao Comandante-em-Chefe - já com o telefone na mão para se lhe dirigir -, entrou, batendo a pala, o primeiro cabo Lameiro, pessoa ensimesmada, dedicado a estudos desconhecidos, misteriosos, extravagantes. O primeiro cabo trazia sempre no bolso um livro e um caderno e, em todas as ocasiões, mesmo nos tempos de folga, no refeitório, nas pausas das acções no mato, tirava o livro e o caderno, lia e redigia apontamentos.

Os companheiros respeitavam-no como homem inteiro e não se divertiam à custa da sua bizarria, pelo contrário, faziam por não o incomodar nas ocasiões de estudo e de meditação. O Coronel, pelo contrário, considerava-o um dos seus homens mais perturbados.

Perante a aparição do primeiro cabo (e ocorrendo-lhe que qualquer cena ruidosa do maníaco alarmaria do outro lado do fio o Comandante-em-Chefe), o Coronel pousou, rápido, o auscultador.

- O que é que quer?

- O meu Coronel dá-me licença?

- Dou, dou! Dou licença. Diga.

O primeiro cabo dispôs sobre a mesa um comprido papel, esquema de construção de um aparelho e de um paralelepípedo de madeira com as dimensões de uma caixa de charutos, aparato que acerou no Coronel a sua convicção quanto às perturbações psíquicas do subalterno. Mas calou-se para topar até onde chegava o disparate.

Dispostas as coisas, o primeiro cabo mostrou o carão tisnado, atravessado de orelha a orelha por um sorriso glorioso, os olhinhos piscos na ansiosa concordância com uma cumplicidade.

- E agora? - perguntou o Coronel.

Com fluência, o primeiro deu uma explicação sucinta, indicando sobre o gráfico:

- Aqui ao meio fica o comutador, com duas posições; do lado esquerdo, as pilhas e os transístores; do lado direito, os outros transístores e as outras pilhas. Aqui dentro, as ligações de um para o outro lado, todas passando pelo comutador. Do lado de cima, saem os fios que cada homem tem de enrolar à volta do peito. É isto, meu Coronel.

- E depois?

- Isto monta-se dentro desta caixinha, que cada um deve trazer dependurada.

- E depois?

- Estando a funcionar, quando os rapazes ligarem o comutador para a direita, ficam calmos, passivos e aptos a receberem sem resistência todas as instruções.

- E quando o comutador estiver para o lado esquerdo?

- As tropas ficarão aguerridas. Cruéis, e até selvagens, se nós quisermos!

O Coronel, desconfiado, afastou-se, voltou-se e disse:

- Vamos ver se compreendi bem: a caixa dependura-se no homem e atam-se os fios à roda do peito.

- Exacto.

- Se o comutador estiver para a direita, a malta fica pronta para nós lhe lavarmos o cérebro; se o comutador estiver para a esquerda, a malta fica no ponto certo para nós a mandarmos contra os terroristas. É isto?

- Exacto.

- Você está maluco! Uma máquina dessas não é possível.

- É possível, meu Coronel.

- Como prova?

- Provo através deste esquema. Ora veja aqui, meu Coronel. Está a ver?

- Estou.

- Portanto, é possível, está aí demonstrado.

- Qual demonstrado?! Para mim não está.

- Porque o meu Coronel não percebe nada disto...

- Por acaso, é verdade.

- Ainda bem que o reconhece. Tem alguma coisa a perguntar, meu Coronel?

- Tenho. Como é que a malta traz a caixinha dependurada?

- Ao pescoço.

- Ah, pois. Não me tinha ocorrido.

O Coronel meditou, hesitou.

- E o que é que você quer?

- Primeiro, perguntar se, na sua opinião, uma máquina destas tem interesse.

- Claro que teria se funcionasse. Mas como não pode funcionar...

- Meu Coronel, essa parte é comigo.

- Hum... E depois?

- O meu Coronel estaria de acordo em que fizéssemos uma experiência?

O Coronel continuava a hesitar entre a espectacular vantagem do aparelho e a suspeita de insanidade mental do inventor.

- O meu Coronel autoriza a construção de algumas destas máquinas a título experimental?

- Bom, quanto custaria cada uma?

- Ao custo das peças no mercado de Lisboa, quando de lá embarquei, cerca de trezentos escudos.

- Trezentos escudos! - exclamou o Coronel.

- O custo do material. Não incluindo a mão-de-obra nem a caixinha que aqui, é claro, não têm valor.

- Pois...

- Mas note, meu Coronel, que trezentos escudos é ao preço do material no mercado. Se as Forças Armadas resolverem adoptar o invento, certamente poderão dispor de tudo ao preço de custo e obteremos cada unidade a cem escudos ou menos.

- Existe aqui, neste descampado, o material necessário?

- Sim.

- Onde?

- Na estação de rádio. Não será o material definitivo nem o mais económico, nem o tecnicamente mais indicado, mas para a experiência serve.

- Quantos aparelhos pensaria fabricar nesta primeira experiência?

- 20. Poderíamos fabricar mais unidades, mas...

- E porquê 20? Porque não 17 ou 23 ou 34?

- Na determinação desse número entra um factor da psicologia individual e da psicologia de grupo, prévia à psicologia colectiva. Há que admitir que, para grandes massas, as situações psicológicas se alterem. Mas, em definitivo, o aparelho (e, portanto, a experiência) não se destina a um fim individual. Vinte homens, vinte aparelhos, é provavelmente a relação técnica e humana que interessam à experiência.

- Onde deseja fazer a experiência, isto é, construir os vinte aparelhos?

- Na sala 3 de apoio à estação de rádio, que lhe deve ficar exclusivamente afecta.

- Quantos homens precisa para esse trabalho.

- Doze.

- Só?

- Só preciso de 12 para a construção de 20 aparelhos em 15 dias.

- Quem?

O 1.º cabo, sem palavra, estendeu-lhe uma lista de nomes com a patente indicada. O Coronel leu-a e olhou para o 1.º cabo.

- E quem comandaria o grupo?

- Eu.

O Coronel deu um salto. A definição do grupo de trabalho opunha-se ao espírito hierárquico do RDM, pois sob o comando de um 1.º cabo ficariam homens com o capitão Raimundo, o tenente Fróis, os aspirantes Reis e Tremido, não falando de alguns sargentos. A lista também continha praças, mas não se via inconvenientes em que os praças ficassem sob a autoridade do 1.º cabo.

O Coronel urrou em nome do RDM. Perante o que o Io Cabo abriu o seu sorriso equatorial e respondeu respeitosamente:

- Meu Coronel, estamos perante um caso em que, ou se dá razão ao RDM ou à realidade científica. Trata-se de uma decisão suprema. O meu Coronel decidirá como quiser. E se decidir que o RDM tem prioridade, eu não me declararei perseguido, irei cumprir os meus deveres de 1.º cabo.

- E eles estarão de acordo?

- Quem?

- Esses capitães, tenentes, aspirantes, sargentos...

- Não sei nem me interessa. Ou estão de acordo e faremos os aparelhos ou não estão de acordo e não os faremos.

Hesitações do Coronel.

- E se eu autorizar a experiência, mas não sob o seu comando?

- Eu deixarei os planos e os esquemas, mas não tomarei parte no grupo de trabalho.

- Porquê?

- Porque não poderei assumir a responsabilidade.

- Considera, pois, que nenhuma destas pessoas - algumas das quais seus superiores hierárquicos - possui os conhecimentos necessários para comandar a missão que propõe?

- Está em causa um invento meu, meu Coronel. Com RDM ou sem RDM, eu, como autor, tenho direitos. Nem a natureza das coisas, nem a circunstância de eu pertencer ao género humano e a uma sua consubstanciação pontual - o destacamento que o meu Coronel comanda - me retira tais direitos. Este facto moral e material deve transcender o RDM por motivos éticos e de criatividade. Se transcender o RDM se torna impossível, mesmo perante a circunstância de podermos vir a superar, eventualmente, o suicídio colectivo que nos ameaça, o aparelho não se construirá.

- A não ser que eles o construam...

- Ah, façam o favor...

- 1.º cabo Lameiro, eu, que sou um chefe de homens e um homem de armas, não posso deixar de apreciar a maneira decidida, rigorosa - embora pouco militar - como coloca o problema.

- Pelo contrário, se me permite, neste momento eu coloco o meu invento numa perspectiva exactamente militar.

- Mas não hierárquica...

- Pois.

O Coronel rondou o gabinete.

- Quero fazer uma reunião com algumas das pessoas indicadas na lista. Depois lhe comunicarei a minha decisão.

- Muito bem.

- Pode retirar-se.

O 1.º cabo dispunha-se a levar o esquema e a caixa mas o Coronel foi peremptório:

- Deixe tudo aí.

O Coronel convocou para reunião o pessoal indicado na lista, excepto os praças. Embora a observação do plano e dos esquemas não tivesse dado elucidação apreciável, o grupo anuiu. O tenente Fróis, aliás, fê-lo com gosto, pois considerava o mistério do 1.º cabo Lameiro provavelmente ligado a um passado notório em físicas e técnicas electrónicas.

O 1.º cabo organizou o trabalho do seguinte modo:

O capitão Raimundo, com um sargento e dois praças, comandaria a construção de vinte caixinhas de madeira.

O 1.º cabo Lameiro agregava a si o tenente Fróis, um sargento e dois praças para a construção fulcral do aparelho. Esta secção incumbia-se de fazer as requisições do material que o 1.º cabo, pessoalmente, ia buscar, verificar e transportar.

Os aspirantes Reis e Tremido, e dois praças, iam colocando os comutadores, aparafusando-os na tábua do fundo das caixinhas.

Passadas duas semanas, os 20 aparelhos encontravam-se concluídos.

Seguiram-se, durante três semanas, as operações de treino num grupo coeso de 20 homens, com o comutador ligado para a direita.

Experiência positiva: elevado grau de acessibilidade, aceitação dos critérios e determinações da cúpula, colaboração total, inexistência de trauma nem de morbidez, índice de assimilação superior às previsões.

O 1.º cabo propôs a acção no campo a título experimental: destruição das três bases inimigas que circundavam o acampamento, prevendo-se que deveriam ser exterminados cerca de 200 nativos e desactivadas as guarnições e os quartéis inimigos da zona.

Vitória! A acção foi fulminante! Reedição do milagre de Ourique! Os rapazes não hesitaram, avançaram com decisão e perspicácia, implicando na acção as veras do seu vigor e uma energia desumana. Numa só noite destruíram-se as redes inimigas, tomaram-se as posições e o inimigo "confessou" 400 baixas, considerando a acção, num comunicado internacionalmente difundido, "selvática, fora de toda a moral, digna dos processos desumanos do mais extremado colonialismo, um insulto à internacionalidade dos direitos humanos!".

O Coronel "limpou-se", pois, das afrontas e derrotas que vinha sofrendo há mais de um ano. Mandou construir para a unidade mais 50 aparelhos, tarefa que confiou ao mesmo grupo de trabalho.

Entretanto, partiu para Lisboa, levando sob o braço o esquema de construção e dez dos aparelhos utilizados. Exibiu-os às altas patentes, ao Governo, a quem descreveu a experiência.

Recebeu ordens para suster a construção dos aparelhos que mandara executar; ficou proibido o uso de tais máquinas, tanto com os comutadores para a direita como para a esquerda; o 1.º cabo Lameiro foi mandado regressar de imediato à Metrópole.

As tropas do Coronel continuariam sob os mesmos problemas, revés sobre revés, melancólicas, apáticas, desinteressadas.

O Coronel teve uma fúria interior. Porém, militar e disciplinado, não extravasou ruidosamente tal fúria. Limitou-se a guardar oito dos aparelhos que trouxera no sótão da sua casa de Lisboa.

Mais três meses no Ultramar. Passados os quais, recebeu ordem de regresso a Lisboa. Passou compulsivamente à reserva e foi colocado, com chorudos vencimentos, como Administrador do NOTÍCIA E JORNAIS, SARL.

O Coronel descreveu estes factos aos responsáveis pela remissão do periódico e do NOTÍCIA E JORNAIS, SARL, e indicou que, para desenvolvimento da sua secção (Tribunais e Crime), utilizaria os aparelhos que "essas bestas do Governo" não quiseram explorar.

- Mas porque não os terão querido explorar!? - perguntou o jornalista Quitério, a quem ficaram afectas as secções de "Óbitos" e "Artes Plásticas".

- O senhor Quitério espanta-se? Também eu me espantei e continuo espantado. Nunca encontrei explicação. Embora, na verdade, a máquina tenha um ponto fraco.

- Um ponto fraco? Mas qual? - perguntaram várias vozes em redor.

- O comutador. Já pensaram no pandemónio que seria os rapazes virarem o comutador para a direita em vez de o virarem para a esquerda?

- Ah! - exclamaram.

- E, mais ainda, se uns rapazes o voltassem para um lado e outros para o outro? Hem!?...

- Não me tinha ocorrido - confessou o jornalista Quitério - C'os diabos...

Houve em volta consternação, que o Coronel deixou evoluir. A certo ponto sorriu:

- Mas... - disse e todos se voltaram para ele - ... mas... - e calou-se. Pausa.

- Mas...? - perguntaram os outros.

O 1.º cabo Lameiro resolveu a dificuldade. Apresentou um sistema de comando central dos comutadores que, por causa "dessas bestas", nunca se chegou a experimentar. Isto é, a comutação deixaria de ser accionada pelos rapazes, mas feita automaticamente por um comando à distância. Os rapazes não tinham de mexer com os seus próprios "presuntos" nos comutadores.

- Então, actualmente, a máquina é perfeita...?

- Perfeita e infalível.

Extraordinário! O génio português continua bem vivo! A África será nossa! - ouviu-se em redor.

Mas por que diabo terá o Governo proibido a utilização dessa maquineta?

Faz-lhe espécie...? Pois... E esquisito. Talvez porque não conviesse ao negócio de armamentos... Talvez porque, com tais máquinas, que custariam, quando feitas em série, menos de cem escudos cada, a guerra acabasse num instante e tal não conviesse... Enfim...

Ou talvez porque o Governo não se sente no direito de, com meios materiais, alterar a personalidade de que Deus dotou o indivíduo, a criatura humana.

Olhe, aí está, senhor Quitério. Nunca me tinha ocorrido. Mas como essa é uma ideia arqueológica, a explicação não é outra, com certeza!

Gargalhada à volta. O presidente da Comissão sorriu amareladamente e atalhou:

E como pensa o senhor Coronel servir-se dessa invenção para activar a secção do nosso jornal que lhe está cometida, a secção "Tribunais e Crime"?

O Coronel recordou que ficara estabelecido que o que era preciso era fazer jornalismo sensacionalista. E desenvolveu o seu projecto:

- Arranjam-se oito homens regressados da guerra, desempregados, mas que lá tenham sido vigorosos. Colocam-se-lhes as oito caixinhas de que disponho ao pescoço. Para a mentalização e treino voltam-se os comutadores para a direita.

- E em que serão eles treinados?

- Em violências de diversos tipos, que executarão com os comutadores para a esquerda: incêndios de prédios, assaltos a bancos, violação de velhinhas, roubos de carros funerários, etc., etc., etc... Estas acções serão planificadas e coordenadas com a reportagem e tornar-se-ão evidentes. Com a habilidade dos nossos jornalistas, não tenho dúvidas de que, no que respeita à minha secção, o nosso jornal será o mais vendido e o mais desejado do público e da publicidade.

O Coronel sorriu em redor. Houve uma pausa suspensa.

Mas o desgelo não tardou e o Coronel foi muito aplaudido pela ideia, com palmas autênticas, com profusão de abraços. Abraços esfuziantes de quem sentia que, a partir daquele momento, tinha o futuro assegurado.

O jornalista Quitério, no entanto, opôs uma objecção.

- Louvo o colega pela espantosa ideia. Mas vejo uma dificuldade fundamental...

- Qual é? - perguntou o Coronel.

- Os oito rapazes necessários. Onde estão? O Coronel sorriu e ergueu-se.

- Entrar! - bradou numa entoação de parada.

A porta abriu-se e apresentaram-se oito garbosos mancebos, há pouco regressados do Ultramar.

9. Luísa e Sidónio

A partida para África interrompia o amor de Luísa por Sidónio. Tragédia para ela, que se lhe afeiçoara; se afeiçoara sobretudo à liberdade de lhe ser sujeita, a de saber e sentir os seus corpos encostados.

Foi despedir-se à doca de Alcântara. Sustida pelo cordão de polícia, longe do vapor, Luísa tremia. Tremia cada vez mais, enquanto os soluços e as lágrimas dos outros levantavam em redor um coro doloroso e passivo.

Na hora do navio partir, viu Sidónio lá em cima no barco, acenando, em pé, ao lado de uma baleeira. Então, a energia acumulada estoirou: rompeu o cordão da polícia, correu pelo espaço enorme e vazio onde altos oficiais discutiam, de pingalim na mão, e chegou-se junto da amurada do barco.

Gritou para cima:

- Sidónio, Sidónio! Livra-te de não seres só meu!

Sidónio, lá do alto, cruzou os dedos numa jura, beijou no centro a cruz figurada. O que constituiu para Luísa um lenitivo, como um líquido que sobre ela corresse do alto do vapor para a acalmar. Esperma, por exemplo.

Entretanto, era manietada pelos rapazes da PM, que a meteram num jipe e a levaram. Não a prenderam, todos tinham

uma ou mais namoradas e sentiram orgulho pela afoiteza daquela, por tamanha ousadia, pelo desafio às ordens superiores.

O sargento mandou parar junto à linha do comboio do Estoril e disse:

- Ficas aqui. Se te quiseres matar, aí tens o comboio.

Mas Luísa queria viver. E por esta vontade e saudade foi alimentada durante os quatro anos da comissão.

No regresso, foi esperar Sidónio à doca de Alcântara. Tinha a seu lado o Frederico e nos braços o Constantino, respectivamente, marido e filho dela e do heróico Sidónio.

Luísa tremia. Quando Sidónio se aproximava, antes de mais, Luísa gritou:

- Casei com este corno - e indicou Frederico. - A criança é tua, juro, fi-la contigo e não com este. Esses cornos que ele tem, pu-los contigo, Sidónio. Esses e mais que fossem.

- Muito prazer - disse Sidónio apertando a mão de Frederico. Frederico, assaz comprometido, fez uma inábil carícia na bochecha de Constantino.

O batalhão formou; o major procedeu à revista; tocou o clarim: destroçar!

Sidónio foi cair nos braços de Frederico. Abraçaram-se durante algum tempo, que Luísa achou demasiado. Tirou o sabre do cinturão de Sidónio e atravessou-os aos dois. Ficou a brilhar ao sol aquela exemplaridade enriquecedora.

Ainda que no limiar da morte, nem Sidónio nem Frederico ficaram surpreendidos. O primeiro regressava de provações semelhantes; o segundo idealizara que Luísa, logo no dia do casamento, projectara eliminá-lo, faltando-lhe decidir quando e como.

- Aí está, foi agora... - pensou singelamente Frederico.

- Papá - bradou Constantino ao vê-los abraçados. Mas qual? A qual se dirigia?

Luísa precipitou-se a esclarecer a ambiguidade. Apontou para Sidónio e afirmou:

- O teu pai é este.

Porém, Constantino era nitidamente insensível à voz do sangue e deu mostras de preferir Frederico.

Luísa compreendeu a sua situação e sentiu quanto vale o corpo de cada um. Arrancou o sabre que entrava pelas costas de Frederico e saía pelas costas de Sidónio, e enfiou-o pela moleira do Constantino. Feita esta justiça, os corpos entraram nas devidas viaturas e foram entregues nos seus destinos, Constantino inclusive.

O tenente perguntou por que motivo a criança tinha sido encontrada com um sabre espetado na cabeça. Luísa explicou:

- Como louco, Sidónio, ao ver o meu marido, tirou o sabre e matou-o; depois matou-se a si; e ainda teve forças para espetar o sabre pela cabeça da criança abaixo.

O caso foi abafado, para que não se soubesse que alguns não vinham de África em perfeito juízo, nem mantinham perfeito juízo todos os que haviam ficado.

Luísa apanhou o autocarro para casa.

10. Espiritismo

(Telegrama)

Vou morrer ponto ponham velinhas estátua Dr. Sousa Martins quartas-feiras 22 horas ponto invoquem-me sessões sábados noite ponto aparecerei ponto pressinto médium escrevente facilitará comunicação comigo ponto meu karma não será elevado pois durante guerra baixou ponto Kardec meu guia minha substância rosas ponto morrerei 30 km norte Luanda ponto amor saudades até breve.

Regressado da Guerra

Regressou da guerra sem beliscadura.

Chegando à terra, foi à procura dos pais. A mãe, à porta de casa, descascava as favas para a ceia; encontrou o pai a dois passos, na encosta que desce para o ribeiro, a podar a vinha.

Dirigiu-se ao lugar do costume, para ver os amigos. Bombardearam-no de perguntas, tudo quiseram saber. Abraçou-os, bebeu os copos, mas contar o que viu e o que passou na guerra de África, não, não quis, nem quis discutir o mal e o bem que em tudo eles queriam ver.

Nada disso.

Sopas e descanso, agora! Isto é, trabalhar na terra onde nascera, junto dos seus e junto dos amigos.

Muitos destes tinham emigrado. E, se fosse preciso, emigraria também.

- Não, pá. Eu peço desculpa a vocês, pois compreendo a vossa curiosidade. Mas não quero pôr-me prà'i a contar o que vi e o que passei na guerra de África. Não quero.

- Mas nós...

- E também não quero discutir, pá, não tenho paciência, não me interessa. Discutir é para aqueles que não passaram. Portanto, não. Não quero discutir.

- Então o que é que tu queres, pá?

- Eu? Já que voltei da guerra sem beliscadura, posso emigrar daqui para fora, no caso de não me valer a pena ficar. Mas se eu vir que vale a pena e que posso ficar aqui na minha terra, eu fico.

* * *

- Então que é isso?

- Homem, não é para te assustar.

- Eu vim dali de baixo, de ver o meu pai, que sobre uma escada lá no alto está a podar a vinha e vossemecê salta-me ao caminho?

- Não me conheces?

- Não. Vossemecê não é desta terra, que daqui sou eu.

- Tu voltaste da guerra de África...

- Quem lho disse?

- A tua mãe, que estava toda contente por ter cá o seu rico menino. Descascava as favas para a ceia.

- Deixe-me passar, está a ouvir? Que é que vossemecê quer de mim?

- Tu voltaste da guerra sem beliscadura. Nem todos têm a tua sorte, nem todos voltam como partiram...

- Ora muito obrigado! Como se eu não tivesse visto muito e muito passado naquela guerra... Mas se vossemecê diz isso para me ouvir, para que lhe conte o que por lá passei e vi, está muito enganado, que eu não lhe contarei nada!

- Ouve: tu achas justo terem-te mandado para aquela guerra? Vá, fala, já que tanto viste e passaste! Tu pensas que a gente, que somos um país pequeno, podemos aguentar essa guerra?

- Vossemecê o que quer é discutir comigo, não é? Pois comigo não, que eu não quero discutir com ninguém.

- Qual discutir! Homem, tu és um homem como se deve ser. Por isso eu digo-te: não gastes os teus dias e a tua saúde a trabalhar nesta terra, que não vale a pena.

- Então?...

- Viste? Quase todos os teus amigos foram-se daqui para fora?!

- Porquê?

- À procura de vida melhor.

- Hem? Ora...

- Ouve: aqui estou eu que te posso pôr em França num instantinho... Hem? Diz lá...

- Ah, vossemecê é um diabo que me salta ao caminho e se põe diante dos que voltam da guerra para os tentar a emigrarem...

- Emigrar é bom. Por isso eu não sou diabo, pois esse só tenta para o mal.

- E porque hei-de eu emigrar? Emigrar outra vez?

- Outra vez!?

- Pois. Emigrado estive eu em África por quatro anos.

- Qual emigrado! Emigra-se para alguma coisa. E tu estiveste na guerra para nada.

- Mas é que eu...

- Homem, tens duas coisas a escolher: podes ficar aqui, que é a miséria; podes emigrar, que é a riqueza.

- Eu...

- Calma, escusas de escolher já. Pensa, mas pensa bem. Pensa à tua vontade. Pergunta, fala com os outros, vê o que mais te convém. Para a próxima semana, eu procuro-te aqui. Então me darás a resposta.

* * *

- Conhece o jornal "Ventania do Norte"?

- Eu? Não, senhor.

- Quer prestar-me algumas declarações para esse jornal?

- Declarações? O que é isso?

- Responder a algumas perguntas...

- É conforme.

- Bem, vejo que sim. A primeira pergunta é esta: como conseguiu voltar da guerra de África, uma guerra tão feroz, sem qualquer beliscadura?

- Olhe, amigo, sabe que mais? Vá bardamerda!

- Ai, meu filho, há quatro anos que partiste. Há quatro anos que umas favas guisadas não vão saber tão bem como hoje nem ao teu pai nem a mim.

- E a mim, que lá não as havia.

- Sabes, vejo-te triste...

- Eu? Triste? Estou bem contente por ver tudo aqui. Estou contente.

- Não pareces. A gente já não era para ti o mesmo? Tu andaste por outras terras, terras muito maiores, julgo eu. Talvez aqui as coisas...

- Não. As coisas aqui são mais pequenas do que lá. E verdade. Mas não me importam grandezas. E bem melhor estar aqui.

- Padeceste muito?

- Hum...

- Viste muito?

- Hum...

- Olha eu não quero causar-te arrelia, mas a Deolinda embarcou para o Canadá.

- Ela escreveu-me. Contou-me que tinha casado.

- Ah, já sabias. E eu aqui a sofrer por te contar, quando estava na pedra da entrada a descascar as favas e te vi voltar a esquina, tive um baque no coração, quase foi mais forte o desgosto que por esse motivo terias do que a alegria de te ver.

- Minha mãe, um homem torna-se forte e aguenta com tudo.

- Antes assim, meu filho, fico agora com o coração mais livre para gozar de ti.

- Eu escrevi para o Canadá à Deolinda e disse-lhe o dia em que chegava a Lisboa no meu regresso. A Deolinda estava na doca à minha espera.

- E tu?

- E disse: olá Deolinda, como estás?

- Mais nada?

- Mais nada.

- E ela?

- Disse que queria falar comigo e que no dia seguinte de manhã ia ter comigo à Unidade.

- E foi?

- Sim. De manhã lá estava ela. Ali ao pé havia um jardim.

- Ela puxou-me pela manga e lá fomos passear.

- E ela?

- Nada. Não falou, e a certa altura tocou para o rancho e eu disse-lhe: tenho de ir. E fui. E ela não apareceu mais.

- Tocaste-lhe?

- Nem com um dedo.

- Terá voltado para o Canadá?

- Não sei.

- E o marido, que dirá a isso?

- Não sei.

- Oxalá que a Deolinda não se tenha matado.

- Matado? Porquê?

- Por remorsos do que te fez.

- Não é assim tão tola. Deixou de gostar de mim, casou-se. E natural. Que garantias poderia ter de que eu não tinha deixado de gostar dela?

- Explicou-se a esse respeito? Ou tu com ela?

- Nem era preciso. Escreveu-me para África a dizer que tinha casado e que ia com o seu marido para o Canadá. Estava tudo explicado.

- Então por que veio ver-te à chegada, fazendo uma viagem tão comprida, gastando tanto dinheiro.

- A despesa é lá com ela ou com o marido. E a mim não me incomodou. Estivemos duas horas ali no jardim. O dia estava fresco e viam-se coisas lindas, o rio, o mar e as casas da cidade...

- Não te ficou nenhum sentimento?

- Os sentimentos ficam sempre.

- E ressentimento?

- Nenhum.

- Ah...

- Minha mãe. Eu também não queria mais a Deolinda. Portanto, está tudo certo.

- Pois assim seja. Ainda bem que vens ficar aqui com a gente...

- Venho ficar?

- Sim. Ficas, não ficas?

- Hei-de pensar se me convém.

- Não me digas que também tu me vais trocar pela França...

- A tua irmã e o teu irmão, lá foram...

- Vêm cá todos os anos.

- Não é a mesma coisa do que viveres connosco. E depois eles têm comprado por aí uns bocadinhos. E não há ninguém para os trabalhar. A terra junto ao Monte do Pardal já não se cultiva. O teu pai não pode e não se arranjam braços. Eu, por mim, cá vou fazendo a lida da casa. E mais não é para mim, já não posso. O vinho faz-se em conjunto com outros, apanha-se a uva, vai tudo para o mesmo lagar e depois divide-se o dinheiro do vinho conforme as quantidades. É um arremedeio. Mas perdemos muito, porque as nossas uvas são as melhores da região, e o vinho fica de todos por igual. Isto precisa de braços de homem novo. Não é só para que o teu pai descanse e para que se semeie o que temos. É para que tudo se crie com mais força e para isso não há como braços de homem novo. Não falando, está visto, no gosto que nós tínhamos de te ter connosco.

- Ficar eu aqui para trabalhar as terras que, estando em França, os meus irmãos compraram?

- E as tuas.

- Ora, o que eu tenho é o que tem o meu pai a dividir por três.

- Seja. Eles saberão pagar a tua parte no trabalho.

- Quem?

- Os teus irmãos. E por enquanto o teu pai e eu, se assim o exigires.

- Eu? Não exijo aos meus. Exijo de mim e exijo do mundo. Que estive fazendo até agora? Uma guerra colonial. Que posso eu tirar dessa guerra? Sim, foram cinco anos (ou quase) de devoção à guerra. Dizem que estive a bem do País e de nós todos. Mas eu também queria, desses cinco anos, alguma coisa para mim. Não a tive eu? Está bem. Mas o que é que desses cinco anos eu trago para ofertar aos meus pais?

- O sacrifício, meu filho. E a esperança. Uma pobre mulher como eu não vê senão o sacrifício dum lado e a esperança do outro. E até não acho mal. Sem sacrifício e sem esperança, talvez tudo isto fosse bem pior...

- E chegam?

- O quê?

- O sacrifício e a esperança?...

- Para mim, talvez. É a resignação. Mas tu, que andaste na guerra e viste outros mundos, talvez não te resignes. E eu dou-te razão. Mas não te vale a pena lutar muito, que toda a vida, afinal, se passa entre uma e outra coisa...

* * *

- Pai, querido pai...

- Eu bem gostava de te ter pedido ajuda quando foste há bocado ter comigo lá abaixo à encosta do ribeiro...

- Porque não pediu?

- Pelo contrário. Corri contigo. E sabes porquê? Porque um homem, quanto mais velho, mais tolo.

- Então, pai?

- É verdade. A altura das parreiras já me cansa... A altura da escada já me estonteia. Custa-me podar a vinha com os braços

durante horas erguidos ao ar. Sabes que bem me apeteceu pedir-te: meu filho, segura-me aí a escada, que me sinto abanar... Pelo contrário, agradeci-te a visita e disse-te: meu filho, vai-te embora, que em acabando o trabalho vou para casa ter contigo. Compreendeste?

- Compreendi mal, meu pai. Porque não me mandou a mim podar as parras mais altas?

- Porque hoje não é dia de eu mandar em ti. Vieste da guerra. O dia é de festa. Não é dia de te mandar trabalhar.

- Sabe, meu pai? Eu dava todo o dia de hoje de trabalho em troca de não ter mais trabalho em dia nenhum...

- Não querias mais nada, hem? E prevejo que o teu trabalho há-de ser duro.

O Sangue
e
O Golpe

Cinco comissões na guerra colonial, algumas de castigo! Duas na Guiné, reino da mosquitada; uma em Angola, no mato, raios os partam; e as últimas em Lourenço Marques, bem repimpado, automóvel, quarto de aluguer, uísque e o mais que não foi pouco. Lourenço Marques ou, melhor, Maputo. Maputo que os pariu!

A retorna foi após o 25 de Abril, jornada aérea de euforia e expectativa acerca da grande remissão nacional, com a malta a tocar as banzas e a recantar a "Grândola". O Godinho, sempre porreiraço, ensinou e pôs o avião a entoar a "Internacional". Paragem em Luanda para inocular mais malta dentro do avião: malta esta que falava mais fino, tinha ideias assentes sobre o Poder Popular. Daí até Lisboa os comícios foram quatro. Um camarada fuzileiro arrombado no ombro, a camisa empastada de sangue coalhado - bazucada de patriota africano ou trincadela de jacaré? tudo explicou sobre Democracia, coisas em que ele nunca pensara ou por falta de ideia ou de tempo ou porque alguém que o devia ter instruído acerca daquele modo de vida dignificante e alegre não o fizera apesar de todas as ocasiões propícias, pois o mato é bom

para segredos e conspirações e meia dúzia de camaradas de G3 sob um cafezeiro à espera dos turras (assim francamente se chamavam então) podiam sem prejuízos falar e sonhar o que lhes apetecessem. Não, ninguém os politizara. Que canzoada, gaita!

Pousando o pé no chão de Lisboa, sob a bota cardada esmagou as saudades acumuladas. Respirou o calor cordato e seco daquele Julho e correu a mirar o estuário do Tejo, após ter passado por casa a beijar a velhota, a oferecer-lhe o molho de gindungo e o colar de contas, obra de nativos. A liamba, essa, meteu-a no buraco ao fundo do quintalório, esconderijo inexpugnável ao qual - há quantos anos! - confiara os primeiros cigarros, depois os bilhetes da namorada, a cautela de prego do relógio (que empenhara num aperto para ir às putas) e... etc. Naquele buraco - acabava de descobrir uma constante da sua vida! - enfiara sempre as causas e instrumentos do seu sonho. Os impulsos que o determinavam a sonhar trazia-os consigo, alojados no corpo que sempre fora um frémito; e *lá* também alojados, *lá*, não sabia onde, decerto num *dentro*, num apropriadamente *dentro*.

Na Unidade a malta andava "de cornos no ar" ou, traduzindo, o espírito transbordava-lhe. A tropa, pela primeira vez, não lhe parecia obrigação e sacrifício e pepineira como sempre se lhe afigurou - corja de inúteis, macacos amarrados pela cintura que aceitaram uma guerra impossível sem virarem armas contra os autores dos princípios que geraram a barbaridade.

Agora tudo isso - que fora denso, prolongado e chumbativo - esquecera. Não apenas esquecera: varrera-se, pois se varrera - e porquê? - a indignação que sempre o oprimira e agora já não lhe mandava pontapés contra o interior do peito e do ventre. Porquê? Que explicação para tamanha modificação, para a sensação de

liberdade, a de viver num mundo afável e num ar que não conspurca pulmões, para aquele oxigénio leve como asas que o insuflava?

Era um facto. E o pacote da liamba permanecia intacto no buraco do quintal. O comércio que dela fizera do Maputo e o seu uso pessoal continuado trouxeram-lhe dinheiro e apaziguamento. Agora apenas o dinheiro lhe podia fazer falta. Nem esta sentia, porém. Tostões contados; mas, graças à tropa, o dia preenchido, a velhota e a irmã faziam-lhe a cama e mimos ao mata-bicho; e a crescente noção, recebida junto com os camaradas, de que a vida lhe dirigia apelo para uma missão, finalmente missão autêntica, em nome do povo português com o qual se sentia de mãos dadas!

Até que os sacanas o licenciaram: rua! Condenado anteriormente por indisciplinas ultrapassadas pelo 25 de Abril, nem por isso o respeitavam como devido: rua!

Protestou. Mas verificou que não inspirava confiança. Nem o Godinho, o grande amigalhaço, *torcia* por ele. Ah, o desemprego, já sentia a boca a devorar as migalhas da velhota, o salário da irmã (solteira, virgem e à vista um estafermo), coitada, mulher-a-dias em casa de quatro patroas, quatro peidonas; e ali, fielmente atida à existência da mãe, à conservação do casebre, a uma constância de vida que a ele lhe parecia ridícula, anormal. Os anos de guerra, bem ao contrário, cada manhã lhe ofereceram a noção do perigo, despertava ou para a vida ou para a morte ou para novos mundos, cada mundo a nascer com o sol quotidiano. A princípio, a incerteza tornava-lhe o chão escorregadio, incomodava-o, plantava-lhe diante o negrume de assim não poder viver. Mas em breve se habituou e, se nada acontecia, então é que se sentia irrequieto, a repetição do mesmo todos os dias atordoava-o, causava-lhe

náuseas. Não conciliava ânimo nessa monotonia e partia mato dentro: impossível resistir. Partia sem plena consciência, joguete dum impulso. Não sabia explicar o que tais idas significavam. Mas tornaram-se frequentes, andava quilómetros sobre quilómetros, de início sozinho, lançado na caminhada progressivamente exaltante e cada vez mais; até que encontrava preto e então acalmava e regressava, muitas vezes a Unidade em estado de alerta por ter verificado o seu desaparecimento. Depois endureceu-se em tal prática e partir sozinho já não lhe era satisfatório. Aliciou camaradas para as incursões. Foram convencidos. E a cúpula desta inquietação foi no dia em que, pela primeira vez, ele com dois companheiros abateram à coronhada três pretos; despiram-se depois, não ficassem as fardas salpicadas de sangue; e desmantelaram os corpos dos pretos com as próprias catanas deles. Nenhum sistema de comunicação funcionou então, pois ninguém apareceu, nem preto nem animal. Acabado o feito, os três estiraram-se nus no capim, sob a madrugada, ao sol que do horizonte rosava a enorme desolação amarela; e ficaram deitados, inertes, vencidos pelo cansaço e pelas extremas paixões, trespassados pelo odor do sangue que, sendo humano, girava e trepidava mais que todo o outro.

Era a guerra? Não, era a morte. O ponto extremo, a cabal realização da FORÇA. O estado de guerra o permitia!

Logo escreveu à mãe: "Querida mamã. Pois eu aqui estou bem. Os amigos são dos bons. O comer é assim-assim e eu, se ando com fastio, a culpa é minha, pois só me apetece fruta, que aqui não dá. E este desejo faz-me lembrança da parreira do nosso quintal. Pois eu estou com muitas saudades da Ermelinda, ela sempre a mesma, e se não fosse ela sempre aí junto à mamã, para

mim a guerra era um inferno, mas assim não é, a Ermelinda tira-me a preocupação pela mamã e por aqui isto sempre se leva e uma vez por outra até acontece alguma coisa de bom. Peço à mamã que reze por mim. E por minha boca dê todas as manhãs um beijo em cada chaga do Senhor Crucificado sobre a cómoda. Não é que eu vá morrer, nem vou deixar eles matarem-me assim à primeira, mas as rezas para salvar uma alma devem começar a ajuntar-se muito antes da morte vir. Beijinhos prá mamã. Pois adeus, um beijo à Ermelinda deste mano e ela que nunca perca aquela mansidão. Este seu filho CLEMENTE. Adeus Adeus Adeus" (seguiam-se as cruzes obrigatórias).

Licenciado da tropa, logo se relacionou com os da liamba. Liberdade para o negócio como nem no Maputo. Rede apreciável com centro a 20 quilómetros. Comprou uma carripana com motor de motoreta, na qual instalou, como cenário, quatro botijas de gás butano, e o produto seguia escondido nos vazios. Ia e vinha transportando dali para acolá, gozando a exaltação da impunidade, o prazer derivado da certeza de que espalhava algum mal - ainda que pouco - à sua volta. Agora que a não consumia, estreitava outros consigo numa comunhão de que era o denominador comum, participava em tantos sonhos e "viagens"; autêntica e rendosa comunhão.

Consequentemente, quis fazer obras - e fez - no casebre da mãe. Esta e a Ermelinda viam na largueza de mãos sinal da generosidade do pai falecido e, em suma, milagre do Altíssimo. Água canalizada, andar superior com dois quartos, um para a mãe, outro para a irmã. E teimou em ficar no andar térreo. A mãe orgulhou-se do seu rapaz, apreciou a prioridade que dava às mulheres da casa, mas o filho não lhe revelou a determinante da

escolha: em caso de polícia, saltaria facilmente pelo quintal e escapava-se. E foi para a pobre velha autêntica música quando inaugurou o autoclismo da casa de banho, um luxo, paredes de mosaico, loiças VA cor de lilás e a demais fantasia coruscante de luzes de néon e de espelhos.

- Ai, o meu Clemente aprendeu a viver naquelas Áfricas! - ele riu, riu muito, abraçou a Ermelinda e, sôfrego, bebeu as lágrimas da mãe, sorveu materialmente o líquido mole e salgado.

A clientela crescia e, ainda mais, nela crescia a insatisfação. Também ele por aí passara, mas dava o assunto por arrumado no que a si próprio dizia respeito: liamba, nada; injectar-se, não! Ainda no Maputo se livrara de tal costume e sozinho, suportando feras desencadeadas dentro de si, transferindo-as, pois a melhor das "viagens" é sorver lágrimas de velha reconhecida, é, com fundamento, conseguir o domínio sobre os outros. Quem fruir do poder de vida ou de morte, mesmo a coberto de estratagemas como o estado de direito ou códigos morais como nos contos infantis possuem os autocratas do Oriente; ou sob a protecção da (falsa) representatividade democrática, a coberto de parlamentos e conselhos e legislações votadas; ou, à maneira do Salazar, com lábios ascéticos apelando à treta do sacrifício pessoal a bem da nação; seja como for, a realização plena do Homem - pensava - verifica-se no indivíduo que sobre os outros exerce poder discricionário e domínio, ainda que uma artificiosa muralha de tácticas e de tensões o defenda, o encubra, o legitime.

Nos blocos de gelo produzidos por uma fábrica na qual encontrou cúmplices, ocultavam-se as embalagens da droga para injectar: um progresso do sonho e do negócio. Ele próprio conduzia o camião (semi-frigorificado) como os que se vêem ao

serviço das lotas de peixe, sendo os paralelepípedos de gelo verdadeiramente em causa para "clientes" que esperavam em pontos combinados do percurso, na mão sacos de plástico, para dentro dos quais entornava o gelo "enriquecido". O pagamento era toma-lá-dá-cá, como se de gelo exclusivamente se tratasse, excepto no custo, é claro.

As docas de Lisboa empregam pessoal de origem diversa, da Lisboa ribeirinha ou não, imigrados vindos até de outros Continentes. Voltando de Sesimbra no camião agora vazio, divisou lá em baixo, num espaço entre logradouros e o Tejo - era Inverno e noite fria - figuras que rodeavam a pequena fogueira. Através da distância a que delas, tão minúsculas, se colocava, em vários sentidos dimensionou a sua superioridade, inclusive a de voltar duma "romagem de caridade" através daquela linha turística, do estuário do Sado, Setúbal, Sesimbra e outros "postos" do caminho... Os operários voltam a casa à noite, o corpo cansado do trabalho e da luta, comem a sopa, emborcam os decilitros, aplicam a caqueirada à companheira e adormecem. Sentia-se a eles semelhante, excepto naquela paz social, política e fisiológica que a noite oferece ao proletariado, noite que é, somente, um interregno entre o ontem e o amanhã. Mas Clemente tinha os tomates cheios e, para ele, ao contrário do operário, esvaziá-los não implicava simplesmente fornicar. Tinha de os esvaziar! Senão: ou cresciam-lhe até às carótidas; ou estoiravam eles; ou ele próprio. E, neste caso, não se responsabilizava pela torrente de pus e de merda que inundaria o mundo! Deu uma gargalhada à ideia de tamanho cataclismo, no momento em que parava para pagar a portagem. Riu estrondosamente, fez esgares involuntários, provocou o espanto do idiota do cobrador e meteu pela ponte a

velocidade superior ao limite consentido. Mas moderou a marcha, incluiu-se na legalidade, não fosse por causa duma asneira comprometer o melhor dos mundos que conquistara para si. As várias Lisboas dispunham-se à sua frente nas colinas, na trepidação das luzes aglomeradas; e, lá em baixo, as docas, a fogueirinha rodeada de sombras vivas; e, ao longe, a auto-estrada que o conduziria ao precário esconderijo do camião.

Mas não seguiu pelo acesso à auto-estrada. Os tomates cresciam-lhe, tinha de os dessangrar! Por isso inflectiu para a rampa que desce até Alcântara e logo atravessou em direcção às docas.

Facilmente localizou a fogueira da qual, do alto da ponte, fixara as coordenadas. Um simples reconhecimento do terreno: foi canja.

Clemente, que vês, Clemente? A fogueira e três pretos com agasalhos esfarrapados, tiritando de frio, tentando aquecer-se, sós à beira do Tejo, sós com o destino e com a fogueira minguada. O macaco do camião era um bruto matacão de aço e de ferro. Agarrou-o. Primeiro, matou-os; depois, devagar, usando o macaco com método e com calma, esmigalhou meticulosamente as três cabeças. Fascinantes, as três ex-carapinhas dos três ex-pretos!

Mais uns tantos **ex** (pretos e carapinhas) a juntar à multidão de **ex-tudo-quanto-há** com que o país ficou juncado após o 25 de Abril. Este comentário ocorreu-lhe rapidamente e voltou ao camião cauteloso em não deixar indícios nem levantar suspeitas sobre si.

Mandou às malvas a liamba, já não interessava, ultrapassou-a, como a lâmpada eléctrica à candeia de azeite!

Escolheu o ponto de entrada da "coisa" de injectar (bem variada, LSD, morfina e outras): Porto Fim, pequena localidade a cem metros da costa, talhada a pique; o porto, lá em baixo, em forma de pernas de caranguejo; daqui se subia pela rampa escalavrada até ao alto, uma planura onde medram espinhos e se levanta a minúscula construção branca, guarita do Guarda que às vezes desce ao porto por causa do pescado e, frequentemente, se planta lá em cima, de pernas abertas, perscrutando o mar, para nada, para ver o tempo deslizar na leitosa mansidão das vagas. Feio, tudo aquilo e o Guarda também, cara de pau a que não faltava o bigodinho de piaçá talhado com geometria. Acerca dele investigou: vivia só; todos os dias tentava telefonar para Lisboa do único telefone existente, o da loja, e, quando o conseguia, pagava a chamada irritado, saía nervosamente. Tinham-no por independente (solitário, na verdade), pessoa fria e, tendo razões mínimas e protecção, capaz de espingardear pessoalmente os habitantes.

A Porto Fim chegou com mais três, barco de motor fora da borda sobre o atrelado do automóvel. Traziam fatos de homens-rã, cinco pares de botijas de oxigénio para mergulhar e o restante equipamento. Plantaram a tenda no rebordo da povoação. A curiosidade geral excitou-se, pois Porto Fim é lugar que não convida a férias e a prazer. Mas os quatro depressa cativaram os habitantes: mostraram-lhes os instrumentos da pesca submarina; o barco foi descido até ao porto e de manhã seguia mar fora, sendo chamariz a princípio o espalhafato do motor; passados dias deixou de ser insólito ou digno de atenção. Ofereciam o pescado, não ao

rapazio, mas às velhas mais miseráveis, que, em troca, lhes lavavam a roupa. E assim se estabeleceu equilíbrio afável com a população.

No mar alto, fora de vista, o barco encontrava-se com o outro que trazia "a coisa"; fazia-se o transbordo (Clemente chamava-lhe transfusão) com frequência e pouca de cada vez. Duas botijas estavam preparadas para se abrirem pelo fundo. Aí se metiam as embalagens, enroscando-se depois as tampas falsas. Os quatro companheiros subiam a vertente, "botijas" às costas. De vez em quando ia à vila no automóvel recarregar o oxigénio, serviço executado pelos Bombeiros Voluntários, e expedia as embalagens pela rede de distribuição.

Eis o projecto, executado durante o Verão, numa tranquilidade alheia às hesitações, erros, conquistas dum povo que oscilava, gemia, erguia-se em busca da sua possibilidade de subsistir. Assim era o país, e Porto Fim também lutava. Os "desportistas" não se metiam na vida local. O Guarda saudava-os à passagem sempre de trombas, conforme o seu feitio.

- Com que então os senhores continuam...?!

- O quê?

- Aqui...

Estranhou, pois nunca com ele dialogara. A pergunta indicava que era preciso outro plano, pois aquele pressupunha o Verão; e o Outono, já entrado, tornava-o ilógico, obsoleto e, em breve, suspeito. Clemente pressentira-o, aliás. Mas com os cúmplices assentara numa rotina perfeita; e não seria o negregado dum Guarda, nem que tivesse cornos doirados, quem deitaria tudo por terra. Tomou disposições, muniu-se de dinheiro e de muita lábia pronta a disparar e enfrentou a Autoridade. Detonou com a guerra

colonial, sem reacção do Guarda; avançou com a descolonização, a penúria do país, os fascistas no estrangeiro, o poder popular, as milícias formadas lá fora para nos invadirem contra a revolução portuguesa: nada! O cabrão tinha as presilhas lubrificadas... Do que Portugal precisava era de sangue novo - exclamou Clemente em desespero -, extrair com seringas o sangue de todos os portugueses e injectar-lhes outro, pois o que têm está podre! O Guarda saltou:

- Negócios de sangue comigo, não!

- Porquê?

- Sou Testemunha de Jeová!

Clemente abateu-se, sem pinga de sangue. Do que aquela lesma precisava era duma ampola de morfina na veia que o pusesse a ver nuvens e estrelas à roda do tal Jeová, de quem era Testemunha! Ignorar o sangue, desprezá-lo como vida e como veículo!

- Sabe que mais? Vocês cuidam que me comem as papas na cabeça, que eu não sei o que andam a fazer...

- Pesca...

- Isso, chamem-lhe pesca... Ah, mas estejam descansados... podem continuar. Continuem, eu resolvi não ver, não sei de nada.

- Porquê?

- Olhe: não posso prendê-los sozinho, eu sou um e vocês são quatro. Se eu pedisse pessoal e viatura, eles não os mandavam ou chegariam daqui a um ano. Eu todos os dias telefono para o Comando. Mas os telefones andam avariados; quando às vezes consigo ligação, eles de lá não sabem nada ou dizem que aquele que sabe não está, mas quando chegar fala para mim. Como até agora não telefonou, ou ainda não compareceu ou o lugar está vago

ou não existe nem nunca existiu; e não é agora que vai passar a existir. O senhor pode jurar que o gajo existe?

- Eu!? Não senhor, não posso.

- Por isso deixo correr. Ouviu? Continuem. O que lhes desejo são bons ventos e pouca maresia.

O Guarda afastou-se, passo nervoso. Clemente seguiu-o como autómato, presa de susto incontível, irracional, transformado em pânico quando viu o Guarda dirigir-se ao telefone. Filho daquela grandessíssima... "continuem...", "eu resolvi não ver"... O Guarda não exigia recompensa pela "liberdade" que lhes outorgava, não estendeu a mão, não deu sinal de a pretender. Ainda seria dos puros, o sacana!? E Clemente dar-lhe-ia bastante dinheiro, de bom grado. O estupor desenvolvera uma táctica, uma esperteza saloia: deixar que se descontraíssem e ficassem desprevenidos, para ele ganhar tempo; até que o telefone funcionasse, até que o Comando aparecesse e as patrulhas viessem contra eles.

Sem dar explicações abandonou cúmplices, material, tudo, e correu para o camião do gelo que deixara oculto por uma moita no pinhal. A caminho! E na brasa, esgalhando a toda a mecha, pois em Lisboa estaria seguro nos milhentos escaninhos, hortas, becos, vielas - lugares da infância e da juventude, veias autênticas do seu sangue. Em Lisboa, por mimetismo se dissimularia, encostando-se. A viagem levaria quatro ou cinco horas e era preciso dar-lhe! Dedicou um pensamento aos cúmplices abandonados em Porto Fim e resolveu a hipótese de ter remorsos pelo cavanço: puta que os pariu! Adiante. Ligou o rádio: os palermas da construção civil, os aleijadinhos da guerra, o Governo suspenso, manifestações destes a favor de quem, manifestações dos outros a favor dos contrários. A G3 - pensou - já não bastava para aquela cáfila, ao

menos canhão e ogiva nuclear a aplicar contra todos, sem faltar o Governo que entrara em greve e actuava contra os trabalhadores que faziam greve legítima. O bardamerda do Primeiro-Ministro era rigorosamente o ponto da situação. Primeiro-Ministro incluído! A locutora informou: "Foi descoberta poderosa organização de traficantes de droga. Em Porto Fim encontraram-se três cúmplices, dois dos quais foram detidos. O outro, ao tentar fugir, foi alvejado pelo Guarda e teve morte imediata. Na região actuou ainda um quarto traficante, talvez o cabecilha, mas este não foi apanhado. Supõe-se que anda a monte pelos pinhais da região, onde foi visto há poucas horas. Reforços da Guarda dirigem-se ao local para uma busca ao criminoso, em profundidade".

Desligou o rádio e carregou no acelerador. Mas a lesma da caranguejola não dava mais. Porra! Lisboa, depressa, chega, Lisboa, engole-me e salva-me!

Entrou pelo Lumiar e Campo Grande e junto ao mercado à direita encostou, para disfarçar. Carreou palha para o interior do camião, que nos dias próximos seria a sua morada conveniente, quer antes quer depois de saber se a polícia o procurava e a que grau subia a procura. Os tipos que deixara em Porto Fim, atrasados mentais, talvez dessem com a língua nos dentes. Sempre lhes ocultara nome completo, endereço, posse da viatura. Mas o diabo tece-as. Não iria a casa. Sim, o camião era a moradia ideal, com rádio para as notícias, que galopavam; quando necessário, pintava-o doutra cor e mudava-lhe a matrícula (ele sabia onde); e em qualquer caso o camião oferecia-lhe a facilidade de se mover.

Telefonou ao Godinho: o que se passava? "Sabes, pá, a malta vai actuar, pá. Como? Isso é que não te digo. Não, não apareças, pá! Não apareças! Nós estamos com os SUV's! Já te disse, pá, não

apareças, pá!". "Os SUV's? Estás a gozar. Eles são assim tão fortes, pá? Ora vai para a tua tia!" E o Godinho acrescentou à frieza e reserva a irritação de desligar. Clemente ficou furioso. Abriu o rádio, viu a TV numa tasca: a golpada era certa, não se faria esperar. E viria da militança, sendo provável que se lhe juntasse o povo descontente com o passado, desperto para o heroísmo de classe e da reivindicação, vivendo a fisiologia da própria agressividade contra os conceitos ordenados da produção e do trabalho. A tropa, portanto, era o objectivo dele, Clemente. Afirmava-o como dogma. Mas qual tropa? A tropa derruba, eis a sua finalidade; se constrói é para melhor derrubar depois. Quem viria a ser o derrubado e quem o derrubador? Tais pensamentos não lhe deixaram pregar olho. Nada descortinava à sua frente, não via brecha por onde se safar. Levantou-se, ligou o motor, atestou o depósito de gasóleo, tudo em ordem no camião para o que desse e viesse. Meteu a pistola no bolso, acautelou as granadas de mão (nem tanto à vista que se vissem, nem tão escondidas que não ficassem ao dispor), prendeu as cargas explosivas à carroçaria com preceito e meteu entra-rua-sai-rua, a queimar gasóleo apenas porque no camião a rodar se sentia mais livre e, sendo livre, pensava melhor.

Assunto: a sua nova aliança com a tropa. Qual tropa, chiça??

Telefonou para casa duma das patroas da Ermelinda: "Como está a mamã? E tudo? E o plátano pegou?" O plátano rijo, a mamã com a bronquite de sempre no Outono, mas desta vez pouco acirrada. Onde estava ele? - "Eu? Voltei agora de Espanha". (Mentira, claro). "E quando chegas? A mamã tem muitas saudades tuas". "Também eu. Mas calma, hem?, pois tudo está a acabar". "Tudo o quê?". "Esta minha ausência. Ouve: foi alguém lá a casa

perguntar por mim?". "Sim. Ontem. Dois homens". "Quem?" "Não disseram". "Deixaram recado?" "Não. Nem disseram se voltam". "Adeus. Beijinhos à mamã".

Desligou. A polícia fora procurá-lo a casa! Agarrar-se à tropa, eis o único expediente para escapar. Não aos cabrões dos SUV's e aos que andavam a assumir o Poder Popular; mas sim à tropa séria, a que é capaz de carregar sobre a multidão, passá-la a fio de espada, a metralhadora, pisá-la com tanques, encurralá-la dentro de ondas de arame farpado, cortar carótidas, decepar cabeças, entornar tripas. A esta tropa é que no íntimo pertencia. Onde raio estava ela? Ainda não deitou a cabeça de fora. Mas existe. É lógico que exista, ele jurava, sabia que existe! Onde se esconde? Onde se meteram esses, que militaram sempre com a Força, serviram o Salazar, descendem do fascismo? Esses couraçados de aço, bestas ferozes, que na África chacinaram, não por prazer mas por disciplina, dever e missão! "Quantos pretos liquidastes?" "Meu senhor, mais de oitenta mil, posso provar!" "Então serás condecorado e promovido" "A quê, Excelência?" "A coronel! Mereces, pois liquidaste oitenta mil. Se fossem apenas cinco mil, serias despromovido. E se fossem vinte mil, serias major, sem condecoração". Onde estavam esses, de pêlos na alma, capazes de obrigar o povo a agradecer-lhes o domínio que deles sofria? Onde se meteram, pois existem e estão cá, no PAÍS? Será que se disfarçam - como ele, que foge à polícia por tráfego de droga -, mas se disfarçam em reuniões de Conselhos e de Unidades, praticando a democracia, espetando o dedo no ar para as votações, "amandando bocas" aos microfones? Traindo-se a si, a nós, à Pátria, à nossa gloriosa Pátria?

Estacionou e foi engolir canecas de cerveja. Voltou ao camião, fechou-se por dentro, bebeu dois sorvos de medronho e adormeceu. Junto ao mercado da Ribeira. Acordou de madrugada com vontade de urinar. Carroças de hortaliça iam chegando. Clemente zarpou a caminho de casa: aí, tudo deserto, nenhum movimento. Saltou ao quintal, entrou no quarto, calçou as botas, meteu a farda sob o braço, beijou as chagas de Nosso Senhor em cima da cómoda e saiu como entrara. Voltou ao centro da cidade, rua-abaixo-rua-acima, pois no trânsito matinal que afluía sentia-se integrado e protegido.

Já manhã alta, os helicópteros começaram a dança, mosquitos que pareciam tontos e à balda. Encostou no Parque Eduardo VII para ver: os voos eram propositados. Aí estava o golpe, havia que o deixar desenvolver-se para depois tomar decisões. Rádio, comer, TV, rádio, jornais, comer. Golpe, sim, sem dúvida nenhuma!

O pensamento de Clemente rodou então 180 graus: se o golpe decorria, podia voltar para casa sem receio, pois, na confusão e na luta, eles não se ocupariam dum simples traficante de droga, um em tantos milhares! Aliás, agora compreendia, as organizações que montara para o negócio - gás butano, gelo, caça submarina, etc. - foram excessivas, como usar bazuca para matar pardais. A erva ou as embalagens poderiam vir no bolso e passá-las no Rossio à esquina da rua, no escuro dos cinemas. Os ganhos seriam menores? Pois! Mas se escapasse deste aperto, mudaria de vida: ficaria por casa, alugaria perto um pedaço de terra para cultivar hortaliças e flores e assim teria para o resto dos seus dias. Trabalho honesto, a mãe, a irmã, a casa, o plátano, a horta... Criaria cravos e begónias e cactos, cactos, sua predilecção. Este país havia de o permitir e não seria mais inútil do que os outros. Para já,

pertenceria à Comissão de Moradores, à da Creche, à da Escola - a escola, uma lástima, com salas para apenas metade das crianças.

Para casa, para casa e à confiança! Seguiu alegremente; virou com precaução a esquina da sua rua, mas viu um automóvel estacionado; logo saíram de casa um senhor e dois homens e a mãe que lhes fazia vénias e que logo fechou rudemente a porta. Compreendeu: era a Judiciária. Virou caminho. Meteu o camião pelo primeiro atalho, pois, se o perseguissem, o camião estaria para o automóvel como a lesma para o jaguar. Rodas para que vos quero? Só parou no cabeço escalvado sobre o qual crescia um maciço de eucaliptos. Na rádio: sector por sector demarcavam-se as forças militares e as opiniões que se confrontariam. Na estrada, à esquerda, bandeiras ao alto, passavam tractores, camiões, britadeiras, máquinas com que os trabalhadores, aliados à tropa, levantariam barricadas e muralhas. E os helicópteros dançavam. Três jactos da FA passaram velozmente. Para bombardear? Não, desapareceram...

Teve medo de ali estar só, medo da sombra dos eucaliptos e dos troncos; sentimento agravado à ideia de que cercariam Lisboa e lhe seria impossível transitar pelos acessos. Hesitou: fugir ou tentar a entrada em Lisboa? O medo arrepiava-o, gaita! Atirou-se ao volante, meteu de cambulhada e entrou na cidade sem intercepções, não havia vigilância. Estacionou no parque junto ao Liceu Francês e esperou. Não eram notícias o que dava a rádio: expelia balas, balas incandescentes, cada minuto, cada revoada! Os "páras" amotinados; Montijo resistia. Fechou-se no camião. Se aderisse ao movimento popular, talvez se safasse; ou talvez morresse, mas como herói da infantil democracia crescente, do poder para O POVO! Vestiu a farda, as duas granadas no bolso, a

pistola e todo o necessário. Por cima, a gabardina para esconder o uniforme. Apanhou um táxi. Apeou-se à esquina da rua onde ficava a sua antiga Unidade.

Ouviu uma rajada de G3, bem perto. Que se passava? Fugir, sim, fugir! Repugnante ideia. Fugir para onde? Tremia, porra! Entrou na cervejaria da esquina, procurou a retrete. Trancou-se por dentro. Mijou. Depois tirou a ampola, a seringa, e injectou-se. Apagou os vestígios. Esperou. Agora, sim, agora estava pronto para o heroísmo: morrer ou viver, conforme o destino popular que adoptava como seu! (À pressa, sem razões do seu fundo, com o fim de salvar a pele - mas disto é que nunca ninguém saberia). Despiu a gabardina, saiu para a calçada em declive, deserta, interrogativa, e dirigiu-se à porta de armas.

Um relâmpago deu-lhe de chapa no espírito, colorida mistura da parada do quartel e voos de aeronaves; o Godinho serpeando nas vias encarnadas, as árvores da rua plantadas nas nuvens e silvos fascinantes que vinham roçar-se-lhe no peito: a força inundava-lhe as pernas; a calçada deslizava-lhe sob os pés e, à sua frente, materializava-se um único objectivo, figurado numa bola rotativa de chamas, e ele ansiava por alcançá-la. Os portões do quartel abriram-se e saiu um chaimite e outro e outro...

Não teve medo. Eram os seus, os camaradas! Eram eles a bola de luz! Correu ao encontro da malta que, naquela mesma jornada, conquistaria o Poder para o Povo.

À frente vinha o Godinho com divisas de cabo. Fora promovido!!!

- Eh, Godinho, meu sacana, eu também vou! - e fez por trepar ao chaimite. Para baixo - gritou o Godinho. - Fora daqui! Só queremos gajos que estejam nisto a sério. (A emocionalidade do

Godinho voava bem alto, era a sinceridade e a pureza sob as divisas, sob as armas).

Clemente insistiu, mas era repelido. Ah, o Godinho considerava-se em viagem diferente da sua... Outro camarada com a coronha da G3 bateu-lhe nos dedos, pelos quais se suspendia da carroçaria do chaimite. Clemente caiu na calçada. Os carros passaram-lhe junto à cabeça, uma zoada infernal, os pneus tremendo brutalmente sobre os paralelepípedos.

A roda de luz girava mais e mais no espaço transparente e, apesar disto, um impulso de raiva trespassou a cabeça de Clemente. Era preciso destruir aquela bola maldita! Tirou do bolso a granada e arremessou-a contra a bola. Efectivamente, contra coisa nenhuma. O estrondo seco bailou de fachada a fachada dos edifícios paralelos.

Logo responderam rajadas de G3, que o crivaram de balas.

Contorceu-se e, parecendo-lhe que os chaimites desciam agora mais velozes, morreu a meio da rua.

O sol de Novembro, rutilante, brilhou sob o seu corpo e fervilhou no sangue derramado na calçada.

Colóquio/Letras n.° 35
Janeiro de 1977

Índice

Das histórias de Carlos Wallenstein 3

CINCO HISTÓRIAS
SEM CLASSIFICAÇÃO ESPECIAL 11
A Maravilhosa História do Internamento 12
Decepação e Sono 24
Os Pêssegos da Vida 25
Romance 30
O Senhor Venâncio Não Quer Táxi 32

OUTRAS HISTÓRIAS 62
Diabo em Terra de Gente 63
Mar e Terra nos Mesmos Olhos 69
A Invenção do Folclore 71
Louros Cabelos em Sangue 81
Artur e Florbela 92
A Prima Clara 100
Viagem Sem Regresso 109
Grande Aventura Trágico-Lucrativa de
Mathias Koningberg, Industrial, mas Essencialmente Pai 128
Polícia e Talvez Ladrões 131
O Patamar do Lixo 137

Círculo 143
O Segundo da Esquerda 148
A Feira dos Retratos 152
Violemos os Túmulos Egípcios 172
Lucrécia (Crónicas) 177

APESAR DE TUDO VIVA A MULHER! (Crónicas) 183
Viva a Mulher! 184
Roberto e Micaela 187
Sejamos Sinceros! 190
Filhos e Bonecos 193
Crónica Grega 196
Não Afine, Minha Senhora! 199
A Mulher das Ilhas 202
As Ditadoras 204
O Natal das Mulheres 207
Metamorfoses 211
Padeira de Aljubarrota 215

TEMPO ANTERIOR 219
Reprodução 220
Almadada 245
17 de Março de Madrugada 267
Adeus, Até ao Meu Regresso (10 Motetes do Regresso) 319

1. Ai, Meu Querido Filho... 321
2. O Condecorado 325
3. Marquesa 329
4. Nana 337
5. Notícia do Jornal Local 339
6. "Alípio", Meu Marido 341
7. Baldei-me 346
8. O Coronel 347
9. Luísa e Sidónio 364
10. Espiritismo 367
Regressado da Guerra 368
O Sangue e o Golpe 377